

LIVRARIA CONTEMPORANEA

DE
RAMIRO M. COSTA & FILH

CASA MATRIZ — Rua Primeiro de Março, n.º 2

Officinas Typographicas

Rua 15 de Novembro, n.º 55 e Avenida Martin de Barros

Obras de J. A. de Castro Nunez

Resumo da Doutrina Christã e ELEMENTO
VILIDADE, 13.ª edição revista e melhorada por u
dote; com alguns emblemas adaptados aos n
contidos no original, 1 vol. em 8.º cart.....

Novo Compendio Elemental da Gramma
cional, extrahido de Joaquim Antonio de Cast
e outros grammaticos e coordenado para uso d
por José Martiniano de Souza.....

Elementos de Arithmetica, edição ref
José Martiniano de Souza.....

Neste estabelecimento ha sempre á venda um
timento de livros de instrucção primaria, secundaria
de direito, medicina, sciencia e litteratura, romane
em todas as linguas. — Album para retratos, de
postaes, poesias e collecções. — Accessorios para
— Artigos para desenho, aquarella, pintura e engenharia.
guatura para todos os jornaes de moda e litterarios ou
ficos, publicados em todos os paizes. — Especialidade em
e cartões para convites e participação de casamento e baptizado.
— Globos, mapps e atlas geographicos. — Instrumentos de mu
sicas para banda e orchestra. — Livros com encadernação de luxo
e objectos d'arte e phantasia para presentes. — Livros em bran
co, pautados e riscados de todas as formas. — Papel para escre
ver e envelopes de todas as qualidades, formatos e preços.
Papeis pintados para fórros e papeis de impressão. — Tacos, g
panno e bolas para bilhar.

Deposito do ALMANACH DE PERNAMBUCO

do Dr. Julio Pires Ferreira

Grammatica Portugueza

2.º ANNO

PARA USO DO

o médio e do Curso superior

POR

JULIO PIRES FERREIRA

Doutor em sciencias juridicas e sociaes
Portuguez e de Literatura da Escola Normal de Pernambuco

ada pelo Governo do Estado e adoptada no Gymnasio
Pernambucano, Escola Normal Official,
do Prytaneo, S. Margarida e Escola Propagadora,
equiparados a Escola Official,
Ayres Gama, Salesiano, Archidiocesano, Gymnasio
Recife, British College, Collegio Evangelico
estabelecimentos de ensino deste e de alguns Estados

5.ª edição, completamente refundida



EDITORES

RAMIRO M. COSTA & FILHOS — RECIFE

1917

Grammatica Portugueza

2.º ANNO

PARA USO DO

Curso médio e do Curso superior

POR

JULIO PIRES FERREIRA

Doutor em sciencias juridicas e sociaes
Lente de Portuguez e de Literatura da Escola Normal de Pernambuco

Obra premiada pelo Governo do Estado e adoptada no Gymnasio
Pernambucano, Escola Normal Official,
no Collegio Prytanen, S. Margarida e Escola Propagadora, equiparados
a Escola Official,
no Gymnasio Ayres Gama, Salesiano, Archidiocesano, Gymnasio
do Recife, British College, Collegio Evangelico
e em outros estabelecimentos de ensino deste e de alguns Estados.

5.^a edição, completamente refundida



EDITORES

RAMIRO M. COSTA & FILHOS — RECIFE

1917

TYPOGRAPHIA DA PARCERIA
 ANTONIO MARIA PEREIRA
 — RUA AUGUSTA, 44, 46 E 48 —
 LISBOA

LEXICOLOGIA
 (Palavras)

Fonologia
 (sons)

Fonetica — sons isolados.
 Prosodia — sons reunidos.
 Orthografia — sons escritos.

Morfologia
 (formas)

Taxinomia — classificação.
 Campenomia — flexão.
 Etimologia — origem.

Lexica
 (palavras na oração)

Logica
 (orações no periodo)

SINTAXE
 (Orações)

Grammatica

*PROVINCIALISMOS
GRAMMÁTICA - PÁGINA 286.

NOÇÕES GERAES

GRAMMATICA PORTUGUEZA

Suas divisões

Grammatica, em geral, é a exposição metódica dos factos da linguagem.

Grammatica portugueza é o conjunto das regras que nos ensinam a falar e a escrever correctamente a lingua portugueza.

A grammatica se divide em duas partes geraes: *Lexcologia* e *Sintaxe*.

Lexcologia é a parte da grammatica que estuda os sons e as formas das palavras.

Subdivide-se em *Fonologia* e *Morfologia*.

A **Fonologia** estuda os sons das palavras de três modos:

Estuda os sons isoladamente: *Fonetica*.

Estuda os sons constituindo palavras: *Prosodia*.

Estuda os sons graficamente: *Ortografia*.

A **Morfologia** estuda as fórmãs das palavras de tres modos :

Estuda a classificação das palavras : *Taxinomia*.
Estuda as flexões das palavras : *Campanomia*.
Estuda a origem das palavras : *Etimologia*.

A **Sintaxe** estuda as relações das palavras umas com as outras na oração, e estuda as relações das orações umas com as outras no periodo.

Subdivide-se em *sintaxe lexica* e *sintaxe logica*.

A sintaxe de uma lingua é tam importante que hoje se julga constituir ella uma parte distinta da grammatica. E' a parte da grammatica mais sujeita a influencias individuaes.

Foram os sabios da Alexandria e os da escola de Pergamo, que estudaram o grego de um modo critico, analisando a lingua, distribuindo-a em categorias, distinguindo as differentes partes do discurso. Inventaram os termos proprios para as diversas funções das palavras, levados a isto pela necessidade de criticar e interpretar os antigos poetas da Grecia.

Appareceu depois o sabio Diogenes da Tracia que publicou uma grammatica grega pratica, e a quem se seguiram Varro Flacco, Quintiliano, Apollonio Discolo e outros.

Em Portuguez a precedencia cabe a Fernão d'Oliveira (1536). Depois delle enumeram-se João de Barros e Duarte Nunes Leão.

Linguagem é a representação dos nossos pensamentos por meio da palavra.

Palavra é a representação de uma ideia.

Ideia é a representação de qualquer cousa no espirito.

Oração, é o enunciado de um juizo por meio de uma ou mais palavras.

A linguagem é privilegio exclusivo do homem.

Embora os animaes vertebrados, que respiram pelos pulmões, possam emitir sons, elles não os podem combinar. Este poder só pertence ao homem.



FONOLOGIA

Fonética: estuda os sons isoladamente.

Prosodia: estuda os sons reunidos formando palavras.

Ortografia: estuda os sons graficamente.

Letras: vogaes e consoantes; acentos

Tudo o que ouvimos, ou, melhor, tudo o que é percebido pelo ouvido, é um som.

Som é a sensação produzida por uma vibração rápida e periodica do ar.

Ruido é a sensação produzida por vibrações irregulares.

Os sons e os ruidos são representados por letras e por símbolos.

Letras são signaes que representam os sons das palavras ou os ruidos, na escrita.

Alfabeto é o conjunto das letras empregadas na escrita.

As letras são 26: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z.*

As letras se dividem em vogaes e consoantes.

Os vocabulos — *vogal* e *consoante* — pódem ser tomados em duplo sentido: como letras, signaes que representam os sons ou ruidos, ou como esses mesmos sons ou ruidos.

Neste segundo sentido têm a designação especial de — *vogaes* e *articulações* ou *consonancias* e podem ficar abrangidas sob a denominação geral de *fanemas*.

Vogaes são sons que se pronunciam por si sós. São simples modificações da voz, resultantes da forma que toma a boca.

As vogaes são: *a, e, i, o, u, w* (no inglez), *y*.

Os sons das vogaes podem ser *simples*, *livres*, *puros* ou *oraes*, como: *a, e, i, o, u*, e podem ser *nasaes* ou *compostos* como: *an, en, in, on, un*.

Som simples, oral, livre ou puro é o que sai simplesmente pela boca.

Som nasal ou composto é o que sai pela boca e juntamente sai pelo nariz.

Não há necessidade que o ar saia realmente pelo nariz, pois todo som oral se pôde tornar nasal desde que o véu do palato abaindo-se permita vibrar em as narinas o ar expirado.

Abrindo-se moderadamente a boca, ficando a lingua em repouso, o som saído da garganta é *a*. É um som primario, o mais simples e claro.

Si a boca forma um estreitamento longitudinal, afastando-se os cantos dos labios, o som é *i*.

Si os cantos da boca se aproximam, formando uma especie de bico, o som é *u*.

Os sons *e, o*, são intermedios: o 1.º entre *a, i*, e o 2.º entre *a, u*.

Simbolo é um signal proprio que indica um som ou uma palavra. Taes são os algarismos, os signaes algebricos, etc.

Os sons das letras podem ser modificados pelos acentos ou notações.

Acentos ou **notações** são signaes que indicam a variedade dos sons das letras; modificam, assim, a pronuncia das palavras.

São os seguintes:

Acento agudo que indica o som aberto: *café*.

Acento circunflexo que indica o som fechado: *dôr*.

Til que indica o som nasal das vogaes *a, o*: *mão, vaixões*.

Cedilha que indica o som brando do *c* antes de *a, o*, *u*: *caça, moço, açúcar*.

É de utilidade a adopção do *acento grave* para marcar o valor das vogaes abertas, que não são acentuadas em palavras que têm um acento secundario: *molhinho, pezinho, somente*.

Assim a palavra *pregar* (fazer predicas) distinguir-se-ia de *pregar* (meter pregos).

Os sons das vogaes são os seguintes:

1.º — *Som aberto* que é o mais forte. É representado geralmente pelo acento agudo: *pé, avó*.

2.º — *Som fechado* que é o menos forte. É representado geralmente pelo acento circunflexo: *avô*.

3.º — *Som mudo* que é ainda menos forte. Não é representado por nenhum acento: *face*.

4.º — *Som nasal* que sai pela boca e pelo nariz. É representado pelo til e pelas letras *m* ou *n*: *irmã, tempo, tinta*.

As vogaes têm varios sons:

A

Som aberto ou agudo: *gato, jucá*.

— fechado ou circunflexo: *sejámos, lama*.

— mudo ou grave: *cera, lona*.

— nasal: *santo, irmã*.

E

Som aberto ou agudo: *até, fera*.

— fechado ou circunflexo: *carêta, sello*.

— mudo ou grave: *ponte, carne*.

— nasal: *engenho, virgem*.

I

- Som aberto ou agudo: *missa, javali*.
 — mudo ou grave: *quasi, util*.
 — nasal: *lindo, sim*.

O

- Som aberto ou agudo: *nota, pó*.
 — fechado ou circunflexo: *poça, avô*.
 — mudo ou grave: *santo, lenço*.
 — nasal: *ponta, som*.

U

- Som aberto ou agudo: *tatú, luva*.
 — mudo ou grave: *tumulo, tribu*.
 — nasal: *junto, anum*.

Y

Esta vogal que tem o som da vogal **I**, é só empregada nos vocabulos derivados de palavras estrangeiras e nas terminações dos nomes tupis. Já vai hoje desaparecendo da escrita.

Consoantes são ruidos que modificam as vozes.

As consoantes são: *b, c, d, f, g, h, j, k, l, m, n, p, q, r, s, t, v, w* (no allemão), *x, z*.

Os sons das consoantes ou as consonancias se dividem em *explosivos* e *fricativos*.

Explosivos, que tambem se denominam *explodidos*, *momentaneos* ou *mudos*, são aquelles que, depois de produzidos, cessam repentinamente.

A corrente expiratoria sai numa especie de explosão.

São representados pelas consoantes: *q, g* (antes de *a, o, u*), *c* (antes de *a, o, u*); *t, d; p, b*.

Fricativos que tambem se denominam *constritos*, *aspirantes* ou *continuos*, são aquelles que se produzem simplesmente por uma contracção no tubo vocal.

A corrente expiratoria sai apertada ou constringida.

São representados pelas consoantes: *g* (antes de *e, i*), *x, j; l, r, rr; c* (antes de *e, i*), *ç, s, z; f, v, m*.

As consoantes *l, r* são tambem chamadas *liquidas* ou *flutuantes*, porque se podem ligar a outras consoantes formando um grupo: *br, bl, cr, cl, gr, gl, pr, pl*, etc.

SONS CONSONANTÁES	<i>Explosivos ou Explodidos ou Momentaneos ou Mudos</i>	<i>Fricativos ou Constritos ou Aspirantes ou Continuos</i>
Guturales	kê, guê, nhê	—
Palataes	—	gê, xê
Linguaes	lhê	lê, rê, rrê
Dentaes	tê, dê	cê, zê, nê
Labiaes	pê, bê	fê, vê, mê

Alguns grammaticos, attendendo á influencia que posam ter na pronuncia dos sons das consoantes a garganta, o palato, a lingua, os dentes e os labios, dividem os sons em: *guturales, palataes, linguaes, dentaes e labiaes*.

Os sons das consoantes são, pela ortografia commum, representados da seguinte maneira:

Bê; Dê; Lê; Mê; Nê; Pê

Pelas consoantes respectivas: *bordo; dedo; leme; camisa; navio; prego.*

Cê

Por *c* antes de *e, i*: *cento, cinto.*

ç: antes de *a, o, u*: *roça, moço, açude.*

s: *santo, sapo.*

x: *auxílio, syntaxe.*

z: *nariz, matriz.*

ps: *psalmo.*

sc: *sciencia, scena.*

ss (entre vogaes): *cassa, massa.*

Fê

Por *f*: *ferias, faca.*

ph nos derivados gregos: *phisica.*

Gê

Por *g* antes de *e, i*: *geito, região.*

j: *Julio, jantar.*

Ghê

Por *g* antes de *a, o, u*: *gato, gorro, gume.*

gu antes de *e, i*: *guelra, guia.*

Kê

Por *k*: *kermesse, kágado.*

c antes de *a, o, u*: *casa, coco, cujo.*

ch nos derivados gregos: *parochia, chimica.*

qu: *quedo, quinze, quatorze.*

Rê (fraco)

Por *r* (entre vogaes): *cara, muro.*

Rrê (forte)

Por *r* no principio das palavras: *raio.*

r no meio de vogaes das palavras compostas: *de-rogar.*

rr: *terra, carro.*

rh, rrh nos derivados gregos: *rhetorica, arrhas.*

Tê

Por *t*: *rato, sitio.*

th nos derivados gregos: *thema, methodo.*

Vê

Por *v*: *voto, livro.*

w nos derivados allemães: *Wurtemberg.*

Xê

Por *x*: *caixa, peixe.*

ch: *cheiro, cacho.*

Zê

Por *z*: *zinco, azul.*

s (entre vogaes): *casa*, excepto nas palavras compostas em que sóa *cê*: *proseguir.* Em algumas palavras compostas conserva o som de

zê: *presumir, resumir.*

x: *exacto, exemplo.*

Candido de Figueirêdo aconselha que se escrevam com dois *ss* as palavras em que esta consoante, apesar de figurar entre vogaes, tem o som de *cê*: *prosseguir, ressoar.*

Assim, diz elle, desaparece o erro possível da pronuncia dessas palavras, ou qualquer confusão, como por exemplo nas palavras: *presente e presente* (do verbo *pre-sentir*).

A letra **■** é um simples signal etimologico, ou é empregada para indicar a aspiração de uma vogal.

E' usada em certas palavras para marcar a separação das vozes, evitando, assim, o ditongo: *bahia, sahia.*

Muitos escritores a substituem, com razão, pelo acento agudo: *saía*, ou pelo trema: *saïa*.

Antigamente se escrevia: *atahude*, *alahude*, e hoje: *ataíde*, *alaíde*.

Sobre esta letra fazemos nossas as observações do filologo brasileiro João Ribeiro, expostas em sua excellente *Selecta Classica*:

«Já o mais antigo dos nossos grammaticos, Fernão d'Oliveira, «pedia a suppressão do *h*, letra abstracta e sem som que lhe correspondia. Pouco a pouco melhor estudadas, foram desaparecendo as «graphias: *author*, *theor*, *contheudo*, etc. O estudo mais considerado do grego dissipou os erros grosseiros: *systhema*, *cathegoria*, «*authomato*; a conveniencia da prosodia evitou que se adoptasse «*anhemia* e outros equivalentes; a propria etymologia bem estudada «já desterrou o *h* de *ontem*, *ombro*, *postumo*, *exuberante*, em vez «de erros tradicionaes *hontem*, *hombrô*, *posthumo* (com *h* por erro «no mesmo latim), *exhuberante*; nomes proprios melhor estudados «já não o contêm: *Tereza* e não *Thereza* (influxo do francez), «*Theodulfo* e não *Theodolpho*, etc.

«Hoje excellentemente aconselha Gonçalves Viana a suppressão do *h* em varios casos — quer entre vogaes, quer depois de consoante, mantendo-se apenas depois de *c*, *l*, *n* para designar-lhes o «valor de consoantes palatinas e provisoriamente quando inicial por «qualificada etimologia.—»

II

Grupos vocaes e grupos consonantae

Ditongo é a união de duas vogaes em uma só sillaba, pronunciadas de uma só vez: *paí*, *ouro*.

Tritongo é a união de tres vogaes em uma só sillaba, pronunciadas de uma só vez: *aio*, *iguaes*, *quão*.

Hiato é a união de duas vogaes, pronunciadas separadamente: *luar*, *saude*.

E' bom notar que em algumas palavras como *rio*, *frio*, *tio*, a formação do ditongo, ou do hiato depende do modo de pronunciar-las.

Assim para os habitantes do Sul do Brazil ha nestas palavras um ditongo: elles pronunciam *friu*, *tiu*; para os habitantes do Norte ha nellas um hiato; pronunciam a vogal *i* separadamente da vogal *o*. No 1.º caso a palavra tem uma só sillaba, no 2.º tem duas.

Os ditongos se dividem em oraes e nasaes.

Oral é o ditongo que contém sómente vozes oraes: *aula*, *boi*.

Nasal é o ditongo cuja primeira voz é nasal: *mão*, *lições*.

Os ditongos oraes são os seguintes:

<i>ai, ae</i> : naípe, pai, ani- maes	<i>iu</i> : sentiu
<i>au, ao</i> : nauta, máo ou máu	<i>oi, oe</i> : noite, heróe ou herói
<i>ei</i> : lei, papéis, foreis	<i>ou</i> : ouro
<i>eu, eo</i> : Europa, céo ou céu	<i>ui</i> : ruivo

São considerados semi-ditongos ou ditongos imperfeitos:

<i>ea</i> : nivea	<i>io</i> : vario
<i>eo</i> : aureo	<i>oa</i> : páscoa
<i>ia</i> : gloria	<i>ua</i> : agua, quadro
<i>ie</i> : serie, hierarquia	<i>ue</i> : guela, equestre
	<i>uo</i> : arduo, aquoso

Os ditongos nasaes são:

<i>ãi</i> : mãe ou mãe	<i>uan</i> : quando
<i>ão</i> : pão	<i>uen</i> : eloquente
<i>õe</i> : lições	<i>uin</i> : quinquvirato

A primeira das duas letras do ditongo chama-se *prepositiva*; a segunda chama-se *pospositiva* ou *subjuntiva*.

Fazemos observar que nas palavras *mui* e *muíto* ha para os Portuguezes um ditongo oral. E' assim que Camões rimou *muíto* com *fruíto*. Para os Brasileiros ha nestas palavras um ditongo nasal, pois que as pronunciam como si ellas fossem escritas *muin*, *muínto*.

Quando as duas vogaes formarem ditongo deve-se escrever as pospositivas *i, u*, em lugar de *e, o*.

Os grupos de vogaes são representados conforme a pronuncia.

Devemos notar, porém, a irregularidade que ha na representação de alguns grupos de vogaes, divergindo entre si quer os grammaticos quer os escritores mais notaveis.

A divergencia surge quando a subjuntiva do ditongo é *i, u, e, o*. Parece-nos ser de melhor ortografia o emprego de *i, u*, e assim escrever: *paí* e não *paé*; *páu* e não *páo*; *céu* e não *céo*; *partiu* e não *partio*; *Deus* e não *Deos*.

No ditongo *eu* quando o som *e* fôr aberto não ha razão para mudar a grafia escrevendo *eu* e *êo*; basta, conservando a fôrma *eu*, acentuar a primeira vogal: *cêu* e *seu*.

Assim o fazemos em: *réis* e *reis*; *herói*, *combóio* e *boi*, *foi*. Haveria maior uniformidade na escrita.

E' necessario que alguma cousa se firme neste sentido. E' incoerencia escrever *mais*, *amais* e *vogaes*. Si a grande divergencia se nota nas sillabas finaes das palavras, parece-nos que o criterio do ditongo ou hiato pôde resolver as dúvidas, isto é, escrever *i, u* quando estas letras formarem ditongo com outra vogal e escrever *e, o* quando formarem hiato.

Comtudo é *uso geral* empregar *aes*, *ues*, no plural dos nomes terminados em *al, ul*.

Grupo consonantal ou **consoante composta** é a reunião de consoantes differentes: *globo*.

Consoante dobrada ou **geminada** é a reunião de duas consoantes iguaes, consecutivas: *somma*, *forro*.

A escritura, na accepção mais geral, é um sistema de figuras com o fim de dar ao pensamento uma fôrma permanente.

A escritura é ideografica, quando exprime as proprias idéas; fonetica, quando representa os sons que compõem as palavras.

A' primeira fôrma de escrita pertencem os *hieróglíficos* dos Egipcios.

Na ordem immediata a esta fôrma de escrita, vem a *escritura sillabica*, até que, decompondo-se as sillabas em sons simples, foi inventado o *alfabeto*, palavra originada das duas primeiras letras do alfabeto grego: *alpha* e *beta*.

Introduzido na Grecia pelo seu inventor o fenicio Cadmo, em breve foi levado á Italia e d'ahi espalhado por todo o mundo.

Tinha a principio sómente 16 letras.

As letras *i, u*, até ao seculo 17, representavam o duplo papel de vogaes e consoantes; mais tarde cederam o valor de consoante ao *j, v*.

O *z* e o *y* foram usados no tempo de Cicero sómente em vocabulos de origem gregas. Depois se tornaram de uso vulgar.

O imperador C. Cesar inventou tres letras que representavam a vogal *y* com o som de *i*, a vogal *u*, e as articulações *v* e *ps*. Este acrescimo só durou o tempo de seu reinado.

«Foi Ennio quem introduziu o uso de escrever duplas as consoantes que se faziam sentir com mais força no corpo das palavras. Até a época dos Gracchos se escrevia indifferentemente com letras simples ou dobradas. O uso das letras dobradas, prevaleceu da guerra de Jugurtha em diante.»

O nosso alfabeto é ainda hoje summamente defeituoso, não só porque possui diversas letras para o mesmo som: *c*, *ç*, *s*, *x*, *ss* para o som *cê*; como também porque possui a mesma letra para diversos sons: *x* tem o som *xê*, *zê*, *cê*, *csê*, etc.

Algumas regras ortograficas

Além das regras que se podem deduzir dos diversos sons que têm as letras, devemos observar as seguintes:

a) Antes de *b*, *m*, *p*, usa-se *m* e não *n*: *ambos*, *commum*, *campo*.

Ha quem exceptue as palavras compósta: *circumstancia*, *circumflexo*.

b) Nenhuma palavra começa ou termina por consoante dobrada.

c) Não se dobram as vogaes. Dado o caso que, pela transformação dos sons, se encontrem duas vogaes, é costume representar por uma só com um acento agudo ou circumflexo: *mala-maa-má*; *dolor*, *door*, *dôr*.

d) Nenhuma palavra portugueza termina em: *b*, *c*, *d*, *f*, *g*, *h*, *j*, *k*, *p*, *q*, *t*, *v*, *x*.

e) Com excepção de *j*, *k*, *q*, *v*, *x*, *z*, todas as mais consoantes podem vir dobradas, notando-se que se dobram entre vogaes.

f) E' tendencia geral a eliminação das consoantes dobradas, a não ser que tenham valor na pronuncia da palavra, como *rr*, *ss*, etc.

g) Ao se partirem os vocabulos em fim de linha, deve-se observar de preferencia as sillabas foneticas pela soletração e não pela separação dos elementos de derivação.

Assim: Concorrendo duas consoantes semelhantes, ficam separadas em sillabas distintas: *pas-sar*, *car-ro*.

Concorrendo uma consoante seguida de uma liquida — *l*, *r* —, pertencem ambas á vogal seguinte: *am-plo*, *co-bre*, *qua-dro*, *in-flu-ir*.

Os demais grupos de consoantes se devem dividir pela ultima das consoantes, ficando as mais pertencendo á sillaba anterior: *di-rec-tor*, *a-dop-ção*, *abs-tra-ir*, *trans-cre-ver*.

Não se devem separar os vocabulos compostos pelos seus elementos de composição, visto, em muitos casos não haver conhecimento desses elementos por parte de quem fala, como até adquirirem os vocabulos uma forma differente e esquisita.

Exemplo de divisão tendo por base a derivação: *con-star*, *con-spi-rar*, *arc-an-jo*, *de-scre-ver*, *e-pi-sco-pal*, *in-spi-rar*, *a-lu-mno*, *me-smo*, *re-spei-to*, *bi-spo*.

Assim é preferivel separar: *subs-cre-ver*, *bi-sa-vô*, *desu-nir*, *res-pec-ti-vo*, *a-lum-no*, *mes-mo*, *es-pe-lho*, *ins-pi-rar*, etc.

Como diz Gonçalves Viana: A divisão etimologica á latina ou á ingleza (ainda mais artificial e exagerada) é pouco natural porque parte sillabas phoneticas, cujos elementos são inseparaveis, sem vantagem para a clareza e em contrario da tradição que tanto respeitava o principio de a lingua escrita ser a imagem da falada.

Sistemas ortográficos

Tres são os sistemas ortográficos: *etimológico* ou *de derivação, fonetico, misto* ou *usual*.

O *sistema etimológico* baseia-se na origem, derivação ou etimologia da palavra.

Por este sistema devemos escrever *thio, phthisica*. Escrevem-se as palavras com as mesmas letras com que são representadas na lingua donde provieram.

Grandes são os defeitos deste sistema: 1.º o desconhecimento da origem de todas as palavras; 2.º a origem do maior numero de palavras só pôde ser conhecida pelos doutos; 3.º a completa differença entre a palavra escrita segundo a etimologia e a palavra pronunciada; 4.º a divergencia de opiniões sobre a origem de algumas palavras, fazendo com que varie o modo de grafá-las.

O *sistema fonetico* baseia-se na pronuncia dos vocabulos.

Por este sistema devemos, por exemplo, escrever *omem* (*homem*). Cada letra tem um unico valor.

Diversas têm sido as reformas apresentadas para o completo dominio deste sistema: tudo, porém, tem sido em vão.

A grande difficuldade está na diversidade entre os varios modos de se pronunciarem os vocabulos nos differentes lugares em que é a lingua falada.

Como diz José de Castilho:

«O accento peculiar do portuguez é um em Portugal, outro nas ilhas, outro no Brazil, outro na Africa, outro na Asia, outro na Polynesia. O portuguez de Lisbôa differe na pronuncia de muitos vocabulos do portuguez de Coimbra, do do Porto, do de Tras os Montes, do do Algarve.»

O mesmo podemos dizer do portuguez falado no Brazil.

Emquanto no sul os brasileiros abrem as vogaes pronunciando, por exemplo, *dépressa*, no norte as fecham e dizem, por exemplo:

Lá vem a CANUA carregada de CUCUS de PUPA a PRUA.

O *sistema misto* ou *usual* é o geralmente preferido, embora tenha tambem defeitos.

Este sistema estabelece um meio termo entre os dois outros; baseia-se na origem e na pronuncia das palavras.

Dado o caso que sejam completamente diversas a origem e a pronuncia, querem uns que se observe de preferencia esta, outros, aquella.

A tendencia moderna é para despojar as palavras dos elementos superfluos; o principio é: letra que não sôa, deve desaparecer. Convem, pois, no caso de duvida preferir a pronuncia.

E' assim que vão sendo aceitos como factos:

A eliminção do *h* quer entre vogaes quer depois de consoante, mantendo-se apenas depois de *c, l, n*, porque lhes dá outro valor, ou quando é letra inicial por justificada etimologia: *charuto, malha, manhã, homem*.

Redução das consoantes dobradas a uma só, com excepção de *mm, nn, rr, ss*: *emmalar, ennastrar, carro, cassa*.

Supressão das consoantes que não soam na pronuncia: *escrito, dito, sete*, a não ser que influam na vogal antecedente, tornando-a bem aberta: *direcção, secção, contracção, adoptar*.

A Academia Brasileira de Letras, em Abril de 1907, apresentou um projecto de simplificação da ortografia portugueza que foi approvado sob as seguintes bases:

Regra 1.ª — Sempre que se encontrem diversas grafias autori-

zadas da mesma palavra, escolher-se-á a que melhor se aproxime da boa pronúncia.

Assim preferir *au*, *ai*, *eu*, *iu*, a *ao*, *ae*, *eo*, *io* quando constituírem ditongo. Preferir a inicial *i* nas palavras que alguns autores escrevem com *e*.

Regra 2.^a — Eliminar-se-á, por completo, o uzo das letras *k*, *y*, *w* em todas as palavras portuguezas.

Em vez de *k* escrever *c* antes de *a*, *o*, *u*, ou escrever *qu* antes de *e*, *i*.

Em vez de *w* escrever *u* ou *v*, conforme o som que tiverem.

Regra 3.^a — Eliminar-se-á o uso do *h*, salvo nos grupos *ch*, *lh* e *nh* soando como consoantes palatinas, ou quando se tratar de palavra que seja composta de outra que tenha o *h* inicial.

Nunca se escreverá *ch* com o som duro de *c*. Deverá ser substituído por *c* antes de *a*, *o*, *u*, ou por *qu* antes de *e*, *i*.

Nunca se escreverá *ph* com o som de *f*.

Regra 4.^a — Eliminar-se-á o uzo do *g* com o som de *j* no meio das palavras

Regra 5.^a — Eliminar-se-á o uzo do *s* com o som de *z*.

Regra 6.^a — Salvos os casos em que se empregam os *ss* e os *rr* dobrados, os pronomes pessoais *elle*, *ella* e seus derivados, *aquelle*, *aquella*, *aquillo*, suprimir-se-ão todas as consoantes geminadas, quando o som de uma dellas não se distinga na pronúncia.

Regra 7.^a — Nenhuma palavra se escreverá empregando consoante que não tenha nella valor. Assim suprima-se no grupo *sc* a letra *s*, etc.

Regra 8.^a — Nunca se começará palavra alguma com *c*.

Regra 9.^a — Nos casos em que os dicionários admitam a mesma palavra ora com *s*, ora com *c*, a grafia com *s* deve ser preferida.

Regra 10.^a — Os substantivos e adjectivos cuja terminação tônica seja no singular em *az*, *ez*, *iz*, *oz*, *uz*, devem escrever-se com *z* final. O som forte *ás*, *és*, *is*, *ós*, *us* de substantivos e adjectivos só se escreve com *s* quando a palavra estiver no plural.

Regra 11.^a — As palavras terminadas no som *ão* ou *ã* longo, empregam a vogal *a* com o til; as terminadas nos mesmos sons com a pronúncia breve terão a vogal *a* seguida de *m* ou *n*.

Assim *manhã*, *pagã*, *orfam*, *anyam*, etc.

Regra 12.^a — Não se empregará o signal de sinalefa nas contrações *deste*, *desta*, *disto*, *nesta*, *nesta*, *nisto*, *daquelle*, *nelle*, *nella*, *daquella*, *daquillo*, *destoutro*, *daquelloutro*.

Em sessão de 1.^o de Julho de 1911 a mesma Academia, depois de larga discussão, votou as seguintes modificações:

Supressão da regra 5.^a

A regra 6.^a ficou assim redigida: «as consoantes geminadas passam a ser simples, com excepção de *rr*, *ss*, *mm*, *nn*, quando accusarem diferença de pronúncia.»

IV

Syllabas — Acentuação

Syllaba é a letra ou o grupo de letras pronunciadas de uma só vez.

Quando estas syllabas formam uma ideia temos a *palavra*.

Uma syllaba pôde ter de uma até cinco letras: *a*, *de*, *par*, *gras*, *trans*.

Conforme o numero de syllabas as palavras podem ser:

Monossyllabo, aquella palavra que tem uma unica syllaba: *dôr*, *pai*.

Dissyllabo, aquella que tem duas syllabas: *livro*, *branco*.

Trissyllabo, aquella que tem tres syllabas: *tinteiro*, *caneta*.

Pollissyllabo, aquella que tem mais de tres syllabas: *grammatica*, *inconstitucionalidade*.

Accento é a maior ou menor intensidade, a maior ou menor predominancia que pôde ter a syllaba duma palavra.

O acento é considerado, na frase de Diomedes, a alma da palavra, ou, na opinião de Humboldt, a viva emoção do sentimento que acompanha o discurso, o medeador entre o pensamento e a forma. (*Apud. Pacheco e Lameira. — Gr. Portuguesa.*)

E' o centro de gravidade da palavra, afirma F. Diez.

A palavra acento vem do Latim *accentus* que correspondia a tons do Grego, *tom, tenro*, da tensão das cordas da lira.

A adopção destes termos pelos grammaticos latinos parece provar que o acento latino tinha, como o acento grego, um valor musical.

A anedota conhecida do tocador de flauta que dava o tom ao orador Caio Graccho com o instrumento chamado *tonarion*, confirma as informações fornecidas pelos grammaticos, assim como por Cicero e Quintiliano. (*Guardia e Wierzeyski.*)

Quantidade da sillaba é o tempo empregado em pronunciá-la.

Conforme a quantidade os sons das palavras podem ser *longos* ou *breves*.

Longo é o som que tem mais duração.

Breve é o som que tem menos duração.

Conforme a intensidade a voz é *tonica* ou *atona*.

Tonica ou **predominante** é a voz acentuada.

Atona é a voz não acentuada.

Conforme a sillaba tonica, ou predominante a palavra é:

Oxitona ou **aguda**, aquella cuja sillaba predominante é a ultima: *missal, amor*.

Paroxitona ou **grave**, aquella cuja sillaba predominante é a penultima: *tinteiro, caneta*.

Proparoxitona, **esdruxula**, ou **datilica**, aquella cuja sillaba predominante é a ante-penultima: *húmida, câmara, pêssego*.

As duas ultimas denominações se podem reunir sob o nome de **barltonas**.

E' bom notar que em algumas palavras apparece mais de um acento; há como que um ritmo que se não pôde transgredir: *modestamente, civilidade*.

Há certas palavras tambem que não têm acentuação propria, sujeitam-se á acentuação de outras palavras a que se ligam; taes são: *me, te, se, the, lhes, nos, vos, o, a, os, as*.

Neste caso pôde a acentuação cair na sillaba anterior á ante-penultima: *annuncia-se-lhes, commovera-se-lhe, louvamo-vo-lo*.

Muitas palavras não têm conservado a acentuação primitiva: *patena, miope, figado, oceano, enciclopedia, nivel, imbecil* que se deviam pronunciar: *pátena, miópe, figádo, oceáno, enciclopedia, nivél, imbécil*.

São communs as pronuncias viciósas: *púdico, ciclope, erútilo, decano*.

E' bom não confundir acento ortografico com acento prosódico. Aquelle é um signal que modifica as vozes: *acento agudo, circumflexo*, etc. Este exprime a elevação maior ou menor da voz.

E' assim que a voz pôde ser acentuada, isto é, ser pronunciada com maior força e entretanto não levar nenhum signal ortografico: na palavra *caridade* a sillaba *da* é a acentuada, entretanto não está indicada por signal algum, por nenhum acento.



V

Alteração de sons: figuras de dição

As palavras soffrem diversas modificações nos sons por addição, subtracção, transposição e absorpção de sons.

Estas modificações têm o nome de *figuras de dição* ou *metaplasmos*.

São figuras de addição:

Protese é o augmento de sons no começo do vocabulo: *alevantar* por *levantar*; *acostumado* por *costumado*.

Epentese é o augmento de sons no meio do vocabulo: *Mavorte* por *Marte*; *depois* por *depois*.

Paragoge é o augmento de sons no fim do vocabulo: *martire* por *martir*.

São figuras de subtracção:

Afêrese é a diminuição de sons no começo do vocabulo: *postema* por *apostema*; *té* por *até*; *maginação* por *imaginação*.

Sincope é a diminuição de sons no meio do vocabulo: *môr* por *maior*; *malina* por *maligna*; *imigo* por *inimigo*.

Apôcope é a diminuição de sons no fim do vocabulo: *carcer* por *carcere*; *assi* por *assim*; *gran* por *grande*; *produz* por *produze*.

São figuras de transposição:

Metatese é a mudança indeterminada do lugar dos sons do vocabulo: *frol* por *flôr*; *vigairo* por *vigario*.

Tmese é a mudança das palavras enclíticas para o meio das fórmãs de certas palavras: *dir-te-ei* por *direi-te*; *amar-te-ia* por *amaria-te*.

São figuras de absorpção:

Sinalefa é a absorpção da vogal final de um vocabulo quando o vocabulo seguinte começa por vogal: *d'est'arte* por *de esta arte*; *do* por *de o*.

Ecdlipse é a absorpção da consoante nasal *m* no fim de um vocabulo: *co'os* por *com os*.

E' figura muito usada no verso, principalmente para diminuir o numero de sillabas por necessidade de metrificação.

Crase é a absorpção de um som quando se encontra com outro igual; reune dois sons iguaes num só: *á* por *a a*; *áquelle* por *a aquelle* e antigamente *ó* por *a o*.

Contracção que parece á primeira vista estar na mesma relação de *d'o* — *do* — *de o* é a contracção *no*, *numa* e em geral as contracções com a palavra *em*, que geralmente se escrevem *n'uma*, — *em uma*; *n'aquelle* — *em aquelle*, etc. Este modo de escrever é errado. Sômente pela presteza da escrita e para maior facilidade, se escreve

do em lugar de *d'o*, usado em gallego; como se escrever *n'uma* por *em uma* quando não ha letra a supprimir entre a palavra *em* e *uma*?

Podia-se collocar o apóstrofo, signal de supressão da letra, no começo da palavra *'numa* como se faz em *'té* por *até*. Mas mesmo assim havia uma incorrecção pois que a letra *n* que ahi apparece não vem do vocabulo *em*.

Brilhantemente explica Leite de Vasconcellos, da seguinte maneira, as transformações soffridas por esta palavra:

«Quando tinha de se dizer *em o chão*, *em a casa*, etc., dizia-se nas epochas antigas *em lo chão*, *em la casa*, pois que não havia outra forma do artigo.

Uma nasal, porém, em contacto intimo com uma consoante, dá, ás vezes, a esta o caracter de nasal, e assim de *em lo*, *em la* fez-se *em no*, *em na*.

Os exemplos destas formas são numerosissimos até o seculo 15.^o, apparecendo ainda alguns no seculo 16.^o

Depois as nasaes foram absorvidas pela consoante nasal seguinte e *em no*, *em na* se tornaram respectivamente *en—o*, *en—a*: *eno*, *ena*.

E como o *e* inicial em portuguez está sujeito em certas circumstancias a apherese ou queda, facilmente o *e* de *eno* antes de outra palavra a cujo acento se subordina, foi suprimido na pronuncia e d'isto resultou a forma moderna *no* com suas flexões *na*, *nos*, *nas*.

Resumindo vê-se que a evolução historica de *no* foi a seguinte: *em—lo em no—e no—eno—no*.

Por analogia o mesmo phenomeno foi transportado para as outras contracções em que entrava o elemento *em*, e escreve-se: *nestle*, *naquelle*, *numa*, etc., e não *n'este*, *n'aquelle*, *n'uma*.



MORFOLOGIA

Taxinomia: estuda a classificação das palavras.

Camponomia: estuda a flexão das palavras.

Etimologia: estuda a origem das palavras.

MORFOLOGIA

Morfologia é a parte da grammatica em que se estudam as fórmulas das palavras.

A morfologia se divide em tres partes: *Taxinomia*, *Camponomia* e *Etimologia*.

I

Taxinomia

Taxinomia é a parte da morfologia em que se estuda a classificação das palavras.

Conforme as variações que as palavras soffrem, estas se dividem em *variaveis* e *invariaveis*.

Varlaveis são aquellas que soffrem modificações para exprimirem genero, numero, gráu, modo, tempo, etc.

Invariaveis são aquellas que não soffrem modificações.

Estas modificações se chamam *flexões*.

O caracter da flexão não é bastante determinado. Palavras incluídas no grupo das *invariáveis* soffrem algumas variações: *certamente* varia em *certissimamente*, *bem* varia em *melhor*; também outras incluídas no grupo das *variáveis* não mudam de fôrma: *quem*, *que*, *simples*, etc.

Consideradas historicamente as palavras se pôdem dividir em *primitivas* e *derivadas*.

Primitivas são as que não se originam de outras, dentro da Lingua: *arvore*, *mar*.

Derivadas são as que se originam das primitivas: *arvoredo*, *marujo*.

Comparados uns com os outros os vocabulos são: *sinónimos*, *antonimos*, *homonimos* e *paronimos*.

As duas primeiras classes são consideradas fazendo parte da familia ideologica; as duas ultimas, da familia fonica.

As primeiras representam idéas semelhantes ou completamente oppostas. As segundas confundem os sons.

Sinónimos são os vocabulos que têm significação similhante: *amor*, *amisade*, *estima*; *vêr*, *enxergar*, *olhar*; *faminto*, *esfaimado*, *esfomeado*, *famulento*.

Não pôde haver sinonimos perfeitos senão quando um delles está em desuso; si ambos são usados esta sinonímia perfeita não pôde durar muito tempo, porque o pensamento não se sobrecarregará de uma bagagem inutil e por fim se desembaraça de um delles. (*Darmesteter*).

São diversas as causas da variedade dos sinonimos.

Entre as principaes contamos:

1.^a — Formas divergentes produzidas por palavras de fundo popular: *mancha*, e de fundo erudito: *macula*, ou produzidas pela origem do nominativo *ladro* e do acusativo *ladrão*.

2.^a — Tecnologia scientifica: *odontalgia*, *dôr de dentes*; *bexigas*, *variola*.

3.^a — Diferenças locaes: *doce*, *bolos*; *pacova*, *banana*.

Na infancia das Linguas era extraordinario o numero dos sinonimos que tinha uma palavra.

Antonimos são os vocabulos que têm significados oppostos: *frio*, *calor*; *noite*, *dia*.

Homonimos são os vocabulos que, embora escritos ou pronunciados de modo similhante, têm diverso significado: *facto*, roupa e *facto*, acontecimento; *cirio*, grande vela, *sirio*, estrella, *Syrio*, natural da Syria; *manga*, fruto, *manga*, grupo, ajuntamento, *manga*, tromba d'agua, *manga*, redoma, *manga*, parte do vestido.

Os homonimos se dividem em *homofonos* e *homografos*.

Homofonos são os vocabulos que têm o mesmo som, embora escritos de modo differente: *sexta*, a sexta parte e *cesta*, vaso feito de varas; *nós*, pessoa e *noz*, amendoa.

Homografos são os vocabulos que têm a mesma escrita e, portanto, o mesmo som: *bôta*, calçado, *bôta*, variação da palavra *botar* (*collocar*).

A homonímia dá nascimento aos trocadilhos a que os francezes chamam *calembourgs*.

Entre os latinos citamos: *Malam malam malam*. Preferirei uma maçã (face) desagradavel.

Nisi non nisi nisi in aliis. Os gaviões não se estribam sinão nas azas.

Quid facies Veneris cum veneris ante? Ne sedias sed eas, ne pereas per eas. Que farás quando chegares ante as faces de Venus? Não pares porém segue, sinão morrerás por ellas.

Entre as causas da homonímia se pôdem enumerar:

Contração de palavras:

grão (contraído de *grande*) significando tamanho, e *grão* significando caroço;

cem (contraído de *centum*) indicando numero, e *sem* indicando exclusão.

Corrupção fonetica: a não pronuncia de todas as letras: *fato* e *facto*; *retrato* e *retrácto* (do verbo *retractar*).

Paronimos são os vocabulos que têm quasi idêntica pronuncia. Têm sentido diverso e são resultantes principalmente dos metaplasmas: *descrição* e *discrição*; *suar* e *soar*; *detrair* e *distrain*.

Attendendo-se á significação dos vocabulos, elles se dividem em: *substantivo*, *adjectivo*, *pronome*, *verbo*, *adverbio*, *preposição* e *conjunção* ou mais resumidamente em: *nome*, *verbo*, *particulas*.

Alguns grammaticos juntam a estas classes a *interjeição*, que é antes um grito para exprimir paixões, que propriamente uma palavra.

O adverbio, a preposição e a conjunção são palavras invariaveis; as outras são variaveis.

II

Substantivo

Substantivo é a palavra que designa o nome de animal, cousa, actos ou qualidades em abstracto: *Pedro*, *gato*, *livro*, *viagem*, *candura*.

Divide-se em *proprio* e *appellativo*.

Proprio é o substantivo que indica individualmente um animal ou cousa, distinguindo-o dos outros: *João*, *Pernambuco*.

Appellativo é o que indica a idéa de diversos animaes, cousas, actos ou qualidades, pertencentes a uma classe commum: *pedra*, *menino*, *gato*.

O appellativo é tambem chamado *commum*.

Os substantivos proprios se tornam appellativos quando são empregados para indicar um grupo; uma classe: *Os Andradas*.

Nos substantivos proprios de pessoa temos a considerar o *prenome* que é o chamado *nome de baptismo*, e o *cognome* ou *appellido*, chamado *nome de familia*.

Assim em *Joaquim Nunes Machado*, *Joaquim* é o *prenome* e *Nunes Machado* é o *cognome*.

Os cognomes tirados dos prenomes têm a denominação especial de *patronímicos*: *Alvares*, filho de *Alvaro*; *Fernandes*, filho de *Fernando*; *Henriques*, filho de *Henrique*; *Bernardes*, filho de *Bernardo*.

Nos tempos antigos os nomes próprios serviam para caracterizar os indivíduos por qualquer facto ou circumstancia notavel em sua vida.

Assim: *Aristides* era o melhor; *Job*, que geme; *Archimedes*, eminente maquinista ou pensador; *Abraão*, pai da multidão; *Agar*, estrangeira.

Este costume se encontra vivo nas tribus indigenas do Brazil: *Piragibe*, espinha de peixe; *Poty*, camarão.

E', pois, opinião corrente que todos os nomes próprios de homens são antigos epítetos.

Os substantivos appellativos se dividem em *abstractos*, *concretos*, *collectivos* e *verbaes*.

Abstracto é o substantivo que indica actos, qualidades, que só existem na nossa imaginação, isto é, não têm existencia real: *viagem*, *virtude*, *bondade*.

Concreto é o substantivo que indica seres que têm existencia real: *homem*, *banco*.

Collectivo é o substantivo que, estando no singular, indica pluralidade, indica multidão, reunião de seres da mesma especie: *povo*, *exercito*, *rebanho*.

E' principal característico destes substantivos o exprimirem pluralidade estando no singular.

Estes substantivos pôdem, porém, ser usados no plural.

E' assim que, si o substantivo exprime uma collecção (singular), se pôde imaginar a existencia de mais de uma collecção (plural): *um rebanho*, *dois rebanhos*.

O collectivo pôde ser *geral* e *partitivo*.

Geral é o que indica a totalidade da collecção: *tropa*.

Partitivo é o que indica uma parte da collecção: *batalhão*.

O partitivo pôde ser *determinado* e *indeterminado*.

Determinado é o que indica um numero certo, positivo: *duzia*.

Indeterminado é o que indica um numero incerto, uma quantidade indeterminada: *chusma*.

Ha certos collectivos, diz Julio Ribeiro, que se pôdem chamar *especiaes*, porque se applicam mais particularmente a uma cousa do que a outra.

Entre outros enumeramos:

<i>Alcateia</i> de lobos	<i>Jolda</i> ou <i>choldra</i> de assassinos
<i>Armento</i> de bois	
<i>Bando</i> de { aves	<i>Malta</i> de capoeiras
{ ciganos	<i>Manada</i> de bois
{ salteadores	<i>Matilha</i> de cães
<i>Cáfila</i> de camellos	<i>Manga</i> de arcabuzeiros
<i>Cardume</i> de peixes	<i>Nuvem</i> de moscas
<i>Chusma</i> de criados	<i>Ponta</i> de mulas
{ bebedos	<i>Quadrilha</i> de ladrões
{ ladrões	<i>Rancho</i> de soldados
<i>Corja</i> de { tratantes	<i>Rédua</i> de cavalgaduras
{ vadios	<i>Roda</i> de homens
<i>Enxame</i> de abelhas	<i>Sucia</i> de velhacos
<i>Fato</i> de cabras	<i>Vara</i> de pórcos

Substantivo verbal é a parte do verbo empregada como substantivo: *o RAIAR da lua*; *um TOMA e dois te DAREI*; *este ESPERA e REESPERA desespera*.

Como o verbo, qualquer palavra ou mesmo uma frase inteira pôde-se tornar substantivo. A estas palavras dá-se o nome de *substantivo improprio*: *o PORQUÊ dos factos*; *o COMO*, *o ONDE*, *o QUANDO as cousas se fazem*.

Locução substantiva é um grupo de palavras com função de substantivo: *guarda-roupa*, *bem-te-vi*, *Pedro Ivo*.

III

Adjectivo

Adjectivo é a palavra que exprime um atributo qualificativo ou determinativo que modifica o substantivo.

Seu principal característico é vir sempre com o substantivo claro a que modifica; quando está este occulto o adjectivo toma a denominação de *pronome*.

«Quási todos os gramáticos modernos, seguindo a escola alemã, admitem só uma classe de adjectivos — os *qualificativos*. Os determinativos são incluídos na classe dos pronomes, que dividem em *personais*, *demonstrativos*, *possessivos*, *relativos* ou *conjuntivos* e *indefinidos*; alguns dos quais podem desempenhar as funções de substantivos (*pronomes substantivos*) ou de adjectivos (*pronomes adjectivos*). Dos numerais fazem uma classe áparte.» (Corleção).

O adjectivo se divide em *qualificativo* e *determinativo*.

Qualificativo é o que mostra a qualidade ou propriedade da pessoa, cousa ou acto expresso pelo substantivo: *bom* livro, *casa grande*, *virtude celeste*.

Determinativo é o que limita, distingue ou designa a pessoa, cousa ou acto expresso pelo substantivo: *meu* livro, *esta* casa, *a* soberba.

O adjectivo qualificativo se divide em *explicativo* e *restrictivo*.

Explicativo é o que mostra uma qualidade essencial, uma qualidade que já pertence ao substantivo: homem *bipede*, agua *molle*.

Restrictivo é o que mostra uma qualidade accidental, accessoria, que póde pertencer ou não ao substantivo: homem *branco*, rosa *encarnada*.

Praticamente para se distinguir o adjectivo restrictivo do explicativo basta se collocar antes do substantivo a palavra *todo* e, si o sentido ficar completo e logico, o adjectivo será explicativo, no caso contrario será restrictivo.

Essa distincção é baseada mais na significação do substantivo do que na propriedade do adjectivo. Assim é que um mesmo adjectivo póde ser explicativo ou restrictivo, conforme o substantivo com que concordar: gelo *frio*, *frio* é adjectivo explicativo; tempo *frio*, *frio* é adjectivo restrictivo.

Locução adjectiva qualificativa é um grupo de palavras com função de adjectivo qualificativo: mesa *de marmore*, isto é, mesa *marmorea*; raio *da terra*, isto é, raio *terrestre*.

Os adjectivos determinativos se dividem em:

Determina- tivos...	Possessivos	{	Cardinaes. Ordinaes.
	Demonstrativos		
	Relativos		
	Quantitativos		
	Articulares		
		{	Indefinidos

Possessivo é o que exprime idéa de posse em referencia ás pessoas grammaticaes.

As palavras que representam as pessoas grammaticaes são:

Eu, nós (1.^a pessoa), *tu, vós* (2.^a pessoa), *elle, ella, elles, ellas* (3.^a pessoa).

Os adjectivos são:

Masculino: *meu, teu, seu*.

Feminino: *minha, tua, sua*.

referindo-se a uma só pessoa e correspondentes a: *de mim, de ti, de si, delle, della, etc.*

Masculino: *nosso, vosso*.

Feminino: *nossa, vossa*.

referindo-se a mais de uma pessoa e correspondentes a: *de nós, de vós, etc.*

As fórmulas do plural são: *meus, teus, seus, minhas, tuas, suas, nossos, vossos, nossas, vossas*.

Demonstrativo é o que indica a posição das pessoas e dos objectos.

São *simples* e *compósitos*.

Simples:

Este, esta, estes, estas, isto; esse, essa, esses, essas, isso; aquella, aquella, aquellos, aquellas, aquillo; o, a, os, as (antes de *que*).

Compósitos:

Est'outro, est'outra, est'outros, est'outras, ist'outro. Ess'outro, ess'outra, ess'outros, ess'outras, iss'outro.

Aquell'outro, aquell'outra, aquell'outros, aquell'outras, aquill'outro.

As fórmulas: *isto, isso, aquillo*, e seus compósitos *ist'outro, iss'outro* e *aquill'outro, o, a, os, as* são considerados sempre como *pronomes*.

Os elementos *est, ess, aquell, ist, iss, aquill*, se conservam invariáveis.

Este e suas variações referem-se á pessoa ou ao objecto que está proximo á pessoa que fala (1.^a pessoa).

Esse e suas variações referem-se á pessoa ou ao objecto que está proximo á pessoa com quem se fala (2.^a pessoa).

Aquelle e suas variações referem-se á pessoa ou objecto que está distante de ambos (3.^a pessoa).

Relativo é o que lembra uma pessoa ou coisa e liga orações. E', por isto, chamado *conjuntivo*.

São o *qual, a qual, os quaes, as quaes; que; quem; cujo, cuja, cujos, cujas; onde*.

Estas palavras devem antes ser incluídas na classe dos pronomes, pois que, com excepção de *cujo*, não trazem substantivo junto com que concordem.

Quantitativo é o que indica um numero, uma quantidade certa ou incerta.

Numeral. Quando exprime uma quantidade certa, chama-se **numeral**.

Quando exprime um numero, uma quantidade incerta, indeterminada, chama-se **indefinido**.

Os numeraes se dividem em *cardinaes* e *ordinaes*.

Cardinal é o que exprime simplesmente a ideia numerica: *cinco, cem*.

Ordinal é o que indica numero com ideia de ordem, de collocação: *quinto, centesimo*.

Os adjectivos numeraes ordinaes são os seguintes:

Primeiro	Quadragesimo
Segundo	Quinquagesimo
Terceiro	Sexagesimo
Quarto	Septuagesimo
Quinto	Octogesimo
Sexto	Nonagesimo
Setimo	Centesimo
Oitavo	Ducentesimo
Nono	Tricentesimo
Decimo	Quadragesimo
Decimo primeiro ou undecimo	Quingentesimo
Decimo segundo ou duodecimo	Sexcentesimo
Decimo terceiro, etc.	Septingentesimo
Vigesimo	Octingentesimo
Trigesimo	Nonagesimo
	Millesimo
	Millionesimo

Podem ser incluídos na classe dos numeraes os *multiplicativos*: *simplex*, *duplo*, *triplo*, *quadruplo*, *quintuplo*, etc., assim como *corja* que antigamente significava um numero de 20 peças da mesma especie, *ponche*, bebida compôsta de cinco ingredientes, *arroba*, palavra arabe que significa a quarta parte, etc.

Da mesma fôrma as palavras *dizimo*, *grosa* (doze duzias), *par* (dois), *novena*, *vintena*, *quarentena*, os numeraes italianos *duo*, *trio*, etc., e os nomes formados com os termos latinos *deci*, *centi*, *milli*, e com os termos gregos *deca*, *hecto*, *kilo*, *miria*, usadas estas duas classes ultimas em arithmetica.

Entretanto todas estas palavras são consideradas como substantivos, o mesmo acontecendo a *biennio*, *triennio*, *centenario*, etc. e os formados com o termo *avos*: *onz'avos*, *doz'avos*, etc.

Indefinido é o que indica numero incerto, quantidade não determinada.

Podemos enumerar os seguintes:

Algum, *alguma*, *alguns*, *algumas*, *alguem*; *ambos*, *ambas*; *cada*; *cada um*, *cada qual*; *certo*, *a*, *os*, *as*; *de-*

mais; *diverso*, *a*, *os*, *as*; *mesmo*, *a*, *os*, *as*; *mais*; *menos*; *muito*, *a*, *os*, *as*; *nada*; *nenhum*, *nenhuma*, *nenhuns*, *nenhumas*, *ninguem*; *outro*, *a*, *os*, *as*, *outrem*; *pouco*, *a*, *os*, *as*; *qual*, *quaes* (repetido); *qualquer*, *qualquizer* (forma arcaica); *quaesquer*; *quanto*, *a*, *os*, *as*; *que* (significando *qual*, *quaes*, *quanto*, *que cousa*); *quem*; *só*, *sós*; *tal*, *taes*; *tanto*, *a*, *os*, *as*; *tudo*, *a*, *os*, *as*, *tudo*; *um*, *uma*, *uns*, *umas*; *varios*, *as*.

Entre os *indefinidos* podem ser incluídos: *Fulano*, e por analogia — *sicrano*, *beltrano* e o termo — *gente*.

Adjectivo articular ou **artigo** é a palavra que modifica o substantivo de um modo preciso, determinado, particular.

O artigo portuguez é unicamente com suas variações: *o*, *a*, *os*, *as*.

O artigo contrai-se e combina-se, em geral, com os termos *a*, *de*, *em* e *per* da maneira seguinte:

ao — a o
ã — a a
aos — a os
às — a as

do — de o
da — de a
dos — de os
das — de as

no — em o
na — em a
nos — em os
nas — em as

pelo — per o
pela — per a
pelos — per os
pelas — per as

Além do artigo *o* e suas variações, a *Lingua portugueza* conserva o artigo *el*, arcaico, usado na fôrma *el-rei*.

Já vimos que podem os adjectivos determinativos ser usados sem substantivo claro, e que tomam, quando exercem esta função, a denominação de pronome.

Alguns grammaticos, porém, só dão a denominação de pronome aos pessoaes.

Pronome pessoal é o que lembra um nome em referencia ás pessoas.

As pessoas são tres: aquella que fala, aquella com quem se fala e aquella de quem se fala.

Os pronomes pessoaes são tres:

1.^a pessoa: *eu, nós.*

2.^a pessoa: *tu, vós.*

3.^a pessoa: *elle, ella, elles, ellas.*

As variações da 1.^a pessoa são:

me mim, comigo.

nós, connosco.

As variações da 2.^a pessoa são:

te, ti, contigo.

vós, convosco.

As variações da 3.^a pessoa são:

lhe, lhes.

o, a, os, as.

se, si, comsigo (fórmãs reflexas).



IV

Verbo

Verbo é a palavra que exprime um facto.

Os chinezes chamam aos verbos *palavras vivas* em contraposição aos nomes — *palavras mortas*.

Para que um facto se dê, para que uma acção se realize, é necessario um *sujeito* que a pratique e muitas vezes um *objecto* sobre que a acção recaia.

Si se attender ao sujeito que levou a effeito esta acção, o verbo adquire *vozes*.

Vozes são as diversas maneiras de ser do sujeito. As vozes são duas: *activa* e *passiva*.

Activa é aquella em que o sujeito pratica a acção: *temo*.

Passiva é aquella em que o sujeito recebe a acção: *sou temido*.

Existe tambem uma outra voz chamada *media* ou *reflexa*, em que a acção é feita e recebida ao mesmo tempo pelo sujeito: *tu te queimaste*.

É preciso, porém, notar que em tal caso o verbo é activo ou passivo e não toma fôrma especial.

Si se attender ao objecto sobre que a acção recai, os verbos se dividem em *transitivos* e *intransitivos*.

Transitivo é o verbo que exprime uma acção empregada directa e immediatamente sobre uma pessoa ou um objecto: *amo meus pais; quero os livros*.

Intransitivo é o verbo que exprime uma acção empregada indirectamente sobre uma pessoa ou objecto, ou exprime simplesmente uma acção completa: *falei com Jose; venho do Recife; cairei*.

Os verbos transitivos se pôdem tornar intransitivos e vice-versa.

Quando dizemos: — *lemos romances* — o verbo *ler* está empregado na fôrma transitiva; mas si dissermos — *lemos sempre* — este verbo é considerado como intransitivo.

Quando dizemos: — *dormiste bem* — *dormiste* é um verbo de acção intransitiva; si dissermos: — *dormiste um somno reparador* — *dormiste* é um verbo transitivo.

Julio Ribeiro afirma: ... «quasi que não ha um só verbo transitivo em Portuguez que se não possa empregar como intransitivo.»

Os verbos se dividem ainda em:

Pronominal é o verbo cuja acção se transmite ao sujeito sem que elle seja seu objecto: *eu me arrependo*. Os verbos pronominaes são conjugados com dois pronomes da mesma pessoa.

Perifrastico é o verbo formado com os verbos *haver, ter, estar, ir, vir, andar, viver, poder, dever, querer, saber* (ter aptidão), etc. *Hei de estudar; tenho de comer; estou lendo; ir caindo; vir a comer; andar saltando; viver escrevendo; posso cantar; devo trabalhar; quero brincar; sei estudar*.

Estes verbos, conforme a idéia que exprimem ou a significação que têm, apresentam-se sob fôrma simples ou composta e se dividem em: *promissivo*: havemos de estudar; *obligatorio*: tens de trabalhar; *frequentativo*: vir caindo, anda brincando; *reiterativo*: saltitar; *continuativo*: esbofetear; *incoativo*: alvorecer; *iterativo*: revêr, recair.

Defectivo é o verbo a que faltam algumas linguagens: *querer, fazer*.

A Lingua portugueza poucos verbos defectivos possui, e o uso muito concorre para sua completa extinção.

Unipessoal é o verbo que só se conjuga na 3.^a pessoa: *trovejar, chover*.

Como exprimem factos que não são referidos a pessoas ou cousas determinadas, os verbos *unipessoaes* também se denominam de *impessoaes*.

Os verbos ainda pôdem ser *substantivo* e *atributivo* ou *adjectivo*.

Verbo substantivo é o que exprime a affirmacão de conveniencia ou desconveniencia entre duas idéias.

Ser é o unico verbo substantivo. É também denominado *verbo abstracto*.

Às vezes o verbo *estar* assemelha-se na sua função ao verbo substantivo, mas esse verbo além de exprimir a affirmacão, exprime também a existencia e posição.

Por sua vez o verbo *ser* se usa em lugar do verbo *estar*, quando indica permanencia, estado ou existencia.

Ao verbo substantivo *ser* não cabe nenhuma das divisões até aqui apontadas; sómente fôrma a voz passiva no caracter de *auxiliar*.

Ha grande distincão entre os verbos *ser* e *estar*.

Ser exprime um estado permanente, habitual, indica uma qualidade inerente ao sujeito: *Pedro é doente*.

Estar exprime um estado, uma situação passageira,

transitoria, indica uma qualidade accidental: *Pedro está doente.*

Verbo atributivo ou **adjectivo** é o que exprime affirmação com idéia de modo ou qualidade: *amar, partir.*

Tambem póde o verbo *adjectivo* ser denominado *concreto*, contendo em si o verbo *ser* acompanhado de um attributo: *crêr, ser crente; dever, ser devedor; estudar, ser estudante.*



V

Palavras invariáveis

Ha certo acordo entre as grammaticas em considerarem como palavras invariáveis o *adverbio*, a *preposição* e a *conjunção*.

A estas se póde juntar a *interjeição*, que não é propriamente palavra.

Estas quatro classes têm o nome de *particulas*.

I

Adverbio é a palavra que exprime uma circunstancia.

O papel do adverbio é modificar o sentido do adjectivo qualificativo, do verbo e de outro adverbio.

As circumstancias expressas pelo adverbio são de:

Tempo: *agora, ainda, hoje, amanhã, antes, cedo, tarde, já, logo, nunca, depois, jamais, sempre, ontem, atrás, então.*

Lugar: *cá, ali, lá, acolá, fóra, dentro, perto, aqui, aquem, além, avante, onde, atrás, longe, eis.* Leoni chama

aos advérbios — *aqui, ali, acolá* — de *pronominaes*, porque correspondem aos pronomes — *este, esse, aquelle*.

Ordem: *antes, primeiramente, depois, ultimamente.*

Quantidade: *mui, muito, pouco, assás, tam, tanto, mais, menos, quam, quanto, quasi, só, sómente, apenas, unicamente.*

Affirmação: *sim, certamente, verdadeiramente.*

Negação: *não, nunca, jamais.*

Duvida: *talvez, acaso, quiçá, provavelmente.*

Exclusão: *só, sómente, apenas, siquer.*

Modo: *bem, mal, assim*, e em geral os advérbios terminados em *mente*.

Locução adverbial é um grupo de palavras com função de advérbio: *às carreiras, donde, até ali, de fóra, em baixo, ante ontem, de repente, sem duvida, em vão, a pouco e pouco, eis aqui*, etc.

Preposição é a palavra que exprime a relação de dependencia que existe entre dois vocabulos.

Locução prepositiva é um grupo de palavras com função de preposição: *em cima de; conforme a; por de sobre.*

As preposições mais communs são: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, ner ou por, para, sem, sob, sobre.*

As preposições classificam-se pelas relações que exprimem.

A preposição *A* exprime:

Direcção: *Ir a Olinda.*

Tempo: *A 10 de Junho.*

Modo: *Andar a cavallo.*

Distancia: *A duas leguas.*

Instrumento: *Bater-se a espada.*

Materia: *Pintura a óleo.*

Lugar onde: *Estar á janella.*

Fim: *Trabalhar a bem da patria.*

Melo: *Mafou-o a fome.*

Preço: *A 10\$000 o metro.*

A preposição *Ante* exprime:

Posição fronteira: *Apresentou-se ante o tribunal.*

Antecedencia: *Pé ante pé.*

A preposição *Até* exprime:

Termo de lugar, de tempo, de quantidade ou de acção: *Até a cidade, até a tarde, até cem mil réis, até morrer.*

A preposição *Após* exprime:

Situação posterior, de lugar ou de tempo: *Após tantas ruas; após a chuva.*

A preposição *Com* exprime:

Companhia: *Vou com meu filho.*

Conteúdo: *Um copo com agua.*

Qualidade: *Um moço com carácter.*

Preço: *Pagou tudo com mil réis.*

Opposição: *Lutou com elle.*

Modo: *Com boas maneiras.*

Melo: *Com zombaria.*

Causa: *Caiu com o tiro.*

Instrumento: *Com ferro em braza.*

A preposição *Contra* exprime:

Opposição: *Trabalhou contra elle.*
Situação fronteira: *Turma contra turma.*
Posto immediato: *Contra-mestre.*

A preposição *De* exprime:

Lugar, ponto de partida: *Vir de Olinda.*
Posse: *Livro de João.*
Materia: *Copo de ouro.*
Tempo: *De madrugada.*
Extensão: *Viagem de 20 leguas.*
Idade: *Moço de 20 annos.*
Separação: *Tirar os filhos de casa.*
Motivo: *Morrer de vergonha.*
Melo: *Cobrir de areia.*
Origem: *Descendente de nobres.*
Medida: *Rua de 50 metros.*
Quantidade: *Força de 100 cavallos.*
Modo: *Estar de maré.*
Instrumento: *Tiro de espingarda.*

A preposição *Desde* exprime:

Ponto de partida: *Desde Pernambuco.*
Tempo: *Desde minha infancia.*

A preposição *Em* exprime:

Lugar onde, interior: *No Recife, no bolso.*
Tempo: *Em 1904.*
Mudança de estado ou de forma: *Cair em pobreza; feito em pedaços.*
Destino, fim: *Ir em socorro; ficou em refem.*
Valor: *Estimado em 100\$000; ter-se em conta de gente.*
Divisão: *Comedia em dois actos.*
Modo: *Escrever em verso.*
Assunto: *Cuidar em trabalhar.*

A preposição *Entre* exprime:

Posição média: *Entre Scylla e Carybides.*
Reciprocidade: *Tem relação entre si.*

A preposição *Para* exprime:

Lugar para onde: *Vou para o Recife.*
Fim: *Estudo para aprender.*
Tempo: *Para a semana proxima.*

A preposição *Por* exprime:

Lugar por onde: *Por montes e valles.*
Causa: *Agiu por interesse inconfessavel.*
Duração: *Privilegio por 10 annos.*
Modo: *Falar por alto.*
A favor: *Intercedeu por mim.*
Preço: *Comprou por 20\$000.*
Troca: *Deixou o certo pelo (por o) duvidoso.*
Supposição: *Tinha a batalha por ganha.*
Falta: *Estava o livro por acabar.*
Melo: *Subiu por intrigas.*
Instrumento: *Atravessado por um golpe de espada.*

A preposição *Sem* exprime:

Falta: *Alcançar fama sem proveito.*

A preposição *Sob* exprime:

Posição inferior: *Sob o cristalino céu.*
Espaço de tempo: *Sob os Imperadores romanos.*

A preposição *Sobre* exprime:

Posição superior: *Vive sobre a terra.*
Proximidade: *Sobre a noute.*
Direcção: *Foi sobre o inimigo.*
Excesso: *Bebeu sobre posse.*
Assunto: *Deu parecer sobre o projecto.*

Conjunção é a palavra que indica a relação entre dois juízos, entre duas idéias ou entre duas orações.

Locução conjuntiva é um grupo de palavras com função de conjunção: *ainda que, isto é, por exemplo*. As conjunções se dividem em *coordenativas* e *subordinativas*.

Coordenativa é a conjunção que estabelece relação entre orações independentes, da mesma natureza e que têm a mesma função na frase.

Subordinativa é a conjunção que estabelece relação entre orações dependentes, de natureza diversa, das quaes uma completa a outra.

As coordenativas são:

Copulativa: e, também, nem, outrossim.

Adversativa: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, não obstante.

Conclusiva: logo, pois, portanto, por conseguinte.

Disjuntiva: nem, ou, já, quer, ora.

As subordinativas são:

Condicional: si, sinão, contanto que, a menos que.

Concessiva: quer, embora, posto que, ainda que.

Temporal: quando, antes que, emquanto, apenas.

Causal: porque, por isso, que, já que, visto como.

Integrante: que, si, como.

Comparativa: como, assim como, que, quanto.

Final: para que, afim de que, de modo que.

Explicativa: como, a saber, isto é, por exemplo.

Interjeição é um som articulado que exprime um sentimento subito: *ah! eh! ai!*

«As interjeições não podem caracterizar o genio de nenhuma lingua porque pertencem geralmente a todas.

São gritos naturaes, indicativos de dôr ou de alegria, que geralmente se observam nas aves e nos quadrupedes e por este motivo julga-se que taes gritos não devem ser reputados partes da oração.»

As interjeições são gritos que exprimem os sentimentos de uma maneira primitiva e animal.

Gritos naturaes e espontaneos em geral, existem, entretanto, algumas interjeições convencionaes mas que de tam usadas e communs que são, já se empregam insensivelmente, demonstrando um sentimento intimo.

Das interjeições naturaes, ou propriamente ditas, a mais commum, que serve para reforçar o vocativo, é: *ô, oh!*

As interjeições indicam:

Appello: *olá! aqui d'el-rei!*

Dôr: *ai! ui! apre! guai!*

Admiração: *ha! ah! oh!*

Mando ou **exortação**: *eia! sus!*

Repugnancia ou **aversão**: *apage! irra! fóra!*

Alegria: *ah! oh! eh!*

Silencio: *chiton! psiu!*

As interjeições convencionaes *coragem! misericordia! diabo! safa! adeus!* etc., representam formas abreviadas.

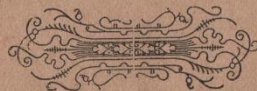
Empregamos também muitas interjeições de linguas estrangeiras: *apage! eia! sus! bravo! hip! hurrah! caramba! oxalá!*

Locução interjectiva é um grupo de palavras com função de interjeição: *Ai de mim! Deus nos acuda! Hom'essa! Aqui d'el-rei! Ave Maria!*

Na classe das interjeições se podem incluir as *onomatopéas*, que são sons imitativos: *bum-bum, glu-glu, cri-cri, tique-taque*.

Por meio das onomatopéas pinta-se o objecto pelo som ou pelo ruído que elle produz.

As *interjeições*, exprimindo os varios estados da alma, são internas, subjectivas; as *onomatopéas*, indicando os sons dos objectos, são externas, objectivas.



I

Campenomia

Campenomia é a parte da morfologia em que se estudam as flexões das palavras.

Flexões são as variações morfológicas que os vocabulos soffrem em sua terminação.

As flexões se dividem em *nominaes* e *verbaes*.

Flexões nominaes são as modificações que os nomes soffrem: de *genero, numero* e *gráu*.

Flexões verbaes são as modificações que os verbaes soffrem: de *modo, tempo, pessoa*, etc.

Ha diversas teorias para explicar a origem destas mudanças de formas nas terminações.

A escola moderna provou que estas flexões eram originariamente palavras que tinham significação distincta, eram, por assim dizer, pronomes, participios, etc., que se soldaram á raiz.

Este phenomeno acha-se palpitante nas formas do futuro e do condicional das linguas romanicas.

Em Portuguez: *amarei — amar-hei; amaria — amar — havia — amar-hia*.

O Latim fórma os perfectos por meio de composição, como *amavi* em que *vi* está por *fui*.

O Francez tem as fôrmas analíticas *j'ai aimé* e o futuro *aimerai* por *j'ai à aimer*.

O Inglez tem a terminação *d* ou *ed* que é o preterito *did*.

A simples analyse de uma palavra nos mostra que existem nella dois elementos: *radical* ou *tema* e *terminação*.

Radical é a parte que indica a idéia principal da palavra e é geralmente invariavel.

Terminação é o elemento secundario, menos importante, geralmente variavel.

Ao radical se pôdem juntar os *affixos*, que se dividem em: *prefixos*, *suffixos* e *infixos*.

Prefixos são os elementos que se collocam antes do radical: *HEMI-sferio*.

Suffixos são os elementos que se collocam depois do radical: *fac-ADA*.

Infixos são os elementos que se collocam no meio do vocabulo: *amur-RE-hei*; *animal-Z-inho*.

As palavras são compôstas de orgams que têm um sentido; na palavra *padeiros*, distinguimos o radical *pad*, a raiz *pa*, que indicam a idéia principal, o suffixo *eiro* que mostra o factor, e o orgam *s* que indica a pluralidade.

Costuma-se muitas vezes na pratica confundir raiz e radical, o que convém distinguir.

Raiz é o elemento mais simples, irreductivel, que encerra a ideia originaria, a ideia donde etimologicamente decorre um grupo de palavras; *radical* ou *tema* é o vocabulo sem a desinencia ou terminação. Assim na palavra *desanimar*, temos o prefixo *des*, a terminação *ar*, o radical *desanim* e a raiz *an* que significa *respirar*, *viver*.

Da raiz *mod* ou *mid* (adaptar, conciliar) formamos: *modo*, *modulo*, *medico*, *medicina*, *moderador*, *immoderado*, *commodo*, *incommodo*, *acommodar*, *medio*, em que se vê que o radical é *mod*, *medic*, *moder*, *comod*, etc., e a raiz é *mad* ou *mid*.

Com a raiz latina *spec* (vêr) possuímos em Portuguez as palavras: *respeitar*, *respeito*, *respeitavel*, *bispo*, *respectivo*, *respeitosamente*, *respectivamente*, *despeito*, *suspeitar*, *suspeita*, *circunspecto*, *inspector*, *inspecção*, *aspecto*, *prospecto*, *perspicacia*, *perspectiva*, *expectativa*, *auspicio*, *especular*, *especulador*, *espiã*, *especie*, *especial*, *especifico*, *espelho*, etc. (Deduzido de Max Muller).

Entretanto, despojando estas palavras de suas terminações, as fôrmas que restam se distinguem fundamentalmente, não se assemelham de maneira alguma.



II

Substantivo

I

FLEXÃO DE GENERO

Genero é a distinção do sexo dos animaes. Por extensão a noção de genero foi applicada aos objectos.

Os generos são dois: *masculino* e *feminino*.

Ha tres processos para se determinar o genero dos substantivos: a *significação*, a *terminação* e a *accepção*.

São **masculinos** pela *significação*: os nomes de animaes machos: *João, cavallo*; os nomes de deuses: *Satanaz, Baccho*; os nomes de officios, profissões e titulos proprios de homem: *lavrador, pintor, bispo, professor, deputado*; os nomes dos pontos cardeaes e ventos: *norte, sul, Zefiro*; os nomes de rios, montes, mares: *Beberibe, Alpes, Caspio*; os nomes de mezes: *Janeiro*; as notas de musica e os nomes de numeros: *dó, ré, mi; dez, cem*; as fórmãs dos verbos tomadas como substantivo: *o AMAR; um TOMA e dois TE DAREI*.

São **femininos** pela *significação*: os nomes de animaes fêmeas: *Maria, leôa*; os nomes de deusas e divindades:

des: *Venus, Justiça*; os nomes de profissões, officios, etc., proprios de mulher: *costureira, lavadeira, professora, duqueza*; os nomes das cinco partes do mundo, ilhas, cidades, villas e aldeias: *America, Creta, Roma*; os nomes dos dias da semana, com excepção do *sabbado e domingo*; os nomes de sciencias, artes e letras, com excepção do *desenho*; os substantivos abstractos: *sêde, embriaguez*.

São **masculinos** pela *terminação*:

1.º os terminados em *á*, como: *cajá*; exceptua-se: *pá*;

2.º os terminados em *e*, como: *pente*; exceptuam-se: *arvore, ave, carne, cidade, fonte, ponte, rêde, serie*, etc., e os substantivos abstractos;

3.º os terminados em *é*, como: *café*; exceptuam-se: *chaminé, fé, galé, libré, maré, polé, ralé, ré, sé*;

4.º os terminados em *i*, como: *jaboti*; exceptua-se: *juriti*;

5.º os terminados em *o*, como: *tinteiro*; exceptua-se: *virago*;

6.º os terminados em *ó*, como: *cipó*; exceptuam-se: *avó, eiró, enxó, filhó, ilhó, mó, teiró*;

7.º os terminados em *u*, como: *cajú*; exceptua-se: *tribu*;

8.º os terminados em *ai, au, eu*, como: *paí, pau, chapéu*; exceptua-se: *náu*;

9.º os terminados em *al, el, il, ol, ul*, como: *animal, cordel, funil, anzol, paul*; exceptuam-se: *cal, cathedral, decretal, pastoral, moral, vestal, capital* (cidade principal);

10.º os terminados em *am, an, em, en, im, in, om, on, um*, como: *orgam, iman, homem, himen, serafim, gruin, som, colon, jejum*; exceptuam-se: *adem, nuvem, ordem*, e os terminados em *gem*, como: *imagem, personagem, vertigem, ferrugem*;

11.º os terminados em *ar, er, ir, or, ur*, como: *altar, prazer, porvir, calor, catur*; exceptuam-se: *colher, mulher, côr, dôr, flôr*;

12.º os terminados em *az*, como: *ananaz*; exceptuam-se: *tenaz, paz*; os terminados em *ez*, como: *mez*; exceptuam-se: *fez* (só usado no plural *fêzes*), *rez, tez, torquez*,

vez; os terminados em *iz*, como: *juiz*; exceptuam-se: *aboiz*, *cerviz*, *cicatriz*, *codorniz*, *matriz*, *perdiz*, *raiz*, *sobrepeliz*, *variz*; os terminados em *oz*, como: *calabroz*; exceptuam-se: *foz*, *noz*, *pioz*, *voz*; os terminados em *uz*, como: *arcabuz*; exceptuam-se: *cruz*, *luz*;

13.º os terminados em *is* e *us*, como: *oasis*, *pús*; exceptuam-se: *bilis*, *cutis*, *phenis*;

14.º os terminados em *ão*, como: *coração* e os aumentativos: *caixão*, etc. Outros, porém, derivados do feminino latino conservam este género em Portuguez: *ocasião*, *multidão*.

São **femininos** pela terminação:

1.º os acabados em *a*, como: *caneta*, *lira*; exceptuam-se: *día* e em geral os nomes gregos em *a*, como: *planeta*;

2.º os terminados em *ã* e *ê*, como: *irmã*, *lã*, *mercê*. Exceptuam-se: *talismã* e *iman*. Os terminados em *ã* se confundem com os terminados em *an*.

3.º os terminados em *ade*, como: *saudade*; exceptuam-se: *alvaiade*, *alcaide*, *abbade*, *frade*.

Pela *accepção* temos:

Capital, fundo monetário, é masculino.

Capital, cidade principal, é feminino.

Cabeça, chefe principal, é masculino.

Cabeça, parte do corpo, é feminino.

Cura, sacerdote, é masculino.

Cura, curativo, é feminino.

Lente, professor, é masculino.

Lente, vidro de aumento, é feminino.

Corneta, homem que toca o instrumento, é masculino.

Corneta, instrumento, é feminino.

Champanha, *Madeira*, nomes geograficos, são femininos.

Champanha, *Madeira*, vinhos ahí fabricados, são masculinos.

Poucas são as regras para a formação do feminino dos substantivos:

1.ª os que acabam em consoante soffrem o augmento da letra *a*: *autor*, *autora*; *portuguez*, *portugueza*.

2.ª os que acabam em vogal soffrem a troca dessa letra para *a*: *filho*, *filha*; *infante*, *infanta*.

3.ª os que acabam em *ão*, mudam estas letras para *ôa*, ou para *ona*, ou para *ã*: *leão*, *leôa*; *folgazão*, *folgazona*; *irmão*, *irmã*.

Muitos são os substantivos que formam o feminino irregularmente.

Taes são:

abbade — abbadessa

actor — actriz

alcaide — alcaidessa

autocrata — autocrãtíz

avô — avó

barão — baroneza

bode — cabra

boi — vaca

cão — cadella

carneiro — ovelha

cavallo — egua

cervo — corça

compadre — comadre

conde — condessa

consul — consuleza

czar — czarina

diacono — diaconiza

dom — dona

duque — duqueza

embaixador — embaixatriz

frade — freira

frei — soror

gallo — gallinha

gamo — corça

genro — nora

herói — heroína

homem — mulher

ilhéu — ilhóa

ladrão — ladra

macho — femea

macho — besta

marido — mulher

monge — monja

mu — mula

padrasto — madrastra

padre — madre

padrinho — madrinha

pai — mãe

papa — papiza

pardal — pardoca

perdigão — perdiz

perú — perúa

poeta — poetiza

príncipe — princeza

prior — prioreza

profeta — profetiza

rapaz — rapariga

rei — rainha

réu — ré

sacerdote — sacerdotiza

sandeu — sandia

sultão — sultana

tecelão — tecedeira

tabaréu — tabarôa ou tabaréa

veado — cervã

zangão — abelha

Alguns substantivos admitindo flexão de genero indicam augmento de volume ou de capacidade: *jarro, jarra; vallo, valla; tacho, tacha*.

Outros cujo masculino indica unidade ou generalidade, e o feminino collecção: *fruto, fruta; ramo, rama; bago, baga; marujo, maruja; lenho, lenha; grito, grita*. O feminino abrange, comprehende o masculino.

Outros, finalmente, cuja flexão feminina dá ao substantivo uma significação completamente differente da forma masculina:

barro — argila
cachaço — pescoço
tino — juízo, instinto

barra — entrada do porto
cachaça — aguardente
tina — vasilha

Ha substantivos que, debaixo de uma só forma, designam ambos os sexos: são os **epicenos**.

Para distingui-los juntam-se-lhes os adjectivos *macho* e *femea*.

Assim, por exemplo, quando ha necessidade de differenciar os sexos dos substantivos epicenos *tigre, sabiá, cegonha*, diz-se: *o tigre macho, o tigre femea*, ou, então, *o macho do tigre, a femea do tigre; a sabiá macho, o macho da sabiá*, etc.

Outros substantivos têm o genero determinado pelo adjectivo que modifica o seu sentido: *o martir*, masculino; *a martir*, feminino; *este hipocrita*, masculino; *esta hipocrita*, feminino.

Estes substantivos são conhecidos pelo nome de **communis a dois**.

Alguns grammaticos dão aos substantivos epicenos e communis a dois o nome de *uniformes*; aos outros chamam *biformes*.

Em Portuguez, como vimos, os generos são dois: *masculino* e *feminino*; entretanto a lingua latina, donde se originou a nossa, tem mais um que é o *neutro*.

E' bom notar que os romanos cêdo perderam tambem o sentido do emprego do neutro, genero a que, com muita razão, chamam os grammaticos indianos *kliva*, isto é, *eunuco*.

Apesar de só terem passado para o Portuguez os generos masculino e feminino, acha João de Barros que pôdem ser classificados como neutros: os nomes das letras do alfabeto, os substantivos verbaes: *o querer, o amar*, etc., e o artigo *al*.

Soares Barbosa considera neutras as terceiras terminações de alguns dos adjectivos de tres fôrmas, a primeira dos adjectivos de duas e ainda a unica dos adjectivos de uma só, quando empregados no discurso ou substantivadamente ou para modificarem orações inteiras.

Temos as fôrmas: *este* (masc.), *esta* (fem.), *isto* (neutro); *esse* (masc.), *essa* (fem.), *isso* (neutro); *aquelle* (masc.), *aquella* (fem.), *aquillo* (neutro); *todo* (masc.), *toda* (fem.), *tudo* (neutro); *algun* (masc.), *alguma* (fem.), *algo* (neutro); *elle* (masc.), *ella* (fem.), *ello* — antigo — (neutro); *outro* (masc.), *outra* (fem.), *outrem* (neutro).

Como affirma Theophilo Braga em sua *Grammatica*, ha alguns adjectivos de uma só forma para o *masculino* e *feminino* que tambem affectam esta forma neutra:

<i>Rude</i>	m. e f.	<i>Rudo</i> , neutro
<i>Acre</i>	m. e f.	<i>Agro</i> , neutro
<i>Cem</i>	m. e f.	<i>Cento</i> , neutro
<i>Abundante</i>	m. e f.	<i>Avondo</i> (antigo), neutro

Diez é de parecer que sempre que os adjectivos *aquillo, algo, outrem, isso*, etc., preencherem funções de substantivo e vierem empregados como predicados de um nome neutro ou de uma frase inteira, devem ser considerados como do genero neutro.

Bergmann é de opinião que as fôrmas substantivas: *o verdadeiro, o bello, o bom*, são verdadeiros tipos do neutro.

Além destes, possuímos termos latinos que, por serem do genero neutro nessa Lingua, pôdem ser considerados do mesmo genero em Portuguez onde são empregados: *memorandum, ultimatum, fas, nefas, agenda, mare magnum, Corpus Christi*.

Os nomes neutros em Latim se tornaram masculinos ou femininos em Portuguez. Em Latim mesmo se encontra a confusão dos generos a ponto de serem masculinas palavras que eram do genero neutro. Os nomes neutros do plural em — *a* — se confundem com os nomes da primeira declinação.

Estudando-se os varios periodos da Lingua Portugueza, verifica-se a mudança do genero de algumas palavras.

Assim: *mar* era feminino, como ainda hoje se vê nas palavras *preia-mar* e *baixa-mar*.

Fantasma e *fenix* eram masculinos e femininos.

Cometa, diadema, estratagemas, theorema, mappa, problema eram femininos.

Linhagem, origem, base, pirâmide, eram masculinos.

Camões empregou: A PLANETA APRESSADA.

Vieira disse: *Si Christo tirara A DIADEMA. Vistes O TORRENTE formado da tempestade. AQUELLE CATASTROFE admiravel.*

Christovam Falcão: *Ao pé de UM ARVORE estava.*

João de Barros usou de A CLIMA.

Bluteau quer que seja feminino o substantivo *grude* e masculinos *sege, tribu, aneddotos* (aneddotas).

Foca, feminino em Latim e em Portuguez moderno, era antigamente masculino, como em Felinto: *Matarem UM grande FOCA*; e Camões: *Que só dos FEIOS FOCAS se navega.*

Fim era feminino, como se vê no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Rezende: *Por seu nojo e MINHA FIM*; em João de Barros: *Dizem que A FIM do mundo há de ser per fogo*, e em Gil Vicente: *Os mais têm FINS DESASTRADAS.*

Garrett diz: O povo, á maneira de nossos antigos escritores, ainda hoje faz *fim* ora masculino ora feminino, mas não indifferentemente, nem a tóa. *Fim*, como alvo, objecto, é sempre masculino; como termo, acabamento de vida, sempre feminino, para elles.

II

FLEXÃO DE NUMERO

Numero é a propriedade que têm os substantivos de mostrar a unidade e a pluralidade pela mudança de terminação.

Os numeros são dois: *singular* e *plural*, que, existentes em Latim, passaram para Portuguez.

Algumas palavras fazem lembrar o *dual* da lingua grega; taes são: *dois, ambos, nós, vós*, etc.

A regra geral para os substantivos formarem o plural é acrescentar a letra *s* ao singular.

Esta letra é a terminação do accusativo plural das declinações no Latim, com excepção dos nomes neutros.

Destes nomes neutros, cujo accusativo termina em *a*, possui o Portuguez, indicando idéia de plural, palavras, como *alimaria* (os animaes), *moda* (os modos).

REGRAS PARA A FORMAÇÃO DO PLURAL

Os substantivos que terminam em vogal, oral ou nasal, soffrem o acrescimo da letra *s*, seguindo a regra geral: *livro, livros; maçã, maçãs; organ, organs*. Exceptuam-se: *ademan* e *canon* que fazem *ademanes* e *canones*.

Fazem tambem o plural regular os substantivos originados de linguas estrangeiras: *almanach, almanachs; bond, bonds; deficit, deficits*.

Outros, porém, conservam o plural originario: *memorandum, memoranda; erratum, errata; dilletante, dilletanti; confetto, confetti*.

Os que no singular já terminam em *s*, não soffrem alteração passando para o plural: *pires*.

Exceptua-se *Deus* que, significando os do paganismo ou os falsos, faz *Deuses*; *simples* (drogas, ingredientes) que faz *simplices* e antigamente *ourives* e *alferes* que faziam *ourivezes* e *alferezes*.

Garcia de Rezende escreveu: *OURIVEZES e escultores, E assy como os OURIVEZES*.

O singular era *ourivez* e o plural *ourivezes*.

Camões usou ALFEREZES no verso: *Alferезes volteiam as bandeiras*.

A fórma *simples* no plural é já bastante antiga.

Garcia d'Orta intitulou um seu famoso e apreciado livro de *Dialogo dos SIMPLES e Drogas da India*.

Todavia Duarte Nunes Leão ainda emprega: *outros infinitos os quaes são SIMPLEZES e não compósitos*.

Os substantivos terminados em *ão* formam o plural de tres modos:

Uns seguem a regra geral, isto é, soffrem o acrescimo da letra *s*: *mão, mãos; ancião, anciãos; cidadão, cidadãos*.

Outros mudam a terminação *ão* para *ões*: *coração*, *corações*.

Outros mudam a terminação *ão* para *ães*: *capitão*, *capitães*.

Geralmente a forma da palavra no Latim determina o plural em Portuguez.

Assim si os substantivos fizerem o acusativo plural em *anos*, em Portuguez o plural é *ãos*: *granos*, *grãos*; *germanos*, *irmãos*. Si fizerem o acusativo plural em *ones*, o plural portuguez é *ões*: *leones*, *leões*; *actiones*, *acções*.

Si fizerem o acusativo plural em *anes*, o plural portuguez é *ães*: *panes*, *pães*; *canes*, *cães*.

Outros autores, como Vera e Duarte Nunes Leão, sujeitam estas regras á derivação castelhana:

Si o nome castelhana terminar em *an*, o plural é *ães*: *sacristan*, *sacristães*; si terminar em *ano*, o plural é *ãos*: *ciudadano*, *ciudadãos*; se terminar em *on*, o plural é *ões*: *coraçõ*, *corações*.

Os que não tiverem origem latina ou castelhana formam o plural em *ões*.

Ha certos nomes terminados em *ão*, cujo plural não está bem determinado: *aldeão* faz *aldeões*, ou *aldeães*, ou *aldeãos*; *deão* faz *deões*, ou *deães*; *ermitão* faz *ermitões*, ou *ermitães*; *guardião* faz *guardiões*, ou *guardiães*; *villão* faz *villões*, ou *villãos*, ou *villães*; *truão* faz *truões* ou *truães*.

Os que terminam em *em*, *im*, *om*, *um*, mudam o *m* em *ns*: *homem*, *homens*; *serafim*, *serafins*; *som*, *sons*; *atun*, *atuns*.

Os que terminam em *al*, *ol*, *ul*, mudam o *l* em *es*: *animal*, *animaes*; *lençol*, *lençoes*; *paúl*, *paúes*.

Exceptuam-se: *cal*, *mal*, *real*, *consul* e seus compósitos que fazem *cales* ou *calces*, *males*, *réis* e *consules*.

Os que terminam em *el* mudam o *l* em *is*: *papel*, *papeis*. *Mel* faz *meles* ou *méis*, ou não se usa no plural.

Os que terminam em *il* não acentuado, mudam o *il* em *eis*: *réptil*, *repteis*; *projectil*, *projecteis*.

Os que terminam em *il* acentuado, mudam o *l* em *s*: *barril*, *barris*.

Os que terminam em *r* ou *z* acrescentam *es*: *amor*, *amores*; *juiz*, *juizes*. Note-se que o substantivo *carácter* forma o plural *caractêres*; *soror* (freira confessa) faz o plural *sorôres*, havendo mudança da sillaba acentuada.

Os que terminam em *ex* ou *ix* mudam estas letras para *ice* e acrescentam *s*: *index*, *indices*; *calix*, *calices*. Em Portuguez poucos são os nomes desta terminação e apresentam elles duas formas no singular: *index*, *indice*; *calix*, *calice*.

OBSERVAÇÃO. — Os substantivos masculinos terminados em *o*, cujo penultimo *o* fôr fechado ou circunflexo, estão subordinados ás seguintes regras prosodicas que se sujeitam ainda a dúvidas.

1.^a Si no feminino a letra *o* fôr fechada, será tambem fechada no plural: *môço*, *môça*, *môços*, *môças*.

2.^a Si no feminino a letra *o* não fôr fechada, tambem não o será no plural: *porco*, *pôrca*, *pórcos*, *pórcas*.

3.^a Si o substantivo não tiver feminino, a letra *o* será aberta no plural: *goso*, *gósos*; *corpo*, *cópos*.

Estas regras são as apresentadas geralmente pelos grammaticos. Parece-nos, porém, que as seguintes, deduzidas de um artigo do Dr. Castro Lopes, resolvem a questão, tendo somente o defeito de serem muito extensas:

Quando o *o* fechado no singular é seguido das letras *b*, *c*, *ç*, *d*, *f*, *gr*, *j*, *l*, *lh*, *m*, *n*, *p*, *rd*, *rm*, *ro*, *rr*, *rs*, *rt*, *rv*, *st*, *t*, *x*, ou *ch*, com o som de *x*, e *z*, conserva-se no plural fechada a dita vogal, como: *globo*, *globos*; *soco*, *socos*; *almoço*, *almoços*; *lodo*, *lodos*; *fofo*, *fofos*; *sogro*, *sogros*; *nojo*, *nojos*; *bolso*, *bolsos*; *pioelho*, *pioelhos*; *tomo*, *tomos*; *dono*, *donos*; *escopo*, *escopos*; *acordo*, *acordos*; *mormo*, *mormos*; *choro*, *choros*; *morro*, *morros*; *dorso*, *dorsos*; *conforto*, *confortos*; *sorvo*, *sorvos*; *encosto*, *encostos*; *gafanhoto*, *gafanhotos*; *roxo*, *roxos*; *mocho*, *mochos*; *rapozo*, *rapozos*.

Exceptuam-se: 1.^o quando o *o* é seguido de *o* mas precedido de *tr*, abre-se no plural: *troço*, *trócos*; 2.^o quando o *o* é seguido de *ç*, mas precedido de *p*, ou *tr*, fica aberto no plural: *poço*, *poços*; *destroço*, *destrócos*; 3.^o *miolo* e *tijolo* fazem no plural — *miólos* e *tijólos* — porque não têm consoante alguma que preceda immediatamente o *o*. Pela mesma razão: — *olho* faz *ólhos*.

4.^o Exceptuam-se tambem — *côro* e *fôro* que fazem *córos* e *fóros*; *socorro* e *forro* que fazem — *socórros* e *fórros*.

5.º *Porto* — faz no plural — *pórtos*.
6.º *Composto*, *imposto* e *preposto* — fazem: *compósitos*, *impósitos* e *preósitos*; — e como estes, todos os formados do verbo *pôr*.
Quando a vogal *o* fechada vem antes de *g*, *rn*, *rp*, *so*, *ss*, *v*, no plural transforma-se em *ó* aberto.

Antes de *g*: — *fogo*, *fógos*; — exceptuam-se: — *desafogo* e *pedagogo*.

Antes de *rn*: — *adorno*, *adórnos*.

Antes de *rp*: — *corpo*, *córpos*.

Antes de *so*: — *goso*, *amorado*, *gósos*, *amorósos* e todos os terminados em *oso*.

Antes de *ss*: — *osso*, *óssos* — exceptuam-se: — *endosso*, *ensosso*; porque — *endosso* — é composto do vocabulo — *dorso* (o antes de *rs*), e — *ensosso* — é composto de *in* e *salsus* que mudando *a* em *o*, *l* em *s* produz as sillabas — *osso* — as quaes não vêm do substantivo — *osso*.

Antes de *v*: — *ovo*, *óvos*; *povo*, *póvos*.

Alguns substantivos não são usados no singular: *alviçaras*, *algemas*, *matinas*, *nupcias*, *trevas*, *calças*, *oculos*, etc.

Outros não se usam no plural:

1.º os nomes proprios.

Exceptua-se o caso em que são empregados figuradamente, indicando uma classe, ou se applicando a dois ou mais individuos da mesma familia. Fr. Luiz de Sousa: *Logo mal escreveram os JERONYMOS, os AMBROSIOS, os AGOSTINHOS*.

Luiz de Camões:

Dá a terra lusitana SCIPIÕES,

CESARES, ALEXANDRES, *dá* AUGUSTOS.

2.º os nomes de sciencias, artes, virtudes, vicios e ventos empregados abstractamente: *filologia*, *pintura*, *caridade*, *embriaguez*, *norte*.

3.º os nomes de metaes e substancias inorganicas: *ouro*, *hidrogenio*.

4.º os nomes de productos animaes e vegetaes: *leite*, *azeite*, *cera*, *borracha*.

Em geral os substantivos abstractos não são usados no plural.

Muitos desses substantivos que não soffrem flexão de plural, são usados no plural por escritores de nota:

Quanto se deve a homens que padecem FOMES, SÊDES, FRIOS, CALMAS ardentissimas. (Jeronymo Osorio).

Assim como eram dois os calices, assim eram tambem duas as SÊDES. (P. Antonio Vieira).

Tirarão os calices e vasos sagrados e applica-los-ão a suas nefandas EMBRIAGUEZES. (Idem).

Entre as POBREZAS e DESEMPAROS, *entre os* ASCOS e as MISERIAS. (Idem).

Das FOMES, *dos* perigos grandes. (Luiz de Camões).

Há substantivos que, soffrendo a flexão de plural, mudam de significação: *Bem* (amisade) e *bens* (fortuna); *honra* (qualidade do homem puro) e *honras* (dignidades); *liberdade* (qualidade do ser livre) e *liberdades* (atrevimento); *letra* (signal alfabetico) e *letras* (literatura, sciencia).

Não vim buscar nosso BEM, *vim buscar nossos* BENS. (A. Vieira).

Deixando as armas e as armaduras, a LIBERDADE e as LIBERDADES da vida, *se vestiu de um habito religioso*. (Idem).

Os substantivos compósitos — separados na escrita por um traço de união — fórmam o plural de um modo especial, conforme os elementos de composição.

Os compósitos de substantivos, de adjectivos, ou de um substantivo e um adjectivo, ambos tomam a fórma do plural: *mestre-escola*, *mestres-escolas*; *gentil-homem*, *gentis-homens*; *capitão-mór*, *capitães-móres*; *lusco-fusco*, *luscoscuscos*. Exceptua-se o caso de já haver desaparecido o traço de união que os liga, porque farão o plural como substantivos simples: *madresilva*, *varapáu*, *aguapé*, *vangloria*, que fazem: *madresilvas*, *varapáus*, *aguapés*, *vanglorias*.

Nos compósitos de verbo e substantivo ou de palavra invariavel e substantivo ou adjectivo, sómente o ultimo termo toma a fórma do plural: *guarda-vestido*, *guarda-*

vestidos; sobre-mesa, sobre-mesas; maldito, malditos; todo-poderoso, todo-poderosos.

Os compósitos terminados em verbo tomam a flexão de plural como si fossem substantivos simples: *vai-vem, vai-vens; mal-me-quer, mal-me-queres; bem-te-vi, bem-te-vis.*

Os compósitos de dois substantivos ligados pela preposição *de*, recebem a flexão no primeiro elemento de composição: *cabo-de-esquadra, cabos-de-esquadra; pão de ló, pães de ló.*

Nos compósitos em que o primeiro termo é uma palavra contracta, esta fica invariável: *físico-matemática, físico-matemáticas; anglo-alemão, anglo-alemães.*

III

FLEXÃO DE GRÁU

Os substantivos, além da flexão de género e de número, podem também mudar a sua terminação para exprimir a maior ou menor intensidade na grandeza dos objectos. Dá-se a essa flexão o nome de *gradativa*.

Gráu é a maior ou menor intensidade que póde ter a significação das palavras.

A noção de gráu se applica a qualquer classe de palavras, conforme o sentido e a extensão que se derem a essa noção.

Deste modo quem negará que nos sinónimos se observa este fenómeno?

Por acaso não terá uma significação mais intensa a palavra *palacio* do que a palavra *casa*?

O mesmo podemos dizer si observarmos a etimologia de certas preposições como: *in*, comparativo *inter*, superlativo *intimus*; *ex*, comparativo *extra*, superlativo *extremus*; *sub*, *super*, *supremus*, etc.

Nos pronomes as fórmulas do gráu comparativo ariano *ter* são indiscutíveis: *nos*, comparativo *noster*; *vos*, comparativo *voster*.

Os verbos, por sua vez, podem ser susceptíveis de gráu.

Assim, exprimindo a frequência ou reiteração de um acto, diremos: *saltitar, palpitar* e *tutucar* originados de *saltar, palpar* e *tocar*.

Este processo é usado pelos indigenas: *muré*, flauta, *muré-muré*, flauta grande.

Muitas vezes encontramos as fórmulas do gerúndio assumindo flexão diminutiva como para dar mais expressão á frase, o que também acontece no Gallego e Espanhol: Estar *dormindinho*.

Da mesma maneira os advérbios aceitam uma mudança na terminação para tomar fórmula diminutiva: *cedinho, devagarinho, depressinha*.

No estilo familiar é uso repetir a mesma palavra para augmentar a força da expressão: Estou *muíto muíto* satisfeito.

Em Gil Vicente encontram-se fórmulas de uso popular:

*Que dos MUI MUITOS ciúmes
Nasce o MUI MUITO amor.*

Em Fernão Lopes: *Gente de pé MUI MUITA sem conto.*
Nos antigos Cancioneiros: *Tam muíto.*

Os gráus são dois: *augmentativo* e *diminutivo*.
O estado normal da palavra se chama *positivo*.

Augmentativo é o que exprime o exagero, a maior intensidade da significação do substantivo: *caixão*.

Diminutivo é o que exprime a atenuação, a menor intensidade da significação do substantivo: *caixinha*.

O gráu augmentativo e o diminutivo podem ser *analítico* e *sintético*.

Anallítico é o representado por duas palavras.

N'este caso as palavras empregadas são: *grande* para o augmentativo, e *pequeno* para o diminutivo: *casa grande, casa pequena*.

Sintetico é o formado por meio de suffixos.

E' este o caso mais usual na Língua.

Para formar o *augmentativo sintético* devemos observar:

1.º Os nomes que terminam em vogal, perdem esta letra e soffrem o acrescimo dos suffixos *ão, aço, az, azio, alha, orio, astro*: *casaco, casação; mestre, mestraço; copo, copazio; muro, muralha; sabido, sabidorio; poeta, poetastro*.

2.º Os que terminam em consoante soffrem, sem mais alteração, o acrescimo do suffixo: *mulher, mulherão* ou *mulheraça*, etc.

Muitos substantivos fórman o augmentativo de um modo irregular.

Assim de *amigo* o augmentativo é *amigalhão*; de *boca*, *boqueirão*; de *espada*, *espadagão*; de *cão*, *canzarrão*; de *nariz*, *narigão*; de *tolo*, *toleirão*; de *santo*, *santarrão*; de *homem*, *homemzarrão*.

A Língua Portuguesa possui certas palavras que exprimem augmento, representadas por palavras no positivo: *cansaço, comilão, dizidor, estirão, fujão*.

Para formar o *diminutivo sintético* devemos observar:

1.º Si o nome terminar em vogal perde a vogal e soffre o augmento do suffixo diminutivo; ou depois de acrescentar a letra *z*, junta-se, sem alteração alguma, esse suffixo: *filho, filhinho; cão, cãozinho*.

2.º Si terminar por consoante junta-se o suffixo, ou se acrescenta primeiro a letra *z* e junta-se depois o suffixo: *colhér, colherinha, colhêrzinha*.

3.º Si o nome estiver no plural, perde a letra — *s* — final antes de acrescentar o suffixo diminutivo: *grão, grãozito, grãos, grãozitos; mãe, mãezinha, mães, mãezinhas; arvore, arvorezinha, arvores, arvorezinhas*.

Os suffixos diminutivos são:

acho: rio, riacho; **culo**: animal, animalculo; **eco**: livro, livresco; **ejo**: lugar, lugarejo; **el**: corda, cordel; **elha**: aza, azelha; **olo**: bolo, bolinho; **ela**: via, viela;

ete: sabão, sabonete; **eto**: côro, cõreto; **lea**: flôr, florica; **leo**: abano, abanico; **ilha**: manta, mantilha; **im**: flauta, flautim; **inho**: bolo, bolinho; **isco**: chuva, chuvisco; **ito**: pé, pézito; **ola**: saco, sacola; **ote**: rapaz, rapazote; **ucho**: papel, papelucho; **ulo**: globo, globulo.

Os augmentativos são muitas vezes tomados em mau sentido, á má parte, são empregados por ironia: *sabichão*, indicando homem ignorante: *valentão*, homem medroso.

Este gráu tem o nome particular de **pejorativo**.

Alguns diminutivos exprimem, em certos casos, carinho, amor: *paizinho, mulherzinha*.

O diminutivo tambem pôde ser formado pela repetição de uma sillaba do substantivo: *Zézé*, formado de *José*; *Lo-lota*, de *Carlota*; *Lulú*, de *Luiz*.

Esses diminutivos são chamados *hipocorísticos*.

O suffixo augmentativo — *ão* — exprime ás vezes idéia de diminuição: *cordão*, augmentativo de *corda*, exprime objecto de menores dimensões; o mesmo se observa entre *limão* e *lima*. O suffixo — *inho* — é sempre do mesmo genero que seu primitivo: *casa, casinha; bolo, bolinho*; o suffixo — *ão* —, entretanto é de genero differente: *casa, casarão*.

São de grande interessse as seguintes observações de João Ribeiro:

1.ª Muitas vezes o feminino de um nome é um diminutivo: do positivo *rapaz*, o feminino é o diminutivo *rapariga*; o positivo *gallo* tem para feminino o diminutivo *gallinha*.

2.ª O genero do augmentativo dos femininos pôde ser masculino: *um mulherão*: *um carão*: mesmo pôde succeder aos diminutivos: *um espadim, um flautim*.

3.ª Os diminutivos dos nomes de animaes são muitas vezes representados por expressões differentes que indicam varias fases da vida do animal: *pinto, frango, gallo; bezerro, boi; novilha, vitella, vaca; leitão, porco; borrego, ovelha; poldro, sendeiro, cavallo; borracho* é diminutivo de ave de ninho; *cachorro* diminutivo de animaes quadrupedes.



III

Adjectivo

I

FLEXÕES DE GENERO E DE NUMERO

As leis geraes que regem a flexão generica e numerica dos substantivos, se applicam com poucas excepções ou ampliações aos adjectivos. Os adjectivos não têm genero e sim terminações que se adaptam ao genero dos substantivos.

Os adjectivos que não mudam de terminação, são chamados *uniformes*, em contraposição aos outros que são *biformes*, isto é, têm duas fórm.

Dentre as regras para a formação generica do adjectivo destacamos:

Os adjectivos que terminam em *o*, mudam-no para *a*: *justo, justa, cujo, cuja*. Os terminados em *ovo* e *oso* abrem o penultimo *o*: *novo, nôva; generoso, generôsa*. Só é uniforme. O adjectivo *parvo*, significando *pequeno*, segue a regra geral: *parva*, significando *tolo, palerma, nescio*, faz o feminino *parvoa*. *Alguma* PARVOA *tenção*, escreveu Camões. As *eloquencias* PARVOAS e *semsabores*, disse Herculano.

Os que terminam em *u* acrescentam *a* quando aquella letra é precedida de consoante: *cru, crua*. Quando faz parte do ditongo *eu* muda este ditongo em *êa*: *uropeu, europeia; plebeu, plebeia; atheu, athêa*. Exceptuam-se: *meu, minha; teu, tua; seu, sua; judeu, judia; sandeu, sandia; ilhéu, ilhêa; tabaréu, tabarêa*.

Os que terminam em *ez, or, ol* e *um* acrescentam *a*: *portuguez, portugueza; conhecedor, conhecedora; espanhol, espanhola; um, uma; algum, alguma*. Exceptuam-se: *cortez, montez, pedrez, soez; bicolor, incolor, multicolor, sem-sabor, tricolor*, e os comparativos em *or*: *superior, exterior, etc.; reinol; cabrum, commum, ovelhum, vacum*, que são uniformes. *Commum* antigamente fazia *commua*.

É preciso notar que os nomes terminados em *or*, têm tres fórm.

para o feminino: *director, directora; enredador, enredadeira; gerador, geratriz*.

Geralmente são considerados como substantivos.

Os terminados em *ão* mudam esta terminação para *ã*: *christão, christã*.

Afastam-se destas regras: *bom, bôa; dois, duas; máu, má*.

São uniformes:

1.º Os acabados em *a* e *e*: *janota, idiota, pobre, prudente*. Exceptuam-se: *este, esta; esse, essa; aquelle, aquella*.

2.º Os acabados em *al*: *leal*; em *el*: *cruel, amavel*; em *il*: *util, subtil*; em *ul*: *azul*; em *ar*: *singular*; em *er*: *esmoler*; em *az*: *capaz*; em *iz*: *feliz*; em *oz*: *veloz*; em *m*: *ruim*; em *n*: *joven*; em *s*: *simples*.

Antigamente não tinham terminação feminina os adjectivos terminados em *or*: *Huma FREMOSA PASTOR*. (Cancioneiro de D. Diniz). *ARTE IMITADOR da natureza, Princeza, filha de David, DIVINA CAÇADOR*. (Arrais) *Quanto mais que sou A DEVEDOR*. (Jorge de Albuquerque). *MARIA, MORADOR em Lisboa*. (Fernão Lopes). *NICOSTRATA, madre de Evandro, foi INVENTOR de 17 letras do abecedario, VARA de disciplina, DESTRUIDOR dos ma-*

les, DEFENSOR da pureza. LETRAS CONSERVADORES de todas as boas obras, (João de Barros).

Até o século 16.º, os adjectivos terminados em *ol* eram uniformes: LETRAS HESPAÑHÓES. (Duarte Nunes Leão). O mesmo acontecia com os terminados em *ez* e *iz*: SENHORA, pois de tão longe vos acolhem por JUIZ. (Francisco de Moraes). *Acabou-se o confissionario em LINGUAGEM PORTUGUEZ.* (Garcia de Rezende). MOEDAS FRANCEZES. (Ineditos da historia portugueza). *Capitão de GENTE PORTUGUEZ.* (Sá de Miranda). *Livro de oração em LINGUAGEM PORTUGUEZ.* (João de Barros). *A nossa PORTUGUEZ casta LINGUAGEM.* (Diniz).

Os adjectivos fôrma o plural da mesma maneira que os substantivos.

Apenas se nota que os adjectivos contraídos, por apócope, como *são*, contraído de *santo*; *grão* ou *gran*, contraído de *grande*, não se usam no plural.

A fôrma contraída *são* se emprega antes dos nomes que começam por consoante: *São José*, com excepção de *Santo Deus*, *Santo Tirso*, *Santo Christo*, *Santo Thomaz*. A fôrma completa *Santo* se usa antes dos nomes que começam por vogal: *Santo Antonio*.

Qualquer só tem flexão de numero no seu primeiro termo componente: *quaesquer*.

II

FLEXÃO DE GRÁU

Herdamos do Latim os dois *graus* de significação a que estão sujeitos os adjectivos qualificativos.

Os graus são: **comparativo** e **superlativo**.

O **positivo** exprime só e simplesmente a qualidade: *Maria é bella*.

O **gráu comparativo** exprime uma qualidade em *igual*, *maior* ou *menor* gráu relativamente á qualidade de outro substantivo.

Os comparativos são tres:

De **igualdade**: *O mar é TAM BELLO como o céu.*

De **superioridade**: *O mar é MAIS BELLO que o céu.*

De **inferioridade**: *O mar é MENOS BELLO que o céu.*

O **gráu superlativo** exprime a qualidade do substantivo no mais alto ou no mais baixo gráu relativamente á qualidade de outro substantivo. É o **superlativo relativo**: *O MAIS RICO dos homens não é o MAIS FELIZ. O orgulhoso é o MENOS FELIZ na sociedade.*

O **gráu superlativo** exprime a qualidade do substantivo no mais alto ou no mais baixo gráu sem comparação, sem relatividade. É o **superlativo absoluto**: *Homem MUITO ALTO, ou ALTÍSSIMO.*

O gráu comparativo se subdivide em comparativo de *igualdade*, de *superioridade* e de *inferioridade*, e o superlativo se subdivide em *absoluto* e *relativo*.

Póde-se formar o *comparativo* de dois modos:

1.º *Analiticamente*, juntando-se ao positivo os adverbios *tão*, *tanto* (igualdade), *mais* (superioridade), *menos* (inferioridade).

A *tam* e *tanto* correspondem as fôrmas *como* e *quanto*: *A luz é TAM PRECIOSA COMO ou QUANTO a agua.*

A *mais* e *menos* corresponde *que* ou *do que*: *Outra pedra MAIS CLARA QUE ou DO QUE o diamante.*

A *rosa* é MENOS BELLA QUE ou DO QUE a violeta.

2.º *Sinteticamente*, por meio do suffixo *or*.

Só possuímos em Portuguez os seguintes comparativos sintéticos: *bom*, comp. *melhor*; *máu*, comp. *peior*; *grande*, comp. *maior*; *pequeno*, comp. *menor*; *alto*, comp. *superior*; *baixo*, comp. *inferior*.

Junior, *senior*, *major*, *prior*, *exterior*, *posterior*, *anterior*, embora pela sua origem possam ser incluídos nesta classe, são considerados como substantivos ou adjectivos positivos.

O Portuguez possui também fórmulas de comparativo sintético exprimindo idéias de superioridade ou inferioridade mas representadas por adjectivo positivo: *maiusculo* que corresponde no Latim a *grandiusculo* e *minusculo*, dos quaes formamos também — *maiorzinho* e *menorzinho* — e o substantivo — *mindinho*.

O superlativo póde ser *absoluto* e *relativo*.

Si fôr expresso por uma só palavra é *sintético*: *justissimo*; si fôr expresso por mais de uma, é *analítico*: *muito justo*.

O *superlativo absoluto sintético* se fórma da seguinte maneira:

1.º Si o adjectivo terminar em consoante, soffre o acrescimo da terminação *imo* ou *issimo*: *facil*, *facilimo* ou *facilissimo*.

2.º Si o adjectivo terminar em vogal, perde esta vogal antes de soffrer o acrescimo da terminação: *excellente*, *excellentissimo*; *bello*, *bellissimo*.

Alguns adjectivos soffrem modificações antes de acceitar esse acrescimo.

Os que terminam em *vel*, mudam esta terminação para *bil*: *agradavel*, *agradabilissimo*; *notavel*, *notabilissimo*.

Os que terminam em *ão* ou *m* mudam-na para *n*: *chão*, *chanissimo*; *commum*, *communissimo*.

Os que terminam em *z*, mudam-na para *c*: *feroz*, *ferocissimo*.

Os que terminam em *co*, mudam-na para *qu*: *rico*, *riquissimo*; ou deixam cair a vogal: *parco*, *parcissimo*.

Os que terminam em *go* mudam esta terminação para *gu*: *vago*, *vaguissimo*.

Possue a Lingua portugueza superlativos absolutos sintéticos formados irregularmente.

Estão em primeiro lugar:

<i>Bom</i> ,	comp. <i>melhor</i> ,	sup. <i>optimo</i> .
<i>Máu</i> ,	» <i>peor</i> ,	» <i>pessimo</i> .
<i>Grande</i> ,	» <i>maior</i> ,	» <i>maximo</i> .
<i>Pequeno</i> ,	» <i>menor</i> ,	» <i>minimo</i> .
<i>Alto</i> ,	» <i>superior</i> ,	» <i>summô</i> ou <i>supremo</i> .
<i>Baixo</i> ,	» <i>inferior</i> ,	» <i>infimo</i> .

Ha, entretanto, algumas fórmulas regulares, usadas pelo povo: *bonissimo*, *malissimo*, *grandissimo*, *pequeninissimo*.

Em segundo lugar:

<i>acre</i>	sup. <i>acerrimo</i>	<i>magnifico</i>	sup. <i>magnificentissimo</i>
<i>amigo</i>	» <i>amicissimo</i>		
<i>antigo</i>	» <i>antiquissimo</i>	<i>misero</i>	» <i>miserrimo</i>
<i>aspero</i>	» <i>asperrimo</i>	<i>nobre</i>	» <i>nobilissimo</i>
<i>celebre</i>	» <i>celeberrimo</i>	<i>pobre</i>	» <i>pauperrimo</i>
<i>christão</i>	» <i>christianissimo</i>	<i>sabio</i>	» <i>sapientissimo</i>
<i>cruel</i>	» <i>crudelissimo</i>		
<i>doce</i>	» <i>dulcissimo</i>	<i>sagrado</i>	» <i>sacratissimo</i>
<i>fiel</i>	» <i>fidelissimo</i>	<i>salubre</i>	» <i>saluberrimo</i>
<i>frio</i>	» <i>frigidissimo</i>	<i>similhante</i>	» <i>similimo</i>
<i>geral</i>	» <i>generalissimo</i>	<i>simples</i>	» <i>simplissimo</i>
<i>humilde</i>	» <i>humilimo</i>		
<i>integro</i>	» <i>integerrimo</i>	sem po-	} » <i>uberrimo</i>
<i>livre</i>	» <i>liberrimo</i>	sitivo.	

Muitos destes superlativos têm, além desta fórmula, uma outra regular: *pobrissimo* e *pauperrimo*; *friissimo* e *frigi-*

dissimo; integrissimo e integerrimo; asperissimo e asper-rimo; bonissimo e optimo; pequenissimo e minimo.

Os primeiros são superlativos *populares* e os segundos *eruditos*.

Miseravelissimo foi usado por Fr. Luiz de Souza; *pobrisissimo* por M. Bernardes; *grandessissimo* por A. Herculano; *facilissimo* por Amador Arrais; *difficilissimo* por Heitor Pinto.

Ha tambem superlativos e mesmo comparativos cujos positivos não se empregam: *minazcissimo*, positivo *minaz*; *belacismo*, positivo *belaz*.

O superlativo *absoluto analitico* se fórma antepondo-se ao adjectivo positivo os adverbios *mui*, *muito* ou *nada*, ou então os adverbios em *mente*, ou os adverbios *assás* e *demasiado*: *João é* MUI, MUITO, ASSÁS, GRANDEMENTE, NADA *sabio*.

O superlativo *relativo sintetico* se fórma com os comparativos sinteticos precedidos do artigo e seguidos da preposição *de*: *o MELHOR DOS agouros é combater pela patria*.

O superlativo *relativo analitico* se fórma antepondo-se as palavras *o mais* ou *o menos* e suas variações ao positivo: *A caridade é* A MAIS NOBRE *das virtudes*. *O ar é* O MENOS PESADO *dos elementos*.

Alguns adjectivos qualificativos não têm gráu: *jovem*, *longinquo*, *adolescente*, *immortal*, *repentino*, *angular*, *redondo*, *principal*, etc.

III

Pronomes pessoaes

Além das flexões de genero e de numero que têm os pronomes pessoaes como qualquer adjectivo, apresentam mais a

DECLINAÇÃO

Singular

	1. ^a pessoa	2. ^a pessoa	3. ^a pessoa	3. ^a pessoa (reflexa)
Nominativo	eu	tu	elle, ella	
Dativo	mim	ti	lhe	si
Acusativo	me	te	o, a	se
Ablativo	commigo	contigo		comsigo

Plural

	nós	vós	elles, ellas	
Nominativo	nós	vós	lhes	si
Dativo	nos	vos	os, as	se
Acusativo	nos	vos		comsigo
Ablativo	connosco	convosco		

IV

Verbo

O verbo admite variações de pessoa, numero, tempo e modo.

Pessoa e numero do verbo são as formas que elle toma para indicar a pessoa e numero do sujeito.

As pessoas são três, representadas pelos pronomes: *eu, tu, elle* ou *ella* para o numero *singular*; *nós, vós elles* ou *ellas* para o numero *plural*.

As pessoas podem tambem ser conhecidas pelas terminações das formas verbaes, com exclusão dos pronomes pessoais.

Tempo é a forma que o verbo toma para indicar a epoca do que vai ser enunciado.

Os tempos são tres: **presente, preterito** ou **passado e futuro**.

O **presente** indica que a acção é actual: *amo*.

O **preterito** indica indeterminadamente que a acção foi realzada: *amei*.

Este tempo é chamado tambem **auristo**.

O **futuro** indica que a acção ainda se vai realizar: *amarei*.

Além destes ha mais:

O **preterito imperfeito** que indica a acção passada contemporanea de outra passada: *ESTUDAVA quando chegaste*.

O **preterito perfeito composto** ou simplesmente **preterito perfeito** que indica que acção passada é repetida, ainda continúa: *tenho amado*.

O **preterito mais que perfeito** que indica que a acção é passada relativamente a uma outra já passada: *amára ou tinha amado*.

O **futuro anterior** que indica que a acção ha de realizar-se relativamente a um outro tempo: *terei amado*.

Os tempos podem ser:

Simples, os expressos por um só verbo: *amo*.

Compósitos, os expressos por mais de um verbo: *terei amado*.

Auxiliar é o verbo que com outro formam os tempos compósitos, como: *ser, ter e haver*.

O verbo *ser* forma a voz passiva com o participio passado dos verbos: *sou amado*.

Os verbos *ter* e *haver* formam dois tempos: *preterito* e *futuro*.

O *preterito* é formado com estes verbos no tempo presente e o participio passado do verbo auxiliado: *hei amado; tenho amado*.

O *futuro* é formado com esses verbos conjugados com o verbo auxiliado no infinitivo impessoal, regido da preposição *de*: *tenho de amar, hei de amar*, ou com o futuro simples do auxiliar e o participio passado do verbo auxiliado: *terei amado, haverei amado*.

Modo é a forma que o verbo toma para ser enunciado.

Os modos são tres: **indicativo, imperativo** e **subjuntivo**, chamados *finitivos*.

O **indicativo** enuncia, indica um facto positivo: *amo*.

O **imperativo** enuncia um facto pedido ou ordenado: *amai, estudaí*.

O **subjuntivo** enuncia um facto dependente de uma contingencia para que se realize: *amasse*.

O *subjuntivo* toma o nome de *optativo*, quando exprime um desejo, uma permissão: QUEIRA Deus que tal aconteça. A felicidade te ACOMPANHE. QUIZESSEM os céus me ajudar!

Alguns grammaticos acrescentam a estes o **condicional** e o **infinitivo**.

Porém o **condicional** indica apenas um tempo futuro dependente de uma condição. E', como diz Adolpho Coelho, um *imperfecto* formado por derivação impropria ou um *futuro passado*, na expressão de Meyer-Lubke. Há quem o denomine também de *futuro relativo*.

O **infinitivo** é um verdadeiro nome substantivo ou adjectivo, é uma simples forma nominal. Indica o facto de uma maneira vaga e geral.

O **participio presente** tem o valor de um adjectivo e termina em *te*. Muitos delles têm hoje o valor de substantivos: *levante (levar)*; *tenente (ter)*; *poente (poer)*. Não pertence mais á conjugação.

Ha alguns verbos que não possuem participios presentes: *vestir, dar*, etc.

O **participio passado** é também um derivado verbal que equivale a um adjectivo.

Termina, menos no verbo *pôr*, em *do*, serve para formar as linguagens compôstas e exprime a acção terminada, o acto realizado: *amado*.

O **participio do futuro** é simples adjectivo ou substantivo e termina em *ouro*: *casadouro*; em *undo*:

furibundo; em *endo*: *reverendo*; em *ando*: *doutorando*; *venerando*.

Desappareceu completamente da conjugação portugueza e só existe com as funções de nome.

O **gerundio** termina em *ando*, *endo*, *indo*, *ondo*: *amando, lendo, vestindo, pondo*.

QUADRO DOS TEMPOS

MODO INDICATIVO	MODO SUBJUNTIVO
<i>Tempos simples</i>	<i>Tempos simples</i>
Presente — <i>Amo</i> .	Presente — <i>Ame</i> .
Pret. imperf. — <i>Amava</i> .	Pret. imperfecto — <i>Amasse</i> .
Pret. aoristo — <i>Amei</i> .	Futuro — <i>Amar</i> .
Pret. mais que perfeito — <i>Amára</i> .	<i>Tempos compôstos</i>
Futuro — <i>Amarei</i> .	Pret. perfeito — <i>Tenha amado</i> .
Condicional — <i>Amaria</i> .	Pret. mais que perfeito — <i>Tivesse amado</i> .
<i>Tempos compôstos</i>	Futuro — <i>Tiver amado</i> .
Preterito perfeito — <i>Tenho amado</i> .	INFINITIVO
Pret. mais que perfeito — <i>Tinha amado</i> .	<i>Tempos simples</i>
Futuro — <i>Terei amado</i> .	Pres. impessoal — <i>Amar</i> .
Condicional — <i>Teria amado</i> .	Pres. pessoal — <i>Amar eu</i> .
MODO IMPERATIVO	Gerundio — <i>Amando</i> .
<i>Tempos compôstos</i>	
Presente ou Futuro — <i>Ama tu</i> .	Pret. impes. — <i>Ter amado</i> .
	Pret. pessoal — <i>Ter eu amado</i> .
	Gerundio — <i>Tendo amado</i> .

Conjugar um verbo é faze-lo passar por todas as fórmás que modificam a idéia contida no thema, relativamente á existencia, ao sujeito, á acção, ao tempo. (*Guardia e Wierzeyski*).

Conjugação é o conjunto de todas as flexões do verbo.

As conjugações são quatro e se conhecem pelas terminações do presente impessoal do infinitivo.

A 1.^a conjugação termina em *ar*; a 2.^a em *er*; a 3.^a em *ir*; a 4.^a em *or*.

A 4.^a conjugação é de uso pratico; é fórmula contracta da 2.^a conjugação. A ella pertence o verbo *pôr* (*poer*) e seus compósitos.

Conforme a conjugação, os verbos se dividem em *regulares* e *irregulares*.

Regular é o verbo que segue a norma da conjugação a que pertence: *amar*.

Irregular é o verbo que se afasta da norma da conjugação a que pertence: *pedir*.



TERMINAÇÕES DOS VERBOS

TEMPOS SIMPLES

1.^a conj.

2.^a conj.

3.^a conj.

Indicativo

<i>Presente</i>	o	o	o
	as	es	es
	a	e	e
	amos	emos	imos
	ais	eis	is
<i>Imperfeito</i>	am	em	em
	ava	ia	ia
	avas	ias	ias
	ava	ia	ia
	ávamos	íamos	íamos
<i>Aoristo</i>	aveis	ieis	ieis
	avam	iam	iam
	ei	i	i
	aste	este	iste
	ou	eu	iu
	ámos	emos	imos
	astes	estes	istes
	aram	eram	iram

<i>Mais que perfeito</i>	ára	êra	íra
	áras	êras	íras
	ára	êra	íra
	áramos	êramos	íramos
	áreis	êreis	íreis
	áram	êram	íram

<i>Futuro (*)</i>	ei	ei	ei
	ás	ás	ás
	á	á	á
	emos	emos	emos
	eis	eis	eis
	ão	ão	ão

<i>Condicional</i>	ia	ia	ia
	ias	ias	ias
	ia	ia	ia
	íamos	íamos	íamos
	ieis	ieis	ieis
	iam	iam	iam

Imperativo

<i>Presente</i>	a	e	e
	ai	ei	i

Subjunctivo

<i>Presente</i>	e	a	a
	es	as	as
	e	a	a
	emos	âmos	âmos
	eis	ais	ais
	em	am	am

<i>Preterito imperfeito</i>	asse	esse	isse
	asses	esses	isses
	asse	esse	isse
	ássemos	essemos	issemos
	ásseis	esseis	isseis
	assem	essem	issem

(*) O futuro e o condicional formam-se juntando-se estas terminações ao infinitivo presente impessoal.

<i>Futuro</i>	ar	er	ir
	ares	eres	ires
	ar	er	ir
	armos	ermos	irmos
	ardes	erdes	irdes
	arem	erem	irem

Infinitivo

<i>Presente impessoal</i>	ar	er	ir
---------------------------	----	----	----

<i>Presente pessoal</i>	ar	er	ir
	ares	eres	ires
	ar	er	ir
	armos	ermos	irmos
	ardes	erdes	irdes
	arem	erem	irem

<i>Gerundio</i>	ando	endo	indo
<i>P. passado</i>	ado	ido	ido

CONJUGAÇÃO REGULAR

TEMPOS SIMPLES

<i>1.ª conj.</i>	<i>2.ª conj.</i>	<i>3.ª conj.</i>
------------------	------------------	------------------

Modo indicativo

Presente

Eu amo	Como	Parto
Tu amas	Comes	Partes
Elle ama	Come	Parte
Nós amamos	Comemos	Partimos
Vós amais	Comeis	Partis
Elles amam	Comem	Partem

Preterito imperfeito

Eu amava	Comia	Partia
Tu amavas	Comias	Partias
Elle amava	Comia	Partia
Nós amávamos	Comíamos	Partíamos
Vós amaveis	Comieis	Partieis
Elles amavam	Comiam	Partiam

Preterito aoristo

Eu amei	Comi	Parti
Tu amaste	Comeste	Partiste
Elle amou	Comeu	Partiu
Nós amámos	Comemos	Partimos
Vós amastes	Comestes	Partistes
Elles amaram	Comeram	Partiram

Preterito mais que perfeito

Eu amára	Comêra	Partira
Tu amáras	Comêras	Partíras
Elle amára	Comêra	Partira
Nós amáramos	Comêramos	Partíramos
Vós amáreis	Comêreis	Partíreis
Elles amáram	Comêram	Partiram

Futuro

Eu amarei	Comerei	Partirei
Tu amarás	Comerás	Partirás
Elle amará	Comerá	Partirá
Nós amaremos	Comeremos	Partiremos
Vós amareis	Comereis	Partireis
Elles amarão	Comerão	Partirão

Condicional

Eu amaria	Comeria	Partiria
Tu amarias	Comerias	Partirias
Elle amaria	Comeria	Partiria
Nós amariamos	Comeríamos	Partiríamos
Vós amarieis	Comerieis	Partirieis
Elles amariam	Comeriam	Partiriam

Modo imperativo

Ama tu	Come tu	Parte tu
Amai vós	Comei vós	Parti vós

Modo subjuntivo

Presente

Eu ame	Coma	Parta
Tu ames	Comas	Partas
Elle ame	Coma	Parta
Nós amemos	Comâmos	Partâmos
Vós ameis	Comais	Partais
Elles amem	Comam	Partam

Preterito imperfeito

Eu amasse	Comesse	Partisse
Tu amasses	Comesses	Partisses
Elle amasse	Comesse	Partisse
Nós amássemos	Comêssemos	Partissemos
Vós amásseis	Comesseis	Partisseyis
Elles amassem	Comessem	Partissem

Futuro

Eu amar	Comer	Partir
Tu amares	Comeres	Partires
Elle amar	Comer	Partir
Nós amarmos	Comermos	Partirmos
Vós amardes	Comerdes	Partirdes
Elles amarem	Comerem	Partirem

Infinitivo

Presente impessoal

Amar	Comer	Partir
------	-------	--------

Presente pessoal

Amar eu	Comer	Partir
Amares tu	Comeres	Partires
Amar elle	Comer	Partir
Amarmos nós	Comermos	Partirmos
Amardes vós	Comerdes	Partirdes
Amarem elles	Comerem	Partirem

	<i>Gerundio</i>	
Amando	Comendo	Partindo
	<i>Participio passado</i>	
Amado	Comido	Partido

4.^a CONJUGAÇÃO

PÔR

Modo indicativo

<i>Presente</i>	<i>Preterito imperfeito</i>	<i>Aoristo</i>
Eu ponho	Punha	Puz
Tu pões	Punhas	Puzeste
Elle põe	Punha	Pôz
Nós pomos	Púnhamos	Pozemos
Vós ponde	Punheis	Pozêstes
Elles põem	Punham	Pozêram

<i>Mais que perfeito</i>	<i>Futuro</i>	<i>Condicional</i>
Eu puzera	Porei	Poria
Tu puzeras	Porás	Porias
Elle puzera	Porá	Poria
Nós puzéramos	Poremos	Poríamos
Vós puzereis	Poreis	Porieis
Elles puzeram	Porão	Poriam

Modo imperativo

Põe tu	Ponde vós
--------	-----------

Modo subjunctivo

<i>Presente</i>	<i>Preterito imperfeito</i>	<i>Futuro</i>
Eu ponha	Puzêsse	Puzér
Tu ponhas	Puzêsses	Puzéres
Elle ponha	Puzêsse	Puzér
Nós ponhâmos	Puzêssemos	Puzérmos
Vós ponhais	Puzêsseis	Puzérdes
Elles ponham	Puzêssem	Puzérem

Infinitivo

<i>Presente pessoal</i>	<i>Presente impessoal</i>
Pôr eu	Pôr
Pôres tu	
Pôr elle	<i>Gerundio</i>
Pôrmos nós	Pondo
Pôrdes vós	<i>P. passado</i>
Pôrem elles	Pôsto

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS AUXILIARES

TER

HAVER

SER

Modo indicativo

<i>Presente</i>		
Eu tenho	Hei	Sou
Tu tens	Has	E's
Elle tem	Há	E'
Nós temos	Havemos	Somos
Vós tendes	Havéis	Sois
Elles têm	Hão	São

<i>Preterito imperfeito</i>		
Eu tinha	Havia	Era
Tu tinhas	Havas	Eras
Elle tinha	Havia	Era
Nós tínhamos	Havíamos	Eramos
Vós tinheis	Havieis	Ereis
Elles tinham	Haviam	Eram

<i>Preterito aoristo</i>		
Eu tive	Houve	Fui
Tu tiveste	Houveste	Foste
Elle teve	Houve	Foi
Nós tivemos	Houvemos	Fomos
Vós tivestes	Houvestes	Fostes
Elles tiveram	Houveram	Foram

Mais que perfeito

Eu tivera	Houvera	Fôra
Tu tiveras	Houveras	Fôras
Elle tivera	Houvera	Fôra
Nós tivéramos	Houvérâmos	Fôramos
Vós tivereis	Houvereis	Fôreis
Elles tiveram	Houveram	Fôram

Futuro

Eu terei	Haverêi	Serei
Tu terás	Haverás	Serás
Elle terá	Haverá	Será
Nós teremos	Haveremos	Seremos
Vós tereis	Haveréis	Sereis
Elles terão	Haverão	Serão

Condicional

Eu teria	Haveria	Seria
Tu terias	Haverias	Serias
Elle teria	Haveria	Seria
Nós teríamos	Haveríamos	Seríamos
Vós teríeis	Haveríeis	Seríeis
Elles teriam	Haveriam	Seriam

Modo imperativo

Tem tu	Há	Sê
Tende vós	Havei	Sêde

Modo subjuntivo

Presente

Eu tenha	Haja	Seja
Tu tenhas	Hajas	Sejas
Elle tenha	Haja	Seja
Nós tenhamos	Hajamos	Sejamos
Vós tenham	Hajais	Sejais
Elles tenham	Hajam	Sejam

Preterito imperfeito

Eu tivesse	Houvesse	Fôsse
Tu tivesses	Houvesse	Fôsses
Elle tivesse	Houvesse	Fôsse
Nós tivéssemos	Houvéssemos	Fôssemos
Vós tivésseis	Houvésseis	Fôsseis
Elles tivessem	Houvéssem	Fôssem

Futuro

Eu tiver	Houver	Fôr
Tu tiveres	Houveres	Fôres
Elle tiver	Houver	Fôr
Nós tivermos	Houvermos	Fôrmos
Vós tiverdes	Houverdes	Fordes
Elles tiverem	Houverem	Fôrem

Infinitivo

Presente impessoal

Ter	Haver	Ser
-----	-------	-----

Presente pessoal

Ter eu	Haver	Ser
Teres tu	Haveres	Seres
Ter elle	Haver	Ser
Termos nós	Havermos	Sermos
Terdes vós	Haverdes	Serdes
Terem elles	Haverem	Serem

Gerundio

Tendo	Havendo	Sendo
-------	---------	-------

Participio passado

Tido	Havido	Sido
------	--------	------

CONJUGAÇÃO COMPLETA

(AUXILIAR TER)

ESTUDAR

Modo indicativo

Presente

Eu estudo
Tu estudas
Elle estuda
Nós estudamos
Vós estudaes
Elles estudam

Preterito imperfeito

Eu estudava
Tu estudavas
Elle estudava
Nós estudávamos
Vós estudaveis
Elles estudavam

Pret. aoristo

Eu estudei
Tu estudaste
Elle estudou
Nós estudámos
Vós estudastes
Elles estudaram

Pret. perfeito

Eu tenho estudado
Tu tens estudado
Elle tem estudado
Nós temos estudado
Vós tendes estudado
Elles têm estudado

Preterito mais que perfeito

Eu estudára
Tu estudáras
Elle estudára
Nós estudáramos
Vós estudáreis
Elles estudáram

Eu tinha ou tivera estudado
Tu tinhas ou tiveras estudado
Elle tinha ou tivera estudado
Nós tínhamos ou tiveramos estudado
Vós tínheis ou tivereis estudado
Elles tinham ou tiveram estudado

Futuro

Eu estudarei
Tu estudarás
Elle estudará
Nós estudaremos
Vós estudareis
Elles estudarão

Eu terei estudado
Tu terás estudado
Elle terá estudado
Nós teremos estudado
Vós tereis estudado
Elles terão estudado

Condicional

Eu estudaria
Tu estudarias
Elle estudaria
Nós estudaríamos
Vós estudarieis
Elles estudariam

Eu teria estudado
Tu terias estudado
Elle teria estudado
Nós teríamos estudado
Vós terieis estudado
Elles teriam estudado

Modo imperativo

Estuda tu
Estudai vós

Subjuntivo

Presente

Eu estude
Tu estudes
Elle estude
Nós estudemos
Vós estudeis
Elles estudem

Preterito imperfeito

Eu estudasse
Tu estudasses
Elle estudasse
Nós estudássemos
Vós estudásseis
Elles estudassem

Preterito perfeito

Eu tenha estudado
Tu tenhas estudado
Elle tenha estudado
Nós tenhamos estudado
Vós tenhais estudado
Elles tenham estudado

Pret. mais que perfeito

Eu tivesse estudado
Tu tivesses estudado
Elle tivesse estudado
Nós tivéssemos estudado
Vós tivésseis estudado
Elles tivessem estudado

Futuro

Eu estudar
Tu estudares
Elle estudar
Nós estudarmos
Vós estudardes
Elles estudarem

Eu tiver estudado
Tu tiveres estudado
Elle tiver estudado
Nós tivermos estudado
Vós tiverdes estudado
Elles tiverem estudado

Infinitivo

<i>Pres. impessoal</i>	<i>Pret. impessoal</i>
Estudar	Ter estudado
<i>Pres. pessoal</i>	<i>Pret. pessoal</i>
Estudar eu	Ter eu estudado
Estudares tu	Teres tu estudado
Estudar elle	Ter elle estudado
Estudarmos nós	Termos nós estudado
Estudardes vós	Terdes vós estudado
Estudarem elles	Terem elles estudado
<i>Gerundio</i>	<i>Participio passado</i>
Estudando	Tendo estudado
	Estudado

CONJUGAÇÃO DO VERBO PERIFRÁSTICO IR CORRENDO

TEMPOS SIMPLES

Modo Indicativo

<i>Presente</i>	<i>Imperfeito</i>
Eu vou correndo	Eu ia correndo
Tu vais correndo	Tu ias correndo
Elle vai correndo	Elle ia correndo
Nós vamos correndo	Nós iam correndo
Vós ides correndo	Vós ieis correndo
Elles vão correndo	Elles iam correndo
<i>Pret. aoristo</i>	<i>Mais que perfeito</i>
Eu fui correndo	Eu fôra correndo
Tu foste correndo	Tu fôras correndo
Elle foi correndo	Elle fôra correndo
Nós fomos correndo	Nós fôramos correndo
Vós fostes correndo	Vós fôreis correndo
Elles fôram correndo	Elles fôram correndo

Futuro

Condicional

Eu irei correndo	Eu iria correndo
Tu irás correndo	Tu irias correndo
Elle irá correndo	Elle iria correndo
Nós iremos correndo	Nós iríamos correndo
Vós ireis correndo	Vós iríeis correndo
Elles irão correndo	Elles iriam correndo

Modo imperativo

Vai tu correndo
Ide vós correndo

Modo subjuntivo

<i>Presente</i>	<i>Preterito imperfeito</i>
Eu vá correndo	Eu fosse correndo
Tu vás correndo	Tu fosses correndo
Elle vá correndo	Elle fosse correndo
Nós vamos correndo	Nós fossemos correndo
Vós vades correndo	Vós fosseis correndo
Elles vão correndo	Elles fossem correndo

Futuro

Eu fôr correndo
Tu fôres correndo
Elle fôr correndo
Nós fôrmos correndo
Vós fôrdes correndo
Elles fôrem correndo

Infinitivo

<i>Pres. impessoal</i>	<i>Pres. pessoal</i>
Ir correndo	Ir eu correndo
<i>Gerundio</i>	Ires tu correndo
Indo correndo	Ir elle correndo
<i>P. passado</i>	Irmos nós correndo
Ido correndo	Irdes vós correndo
	Irem elles correndo

CONJUGAÇÃO (Voz passiva)

SER AMADO

Modo indicativo

<i>Presente</i>		<i>Pret. imperfecto</i>	
Eu sou	} amado, a	Eu era	} amado, a
Tu és		Tu eras	
Elle, ella é	} amados, as	Elle, ella era	} amados, as
Nós somos		Nós eramos	
Vós sois		Vós ereis	
Elles, ellas são		Elles, ellas eram	

<i>Aoristo</i>		<i>Mais que perfeito</i>	
Eu fui	} amado, a	Eu fôra	} amado, a
Tu foste		Tu fôras	
Elle, ella foi	} amados, as	Elle, ella fôra	} amados, as
Nós fomos		Nós foramos	
Vós fostes		Vós foreis	
Elles, ellas foram		Elles, ellas foram	

<i>Futuro</i>		<i>Condicional</i>	
Eu serei	} amado, a	Eu seria	} amado, a
Tu serás		Tu serias	
Elle, ella será	} amados, as	Elle, ella seria	} amados, as
Nós seremos		Nós seríamos	
Vós sereis		Vós serieis	
Elles, ellas serão		Elles, ellas seriam	

Modo imperativo

Sê tu amado ou amada
Sêde vós amados ou amadas

Modo subjuntivo

<i>Presente</i>		<i>Pret. imperfecto</i>	
Eu seja	} amado, a	Eu fosse	} amado, a
Tu sejas		Tu fosses	
Elle, ella seja	} amados, as	Elle, ella fosse	} amados, as
Nós sejamos		Nós fossemos	
Vós sejais		Vós fosseis	
Elles, ellas sejam		Elles, ellas fossem	

Futuro

Eu fôr	} amado, a
Tu fôres	
Elle, ella fôr	} amados, as
Nós fôrmos	
Vós fôrdes	
Elles, ellas fôrem	

Infinitivo

Presente impessoal

Ser amado, a

<i>Pres. pessoal</i>		<i>Gerundio</i>
Ser eu	} amado, a	Sendo amado, a, os, as
Seres tu		} <i>P. passado</i>
Ser elle, ella	} amados, as	Amado
Sermos nós		Amados
Serdes vós		Amada
Serem elles, ellas		Amadas

NOTA. — Os tempos compósitos são formados á semilhança do verbo *estudar*: *tenho sido amado, terei sido amado, tiver sido amado*, etc.

Basta empregar o verbo *ser* em sua *conjugação completa* juntando-lhe o particípio passado do verbo principal.

CONJUGAÇÃO DO VERBO PRONOMINAL

LEMBRAR-SE

TEMPOS SIMPLES

Modo indicativo

<i>Presente</i>		<i>P. aoristo</i>
Eu <i>me</i> lembro		Eu <i>me</i> lembrei
Tu <i>te</i> lembras		Tu <i>te</i> lembraste
Elle <i>se</i> lembra		Elle <i>se</i> lembrou
Nós <i>nos</i> lembramos		Nós <i>nos</i> lembrámos
Vós <i>vos</i> lembrais		Vós <i>vos</i> lembrastes
Elles <i>se</i> lembram		Elles <i>se</i> lembraram

Imperfeito

Eu *me* lembrava
Tu *te* lembravas
Elle *se* lembrava
Nós *nos* lembrávamos
Vós *vos* lembráveis
Elles *se* lembravam

Futuro

Eu *me* lembrare
Tu *te* lembrarás
Elle *se* lembrará
Nós *nos* lembraremos
Vós *vos* lembrareis
Elles *se* lembrarão

Mais que perfeito

Eu *me* lembrára
Tu *te* lembráras
Elle *se* lembrára
Nós *nos* lembráramos
Vós *vos* lembráreis
Elles *se* lembráram

Condicional

Eu *me* lembraria
Tu *te* lembrarias
Elle *se* lembraria
Nós *nos* lembraríamos
Vós *vos* lembraríeis
Elles *se* lembrariam

Modo imperativo

Lembra-*te* tu
Lembra*i-vos* vós

Modo subjuntivo

Presente

Eu *me* lembre
Tu *te* lembres
Elle *se* lembre
Nós *nos* lembremos
Vós *vos* lembreis
Elles *se* lembrem

Pret. imperfecto

Eu *me* lembrasse
Tu *te* lembrasses
Elle *se* lembrasse
Nós *nos* lembrássemos
Vós *vos* lembrásseis
Elles *se* lembrassem

Futuro

Eu *me* lembrar
Tu *te* lembrares
Elle *se* lembrar
Nós *nos* lembrarmos
Vós *vos* lembrardes
Elles *se* lembrarem

Infinitivo

Presente pessoal

Lembrar-*se*

Presente pessoal

Lembrar-*me* eu
Lembrares-*te* tu
Lembrar-*se* elle
Lembrarmos-*nos* nós
Lembrardes-*vos* vós
Lembrarem-*se* elles

Gerundio

Lembrando-*se*

P. passado

Lembrado

CONJUGAÇÃO DO VERBO IMPESSOAL

CHOVER

Modo indicativo

Presente

Chove

Mais que perfeito

Chovêra

Pret. imperfecto

Chovia

Futuro

Choverá

Aoristo

Choveu

Condicional

Choveria

Modo subjuntivo

Presente

Chova

Imperfeito

Chovesse

Futuro

Chover

Infinitivo

Presente

Chover

Gerundio

Chovendo

Passado

Chovido

OBSERVAÇÕES

VERBOS REGULARES

Os verbos terminados em:

car — mudam o *c* em *qu* antes de *e*: *calcar*, *calque*;

çar — perdem a cedilha antes de *e*: *caçar*, *cacei*;

cer — tomam a cedilha antes de *a*, *o*: *carecer*, *careça*, *careço*;

ear — mudam o *e* em *ei* no presente do indicativo e do subjuntivo, excepto na 1.^a e 2.^a pessoa do plural: *clarear*, *clareio*, *clareie*;

iar — uns mudam o *i* em *ei* eufónico no presente do indicativo e do subjuntivo, excepto na 1.^a e na 2.^a pessoa do plural: *agenciar*, *agremiar*, *ansiar*, *basofiar*, *cadenciar*, *commerciar*, *diligenciar*, *estanciar*, *evidenciar*, *incendiar*, *indulgenciar*, *licenciar*, *mediar*, *negociar*, *obsequiar*, *odiar*, *premiar*, *presenciar*, *providenciar*, *penitenciar*, *remediar*, *reverenciar*, *sentenciar*.

Há a intercalação de uma letra desde que se desloca a acentuação.

Outras conservam o *i* sem alteração: *acariciar*, *adiar*, *afiar*, *agoniar*, *aliar*, *alumiar*, *ampliar*, *apreciar*, *assobiar*, *atiar*, *avaliar*, *aviar*, *balbuciar*, *contrariar*, *confiar*, *copiar*,

criar, *deliciar*, *enfiar*, *esfriar*, *espiar*, *ficar*, *gloriar*, *inju-riar*, *miar*, *piar*, *saciar*, *tosquiar*, *radiar*, *variar*.

gar — mudam o *g* em *gu* antes de *e*: *pagar*, *pague*.

O verbo *resfolegar* faz *resfôlego*;

ger, **gir** — mudam o *g* em *j* antes de *a*, *o*: *eleger*, *eleja*, *elejo*; *corrigir*, *corrija*, *corrijo*;

guer, **guir** — mudam o *gu* em *g* antes de *a*, *o*: *erguer*, *erga*, *ergo*; *distinguir*, *distinga*, *distingo*. Exceptua-se *arguir*.

oar — mudam o *o* em *ô* no presente do indicativo e do subjuntivo, excepto na 1.^a e na 2.^a pessoa do plural dos mesmos tempos: *coroar*, *corôo*; *abençoar*, *abenção*.

uzir — perdem o *e* na 3.^a pessoa do singular do indicativo presente: *luzir*, *luz* (*luze*); *reduzir*, *reduz* (*reduze*); *produzir*, *produz* (*produze*).

Antigamente se não dava esta apocope.



VERBOS IRREGULARES

1.ª CONJUGAÇÃO

Dar

- Ind. presente :** Dou, dás, dá, damos, dais, dão.
aoristo : Dei, deste, deu, demos, destes, deram.
m. q. perf. : Dêra, dêras, dêra, etc.
Subj. pres. : Dê, dês, dê, dêmos, deis, dêem.
imperf. : Dêsse, dêsses, dêsse, dêssemos, etc.
fut. : Dêr, dêres, dêr, dêrmos, etc.

Estar

- Ind. pres. :** Estou, estás, está, estamos, etc.
aoristo : Estive, estiveste, estive, estivemos, etc.
m. q. perf. : Estivêra, estivêras, estivêra, etc.
Subj. pres. : Esteja, esteja, esteja, estejam, etc.
imperf. : Estivesse, estivesse, estivesse, etc.
fut. : Estiver, estiveres, estiver, etc.
OBSERVAÇÃO — Os compostos *constar* (impessoal), *obstar*, *prestar*, *restar* e *sustar* são regulares.

OBSERVAÇÃO — Não será mencionado o *imperativo* porque as pessoas que elle tem (a 2.ª de cada numero) se fórmam das correspondentes do presente do indicativo com a perda da letra *s* final. Exceptua-se o verbo *ser*.

As outras pessoas que o imperativo não possui — a 1.ª e a 3.ª — são suppridas pelas do subjuntivo; ex.: *Ame eu, ama tu, ame elle, amemos nós, amei vós, amem elles*.

Si a conjugação fór negativa, as pessoas do imperativo são todas substituidas pelas do subjuntivo; ex.: *Não ame eu, não ames tu, não ame elle, não amemos nós, não ameis vós, não amem elles*.

Assim se diz que em Portuguez não ha propriamente imperativo negativo.

2.ª CONJUGAÇÃO

Caber

- Ind. pres. :** Caibo, cabes, cabe, cabemos, etc.
aoristo : Coube, coubeste, coube, coubemos, etc.
m. q. perf. : Coubêra, coubêras, coubêra, coubêramos, etc.
Subj. pres. : Caiba, caibas, caiba, caibâmos, etc.
imperf. : Coubesse, coubesses, coubesse, etc.
fut. : Coubêr, coubêres, coubêr, coubêrmos, etc.

Crêr

- Ind. pres. :** Creio, crês, crê, crêmos, crêdes, crêem.
Subj. pres. : Creia, creias, creia, creiâmos, etc.

Da mesma fórma se conjuga o verbo *lêr*.

Dizer

- Ind. pres. :** Digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
aoristo : Disse, dissêste, disse, dissemos, dissêstes, etc.
m. q. perf. : Dissêra, dissêras, dissêra, dissêramos, etc.
fut. : Direi, dirás, dirá, diremos, direis, etc.
cond. : Diria, dirias, diria, diríamos, etc.
Subj. pres. : Diga, digas, diga, digâmos, digais, digam.
imperf. : Dissesse, dissesses, dissesse, dissêssemos, etc.
fut. : Dissêr, dissêres, dissêr, dissêrmos, dissêrdes, etc.
Inf. p. passado : Dito.

Fazer

- Ind. pres.** : Faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.
auristo : Fiz, fizéste, fez, fizemos, fizéstes, fizéram.
m. q. perf. : Fizéram, fizéras, fizéram, fizéramos, etc.
ful. : Farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.
cond. : Faria, farias, faria, fariamos, etc.
Subj. pres. : Faça, faças, faça, façamos, façais, etc.
imperf. : Fizésse, fizésses, fizésse, fizéssemos, etc.
ful. : Fizér, fizéres, fizér, fizérmos, etc.
Inf. p. passado : Feito.

Perder

- Ind. pres.** : Perco, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.
Subj. pres. : Perca, percas, perca, percamos, percais, etc.

Poder

- Ind. pres.** : Posso, pôdes, pôde, podemos, podeis, podem.
auristo : Pude, podeste, pôde, podemos, etc.
Subj. pres. : Possa, possas, possa, possamos, etc.
imperf. : Pudésse, pudésses, pudésse, pudéssemos, etc.
ful. : Pudér, pudéres, pudér, pudérmos, etc.

Não se usa no **imperativo**. Vieira empregou-o: *Si que-
reis ser omnipotentes PODEI sómente o justo e o lícito.*

Prazer (impessoal)

- Ind. pres.** : Praz.
auristo : Prouvéra.
m. q. perf. : Prouvéra.
Subj. pret. imperf. : Prouvesse.
ful. : Prouvér.

OBSERVAÇÃO.—*Comprazer* é pessoal, tem conjugação com-
pleta e só é irregular na 3.ª pessoa do singular do presente do indi-
cativo. E' mais usado pronominalmente: *comprazer-se*.

Querer

- Ind. pres.** : Quero, queres, quer, queremos, quereis, etc.
auristo : Quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, etc.
m. q. perf. : Quiséra, quiséras, quiséram, quiséramos, etc.

- Subj. pres.** : Queira, queiras, queira, queiramos, etc.
imperf. : Quisesse, quisesse, quisesse, quisessemos, etc.
ful. : Quiser, quiséres, quiser, quisérmos, etc.

Não se usa no **imperativo**. Vieira empregou-o: QUE-
REI só o que podeis. QUEREI-me só pelo que vos quero, não me
faleis em dinheiro. (Adagio).

Requerer

- Ind. pres.** : Requeiro, requéres, requér, requeremos, etc.
Subj. pres. : Requeira, requeira, requeira, requeiramos, etc.

Antigamente dizia-se na 3.ª pessoa do singular do indicativo
presente *requere*: *O Gama lhe requere* (Camões). Ainda hoje
quando se lhe seguem os pronomes *o, a, os, as*, assim se emprega:
requere-o, requere-a.

Saber

- Ind. pres.** : Sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.
auristo : Soube, soubeste, soube, soubemos, etc.
Subj. pres. : Saiba, saibas, saiba, saibamos, etc.
imperf. : Soubesse, soubesses, soubesse, etc.
ful. : Soubér, soubéres, soubér, etc.

Trazer

- Ind. pres.** : Trago, trazes, traz, trazemos, etc.
auristo : Trouxe, trouxe, trouxe, etc.
m. q. perf. : Trouxera, trouxeras, trouxera, etc.
ful. : Trarei, trarás, trará, traremos, etc.
cond. : Traria, trarias, traria, etc.
Subj. pres. : Traga, tragas, traga, tragamos, etc.
imperf. : Trouxesse, trouxesses, trouxesse, etc.
ful. : Trouxér, trouxéres, trouxér, etc.

Valer

- Ind. pres.** : Valho, vales, vale ou val, valem, etc.
Subj. pres. : Valha, valhas, valha, valhâmos, etc.

Vêr

Ind. pres. : Vejo, vês, vê, vêmos, vêdes, vêem.
aoristo : Vi, viste, viu, vimos, visteis, viram.
m. q. perf. : Vira, viras, vira, víramos, víreis, etc.
Subj. pres. : Veja, vejas, veja, vejamos, vejais, etc.
imperf. : Visse, visses, visse, vissemos, visseis, etc.
ful. : Vir, vires, vir, vírmos, vírdes, vírem.
Inf. p. passado : Visto.

O seu derivado **Prover** afasta-se no :

Ind. p. aoristo : Provi, proveste, proveu, provemos, etc.
m. q. perf. : Provêra, provêras, etc.
Subj. p. imperf. : Provêsse, provêsses, provêsse, etc.
ful. : Provêr, provêres, provêr, etc.
Inf. p. passado : Provido.

3.ª CONJUGAÇÃO

Aderir

Ind. pres. : Adiro, adêres, adêre, aderimos, aderis, adêrem.
Subj. pres. : Adira, adiras, adira, adirâmos, etc.

Por este verbo se conjugam : *advertir, aferir, comedir, competir, conseguir, deferir, despir, discernir, digerir, divergir, divertir, enxerir, expelir, ferir, impelir, mentir, preterir, reflectir, repelir, repelir, seguir, sentir, servir, vestir*, etc.

Acudir

Ind. pres. : Acudo, acôdes, acôde, acudimos, acudis, acôdem.
Subj. pres. : Acuda, acudas, acuda, acudâmos, etc.

Antigamente este verbo era regular : conservava o *u* em toda a conjugação : *ACUDE e corre pai.* (Camões).

O mesmo se observa relativamente a *fugir, instruir e consumir*, empregados pelo mesmo poeta.

Por este verbo se conjugam : *bulir, construir, consumir, cuspir, destruir, engulir, entupir, fugir, sacudir, subir, sumir, tussir*, etc.

Agredir

Ind. pres. : Agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem.
Subj. pres. : Agrida, agridas, agrida, etc.

Por este verbo se conjugam : *prevenir, transgredir*, etc.

Cobrir

Ind. pres. : Cubro, cóbres, cóbre, cobrimos, cobris, cóbrem.
Subj. pres. : Cubra, cubras, cubra, etc.
Inf. p. pres. : Coberto.

Por este verbo se conjuga : *dormir*.

Cortir

Ind. pres. : Curto, curtes, curte, curtimos, curtis, curtem.
Subj. pres. : Curta, curtas, curta, etc.

Por este verbo se conjuga : *sortir*.

Frigir

Ind. pres. : Frijo, frêges, frêge, frigimos, frigis, frégem.
Inf. p. pass. : Frito ou Frigido.

Ir

Ind. pres. : Vou, vais, vai, vamos ou imos, ides, vão.
aoristo : Fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
m. q. perf. : Fôra, fôras, fôra, fôramos, fôreis, fôram.
Subj. pres. : Vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
imperf. : Fosse, fosses, fosse, fossemos, fosseis, fossem.
ful. : Fôr, fôres, fôr, fôrmos, fôrdes, fôrem.

Medir

Ind. pres. : Meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Subj. pres. : Meça, meças, meça, meçâmos, etc.

Por este verbo conjugam-se *ouvir, pedir, despedir, impedir*, etc.

NOTA. — Os verbos *despedir* e *impedir* só têm relativamente a *pedir* a semelhança de forma ; não têm nem a mesma origem, nem aproximada significação.

A essa similitude se deve o facto de serem considerados irregulares quando deviam ser conjugados regularmente no indicativo presente e no subjunctivo: *despido, impido, despida, impida*, etc.

Os exemplos nos escritores antigos são sem conta:

Francisco José Freire confirma que alguns escritores não querem fazer irregular este verbo, como hoje diz a maior parte dos modernos.

Duarte Nunes Leão empregou: *DESPIDA-me*.

Vieira: *Eia, meu príncipe, DESPIDA-se V. A. dos livros. Com esta ultima advertencia vos DESPIDO, ou me DESPIDO de vós. Porque th'o não IMPIDAM obras varias.*

Camões: *Não me IMPIDAS o gosto da tornada. Desta subita vinda os não IMPIDA.*

Castilho: *IMPIDAM de seguir.*

Rir

Ind. pres.: Rio, ris, ri, rimos, rides, riem.

Subj. pres.: Ria, rias, ria, riámos, riais, riam.

Vir

Ind. pres.: Venho, vens, vem, vimos, vindes, veem.

imperf.: Vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, etc.

aoristo: Vim, viéste, veiu, viemos, viésteis, viéram.

m. q. perf.: Viéra, viéras, viéra, viéramos, viéreis, etc.

Subj. pres.: Venha, venhas, venha, venhâmos, etc.

imperf.: Viesse, viesseis, viesse, viessemos, etc.

ful.: Viér, viéres, viér, viérmos, etc.

Inf. p. pass.: Vindo.

Defectivos

Ha alguns verbos que se não conjugam em certas pessoas.

São considerados defectivos aquelles a cujo radical se seguem as letras *a* ou *o*: *brandir, carpir, discernir, explodir, feder, ganir, inherir, latir*; aquelles a cujo radical se seguem as letras *a*, *o*, *e*: *abolir, adir, banir, colorir, delin-*

quir, delir, demolir, empedernir, exaurir, extorquir, falir, florir, munir, polir, renhir, retorquir.

Precaver, rehaver não se usam nas tres pessoas do singular e na 3.^a do plural do indicativo, no imperativo e no subjunctivo presente.

Soer só se usa em *sóe, sóes, sóem soía*.

O uso de certas formas dos verbos defectivos pelos escritores, vai restringindo a lista desses verbos.

Vemos, assim, empregados: *bane, extórque, extórquam, colorem, déle, abóle, demulem, pule* (pulir).

Participio passado

Muitos verbos têm duas formas no participio passado: uma forma regular e outra irregular.

A 1.^a é empregada geralmente com os verbos *ter* e *haver*; a 2.^a, simples adjectivo verbal, é mais usada com os verbos *ser, estar, parecer, ficar*, etc.

Muitos participios passados regulares não são mais usados: *pagado, descrevido, dizido*, etc.

1.^a CONJUGAÇÃO

<i>Part. Pass. Reg.</i>	<i>Part. Pass. Irreg.</i>	<i>Part. Pass. Reg.</i>	<i>Part. Pass. Irreg.</i>
Aceitado	<i>Aceito</i> ou <i>aceite</i>	Circundado	<i>Circunciso</i>
Afeiçoado	<i>Affecto</i>	Completado	<i>Completo</i>
Agradado	<i>Grato</i>	Confessado	<i>Confesso</i>
Annexado	<i>Annexo</i>	Cultivado	<i>Culto</i>
Aprontado	<i>Pronto</i>	Curvado	<i>Curvo</i>
Bemquistado	<i>Bemquisto</i>	Densado	<i>Denso</i>
Captivado	<i>Captivo</i>	Descalçado	<i>Descalço</i>
Cegado	<i>Cégo</i>	Despertado	<i>Desperto</i>
		Dispersado	<i>Disperso</i>

<i>Part. Pass. Reg.</i>	<i>Part. Pass. Irreg.</i>	<i>Part. Pass. Reg.</i>	<i>Part. Pass. Irreg.</i>
Entregado	<i>Entregue</i>	Limpado	<i>Limpo</i>
Enxugado	<i>Enxuto</i>	Livrado	<i>Livre</i>
Estreitado	<i>Estreito</i>	Matado	<i>Morto</i>
Exceptuado	<i>Excepto</i>	Manifestado	<i>Manifesto</i>
Expressado	<i>Expresso</i>	Misturado	<i>Misto</i>
Expulsado	<i>Expulso</i>	Molestado	<i>Molesto</i>
Faltado	<i>Falto</i>	Murchado	<i>Murcho</i>
Fartado	<i>Farto</i>	Ocultado	<i>Oculto</i>
Findado	<i>Findo</i>	Pegado	<i>Pêgo</i>
Fixado	<i>Fixo</i>	Professado	<i>Professo</i>
Gastado	<i>Gasto</i>	Quietado	<i>Quieto</i>
Ganhado	<i>Ganho</i>	Revoltado	<i>Revolto</i>
Ignorado	<i>Ignoto</i>	Salvado	<i>Salvo</i>
Infeccionado	<i>Infecto</i>	Secado	<i>Sêco</i>
Infestado	<i>Infesto</i>	Segurado	<i>Seguro</i>
Inquietado	<i>Inquieto</i>	Sepultado	<i>Sepulto</i>
Isentado	<i>Isento</i>	Situado	<i>Sito</i>
Juntado	<i>Junto</i>	Soltado	<i>Solto</i>
Lesado	<i>Leso</i>	Sujeitado	<i>Sujeito</i>
Libertado	<i>Liberto</i>	Suspeitado	<i>Suspeito</i>

2.^a CONJUGAÇÃO

Absolvido	<i>Absolto</i>	Desenvolvido	<i>Desenvolto</i>
Absorvido	<i>Absorto</i>	Devolvido	<i>Devolto</i>
Acendido	<i>Aceso</i>	Dissolvido	<i>Dissoluto</i>
Agradecido	<i>Grato</i>	Elegido	<i>Eleito</i>
Attendido	<i>Attento</i>	Enchido	<i>Cheio</i>
Bemquerido	<i>Bemquisto</i>	Envolvido	<i>Envolto</i>
Benzido	<i>Bento</i>	Escondido	<i>Escuso</i> ou <i>es- conso</i>
Conhecido	<i>Cognito</i>		
Convencido	<i>Convicto</i>	Escurecido	<i>Escuro</i>
Convertido	<i>Converso</i>	Incorrido	<i>Incurso</i>
Corrompido	<i>Corrupto</i>	Invertido	<i>Inverso</i>
Defendido	<i>Defeso</i>	Morrido	<i>Morto</i>

<i>Part. Pass. Reg.</i>	<i>Part. Pass. Irreg.</i>	<i>Part. Pass. Reg.</i>	<i>Part. Pass. Irreg.</i>
Nascido	<i>Nado, nato</i>	Revolvido	<i>Revôlto</i>
Pervertido	<i>Perverso</i>	Rompido	<i>Roto</i>
Prendido	<i>Preso</i>	Submettido	<i>Submisso</i>
Pretendido	<i>Pretenso</i>	Surpreendido	<i>Surpreso</i>
Propendido	<i>Propenso</i>	Suspendido	<i>Suspenso</i>
Refrangido	<i>Refracto</i>	Tendido	<i>Tenso</i>
Removido	<i>Remóto</i>	Torcido	<i>Torto</i>
Resolvido	<i>Resoluto</i>		

3.^a CONJUGAÇÃO

Abstraido	<i>Abstracto</i>	Excluido	<i>Excluso</i>
Affligido	<i>Afflicto</i>	Expellido	<i>Expulso</i>
Aspergido	<i>Asperso</i>	Exprimido	<i>Expresso</i>
Circumduzido	<i>Circumduto</i>	Extinguido	<i>Extinto</i>
Coagido	<i>Coacto</i>	Frigido	<i>Frito</i>
Comprimido	<i>Compresso</i>	Illudido	<i>Illuso</i>
Concluido	<i>Concluso</i>	Immergido	<i>Immerso</i>
Confundido	<i>Confuso</i>	Imprimido	<i>Impresso</i>
Contraído	<i>Contracto</i>	Incluido	<i>Incluso</i>
Contundido	<i>Contuso</i>	Infundido	<i>Infuso</i>
Corrigido	<i>Correcto</i>	Inserido	<i>Inserto</i>
Difundido	<i>Difuso</i>	Insurgido	<i>Insurto</i>
Digirido	<i>Digesto</i>	Obtundido	<i>Obtuso</i>
Dirigido	<i>Directo</i>	Omittido	<i>Omisso</i>
Distinguido	<i>Distinto</i>	Opprimido	<i>Oppresso</i>
Distraído	<i>Distracto</i>	Possuido	<i>Possesso</i>
Dividido	<i>Diviso</i>	Restringido	<i>Restricto</i>
Erigido	<i>Erecto</i>	Submergido	<i>Submerso</i>
Espargido	<i>Esparso</i>	Suprimido	<i>Supresso</i>
Estendido	<i>Estenso</i>	Surgido	<i>Surto</i>
Exaurido	<i>Exausto</i>	Tingido	<i>Tinto</i>



Etimologia

Etimologia é a parte da morfologia em que se estuda a origem ou a derivação das palavras.

As palavras de língua portuguesa se derivam, em sua maior parte, da língua latina, considerada a *lingua-mãe*.

A evolução do Latim, dando nascimento às línguas *románicas* ou *novo-latinas*, tornou patentes certas leis determinantes da transformação dos sons.

Estas leis podem ser resumidas nas dez seguintes:

1.^a PERSISTENCIA DO ACENTO TONICO: *amare*, amar; *hominem*, homem.

Este princípio foi o grande factor que determinou a origem latina da Língua portuguesa.

E' uma lei que se observa em todas as Línguas románicas.

Ha algumas excepções produzidas:

a) por analogia: *amávamos* modelado em *amava*, derivado de *amabāmos*.

b) a conjugação latina em *ere* breve originou verbos em *ere* longo: *currere*, correr.

2.^a QUEDA DA VOZ NÃO ACENTUADA, quer no princípio: *episcopus*, bispo; quer no meio: *malitatem*, maldade; quer no fim: *misturare*, misturar.

3.^a CONVERSÃO DAS VOZES ACENTUADAS OU NÃO.

Segundo diz Meyer-Lübke, as modificações das vogaes são devidas em primeiro lugar ao acento. As tónicas, por causa do esforço maior com que são articuladas, alongam-se, redobram-se, ditongam-se; as átonas são sujeitas a se enfraquecer em sons incolores e a desaparecer.

São as seguintes as mais importantes conversões vocaes:

a em e: *alacrem*, alegre; *Tagum*, Tejo.
 a » i: *Agnes*, Ignez.
 a » o: *famem*, fome.
 a » ei: *basium*, beijo; *primarius*, primeiro.
 a » ou: *saltum*, soto.
 e » a: *reginam*, rainha; *ebenum*, ebano.
 e » i: *mecum*, migo; *decima*, dizima.
 e » o: *per*, por; *serum*, soro.
 e » ei: *cramare*, queimar.
 i » a: *bilancem*, balança; *cubitum*, covado.
 i » e: *trifolium*, trevo; *ingenium*, engenho; *cito*, cedo.
 o » a: *dominam*, dama.
 o » e: *obscurum*, escuro; *frontem*, frente.
 o » u: *totum*, tudo; *comple*, cumprir.
 u » e: *umbelicum*, umbigo.
 u » o: *urticam*, ortiga; *lupum*, lobo.
 u » oi, ou: *lavaturum*, lavadouro; *venturus*, vindouro.
 y » a: *symphonia*, sanfone.
 y » e: *gypsum*, gesso.
 y » o: *byrsum*, bolsa.
 y » u: *crytam*, gruta.
 æ » e: *æram*, era.
 au » o: *pauper*, pobre; pôde se conservar: *caudam*, cauda; muda-se também para *ou* e *oi*: *aurum*, ouro e oiro; e para *a*: *augustus*, agosto; *augurium*, agouro.
 æ em e: *cælum*, céu.

4.^a QUEDA OU PERDA DA CONSOANTE ENTRE VOGAES: *comedere*, comer; *malum*, máu; e perda ou transformação da consoante final: *ad*, a; *sic*, sim.

Sendo as vogaes mais sonoras que as consoantes, estas tendem sempre a cair mais facilmente.

Desde que uma consoante, pela sua posição ou formação, é pouco percebida, não servindo de caracter distintivo ao grupo phonico, é facil desaparecer.

5.^a PERSISTENCIA DA CONSOANTE INICIAL: *casam*, casa.

E' no principio das palavras que as consoantes apresentam maior força de resistencia.

6.^a ABRANDAMENTO, isto é, TROCA DE CONSOANTES QUE TÊM O MESMO ORGAM SONORO: *herbam*, herva; *latus*, lado.

As consoantes fortes se mudam por outras homorganicas doces. Os principaes casos de mudança de consoantes na passagem do Latim para o Portuguez, são :

- b* em *f*: *bubalum*, bufalo.
- b* » *m*: *morbo*, mormo; *cannabis*, canhamo.
- b* » *v*: *debere*, dever.
- c* » *g*: *caveolan*, gaiola.
- c* » *ch*: *murcidus*, murcho; *capellum*, chapéu, por influencia do Francez.
- c* » *q*: *cremare*, queimar.
- c* » *z*: *crucem*, cruz; *facere*, fazer.
- c* » *as* vezes se vocaliza: *octo*, oito; *doctorem*, doutor; ou se nasaliza: *nec*, nem.
- d* » *g*: *delphinum*, golfinho.
- d* » *l*: *judicare*, julgar.
- d* » *r*: *cicadulam*, cigarra (permuta única, diz João Ribeiro).
- f* » *h*: *fetibundus*, hediondo, por influencia do Espanhol.
- f* » *p*: *sufflare*, soprar.
- f* » *v*: *aurificem*, ourives; *trifolium*, trevo.
- g* » *z*: *spargere*, esparzir.
- g* » *j*: *gesiminum*, jasmim. A's vezes se vocaliza: *integrum*, inteiro.
- l* » *r*: *lilium*, lirio; *pallidum*, pardo. A's vezes se vocaliza: *falcem*, foice; *dulcis*, doce.
- l* » *j*: *tolium*, joio.
- l* » *n*: *libellum*, nível.
- m* » *l*: *memorare*, lembrar.
- m* » *n*: *comitem*, conde.
- n* » *l*: *animam*, alma.
- n* » *m*: *finem*, fim; *bonum*, bom.
- n* » *r*: *sanare*, sarar.
- p* » *b*: *lupum*, lobo; *caput*, cabeça.
- p* » *v*: *populum*, povo.
- p* » *m*: *calupniam*, calumnia.

- q* em *c*: *quinque*, cinco.
- q* » *g*: *agum*, agua; *agulam*, aguia.
- r* » *l*: *papyrus*, papel; *parabolam*, palavra.
- s* » *x*: *sulfur*, enxofre.
- s* » *z*: *mensem*, mez.
- t* » *d*: *rotam*, roda; *digitum*, dedo.
- t* » *c, z*: *gratiam*, graça; *avaritiam*, avareza.
- v* » *b*: *vultur*, abutre; *vesicam*, bexiga.
- v* » *f*: *paraveredum*, palafrem.
- v* » *g*: *vastare*, gastar, pela influencia do *w* germanico, pronunciado *gu*: *werra*, guerra; *Wilhelm*, Guilherme.
- x* » *s* ou *x*: *sex*, seis; *axe*, eixo. Houve tambem a produção de um *i*. Como *x* tem dois elementos *c, s*, em alguns casos *c* não se vocaliza, mas assimila-se ao *s*: *dixi*, disse.
- x* » *c*: *texere*, tecer.
- z* » *g*: *zinziber*, gengibre (atração).

7.^a REFORÇO, que é uma excepção, um phenomeno opposto ao abrandamento e um facto muito raro: *passionem*, paixão.

8.^a ASSIMILAÇÃO, lei de eufonia, em virtude da qual um som se modifica por influencia de outro som, a este ficando igual, assimilando-se.

A assimilação pôde ser *progressiva* e *regressiva*.

E' *progressiva*, quando o som modificado está depois: *amam-o*, *amam-no*.

E' *regressiva*, quando o som modificado está antes: *in-mortal*, *immortal*; *trazer-lo*, *trazel-lo*, *traze-lo*. E' o caso mais commum na Lingua Portugueza.

9.^a DISSIMILAÇÃO, isto é, reacção ou repulsão que um som exerce sobre outro para evitar que seja repetido: *lilium*, lirio; *fratrem*, frade. O suffixo *al* se junta a radical que contenha *r*, e o suffixo *ar* a radical que contenha *l*: *austral*, *rural* ao lado de *popular*, *secular*.

Esta lei tambem existe em Latim e foi observada por Leo Meyer e Corssen, que dizem que ha um principio pelo qual essa Lingua se esforça por não repetir o mesmo som na palavra.

Assim, havendo dois suffixos quasi identicos *ali* e *ari*, formam-se em Latim: *austr-alis*, *rur-alis*, *reg-alis*, *mor-alis*, *mort-alis*, ao lado de *vulg-aris*, *popul-aris*, *epul-aris*, isto é, o suffixo *ari*

não se junta em regra a um thema ou raiz que contenha já outro *r*, nem o suffixo *ali* a um thema ou raiz que contenha já um *l*.

Pott é da mesma opinião e diz: Si o corpo da palavra encerra um *l*, os romanos preferem a desinencia *aris*: *secularis*, *regularis*, com as duas unicas excepções: 1.^a que o *l* era conservado quando havia tambem um *r* no corpo da palavra e o *r* estava mais perto da terminação que o *l*: *pluratis*, *lateralis*; 2.^a quando o *l* fazia parte de uma consoante composta, como em *fluvialis*, *glacialis*.

10.^a CONVERSÃO dos grupos *cl*, *fl*, *pl*, *tl* em *ch*: *clavem*, chave; *flammam*, chamma; *plorare*, chorar; *tolutare* (*plutare*), choutar.

CONVERSÃO de *ct* em *ch* ou *ut* ou *it*: *cactum*, cacho; *actum*, auto; *lectum*, leito; *octum*, oito, outo (arcaico).

CONVERSÃO de *bl*, *cl*, *dl*, *gl*, *pl*, *sl*, *tl* em *lh*: *tribulare*, trilhar; *articulum*, *artic'lum*, artelho; *radulare*, *rad'lare*, ralhar; *tegulam*, *teg'lam*, telha; *scopulum*, *scop'lum*, escolho; *insulam*, *ins'lam*, ilha (unico exemplo, diz Julio Ribeiro); *rotulam*, *rot'lam*, rolha.

CONVERSÃO de *gn* em *nh*: *lignum*, lenho.

Observe-se que em:

M'r, *m'l* intercala-se um *b*: *umero*, *um'ro*, ombro; *cumulo*, *cum'lo*, combro.

Bl, *gl* perdem, ás vezes, a inicial: *blastimare*, lastimar; *glande*, lande.

Pt, assimila-se: *nepta* (netta), neta. A's vezes cái: *ptisanam*, tisana.

Ps, *rs* assimilam-se em *ss*: *ipse*, esse; *persona*, pessoa; *persicum*, pêssego (escrito vulgarmente *pêcego*); *ersam*, essa (escrito vulgarmente *eca*).

São estas as leis mais importantes, reconhecidas por todas as grammaticas, para a transformação dos sons em Portuguez.

Quaes as causas, porém, que produziram estas leis?

Impossivel será determina-las; entretanto, ha dois grandes principios, que juntos á influencia do meio, pôdem ser considerados como os de maior importancia.

O primeiro principio é a lei do menor esforço, ou de menor acção, que Sweet e Palessy chamam *principio de economia*.

O segundo é o *principio de enfase*, largamente estudado por Sayce e Sweet.

Tiram-se d'ahi duas leis:

1.^a A linguagem tende constantemente a se desembaraçar do que é superfluo.

2.^a A linguagem tende constantemente a pôr em relevo o que é necessario.

E' da primeira que se deriva a fraca acentuação das sillabas pouco importantes, a assimilação mais ou menos completa de dois sons consecutivos, a abreviação das sillabas longas. Esta lei é observada clara e quotidianamente na linguagem do povo, elemento corruptor de uma lingua.

O inglez, de todas as linguas indo-europeas, é a que mais emprega o principio do menor esforço.

A lei do menor esforço, diz Chaignet, não é prova de fraqueza, e sim de bom senso.

E' a lei de economia universal que a natureza e o espirito seguem por toda a parte e sempre, no emprego de suas forças. A riqueza não é mais que a força economizada.

O instinto do bello, o sentimento da harmonia e do ritmo, a necessidade da simplicidade, as necessidades superiores da clareza logica, o espirito, enfim, eis os grandes autores dessas permutas que têm por fim os fins intellectuaes da palavra: supprimir ou diminuir a pouco e pouco nas articulações tudo o que exige um esforço violento e inutil, todos os sons que incommodam aos ouvidos, que fazem abrir desagradavelmente a boca, que fazem inchar as veias da garganta, todos os sons que se aproximam dos berros, dos mugidos, dos sibilos, dos miados e dos uivos dos animaes.

A segunda lei, embora menos conhecida, não deixa, por isto, de ser verdadeira e é, por certo, uma consequencia logica da primeira.

E tanto é assim que, si o principio de economia agisse sósinho, tornar-se-iam as linguas, depois de um certo tempo, desconhecidas e, por consequencia, seriam improprias para servir de meio de communicação.

E' justamente o que se observa no emprego dos arcaismos e neologismos, cuja luta é um dos factos mais interessantes a estudar na vida literaria de uma lingua.



II

Formação por meio de composição

As palavras compósta se fórmam de tres modos, por:
Juxtaposição, em que os elementos componentes se acham ligados, conservando a mesma grafia, sem alteração e com as mesmas sillabas tónicas: *beira-mar*, *ponta-pé*, *mal-me-quer*.

Aglutinação, em que os elementos componentes se fundem, formando um unico todo, e modificando sua grafia, só tendo uma sillaba tónica: *fidalgo* (filho de algo); *planalto* (plano alto).

Prefixação, em que o primeiro elemento é um prefixo que se junta a uma palavra simples: *infiel*, *desfazer*.

JUXTAPOSIÇÃO

As palavras juxtapostas se compõem de:

Substantivo e substantivo: *arco-iris*, *couve-flôr*.

Substantivo e adjectivo: *redeia-falsa*, *amor-perfeito*.

Adjectivo e substantivo: *gentil-homem*, *livre-pensador*.

Adjectivo e adjectivo: *surdo-mudo*, *luso-brazileiro*.

Verbo e substantivo: *guarda-vestido*, *porta-voz*.

Particula e adjectivo: *mal-dito*.

Particula e substantivo: *entre-casco*.

Verbo e verbo: *vai-vem*, *ruge-ruge*.

Palavras diversas: *bem-te-vi*, *malmequer*.

Assim, as palavras são *compósta* quando formadas por meio de prefixo e juxtaposição; são *derivadas* quando formadas por meio de suffixo.

A formação de palavras compósta dá lugar ao *hibridismo*.

Hibridismo é a formação de palavras com elementos de linguas diversas.

Sociologia: latim e grego.

Monoculo: grego e latim.

Automovel: grego e latim.

Zincografia: allemão e grego.

Linguistica: latim e grego.

Velodromo: latim e grego.

Cipóchumbo: tupi e latim.

Alcoolmetro: arabe e grego.

O hibridismo é acceitavel quando um dos elementos componentes não existe na lingua ou quando o vocabulo está consagrado pelo uso.

Precisamos fazer algumas observações:

1.º Ha casos em que a juxtaposição é tam intensa que só uma analyse rigorosa chega a conhecer a composição:

Morcego, *murem-coecum*, rato cego.

Naufragio, *navis-fragium*, quebramento da náu.

Marmota, *murem-montis*, rato montez.

Acabrunhar, *caput-pronare*, vergar a cabeça.

Kermesse, *kerk-misse* (hollandez), igreja missa.

2.º A's vezes a junção do prefixo produz um som desagradavel. Para evita-lo supprime-se a letra final: *emigrar*, de *ex-migrare*; *intrinseco*, de *intra-secus*; ou, então, a consoante final assimila-se á inicial da palavra seguinte: *acclamar*, *ad-clamare*, etc.

Estas modificações, na opinião de Darmsteter, já eram usuaes no Latim e são communs ás linguas novo-latinas.

3.º Muitos compósta latinos, pelo desapparecimento do signal externo da composição, foram considerados palavras simples: *colher*, de *co-ligere*.

As raízes dividem-se em *atributivas*, que exprimem noção de relações e *demonstrativas*, que designam os seres e suas modificações.

As raízes são sempre monossilábicas e, na impossibilidade de chegar até a sua forma mais simples, Max-Müller apresenta as seguintes modificações:

- 1.^a vogal: *i* — *ir*.
- 2.^a vogal + consoante: *ad* — *comer*.
- 3.^a consoante + vogal: *da* — *dar*.
- 4.^a consoante + vogal + consoante: *cad* — *cahir*.
- 5.^a vogal + grupo de consoantes: *arc* — *ajustar*.
- 6.^a grupo de duas consoantes + vogal: *plu* — *correr*.
- 7.^a grupo de duas cons. + vog. + cons.: *spec* — *ver*.
- 8.^a cons. + vog. + grupo de duas cons.: *vert* — *girar*.
- 9.^a grupo de duas cons. + vog. + grupo de duas consoantes: *sparg* — *espalhar*.

PREFIXOS

Os prefixos em Portuguez são de origem vernacula, latina e grega.

Vernáculos são os prefixos que se originam da nossa propria Lingua.

Os mais conhecidos são:

- a* — proximidade — *alinhar*.
- ante* — precedencia — *ante-ontem*.
- bem* — bondade — *bemdizer*.
- com* — união — *compôr*. Toma, por assimilação, as formas: *co* — *cooperar*; *col* — *collaborar*; *cor* — *corresponder*.
- em, en* — lugar — *embarear, engarrafar*.
- entre* — collocação em meio — *entrelaçar, entreabrir*.
- mal* — máu exito — *malquerer*.
- sem* — exclusão — *semsabor*.
- sob* — inferioridade — *sobpôr*. Toma as formas: *so* — *soerguer, sopapo*; *sota* — *sotapiloto*; *soto* — *sotopôr*.
- sobre* — em cima, excesso — *sobrenome, sobresair*.

Latinos são os prefixos que se originam da Lingua latina.

Os mais conhecidos são:

a, ab, abs — separação — *aversão, abnegação, abstenção, ausente (ab-sente)*.

a, ad — lugar onde, direcção, tendencia — *abordagem, adjunto*. Toma, por assimilação, as formas: *ac* — *acceder*; *af* — *affirmar*; *ag* — *aggravar*; *al* — *allumiar*; *an* — *annunciar*; *ap* — *apparecer*; *ar* — *arrogar*; *as* — *assentar*; *at* — *attender*.

ambi — ambos — *ambidextro*.

bene — bem — *beneficio*.

bis — duas vezes — *bisneto, bipede*.

circum — ao redor — *circumferencia*.

cis — aquem — *cisalpino, ceterior*.

de — principio, origem — *decorrer*.

des — negação, effeito contrario, intensidade — *desventura, desdizer, deshoras*. Na linguagem popular indica especialmente intensidade: *desinfeliz, desinquieta, desabusado*.

dis — negação, augmento — *discordancia, disforme*.

e, es, ex — fóra — *emergir, enorme, emigrar, escorrer, espalmar, extracção*.

extra — além — *extraordinario*.

in — negação (com adjectivos); lugar onde (com verbos) — *infiel, inscrever*. Toma, por assimilação, as formas: *il* — *illegal*; *im* — *immortal*; *ir* — *irregular*.

inter — no meio — *interpôr*.

intro — para dentro — *intrometter*.

juxta — junto — *juxtaposição*.

male — mal — *maleficio*.

ob — situação fronteira, opposição — *objecto, obstar*. Toma varias formas por assimilação: *oc* — *ocasião*; *of* — *offensa*; *op* — *oposição*.

pene — quasi — *peninsula*.

per — atravez, por meio de — *perdurar, percorrer, perverter*.

post, pos — depois — *postumo, pospôr*.

pre — antecedencia — *prevêr, preferir*.

preter — alem — *preterição*.

pro — antes, a favor — *proclamar, promoção.*
re — repetição, para traz — *relêr, refugiar.* Este prefixo tem, ás vezes, por excepção, um sentido opposto ao indicado pelo radical: *reprovar, revelar, renunciar.*
recem — de novo — *recemnacido.*
retro — para trás — *retrogradar, retaguarda.*
satis — bastante — *satisfazer.*
semi — metade, quasi — *semicirculo, semivivo.*
sine — sem — *sinecura, simples.*
sub — inferioridade — *subchefe.* Por assimilação toma varias fórmas: *suc* — *sucesso*; *suf* — *sufficiente*; *sug* — *suggerir*; *sup* — *suppôr*; *sur* — *surrir*; *sus* — *susceptibilidade*; ou perde o *b*: *sujeitar.*
subter — inferioridade — *subterfugio.*
super — superioridade — *superficie, superfino.*
supra — em cima, além de — *supramencionado, supra-numerario.*
trans — além — *transmittir, transpôr.* Tem as fórmas: *tras* — *trasladação*; *tres* — *tresvario*; *tra* — *tradução, tramontano.*
tris, tri — tres vezes — *trisavô, triangulo.*
ultra — além — *ultramontano, ultramar.*
un, uni — uma vez — *unanime, unicornio.*
vice — substituição, em lugar de — *vice-rei.* Tem a forma *vis*: *visconde.*

Gregos são os prefixos que se originam da lingua grega.

Os mais conhecidos são:

a, an — negação — *atheu, anonimo.*

O prefixo *a* usa-se antes de consoante; *an* antes de vogal, por eufonia.

amphi — ambos — *anfíbio.*

ana — reduplicação, elevação, afastamento — *anabaptista, analyse, anacronico.*

anti — opposição — *antipátia, antartico.*

apo — longe — *apogeu, afelio.*

archi — supremacia — *arcanjo, arquiduque, arcebispo.*
cata — para baixo, ordem — *catastrofe, catalogo.*
dia — lugar intermedio — *diametro.*
dys — mal — *dispepsia.*
em, en — tendencia para dentro — *embrião, encefalo.*
ex — separação — *exodo, eclipse.*
epi — sobre — *epilogo, epitafio.*
eu — bem — *eufonia, evangelho.*
hemi — metade — *hemisferio.*
hyper — excesso — *hiperbole.*
hypo — debaixo — *hipotese, hipogastro.*
meta — mudança — *metatese, metamorfose.*
mega — grande — *megaterio.*
micro — pequeno — *microscopio.*
neo — novo — *neologismo.*
pan, pantos — tudo — *panorama, panteista.*
para — ao lado — *paragrafo.*
peri — ao redor — *perimetro, perifrase.*
pro — anteposição — *protese.*
sym — juntamente — *simpatia, sintaxe, sillogismo, sistema.*

Pódem-se incluir nesta lista os nomes dos numeros gregos: *mono, dis, tri, tetra, penta, hex, hepta, octo, ennea, deca, endeca, icos, kilo, myria, deuto,* etc.

Além destes elementos, ha o prefixo arabe *al* que deu origem a muitas palavras portuguezas: *albergue, açúcar, azulejo,* etc.

III

Formação por meio de derivação

As palavras derivadas se formam geralmente por meio de suffixos que se juntam á palavra primitiva, ou ao radical, modificando-lhe a significação.

Póde-se também formar a derivação sem auxilio de suffixos, como: *offerta*, de *offerar*; *castigo*, de *castigar*; *resgate*, de *resgatar*. São substantivos que alguns grammaticos chamam *postverbaes*, por serem formados do radical do verbo, com o acrescimo da terminação *a*, *o*, *e*.

SUFFIXOS

Os suffixos da Lingua portugueza são, em grande parte, originados do Latim ou formados no proprio seio da Lingua.

Temos, assim, suffixos que juntos a substantivos formam substantivos; outros que juntos a adjectivos formam substantivos, etc.

Substantivos derivados de substantivos:
aça, *aço* — quantidade, augmento — *fumaça*, *vidraça*, *espinhaço*.

ada — golpe, porção, tempo — *facada*, *rapazeada*, *alvorada*.

ade — irmandade.

ado, *ato* — profissão, dignidade — *professorado*, *ducado*, *baronato*, *generalato*.

agem — collecção, estado — *folhagem*, *aprendizagem*.

al — extensão, quantidade — *areal*, *laranjal*.

alha — extensão — *muratha*. Tem sentido pejorativo: *gentalha*.

ame — conjunto — *cordame*, *correame*.

ama — collecção — *dinheirama*.

ano — origem, seita — *bahiano*, *republicano*.

aria — collecção, lugar — *livraria*, *cavallaria*, *escadaria*.

ario, *eiro*, *eira* — profissão, officio, lugar onde, patria — *boticario*, *porteiro*, *costureira*, *relicario*, *gallinheiro*, *brasilzeiro*. Os dois ultimos suffixos fórmam nomes de arvores frutíferas: *limoeiro*, *mangueira*.

astro — *poetastro*, *madrasta*, com sentido pejorativo.

cida — matador — *regicida*, *insecticida*.

cola — o que cultiva ou habita — *vinicola*, *agricola*, *selvicola*.

edo — porção — *passaredo*, *arvoredo*.

ela — acção, reunião — *corruptela*, *parentela*, com sentido pejorativo.

ense — indica patria — *braziliense*.

esca — reunião — *soldadesca*.

ica, *iço* — diminuição ou depreciação — *caliça*, *canniço*.

ia — emprego, lugar em que elle é exercido — *prelazia*, *mordomia*.

io — conjunto — *mulherio*.

ismo — doutrina, seita — *christianismo*, *aboliconismo*.

ista — emprego, agente — *oculista*, *jornalista*, *capitalista*. E' de grande uso e fórma também palavras significando seita: *monarquista*, *socialista*.

ol — patria — *espanhol*.

orio — augmento — *fogueterio*, *vivorio*, com sentido pejorativo.

oto — patria — *minhoto*.
ulho — reunião — *pedregulho*.
voro — comedor — *herbívoro, insectívoro*.

Além destes, há os suffixos que indicam augmento, como: *ão, az, etc.*, e outros que indicam diminuição: *inho, elha, ela, etc.*

Substantivos derivados de adjectivos (exprimem qualidade, estado, condição):

ão — *gratidão*.
aria — *enfermaria*.
eima — *tolcema, guloseima*.
ença, encia — *convalescença, corpulencia*.
ena — *novena*.
ez, eza — *altivez, nobreza*.
ia — *alegria, cortezia*.
ica, icia — *justiça, malícia*.
ice — *tolice, velhice*.
idão — *escuridão*.

idade — *fidelidade, salubridade*. Há grande numero de palavras formadas com este suffixo e com a forma *dade*: *maldade, igualdade*. Concorre com os substantivos em *ão*: *solidade, solidão; variedade, variação*.

ismo — *radicalismo, purismo*.
mento — *atreuimento*.
or — *verdor, amargor*.
orio — *finorio*.
tude — *amplitude, juventude*.
ura — *brandura, alvura*.

Substantivos derivados de verbos (exprimem acção, feito, resultado, lugar):

aço — *cansaço, inchaço*.
agem — *lavagem, passagem*.
alho — *espantelho*.
ança, ença, ancia, encia — *lembrança, crença, ignorância, resistencia*.

anda, enda — *propaganda, vivenda*.
ão — *rasgão, comparação*.
ela — *olhadela*, com sentido pejorativo.
ia — *correria*.
ido — *bramido, vestido*.
ilho — *andarilho*.
ivo — *curativo, cooperativo*.
iz — *chamariz, geratriz*.

mento — *fallecimento, testamento*. Concorre com os substantivos em *ção*: *fundamento, fundação; fragmento, fracção*.

or — *caçador*.
orio — *oratorio*.
oura, ouro — *mangedoura, matadouro, sumidouro*.
ura — *pintura, assadura*.

Adjectivos derivados de substantivos:

aco — *demoniaco*.
aceo — *liliaceo, crustaceo*.
al, il — *imperial, febril*.
aneo — *contemporaneo*.
ano — *romano, pernambucano*.
ar — *familiar, ocular*.
ario, eiro — *imaginario, interesseiro*.
atico — *lunatico, asiatico*.
ejo — *sertanejo*.
enho — *ferrenho*.
ente — *paciente*.
ento — *nojento, somnolento*.
eo — *marmoreo*.
esco — *fradesco, dantesco*.
estre — *campestre*.
este — *celeste*.
ez — *camponez*.
fero — *frutifero*.
fico — *prolefico*.
forme — *fusiforme*.

fugo — *centrifugo*.
gero — *lanigero*.
ico — *diabolico*.
iço, ício — *enfermiço, vitalicio*.
imo — *maritimo*.
inho — *marinho*.
ino — *diamantino, leonino*.
onho — *medonho*.
orio — *tormentorio*.
oso — *nervoso, rendoso*. Suffixo de grande emprego.
udo — *linguarudo, cabeçudo*.
undo — *iracundo*.
voro — *carnívoro*.

Adjectivos derivados de adjectivos:

al — *maternal, angelical*.
el — *cruel*.
ento — *pardacento*.
ete — *triguerete*.
este — *agreste*.
onho — *tristonho*.
orio — *finorio, simplorio*.
ote — *velhote*.
oso — *verdoso*.

Adjectivos derivados de verbos:

ado, ido — *amado, temido*.
ando, endo — *venerando, tremendo*.
ante, ente, inte — *amante, crente, pedinte*.
ão — *folgazão*.
iço — *espantadiço, alagadiço*.
io — *luzidio, fugidio*.
ivo — *fugitivo*.
or — *abridor*.
orio — *inflammatorio*.
osto — *posto*.
ouro — *duradouro*.

undo — *moribundo, vagabundo*.

vel — *amavel, visível, movel, soluvel*. A fôrma *avel* concorre com *ante* e *oso*: *amavel, amante, amoroso*. A fôrma *ível* concorre com *ivo*: *sensível, sensitivo*. Há a fôrma *bre*: *nobre*.

Derivação de verbos:

ar, er, ir — *ajoelhar, emmagrecer, cuspir*.
ear — *barbear, baratear*.
ecer, escer — *anoitecer, adormecer, florescer*.
ejar — *doudejar, forcejar*.
entar — *avelhentar, amamentar*.
icar — *fabricar, adocicar*.
ilhar — *fervilhar*.
inhar — *escrevinhar, espezinhar*.
iscar — *lambiscar*.
itar — *dormitar, saltitar*.
izar — *arborizar, fertilizar*.

A lista dos elementos gregos que formam termos portuguezes, pôde ser augmentada com os elementos — verdadeiras palavras — que ora figuram de prefixos, ora de suffixos e muitas vezes constituem todo o radical.

São principaes os seguintes:

acro, extremidade, sumidade, *acróbata, acróstico*.
agogo, guia, *demagogo*.
algia, dor, *odontalgia*.
anemo, vento, *anemometro*.
antropos, homem, *antropofago, filantropia*.
auto, por si mesmo, *autonomia, autobiografia*.
archo, governo, *monarquia*.
archaios, antigo, *arcaismo*.
arithmos, numero, *aritmética*.
baro, peso, *barometro*.
bato, andar, *hiberbato, acróbata*.
biblio, livro, *biblioteca, biblia*.
bio, vida, *biografia, anfíbio*.
bolo, bole, lançar, *discobolo, hiperbole*.
brachy, breve, curto, *braquicefalo*.
caco, máu, *cacofonia*.
cele, tumor, *gastrocele, hidrocele*.

cephalo, cabeça, *cefalgia*, *microcefalo*.
cero, chifre, *rinoceronte*.
christo, ungido, *christão*, *antichristo*.
chiro, mão, *quirografia*.
chrono, tempo, *cronica*, *isocrono*.
chromo, cor, *cromolitografia*.
crypto, segredo, ocultação, *apocrifo*.
chryso, ouro, *crisalida*, *Crisostomo*.
cosmo, mundo, *cosmografia*, *microcosmo*.
cracia, poder, força, *autocracia*, *democrata*.
cyano, azul, *cianogenio*.
cyclo, círculo, *cicloptero*.
cyno, cão, *cinocefalo*.
crypto, oculto, *criptogamico*.
demo, povo, *Democrito*, *epidemia*.
doto, dado, *antidoto*.
dromos, carreira, *hipodromo*, *dromedario*.
dynamis, força, *dinamite*.
edro, face, *aidro*.
electron, electricidade, *electrometro*.
eidos, fôrma, *esferoide*, *caleidoscopio*.
endo, dentro, *endocarpo*, *endogeno*.
entomo, insecto, *entomologia*.
ethos, usos, *ethica*, *etografia*.
ethnos, povo, *etnografia*.
exo, fóra, *exogeno*, *exoterico*.
gameo, casamento, *bigamia*.
gastro, estomago, *gastronomo*, *epigastro*.
geneo, especie, *homogeneo*.
genio, gerado, *hidrogenio*.
geo, terra, *geografia*, *apogeu*.
gnose, conhecimento, *geognosia*.
gono, raça, prole, *epigono*.
gono, angulo, *poligono*.
gonia, produção, geração, *teogonia*, *cosmogonia*.
gramma, letra, *grammatica*, *monogramma*.
grapho, que escreve, *tipografo*, *grafico*, *grafosone*.
gyn, *gyneco*, mulher, *ginandria*, *ginecocracia*, *gineceu*.
heli, sol, *heliografia*, *afelio*.
hemero, dia, *efemeride*, *Decameron*.
hema, *hemato*, sangue, *hemorragia*, *hematocele*.
hetero, diverso, *heterogeneo*.
hiero, sagrado, *hieroglifo*.
hippos, cavallo, *hipodromo*.
hodos, caminho, *exodo*.
homeo, igual, *homeopatia*.

homo, igual, *homofono*, *homonimo*.
hydro, agua, *hidrobio*, *hidrografia*.
hygro, humido, *higrometro*.
idios, proprio, *idioma*, *idiopatia*.
ichthyo, peixe, *ictiologia*.
icono, imagem, *iconoclasta*.
ismo, sistema, imitação, *dogmatismo*, *christianismo*.
iso, igual, *isosceles*.
ite, inflamação, *hepatite*.
latria, adoração, *idolatria*.
litho, pedra, *litografia*, *aerolito*.
logos, palavra, tratado, *analogia*, *mitologia*.
macro, grande, *macrocosmo*.
machia, combate, *tauromaquia*.
mancia, adivinhação, *cartomancia*.
mania, loucura, *monomania*, *maníaco*.
mato, o que se move, *automato*.
mega, *megalo*, grande, *megalerio*, *megalomania*.
meso, meio, *mesocarpo*, *mesoclise*.
meio, canto, *melodrama*.
metron, medida, *metrologia*, *perimetro*.
metro, mal, *metropole*.
micro, pequeno, *microcosmo*.
miso, odeio, *misanthropo*.
mimos, imitador, *pantomima*, *mimologia*.
morpho, fôrma, *morfologia*, *amorfo*.
mytho, fabula, *mitologia*.
nau, navio, *navia*, *aeronauta*.
necro, morto, *necrologia*, *necroterio*.
neo, novo, *neologismo*, *neofito*.
neso, ilha, *Polinesia*, *nesografia*.
neuro, nervo, *neuralgia*.
nomos, lei, *astronomia*, *agronomo*.
noso, doença, *nosografia*.
onoma, nome, *anonimo*, *onomatopéa*.
odonto, dente, *odontologia*.
oide, fôrma, *metaloides*.
oiphi, serpente, *ofidio*.
ophthalmo, olho, *oftalmia*.
orama, vista, *diorama*, *cosmorama*.
ornitho, passaro, *ornitologia*.
ortho, direito, *ortografia*.
osteo, osso, *osteologia*.
oxy, acido, *oxigenio*.
paleo, *paleon*, antigo, *paleografia*, *paleontologia*.
pan, *pantos*, tudo, *panorama*, *panteismo*.

pathia, sentimento, molestias, *simpatia*, *patologia*.
phago, comer, *antropofagia*.
phanos, visível, *diáfano*.
philo, amigo, *bibliófilo*, *filologia*.
philo, planta, *neófito*, *zoófito*.
phlebo, veia, *flebotomia*.
phobo, temor, *hidrofobia*.
phone, som, *fonógrafo*, *eufonia*.
phonos, matança, *taurofono*.
photo, *phos*, luz, *fotógrafo*, *fosforo*.
phora, *phoro*, que leva, *fosforo*, *metáfora*.
podos, pé, *antípoda*, *polipo*.
polis, cidade, *metrópole*, *l'etropolis*.
potamo, rio, *potamografia*, *hipopotamo*.
phisis, natureza, *fisiologia*.
polys, muito, *polissillabo*.
proto, primeiro, *protomedico*.
pseudo, falso, *pseudonimo*.
psycho, alma, *psicologia*, *metempsicose*.
ptero, aza, *aptero*.
pyro, fogo, *pirotecnia*, *pirilampo*.
phren, cerebro, *frenologia*.
rhino, nariz, *rinoceronte*.
scopo, vista, *microscópio*.
sophia, sabedoria, *filosofia*.
stata, levantar, *aerostato*.
stereo, solido, *estereometria*.
stoma, boca, *exostoma*.
strate, exercito, *estrategia*.
sthenia, força, *neurastenia*.
stilo, columna, *peristilo*.
teché, arte, *politécnica*, *tecnologia*.
tele, ao longe, *telefonio*.
theo, Deus, *teologia*, *ateu*.
thermo, calor, *termometro*.
these, posição, *prótese*, *antítese*.
therapia, tratamento medico, *hidroterapia*.
thermo, calor, *termometro*.
tomo, corte, *anatomia*.
tono, som, *monotonia*, *tonico*.
topo, lugar, *topografia*.
trophia, nutrição, *atrofia*.
typo, modelo, *tipografia*, *prototipo*.
urgia, trabalho, *metalurgia*.
zoon, animal, *zoologia*.

IV

Declinação

Na *Sciencia da Linguagem* diz Max Müller sobre *casos* :

Na linguagem filosofica dos estoicos, *ptosis* que os Romanos traduziram por *casus*, significa realmente *quêda*, isto é, a relação de uma idéia com outra e o acto pelo qual uma palavra cái e se apoia sobre outra.

Longas e vivas discussões appareceram sobre a questão de se saber si o termo *ptosis* ou *casus* podia applicar-se ao nominativo e todos rejeitaram a expressão de *casus rectus*, porque, segundo os grammaticos stoicos, o sujeito ou nominativo não cái nem sobre cousa alguma se apoia, mas sim serve de ponto de apoio ás outras palavras da oração.

Ed. Chaignet explica a razão da denominação de *caso recto*, dizendo :

A palavra em si é sempre o signal de uma acção, porque não percebemos senão movimentos e acções; a substancia immovel que os produz, se occulta e desaparece.

Porém, como não existe ella só para isto, mas é tambem e fundamento necessario de toda a actividade, o principio immovel de todo o movimento, collocamo-la, suppomo-la no discurso como ponto de repouso d'onde parte o movimento, d'onde se desenvolve o predicado.

D'ahi a fórma que toma o sujeito de todo o verbo, este *caso recto* que se chama *nominativo* e que mostra o ser em repouso, existente em *si* e por *si*.

Os outros casos não são nomes, como diz Aristoteles, mas derivações, obliquidades, declinações do nome.

O nominativo e os demais casos de que se compõe a declinação latina soffreram sinão completo desaparecimento, pelo menos grande simplificação, simplificação que já se observa na própria Lingua latina.

A diminuição e depois o desaparecimento nas linguas romanas da declinação, tem causas foneticas e syntaticas. Sem remontar além do Latim classico que nos offerece já uma declinação reduzida, essa declinação foi a principio attingida profundamente pela queda do *m final*.

Na 1.^a declinação ficando confundidos o nominativo e o acusativo, resultou a vinda das preposições para reger o acusativo.

O desaparecimento dos casos trouxe em Portuguez o emprego do sistema preposicional que tambem se encontra no Latim popular, como dissemos.

Por certo foi se operando lentamente nas linguas novo-latinas, e em francez, como diz Brachet, temos a distincção do artigo *le* nominativo, de *le* acusativo.

Hovelacque affirma que a simplificação se encontra em todas as Linguas modernas.

Em Portuguez existem alguns vestigios da declinação latina.

Do **nominativo** temos principalmente os nomes proprios: *Carlos, Luiz, Marcos, Moysés, Deus, Jesus*, etc.; *calix, simples, demo, elle, ladro* (de que prevaleceu o feminino *ladra* em lugar de *ladrona*), *leopardo, serpe, vinagre*.

O nominativo parece ter sido, diz Sayce, uma addição posterior á declinação nominal. Tudo parece indicar que o acusativo é a forma primitiva do nome.

Do **genitivo** poucos vestigios se encontram em Portuguez e isto é facil de explicar, porque desde o periodo classico o genitivo começou a ser substituido pelo ablativo com a preposição *de*.

Assim mesmo encontramos: *aqueducto, jurisconsulto, legislação, petroleo, plebiscito, terremoto, agricola*.

Do **dativo**, por causa da confusão do locativo, do genitivo, do ablativo e do instrumental, como diz Schleicher, a flexão era imperfeita. Possuimos os pronomes: *mim, ti, si, lhe; crucifixo, devoto, fideicommisso*.

Foi o **acusativo** um dos poucos casos da declinação latina que na passagem para o Portuguez conservou toda a força syntatica.

E' occasião de, sucintamente, tratarmos da questão de saber qual seja o caso donde etimologicamente derivou o maior numero das palavras portuguezas: do acusativo, ou do ablativo?

Dizem os que sustentam ser o *ablativo* o caso originario, que, por exemplo, a palavra *servo* em Portuguez não pôde vir de *servum* (ac.) e sim deve vir de *servo* (abl.).

Este grande argumento cái por terra desde que attendamos a que o suffixo *m*, resto da fórma arianá *ma*, se perdeu, o que já é observado nos antigos documentos da lingua.

Segundo Diez, o *m final* tinha um som surdo particular, e era muitas vezes suppresso, sobretudo nas inscrições.

Nos mais antigos documentos encontram-se: *viro, urbe*, por *virum, urbem*.

Diz Corssen: E' difficil de dizer quando as consoantes *s* e *m*, cujo som na boca do povo desde os tempos mais antigos era surdo e fraco, cessaram de ressoar e desapareceram.

Desde o começo do seculo 4.^o a queda completa do *m* e *s* finais era um facto na linguagem popular.

A queda do *m* é tam natural como a do *s* de grande numero de nominativos.

Vemos, assim, no Latim barbaro: *illo* por *illum*, *Antonio* ou *Antoniu* por *Antonius*.

Para provarmos ainda mais ser o acusativo o caso originario, basta se observarem as palavras imparissillabas neutras:

<i>tempo</i>	— ac.	tempus,	abl.	tempore.
<i>corpo</i>	— »	corpus,	»	corpore.
<i>peito</i>	— »	pectus,	»	pectore.
<i>lado</i>	— »	latus,	»	latere.

Donde se vê, a se originarem do ablativo, estas palavras deviam ser em Portuguez: *tempre, corpre, latre*, etc., como succede com os nomes que não são neutros.

arvore — ac. arborem, abl. arbore.
lebre — » leporem, « lepore.

Ainda mais. Como lembra Leite de Vasconcellos, no Latim vulgar o uso dos casos era restrito, e as preposições regiam frequentemente o acusativo.

Cita o douto filologo varios exemplos de acusativos regidos de preposição, quando o caso a empregar era o ablativo: *a census, cum filios suos, ex castra nova*, etc.

Encontram-se vestigios do acusativo nos pronomes: *te, se, nos, vos*, nos termos *o, a* (*illum, illam*, acusativos de *ille, illa*).

Em alguns vocabulos portuguezes acham-se signaes do acusativo: *marmota, morcego, homem, virgem, quem, leão, serpente, valor*.

O **vocativo**, por ser, em regra, uma repetição do nominativo, sómente deu em Portuguez a palavra: *Ave-Maria*.

Em Portuguez, para empregarmos este caso precedemo-lo de alguma interjeição.

O **ablativo**, segundo Bréal, tornou-se, pela perda do locativo e do instrumental, o representante de um grande numero de relações, vindo, então, em seu auxilio o emprego de varias preposições.

Um fragmento da obra de Cesar *Da Analogia* faz crêr que é talvez a elle a quem se deva o termo *ablativo*.
Este nome não se encontra em escritor algum anterior.

Em Portuguez possuímos algumas palavras que nos indicam vestigios deste caso: *amanuense, agora, cedo, como*, as fórmãs *migo, tigo, sigo*, que passaram aglutinadas com

as preposições para o Portuguez, Italiano e Espanhol, e todos os adverbios em *mente* (ablativo de *mens, mentis*).

Na linguagem popular encontramos fórmãs com esta origem, taes como: *cum quibus* (dinheiro), *qui-pro-quo* (engano, descuido), *busillis*, derivado segundo o Dr. Castro Lopes da frase *in diebus illis*.

Terminemos com Michel Bréal: Todos sabem que um dos principaes caractéres que distinguem as Linguas romanas do Latim, é a perda da flexão casual dos adjectivos. Si perguntarmos d'onde vem essa mudança, a observação externa nos revela duas cousas: a pronúnciação e o acento tonico.

Corssen demonstrou que para o fim do imperio romano *o, u* acabaram de confundir-se; que da mesma maneira os sons *e, i* se tinham aproximado tanto que se tornou difficil distingui-los.

Não precisa maior prova para se demonstrar o desaparecimento da declinação em Portuguez.



Etimologia do substantivo

Difficil é determinar com precisão a origem dos substantivos. Enquanto se pôde dizer que os determinativos são de origem latina, que os adverbios também o são; pôde-se dizer, entretanto, que todas as linguas estrangeiras deram substantivos á lingua portugueza.

Os substantivos proprios se derivam, não só do Latim, como também do Hebraico, Grego e Germanico.

Do Latim: *Mario, Deodato, Cicero, Antonio, Bento.*

Do Hebraico: *David, Moysés, Adão, Simão.*

Do Grego: *Theocrito, Felipe, Diogenes, Jeronymo.*

Do Germanico: *Carlos, Eduardo, Isabel, Alberto.*

Nos tempos antigos os nomes proprios serviam para caracterizar os individuos por qualquer facto ou circumstancia notavel em sua vida.

Viamos assim que: *Aristides*, era o melhor; *Job*, que geme; *Archimedes*, eminente machinista ou pensador; *Carlos*, forte, habil; *Leopoldo*, ornado, valente; *Julio*, que tem o primeiro pelo; *Abrahão*, pai da multidão; *Agar*, estrangeira.

Este costume se encontra muito vivo nas tribus indigenas do Brazil: *Piragibe*, espinha de peixe; *Poty*, camarão.

E' opinião corrente que todos os nomes proprios de homens são antigos epitetos, isto é, antigos adjectivos.

Em certos nomes proprios encontram-se, ás vezes, os elementos gotico e arabe fundidos, como em *Venegas* (Viégas), formado do arabe *Iben* (filho) e do germanico *Egas*.

Ha diversas soluções para se explicar a formação dos substantivos *patronimicos*, isto é; dos substantivos proprios que indicam filiação.

Teophilo Braga diz: Nas inscrições hispano-latinas o nome da familia prevalece sempre ao da tribu. A fórma *ez* peculiar dos patronimicos: *Alvarez*, filho de *Alvaro*, *Fernandez*, filho de *Fernando*, *Mendez*, filho de *Mendo*, que subsiste no euskariano *ez, iz*, apparece no cantabrico e asturiano na fórma *ves*, como notou Fernandes Guerra que o liga ao primitivo *ives*, pronome iberico.

João Ribeiro apresenta a opinião do padre Larramendi que no *El imposible vencido* julga que o suffixo dos patronimicos é originado da posposição do artigo vascuense ou biscainho *ez*: *Perez* de *Pero*, *Garcez* de *Garcia*.

Frederico Diez julga ser originado do genitivo gotico em *is*: *Rodrigues*, *Roderiguiz*: Gotico *Hrothareikis*; *Fernandes*, *Ferdinandiz*: Gotico *Ferthananthis*.

Knapps diz: A noção do patronimico exprime a origem. O caso correspondente é o ablativo, originando-se, assim, do Latim: *Paes* de *Pelagius*. Sendo a flexão do plural vemos o Italiano em *i*: *Galileo*, *Galilei*.

Os appellativos são, em geral, derivados do Latim em que o acento tonico denota o caso de origem; os nomes scientificos vêm do grego, e os de tecnologia artistica, em sua maior parte, do italiano, principalmente os que se referem á musica e á pintura, ou são tomados das linguas modernas.

(Este estudo será melhor desenvolvido na parte relativa á formação do lexico portuguez).

Como já vimos no Capitulo relativo á *Declinação latina*, varios são os casos latinos sobre que se formaram os substantivos portuguezes, sendo que o caso mais commum foi o *acusativo*.

A's vezes os dois casos — *nominativo* e *acusativo* — dão origem á mesma palavra, cuja derivação é indicada pelo acento tonico.

<i>erro</i>	nominativo	latim	<i>erro</i>
<i>error</i>	acusativo	»	<i>errorem</i>
<i>ladro</i>	nom.	»	<i>latro</i>
<i>ladrão</i>	ac.	»	<i>latronem</i>
<i>leo</i>	nom.	»	<i>leo</i>
<i>leão</i>	ac.	»	<i>leonem</i>
<i>saibo</i>	nom.	»	<i>sapor</i>
<i>sabor</i>	ac.	»	<i>saporem</i>
<i>tredo</i>	nom.	»	<i>tradito</i>
<i>traidor</i>	ac.	»	<i>traditorem</i>
<i>virgo</i>	nom.	»	<i>virgo</i>
<i>virgem</i>	ac.	»	<i>virginem</i>

O mesmo se encontra em Francez: *Pâtre, pasteur; sire, seigneur; chantre, chanteur.*

E' o que constitue as fórmas divergentes.



VI

Adjectivos

Os adjectivos são considerados, por alguns filólogos, como as primeiras palavras que o homem pronunciou ao adquirir a faculdade de falar.

E' assim que o *sol* é o *brilhante*, o *rapido*.

Parece, á primeira vista, que o que mais devia terir os olhos do observador eram as qualidades exteriores, os attributos.

Sayce, nos *Principes de Philologie Comparée*, com melhores razões, é de opinião que o vocabulo primitivo tinha o sentido de uma frase, e diz que a linguagem pertence á sociedade e não ao homem, devia, pois, começar com a frase e não com a palavra.

Segundo Rousseau, as primeiras palavras de que os homens fizeram uso, tiveram no seu espirito uma significação muito mais lata do que as que são empregadas nas Línguas já constituidas, e que elles ignorando a divisão do discurso em suas partes constitutivas deram, a principio, a cada palavra o sentido de uma proposição inteira.

Esta opinião, na actualidade defendida pelo celebre filologo Schleicher, se tornou de aceitação geral.

I

ARTIGO

Artigo, segundo afirma *Max-Müller*, é a tradução literal do nome grego *arthron*, no latim *artus*, que significa a articulação, ou juntura dos ossos.

Todos os pronomes eram considerados como articulações ou artigos do discurso.

Foi Zenodoto quem primeiro imaginou a distinção entre os pronomes pessoais e os simples artigos, a que se deu então, o nome de *arthra*.

A existência do artigo data do 6.º século e nos mais antigos textos romanos vê-se o pronome *ille* exercendo esta função.

Affirma Diez que exemplos aos centos desse emprego foram apresentados pelo sábio Raynouard e muitos outros.

Sobre a origem do artigo em Portuguez divergem as opiniões dos linguistas.

Uns são de opinião que o artigo se origina do grego.

Esta theoria não tem base alguma scientifica.

Bem, se sabe que o Grego popular nada innovou no Latim, apenas criou grande numero de palavras usadas nas sciencias, as quaes só se fizeram notar depois da constituição da Lingua.

O uso do artigo data do século 6.º, e é de verdadeiro emprego popular.

Além disto devemos considerar que, si apesar da grande influencia que os Gregos exerceram na Italia, a ponto de Cicero, Tiberio, Graccho e outros discursarem nessa lingua, o Latim não possuiu artigo, como poderia aquelle povo introduzir tal palavra na peninsula Iberica, em Portugal, onde a sua influencia foi sómente sobre os usos e costumes?

Além disso o plural do artigo no Grego é muito differente do nosso: *hoi*, nominativo e *toús*, acusativo.

A segunda opinião, sustentada por Leoni, Julio Ribeiro e outros, é a que dá como origem do artigo no singular o ablativo *hoc, hac*, e no plural o acusativo *hos, has*.

Diz este ultimo grammatico: «O erudito Plinio o Moço, escriptor do 1.º século da era christã, entendia que o pronome *hic, hoc* empregado como determinativo deveria ser reconhecido como verdadeiro artigo.

Egger affirma que nas escolas do imperio do Occidente usavam os grammaticos romanos de *hic, hæc, hoc* para designar os generos dos nomes.»

O que parece robustecer a opinião de Leoni e Julio Ribeiro é a antiga fórma de escrever: *ho, ha*.

Devemos notar, porém, em 1.º lugar que o *h* latino já tinha desaparecido do falar do povo nos fins da Republica Romana não ficando vestigios delle nas Linguas derivadas do Latim.

Ainda mais: o *c* de *hoc, hac* é uma letra que em caso algum se elimina completamente; póde abrandar-se: *caveo-lam*, gaiola; *amicum*, amigo; outras vezes e principalmente nos monossillabos nasala-se: *nec*, nem; *sic*, sim; *pectinem*, pente.

Para explicar a letra *h* da fórma arcaica *ho, ha*, basta um simples olhar sobre certas palavras escritas com *h* no século 15.º: *hinsidias*, *husofructo*, *he, hum*, actualmente *insidias*, *usofruto*, *é, um*.

A terceira opinião, a nosso vêr a verdadeira, diz que o artigo se origina do acusativo *illum, illam* (singular), *illos, illas* (plural).

Os latinos não possuindo artigo, empregavam o demonstrativo *ille*.

Em todas as linguas romanicas o artigo é assim originado do acusativo de *ille, illa, illud*.

O Espanhol tem *el, la, los, las*; o Francez *el, il, lo, li, le, la, les*; o Valaquo *le, a, i*; o Provençal *lo, la, il, li, las*; o Italiano *il, la, lo, gli*; por que razão só o Portuguez, que tem as fórmas antigas *el, lo, ho* e as modernas *o, a, os, as*, havia de se afastar desta regra, sem um motivo plausivel?

E' o proprio Julio Ribeiro que diz que se não póde negar ter havido no Portuguez e no Gallego luta pela existencia entre as fórmas *lo, la, los, las*, e as fórmas *o, a, os, as*, encontrando-se exemplos classicos dumas e doutras.

II

POSSESSIVOS

Os *adjectivos possessivos* vieram do Latim, sendo que as fórmas do plural são da propria Lingua portugueza.

Fórmas masculinas:

Meu — <i>meum</i>	Nosso — <i>nostrum</i>
Teu — <i>tuum</i>	Vosso — <i>vostrum</i>
Seu — <i>suum</i>	Seu — <i>suum</i>

As fórmas *teu* e *seu* parece que se formaram por analogia da forma *meu*.

Fórmas femininas:

Minha — <i>meam</i>	Nossa — <i>nostram</i>
Tua — <i>tuam</i>	Vossa — <i>vostram</i>
Sua — <i>suam</i>	Sua — <i>suam</i>

Devemos notar o feminino *minha* ao lado de *tua* e *sua*.

A forma primitiva, porém, era *mia*, *miam*, até o século 12.º; pelo prolongamento da nasal *m*, ficou *minha*. Facto identico se verifica em *mui* pronunciado *muin*, em *muito* (*muinto*) e em *mancha* (lat. *macula*).

Encontra-se a forma *mia* no Cancioneiro Inedito: *Mia morte; com mia mulher* (Diez).

III

DEMONSTRATIVOS

São originados do Latim:

<i>Este, esta</i>	lat. <i>iste, ista</i>
<i>Esse, essa</i>	» <i>ipse, ipsa</i>
<i>Aquelle, aquella</i>	» <i>ecce ille (ecc'ille), ecce illa (ecc'illa)</i>

O mesmo se dá com as fórmas compósta:

<i>Est'outro, est'outra</i>	lat. <i>ist'alterum, a</i>
<i>Ess'outro, ess'outra</i>	» <i>ips'alterum, a</i>
<i>Aquell'outro, aquell'outra</i>	» <i>ecc'illum alterum, a</i>

Os demonstrativos apresentam vestigios do genero neutro nas fórmas: *isto (istud)*; *isso (ipsud)*; *aquillo (ecc'illud)*.

IV

RELATIVOS

Os relativos têm suas etimologias no Latim:

<i>Que</i>	lat.	<i>qui</i>
<i>Qual</i>	»	<i>qualis</i>
<i>Quem</i>	»	<i>quem</i>
<i>Cujo</i>	»	<i>cujus</i>
<i>Onde</i>	»	<i>unde</i>

Assim, pois, da declinação latina do pronome *qui*, o Portuguez herdou o nominativo *que*, o accusativo *quem*, e o genitivo *cujo*.

V

NUMERAES

Os numeraes portuguezes só se distinguem dos latinos pela fonetica:

Um — <i>unum</i>	Seis — <i>sex</i>
Dois — <i>duos</i>	Sete — <i>septem</i>
Tres! — <i>tres</i>	Oito — <i>octo</i>
Quatro — <i>quatuor</i>	Nove — <i>novem</i>
Cinco — <i>quinque</i>	Dez — <i>decem</i>

«De 11 a 15, dizem Pacheco e Lameira, os nossos numeraes indicam uma contracção regular dos typos latinos, sujeitos á acção dissolvente das leis phoneticas, que transformou a desinencia *cim* em *ze*.

«De 16 a 19, abandonando as fórmas syntheticas, seguiu o Portuguez outro modelo a que os Romanos davam preferencia *por ser mais claro*, segundo refere Prisciano, e em toda a numeração d'elle não mais se apartou.»

Onze — <i>undecim</i>	Dezeseis — <i>decem et sex</i>
Doze — <i>duodecim</i>	Dezesete — <i>decem et septem</i>
Treze — <i>tredecim</i>	
Quatorze — <i>quatuordecim</i>	Dezoito — <i>decem et octo</i>
Quinze — <i>quindecim</i>	Dezenove — <i>decem et novem</i>

De 20 a 90 há sómente o atrofiamento do numeral latino:

Vinte — <i>viginti</i>	Sessenta — <i>sexaginta</i>
Trinta — <i>triginta</i>	Setenta — <i>septuaginta</i>
Quarenta — <i>quadraginta</i>	Oitenta — <i>octoginta</i>
Cincoenta — <i>quinquaginta</i>	Noventa — <i>nonaginta</i>

Cem vem de *centum*.

De 200 a 900 dá-se a transformação *genti* em centos.

Duzentos — *ducenti*.

Trezentos — *trecenti*, etc.

Os outros numeraes, como *mil* e seus multiplos, correspondem ás fórmas latinas, sendo que *milhão*, *bilhão* e seus compósitos são de criação portugueza.

Os ordinaes vêm directamente do Latim:

Primo ou primeiro ou primario — *primus, primarium*.

Segundo — *secundum*.

Tercio ou terceiro ou terciário — *tercium, tertiarium*.

Quarto — *quartum*, etc.

VI

INDEFINIDOS

Algun — *aliqu'unus*. A fórmula *alguem* se origina de *aliquem*.

Ambos — *ambos*.

Cada — *quisque*, ou melhor da preposição grega *cata*. O composto *cada um* tem no Latim a fórmula *quisque ad unum*.

Certo — *certum*. No Latim classico a fórma é *quidam*, vulgarizada no elemento popular do Brazil, para designar um individuo indeterminado e sem valor social.

Demais — E' de formação portugueza.

Diverso — *diversum*.

Mesmo — *metipsissimum*, contraído em *metipsimum*, *metips'mum*, *medessmo*, *medesmo*, *meesmo*, *mesmo*.

Mais — *magis*.

Menos — *minus*.

Muito — *multum*.

Nada — (*res*) *nata*.

Nenhum — *nec'unum*; é propriamente de formação portugueza. A fórma *ninguem* vem de *nequem* ou *nec-hem* — *nem homem*.

Outro — *alterum*. A fórma *outrem* é, para muitos, originada de *outro hem* — *outro homem*.

Pouco — *paucum*.

Qual — *qualem*. E' empregado na fórma *qualquer*, de origem vernacula, com a fórma arcaica *qualquier*.

Quanto — *quantum*.

Que — *qui*.

Quem — *quem*.

Só — *solum*.

Tal — *talis*.

Tanto — *tantum*.

Todo — *totus*. Tem a fórma neutra: tudo — *totum*.

Um — *unum*.

Vario — *varium*.

O indefinido *fulano* se origina do arabe *folano*.

Pensa Julio Ribeiro ser incerta a sua origem. A atracção da rima talvez criasse os termos *beltrano*, *sicrano*, si é que *beltrano* não é o substantivo proprio *Beltrão*, empregado para indicar pessoa que se não quer nomear, do mesmo modo porque se empregam, para fim identico, os substantivos proprios *Sancho* e *Martinho*.

VII

Pronomes pessoais

Os *pronomes pessoais* apresentam vestigios da declinação latina:

NOMINATIVO

eu — *ego*, latim vulgar *eo*; nós — *nos*.

tu — *tu*; vós — *vos*.

elle — *ille*.

ella — *illa*.

elles, ellas, formados do singular, por analogia com os nomes que fazem o plural em s.

DATIVO

mim — *mi*, *mihi*; nós — *nobis*.

ti — *tibi*; vós — *vobis*.

lhe — *illi*; lhes — *illis*.

ACUSATIVO

me — *me*; nós — *nos*.

te — *te*; vós — *vos*.

o, a — *illum*, *illam*; os, as — *illos*, *illas*.

ABLATIVO

migo — *mecum*; nosco — *nobiscum*.
tigo — *tecum*; vosco — *vobiscum*.

FÓRMA REFLEXA, 3.^a PESSÔA

Dativo: si — *sibi*.
Acusativo: se — *se*.
Ablativo: sigo — *secum*.

OBSERVAÇÕES

Eu, teve no seculo 12.^o as fórmãs *ei*, *ieu*.
Tu, *te*, *me*, *se*, *nós*, *nos*, *vós*, *vos*, vieram sem alteração e directamente do Latim.

Elle, *ella*, *elles*, *ellas*, têm as fórmãs arcaicas *el*, *ello*, *ille*.
Mim, é originado de *mihi*; o *m* final é produzido pelo prolongamento commum da nasal, como muito pronunciado *muinto*.

Em Portuguez ha varias palavras duplas, nasaladas ou não: *assi*, *assim*; *si*, *sim*.

Lhe, *thes*, têm as fórmãs primitivas *thi*, *thiſ*, e as intermediarias *li*, *illi*, *thi*, plural *les*, *thiſ*.

O, *a*, *os*, *as*, substituem, desde o seculo 16.^o, o pronome *elle* e suas variações; têm as fórmãs antigas *lo*, *la*, *los*, *las*; *am-lo*, *queve-las*.

Ti e *si* derivam-se de *tibi* e *sibi* pela quéda do *b* e contracção do *i*.

Migo, *tigo*, *sigo*, usados em Portuguez sempre com a preposição *com*, vêm das fórmãs latinas compôſtas *mecum*, *tecum*, *secum*, em que os pronomes *me*, *te*, *se*, já trazem a preposição *cum*. Dá-se em Portuguez uma repetição: *commigo*, *cummecum*.

O mesmo se observa a respeito de *nosco* e *vosco* derivados, por meio de contracção, de *nobiscum* e *vobiscum*.

VIII

Etimologia verbal: Pessoas, Modos. Temas simples

I

E' um facto aceito por grande numero de filologos que as flexões verbaes consistem na soldagem de um pronome pessoal a um tema adjectivo ou substantivo.

E' esta a parte mais importante e difficil que tem o estudo da Grammatica e neste ponto principal a *Grammatica Comparada das linguas indo-européas* de Bopp, o sabio guia do illustrado glotologo portuguez Adolpho Coelho, é um manancial inesgotavel, manancial de que este escritor aproveitou as principaes idéas sobre a theoria da conjugação latina.

Ha em Portuguez quatro conjugações:

A 1.^a em *ar* que corresponde á latina em *are*.

A 2.^a em *er* que corresponde ás latinas em *ere* (longo) e *ere* (breve).

A 3.^a em *ir* que corresponde a *ire*.

A 4.^a em *or* que fórma uma conjugação á parte: pertencia até ao seculo 15.^o á segunda e corresponde á latina em *ere* (breve).

O estudo comparativo da conjugação latina com a portugueza é muito complexo e difficultoso.

Em nossa Lingua só conhecemos um trabalho perfeito sobre este assunto, que é o daquelle distinto glotologo, sob o titulo: *Theoria da Conjugação em Latim e Portuguez*.

Será este livro o nosso farol na presente exposição.

Analisando primeiramente a formação dos verbos, diz que elles exprimem a acção e as relações de tempo, modo e pessoa.

Nas linguas indo-europeas compõe-se o verbo da raiz, que é o elemento da significação, e dos elementos da relação precedidos por aquella.

A ordem dos elementos do verbo é: tema temporal mais desinencia pessoal.

Por exemplo: no verbo *noscit*, o *t* indica a 3.ª pessoa do singular, *sci* o presente (no perfeito *no-vi* falta este elemento), *no* indica a raiz, a acção de conhecer.

Os temas temporaes são simples, como em *ama*, raiz *am*, suffixo *a*; e compósitos, como *ama-vi*, tema *ama* e o tema de preterito *vi* — *fui*.

Desinencias pessoais:

A desinencia da primeira pessoa do singular é — *m* — do tema pronominal indo-europeu — *ma* — que conserva as seguintes formas:

1.ª do imperfeito da raiz italica *fu*, no latim *bam* por *fuam*: *amabam*.

2.ª do imperfeito da raiz latina *es*: *eram* por *esam*.

3.ª do optativo e do subjuntivo: *siem*, *dicam*.

4.ª do presente do indicativo da raiz *qua* (dizer): *inquam*, e da raiz *es*: *sum* por *esum*.

E' bom se notar que nas demais formas da primeira pessoa do presente, assim como nas do preterito, essa desinencia deixou de ser pronunciada e escrita: *feror* de *ferom*; *dico* de *dicom*, etc.

O mesmo se observa no acusativo latino.

E' o fenomeno que se dá em Portuguez: *amava*, *era*, *dizia*, *diga*.

A forma *inquam* não tem correspondente em nossa Lingua e a forma *sum* pronuncia-se e escreve-se *sou* (só) do Latim vulgar *so*, pronunciado como *do*, *sto*, portuguez: *dou*, *estou*.

A desinencia da primeira pessoa do plural em Latim é *mus* em todos os tempos: *amamus*, *amavimus*.

O Portuguez conserva essa desinencia e antigamente escrevia-se: *amamus* — *amamos*.

No Latim a desinencia da segunda pessoa do singular apresenta tres formas:

1.ª *tí* do tema pronominal indo-europeu *ta* que se encontra no Latim *tu*, *tíbe*, *te*, etc.: no perfeito *dedisti*.

2.ª *s* indo-germanico, forma secundaria de *s* de *si*.

Este *si* é forma assibilada de *tí*, diz Schleicher.

Conserva-se em Latim: *amas*, *amabas*, excepto no perfeito: *amavisti*, *dedisti*.

O mesmo se dá no Portuguez, mudando-se sómente o *tí* em *te*: *amate*, *dêste*.

3.ª *to*, desinencia enfatica do imperativo, da forma do antigo latim *tod*.

Em Portuguez o imperativo não tem desinencia pessoal: *ama*, *dá*.

A desinencia da segunda pessoa do plural em Latim é *tis*, indo-germanico *tasi*, que apparece em todos os tempos: *fertis*, *datis*, *dedistis*, etc.

No imperativo perde o *s* e muda o *i* em *e*: *ferite*, *date*.

Occorre em Latim uma forma enfatica *tote*.

Em Portuguez o *t* da desinencia fica inalterado no preterito por causa do *s* que o precede: *amastes* — *amavistis*.

Fôra deste tempo abrandava-se em *d*: *amatis*, antigo Portuguez — *amades* — ficando finalmente sincopado o *d* por estar entre vogaes, como em *fidelis*, Portuguez — *fiel*.

Em alguns verbos o *d* conserva-se, afirma Diez, porque se apoia sobre o *n*: *pondes*, *tendes*; ou sobre o *r*: *cantardes*, *amardes*.

Possue tambem a forma arcaica *sondes* — *sois*, usada no Archipelago Açoriano: *Sondes menina e moça vós tornareis a casar*. — *Sondes neto de Sant'Anna, filho da Virgem Maria*. — (Canto popular, recolhido por Theophilo Braga.)

Até o seculo 15.º as formas verbaes conservam o *d*, d'ahi em diante encontram-se as duas formas e na *Grammatica* de João de Barros (1540) aquella letra desaparece.

A desinencia da terceira pessoa do singular é em Latim *t*, forma secundaria de *tí*, abrandada de *ta*.

Esta ultima forma é pronome demonstrativo que só apparece em composição: *is-te*, *is-ta*, *is-tu-d*.

No imperativo *to* vem *tod*, no osco *tud*, no grego *to*.

Do 4.º seculo da era christã em diante o som do *t* foi sendo pronunciado surda e fracamente na lingua do povo e ás vezes supprimido, como diz Corssen.

Nos primeiros *Cancioneiros* portuguezes ainda se encontra a forma *est*, modo de escrever do verbo *ser*, que não é puramente etimologico, só empregado para evitar o hiato quando a palavra seguinte começava por vogal; a forma usual é, porém — *é* —

A desinencia, portanto, da 3.ª pessoa do singular do Latim não deixou vestígios em Portuguez.

A desinencia da terceira pessoa do plural em Latim é *nti* por *nti* que só foi conservada em *tremēti*, e é igual no indo-germanico *nti* empregada depois do tema vogal e *anti* usada depois do tema consonantal.

Em Latim ha *sunt*.

No perfeito em *runt* observa-se simplesmente a forma do presente da raiz *es*: *sunt* mudado o *s* em *r*.

O imperativo tem *nto*, indo-germanico *ntat*.

A desinencia da terceira pessoa, depois de reduzida a forma do Latim *nt*, passou por ultteriores modificações.

Em Portuguez o *t* apparece apocopado, o *n* tornado final fica reduzido a uma consonancia nasal ou, melhor, se funde com a vogal que o precede em uma vogal nasálada, representada por *til*, *m* ou *n*.

A desinencia fica, pois, *ão* ou *am* facilmente explicada, ou, então, é *em* que ora provém do *e*, ora do *u* latino.

Desinencias pessoais

SING.	LATIM	PORTUGUEZ
1. ^a pessoa.....	<i>m</i>	(desappareceu)
	<i>s</i>	<i>s</i>
2. ^a pessoa.....	<i>ti</i> (perfeito).....	<i>te</i>
	<i>to</i> (imperativo).....	(não tem)
3. ^a pessoa.....	<i>t</i>	(desappareceu)
	<i>to</i> (imperativo).....	(não tem)
PLURAL		
1. ^a pessoa.....	<i>mus</i>	<i>mos</i>
	<i>tis</i>	<i>des</i> (ant.); <i>es, is</i>
2. ^a pessoa.....	<i>te</i> (imperativo).....	<i>de</i> (ant.); <i>e, i</i>
	<i>ote</i> (imperativo).....	(não tem)
	<i>e</i>	(não tem)
3. ^a pessoa.....	<i>unt</i>	<i>um, om, am</i> (ant.), <i>am, ão</i>
	<i>nt, n</i> (lat. vulgar).....	<i>em, ão</i>

Sobre o titulo de suffixos *modaes* vamos comparar, ajudado pelo filologo A. Coelho, as alterações que a Língua latina e a portugueza soffreram nos modos de seus verbos.

O *indicativo* não tem suffixo modal. Fôrma-se pela união do tema verbal ás desinencias pessoais.

O *imperativo* só se distingue do indicativo porque as desinencias pessoais adquirem força vocativa.

Temos, pois, nas linguas indo-européas, o optativo e o conjuntivo que no Latim se fundiram no subjuntivo.

O lugar dos suffixos *modaes* é entre o tema verbal e a desinencia pessoal.

A fôrma primitiva do suffixo do optativo era *jo*, e nas linguas indo-européas *ja*.

No subjuntivo latino descobrem-se algumas fôrmas primitivamente do presente optativo.

Estas fôrmas passaram pelas seguintes modificações:

ja — ie | *i — i*
ja — iē |

As duas fôrmas primitivas só fôram conservadas no ramo asiático das linguas indo-européas; as outras temos no Latim com a raiz *es*.

<i>siem</i>	<i>sim</i>
<i>sies</i>	<i>sis</i>
<i>siet</i>	<i>sil</i>
<i>siemus</i> (fôrma hypothetica)	<i>simus</i>
<i>sietis</i> (» » »)	<i>sitis</i>
<i>sient</i>	<i>sint</i>

Com as raizes *vel, ed, du (da)*; *velim* por *vetiem*; *edimus* por *ediemus*; *duis* ou talvez *daís* por *daies*.

Em Portuguez, como em Latim, a final do tema optativo da primeira conjugação, em *ã* (única que conservou a fôrma optativa) é constantemente *e*:

Lat. <i>amem</i>	Port. <i>ame</i>
<i>ames</i>	<i>ames</i>
<i>amet</i>	<i>ame</i>
<i>amemus, etc.</i>	<i>amemos, etc.</i>

As fôrmas do *subjuntivo* em Latim são as dos temas em *a* (3.^a conjugação) e dos verbos em *e* (2.^a conjugação) e *i* (4.^a conjugação).

Dicam, dicas, dicat e posteriormente *dicat, etc.*

Nas fôrmas subjuntivas dos verbos em *e* e *i*, o suffixo *aja* que fôrma o tema verbal dessas conjugações e o suffixo *a* do subjuntivo passaram pelas seguintes modificações:

aja + a = ajã | *ejã — eã*
ijã — iã

por ex.: *monedamus — vestiamus*.

O subjuntivo presente dos verbos primarios, em *a*, foi conservado, e o dos derivados em *e* e *i* latinos são representados em Portuguez pelos em *e* e *i*.

VERBO PRIMITIVO

Lat. <i>Dicam</i>	Port. <i>Diga</i>
<i>Dicãs, etc.</i>	<i>Digas</i>

VERBO DERIVADO EM E

Lat. *Debeam* Port. *Deva*
Debeas, etc. *Devas*

VERBO DERIVADO EM I

Lat. *Vestiam* Port. *Vista*
Vestias *Vistas*

II

Temas temporaes.

Sobre os temas do presente distinguimos:

1.º *Temas constituídos pela raiz sem suffixos.*

Nesta classe a raiz se apresenta ou na forma simples ou na reforçada.

Raizes com vogal não reforçada, simples.

O Latim offerece poucos casos:

a) presente da raiz latina *es* (ser) como: *sum* por *esum* de *es* — *m* (u vogal eufónica ou ligativa); *sumus* por *esumus* de *esumus*.

b) algumas formas do presente da raiz latina *vol* (querer): *volumus* por *volumus* (u ligativo).

c) terceira singular do presente da raiz latina *ed* (comer): *est* (elle comê) por *edit*.

d) terceira singular do presente da raiz latina *fer* (levar): *fert* que talvez provenha de *ferit*.

e) as formas do presente da raiz latina *da* (pôr): *do, dis, dil, dimus, ditis, dunt*, que apparecem nos compósitos *ab-dil, cre-dil, etc.*

Raizes com vogal reforçada.

A esta classe pertence o tema do presente da raiz *i* cujo perfeito é *i-vi* e o supino *i-tum* que antigamente apparecia com as formas: *citur, eis, eit*, onde o ditongo se contrahi em *i* longo.

Parece pertencerem a esta classe: *flô, flâs, flât, etc.*; *for, faris, etc.* (ant. lat.) que occorre em *fabula, etc.*; *dô, dâs, dât* onde a vogal só é reforçada no singular e *nô, nâ, nât*.

Em Portuguez o presente da raiz *es* é; *sou, és, e, somos, sois, são*.

Só ha a notar que a 3.ª pessoa do singular seja *e* por *es* que foi usada para distingui-la da 2.ª do singular.

O *s* desta pessoa é signal constante da 2.ª pessoa, enquanto que na 3.ª não tinha significação.

Quanto aos temas *vâl, nâ, flâ, fâ*, perderam-se em nossa Lingua; os compósitos de *do* seguem analogicamente os temas em *a*; as

formas do presente de *dô* e *stô* seguem as latinas e temos: *dou, dâs, dâ, etc.*; *estou, estâ, estamos, etc.*

Quanto aos temas *ed, fer*, pertencem ao caso:

2.º *Temas constituídos pela raiz com o suffixo A.*

Em Sânscrito, como em Latim, encontram-se numerosas formas do presente constituídas deste modo.

No Latim, porém, em virtude da fonologia e differenciação das formas pessoais, o suffixo toma as formas:

1.º singular		<i>o</i>
1.º pl. 2.º sing. e pl. 3.º sing.		<i>i</i>
3.º plural		<i>u</i>

As formas paralelas entre essas duas linguas mostram que o *o* da 1.ª pessoa provem de um *a* primitivo.

Assim *fero* corresponde ao Sânscrito *bharami* em que o *a* é reforçado.

No plural em que esta letra não é reforçada, temos *ferimus* e não *feromus*.

3.º *Temas constituídos pela raiz reduplicada.*

O numero destes temas é muito pequeno em Latim.

Quando a raiz termina em consoante junta-se-lhe o suffixo *a*, quando termina em vogal esta é considerada como si fosse aquelle suffixo.

4.º *Temas constituídos pela raiz com o suffixo N A.*

Neste caso ou o tema conserva o valor da letra *n* do suffixo: *lini* raiz *li*; *cerni* raiz *cer*; ou então o *n* é arrastado para o interior da raiz e fica unido aos outros sons: *vinci*, *victum, vici*; *fundi*, *fudi*, *fusum*; *frangi*, *fregi*, *fractum*.

5.º *Temas constituídos pela raiz com o suffixo S K A.*

A esta classe pertencem: *gnascor*, raiz *gna*; *gnosco*, raiz *gno*; *pascit*, raiz *pa*; *gliscit*; *sciscit*; *discit*; *crescit*; e poucos mais.

Este suffixo *ska* constitue formas conhecidas ordinariamente como incoativas.

Elle existe tambem no verbo *miscere*, onde se fundiu intimamente com a raiz de modo que percorre todas as formas do verbo e apparece nos derivados: *miscui, mixtus*.

6.º *Temas constituídos pela raiz com o suffixo T A.*

Este suffixo vem sempre depois de raizes terminadas por guttural: *pectil, flectit*.

Em Portuguez as desinencias destes cinco ultimos casos ou se conformam com as dos temas em *e* e soam:

1.ª singular:	<i>o</i> — <i>devo</i>	1.ª plural:	<i>ê</i> — <i>devemos</i>
2.ª »	<i>e</i> — <i>deves</i>	2.ª »	<i>ê</i> — <i>deveis</i>
3.ª »	<i>e</i> — <i>deve</i>	3.ª »	<i>e</i> — <i>devem</i>

ou se conformam com as dos temas dos verbos derivados em *i* e soam:

1. ^a singular: <i>o</i> : — <i>visto</i>	1. ^a plural: <i>i</i> : — <i>vestimos</i>
2. ^a » <i>ê</i> : — <i>vêstes</i>	2. ^a » <i>i</i> : — <i>vestis</i>
3. ^a » <i>e</i> : — <i>veste</i>	3. ^a » <i>e</i> : — <i>vêstem</i>

Devemos observar que depois do *z* (e lat.) e *r*, cai o *e* final da 3.^a pessoa do singular que não é protegido pela desinencia pessoal: — *diz*, *induz*, *quer*; entretanto no imperativo, temos: — *dize*, *induze*, etc.

7.^o Temas constituídos pela raiz com o sufixo *J A*.

A vogal *a* que no Sânscrito fica reforçada, soffre em Latim as mesmas modificações que o sufixo *A* (2.^o caso).

Assim do primitivo *ja* da primeira pessoa do singular no Sânscrito apparece em Latim *io* (*jo*); de *ja* das outras pessoas vem *ji* onde o *j* cai, e *iu* (*ju*); *capio* por *capioim*, de *capjomi*; *capis* por *capjis*, de *capjasi* que fazem *cepi* e *captum*.

Da mesma forma: *fugio*, *fugi*, *fugitum*; *facio*, *feci*, *factum*.

Em Portuguez não se encontram vestígios delle na 3.^a pessoa do plural: de *fugiunt* vem — *fogem*; de *factunt* vem — *fazem*.

Na 1.^a pessoa do singular, ora sincopa o *j* depois de ter elle influido sobre a consoante precedente, ora arrasta a semi-vogal *j*, por metatense, para o interior da raiz. Assim temos, ora — *jazo* — de *facio*, — *fujo* — de *fugio*, — *faço* — de *facio*, — ora — *caibo* — de *capio*, — *paivo* — de *pario*.

Em — *sei* — de *sapio*, o *i* final representa o *j* do sufixo: de *sapio* veio — *saibo* — donde, por sincopa do *b* — *saio* e *seio*. A queda do *o* deu-se para evitar a homonímia com — *seio* de *sinas*.

Confessa, em todo o caso, com muita razão Adolpho Coelho que não confia nesta explicação. E' possível que a queda do *o* seja puramente mecânica.

Sobre os temas do *perfeito* temos:

Estes temas são simples, ou compósitos.

Simple, como *fui*; compósitos, como *jacui* por *jac* — *fui*.

A explicação dos primeiros é, talvez, o ponto mais obscuro da theoria da conjugação latina.

Todavia pôdem ser explicados da seguinte maneira:

1.^o Os temas ou têm a raiz reduplicada ou não, e neste ultimo caso têm quasi sempre a vogal alongada.

Em Grego e Sânscrito, o perfeito é produzido pela reduplicação: *vid-vid-na* no indo-europeu significaria: eu vi. Em Latim *cecid*, *pupugi*, *momordi*, etc.

Quando o tema é sem reduplicação devemos notar que, ou a vogal que era breve no presente se torna longa no preterito: *lavi* de *lavo*; ou ao *a* do presente corresponde *e*: *feci* de *facio*; ou appare-

cem temas com vogal radical longa tendo ao lado formas do presente com vogal também longa: *sidi* ao lado de *sido*; ou temas com vogal longa que tem ao lado formas do presente com vogal da raiz seguida de nasal (*a* muda-se em *e*): *fregi* ao lado de *frango*; ou temas com vogal radical breve ao lado de presente com vogal seguida de nasal: *jidi* ao lado de *finde*; ou finalmente temas em que reaparecem a vogal radical do presente e as consoantes que a seguem sem alteração: *defendi*, *accendi*, etc.

Entretanto não há ainda uma explicação completa e satisfactoria destas formas sem reduplicação.

Julga Schleicher que todas as formas latinas do preterito provêm da forma reduplicativa; numas houve simples queda da sillaba de reduplicação, noutras, contracção.

A's primeiras pertence *tuli* ao lado de *tetuli*. A's segundas *fregi* ao lado de *refregi*.

2.^a Depois da raiz, um elemento *i* primitivamente longo em todas as pessoas, ao qual se juntam logo depois as desinencias pessoais na 1.^a singular e plural e 3.^a singular.

Em Latim as terminações são: *i*, *isti*, *it*, etc.

Uns explicam estas formas dizendo que este *i* é um elemento do quinto aoristo activo Sânscrito.

Outros, que deve ter origem no *a* breve formativo do perfeito Sânscrito e Grego.

A questão do perfeito latino é irresolúvel com os dados que até hoje se têm.

3.^o Um *s* collocado depois do elemento *i* na 2.^a pessoa singular e plural, e na 3.^a plural mudado em *r*.

Este *s* é resto da raiz *es* (*ser*) que entra em composição nas formas verbaes das linguas indo-europeas.

Para o Portuguez, os unicos perfeitos simples que passaram do Latim, são:

a) da raiz *da*: — *dei* — de *dedi*; *dêste* — de *dedisti*; *deu* — de *dedi*, influenciado pelas formas do perfeito composto dos derivados em *e*, como — *deven*, etc.

b) perfeito da raiz *ven*: — *vim* — de *veni*, etc.

Houve cuidado em evitar a confusão da raiz *ven* com o perfeito da raiz *vid*, pois de *venisti* melhor viria — *viste* — que — *vieste*.

c) da raiz *fu*: — *fui* — de *fui*; — *foste* — de *fuisti*, etc.

d) da raiz *vid*: — *vi* — de *vidi*; — *viu* — por analogia dos derivados em *i*, como *vestiu*, etc.

e) da raiz *fac*: — *fiz* — de *feci*, etc.

Nas formas portuguezas é bom notar: 1.^o que o *e* latino na 1.^a pessoa singular é representado por *i* para distingui-lo da 3.^a pessoa que conserva o *e*; 2.^o que nas sillabas não acentuadas o *e* muda-se em *i* por analogia da 1.^a pessoa; 3.^o mudança da acentuação na 1.^a pessoa plural por analogia das formas dessa pessoa no per-

feito portuguez em que ella é acentuada na penultima: *comemos*, *partimos*.

Sobre os temas simples do *imperfecto*, verifica-se que o seu numero é muito limitado.

Em Latim só se encontram dois: o do imperfecto da raiz *es*: *era* por *esa*, e o do imperfecto da raiz *fu*: *ba*, por *fua*, que só é empregado em composição: *monebam*.

Schleicher diz ser este imperfecto formado, como o lituanico, juntando-se á raiz as fórmulas do presente dos verbos derivados em *a* longo, primitivo *aja*.

Corssen, com melhor vantagem, prova que *eram* vem do Sânscrito *asam*.

Do mesmo modo se formou um imperfecto da raiz *bhu*, *fu* que pela fonetica latina se mudou em composição para *bam*, *bas*, *bal*, *bamus*, etc.

Em Portuguez o imperfecto da raiz *es*, é: — *era*, *eras*, *era*, *éramos*, *éreis* (ant. *erades*), *eram*.

Houve mudança do acento no *a* formativo para a raiz, no plural.

Como vimos, a raiz *fu* entra em nossa Lingua sómente em composição.

As fórmulas simples do *perfeito* parece provirem de uma epocha longínqua, o que torna difficilissima a sua analyse e boa explicação.

Dahi procurar o Latim um outro processo para formação de novos perfeitos.

E como succede no periodo da decadencia das Linguas, o meio posto em pratica foi o da composição, de que trataremos em seguida.



IX

Etimologia verbal: Temas compósitos. Voz passiva

I

No dominio da etimologia verbal falta-nos analisar a formação dos temas compósitos em sua origem.

Comecemos pelo *preterito perfeito*, também chamado *aoristo*.

Em Latim são dois os temas: em *si* e em *ui* ou *vi*.

A primeira fórmula *si* é originada da seguinte maneira: da raiz *es*, pelo processo de formação de temas simples do perfeito, veio naturalmente *es-es-i* donde *s-es-i*; depois, prevalecendo sempre a sílaba reduplicativa, se formou *si* que se juntou ás raízes verbaes, apparecendo em regra depois de gutural, dental ou labial: *duc-si* raiz *duc*, presente *duco*; *lud-si* de *lud*, presente *ludo*; *serp-si*, de *serp*, presente *serpo*.

Depois de *l*, *si* só apparece em *vul-si*, presente *vello*; depois de *n* em *man-si*, presente *manco*.

Quando as fórmulas radicaes terminam em *m*, se intermedeia um *p* antes de *si* para evitar a ligação *ms*: *sum-p-si*, presente *sumo*, etc.

A conjugação portugueza só tem um perfeito em *si* que é o da raiz *dic*:

dic-si	disse
dic-sisti	dissêste
dic-si-t	disse

O segundo tema composto do perfeito é *ui* ou *vi*.

Quando precede consoante se usa *ui*, quando vogal, *vi*: *crepui*, *ama-vi*.

Para demonstrar que esse tema é o perfeito da raiz *fu*, descoberta de Bopp, perderíamos grande espaço de tempo sem resultado para os estudantes.

Além disto, é o proprio Adolpho Coelho que, á vista das diversidades de opiniões de Corssen, Schleicher, Schweizer-Sidler e Bopp, diz que si algumas destas questões se acham resolvidas, outras carecem ainda de ser aprofundadas e vistas por todos os lados.

Das innumeradas provas que elle accumula para demonstrar que *ui* ou *vi* é o tema do perfeito da raiz *fu*, a mais clara e logica é a que apresenta com o verbo *pos-sum*.

Este verbo é, todos affirmam, composto do verbo *sum* e *pot*, dahi *potes*, *potest*, *potero*, etc., entretanto no perfeito é *pot-ui* em vez de *pot-fui*.

Em Portuguez não ha esta grande variedade de fórmulas que tanto difficultam o Latim.

Nossa Lingua modifica foneticamente as fórmulas latinas limitando a um só molde os verbos primitivos ou derivados.

Observemos estas modificações:

1.ª Verbos em *a* (1.ª conjugação):

amavi	amei
amavisti	amaste
amavit	amou
amavimus	amamos
amavistis	amastes
amaverunt	amaram

A sincope do *v* é facto que se observa no proprio Latim vulgar, como diz Corssen.

A mudança do *ai* em *ei* (*primario* — metatense — de — *primario* — deu — *primeiro* —) é natural em Portuguez, assim como na 2.ª pessoa do plural o desaparecimento do *vi*, *ve*.

Em Portuguez a forma *vi*, na 3.ª pessoa do singular se mudou em *u* (*navita* ao lado de — *navita*; *navifragus* — por *navifragus*) da seguinte maneira: Houve sincope do *i* ficando o *v* entre duas consoantes se mudou em *u*.

O *a* latino em *amavit* se transformou em *o* — *amou*, — o que também vemos em *aurus* — *ouro*; — *thesaurus*, — *tesouro*; e finalmente deu-se a queda da desinencia pessoal.

Assim temos no singular:

amavi	amai	amei
amavisti	amaisti	amaste
amavit	amaut	amout, amou

2.ª Verbos em *e* (2.ª conjugação):

debevi	debui	devi
debevesti	debuisti	deveste
debevit	debuit	deveu
debevimus	debuimus	devemos
debevestis	debuistis	devestes
debeverunt	debuerunt	deveram

Analiseemos: Na 1.ª e na 2.ª pessoa do singular e do plural sincopou-se o *v* do *vt*, contraindo-se o *ei* em *i* na 1.ª pessoa do singular e em *e* nas outras pessoas. Na 3.ª pessoa do singular se dá o mesmo fenomeno dos verbos da 1.ª conjugação: a forma *vi* é representada por *u*.

Na 3.ª pessoa do plural, houve sincope do *v* e os dois *ee* se contrairam num. Assim:

debevi	debei	debi	debemus	devemus	devi
debevimus	debeimus	debemus	debemus	devemus	devemos
debevit	debeut	debeu	deberunt	deverunt	deveu
debeverunt	debeerunt	deberunt	deverunt	deveram	deveram

3.ª Verbos em *i* (3.ª conjugação):

vestivi	vesti
vestivisti	vestiste
vestivit	vestiu
vestivimus	vestimos
vestivistis	vestistes
vestiverunt	vestiram

O *v* da forma *vi* cai; é este um fenomeno muito natural no proprio Latim nos verbos em *i*, diz Neue.

Pela queda do *v* os dois *ii* se contrairam: a transformação do *v* em *u* já foi explicada:

vestivi	vestii	vesti
vestivit, etc.	vestiut	vestiu, etc.

Os perfeitos latinos em *ui*, que o Portuguez conservou somente modificados foneticamente, são:

a) — perf. de *habere*:

— *houve* — por — *haube* — lat. *habui*.

— *houveste* — por — *haubeste* — lat. *habuisti*.

b) — de *capere*:

— *coube* — por — *caube* — lat. *capui*.

- c) — de *sapere* :
— *soube* — por — *saube* — lat. *sapui*.
d) — de *posse* :
— *pude* — por — *poude* — lat. *potui*.
— *poude* — ou — *póde* — lat. *potuit*.
— *pudemos* — por — *poudemos* — lat. *potuimus*.
Sómente com o fim de distinguir a 3.^a da 1.^a pessoa do singular o ditongo *ou* mudou-se em *u*.
e) — de *placere* :
— *prouve* — por — *proue* — lat. *placui*.
Nos antigos escritores encontram-se as fórmulas *plouge* e *plogue* ao mesmo tempo que *prouve*, em Fernão Lopes, por exemplo.
f) — de *jacere* :
— *jouve* (ant.) por — *jogue* — latim *jacui*.
Actualmente a forma é — *jazi*.
g) — de *ponere* :
— *pous* — por — *pous* — lat. *posui*.
— *poseste* — por — *pouseste* — lat. *posuisti*.
— *pós* — por — *pous* — lat. *posuit*.
h) — de *trahere*.
— *trouxe* — por — *trauxe* — lat. vulgar *tracsui*.
— *trouxeste* — por — *trauxiste* — lat. v. *tracsuisti*.
O *x* tem o som de *s* e por isso apparece mudado em *g* na forma antiga — *trouge* — e sincopado em — *trouve*, *trouveste* — onde o *v* foi introduzido para evitar o hiato resultante da queda da consoante medial, como prova — *couve* — de *caue* — do latim *caule*.
A forma em *x* raramente se encontra nos escritores classicos.
Nas canções populares de Algarve e Beira encontra-se a forma em *v*.
i) — de *tenere* :
— *tive* — por — *tene* — lat. *tenui*.
— *tiveste* — por — *teuisti* — lat. *tenuisti*.
— *teve* — por — *teue* — lat. *tenuit*.
Observam-se as seguintes modificações: A sincope do *u*, a consonantização do *u* para evitar o hiato, a mudança do *e* em *i* para distinguir a 1.^a da 3.^a pessoa no singular e por analogia da 1.^a a mesma mudança na 2.^a do singular e em todo o plural.
O perfeito do verbo — *ler* — formou em Portuguez o perfeito da raiz *sta*: — *es-tive*, *es-tiveste* — e um antigo do verbo — *ser*: *seve*, *severom*, de que se encontram exemplos em D. Diniz, J. Pedro Ribeiro, Azurara, nas Chronicas de Guiné, etc.
Analiseemos o futuro do indicativo.
Desapparecendo o futuro latino em *bo*, o Latim classico aproveitou o emprego do verbo *habere* soldado aos infinitivos verbaes e formou as linguagens *dicere habeo*, *portare habes*.

Esta construção, conhecida do Grego, é mais familiar a Lingua popular.
As Linguas novo-latinas fórmam por este processo o seu futuro.
O Valaquo constrôe por meio do verbo *velle*.
O Romanico obtem o futuro por meio de *venire*.
Em Sardo o auxiliar é collocado antes do infinito.
O Inglez forma-o com *shall* e *will*; o Allemão com *werden*: o Grego com *theto*, etc.
No Portuguez temos: *amarei* — *amar* + *hei*. Empregando-se a figura tmesse disjuncta-se aquella e collocam-se os pronomes complementos: *Amar-te-ei*, *amar-te-hei*.
No Francez: *Aimerai* — *aimer* + *ai* por *j'ai à aimer*.
No Provençal: *Dir-vos-ai*, *donar-lo-us-ai*, que sempre apparecem disjunctadas por artigos ou pronomes.
No Espanhol: *Hacer-lo-he*, forma anterior que *lo hare* correspondendo ao Latim: *Facere id habeo* — port. — *fa-lo-ei*.
No Italiano: *Cantaro* — *cantar-ho*, etc.
Julga Max-Müller que quem primeiro explicou a origem do futuro romano foi Caltelvetto na sua *Correttione* (1577); entretanto já em 1492 o espanhol Antonio de Nebrissa tinha reconhecido esta composição.
Observamos que na aglutinação do futuro, os verbos como — *dizer*, *fazer*, *trazer*, e outros perdem o *z*: — *direi*, *farei*, *trarei*.
Exceptua-se deste caso o verbo — *jazer* — que faz — *jazerei* — e não — *jarei*.
O que dissémos sobre o futuro se observa no *condicional* com a differença de ser este composto com o imperfeito do verbo *haver* na forma contraída: *amar* — *havia*, *amar-hia*, *amaria*.
O futuro do subjunctivo do Portuguez não existe no Latim e corresponde ao futuro perfeito.
Assim o futuro — *amar*, *amares* — etc., provém de *amavero*, pela sincope do *v* e desaparecimento da vogal atona substituida pela acentuada. Na 1.^a pessoa do singular o *o* final cai precedido do *r*, provavelmente depois de se ter mudado em *e*.
Do imperfeito do indicativo já tratámos quando nos referimos aos temas simples.
Temos que falar agora dos temas compósitos deste tempo.
Fórma-se elle acrescentando ao tema do presente o tema *ba*, imperfeito da raiz *fu*; assim do tema *da* fórma-se *daba*, de *sta*, *staba*.
O mesmo com os verbos derivados: *ama-ba*, *deve-ba*.
Na passagem para o Portuguez deram-se algumas modificações fónicas.
No imperfeito em *aba*, o *b* mudou-se em *v*: *amava* — latim — *amaba*.
No imperfeito em *eba*, desaparece o *b* e o *e* se muda em *i*: *Devia* — latim — *deweiba*.

No imperfecto em *ieba* o *b* é sincopado e o *ie* se contráe em *i*: *Vestia* — latim — *vestieba*.

Sobre os imperfectos — *punha*, *tinha* e *vinha* — Diez supõe que se retraiu o acento para firmar mais o *u* radical que, doutro modo, teria caído como no infinitivo; dizia-se — *pônia*, — para não fazer desaparecer o *u* em — *ponia* — e mudou-se o *o* em *u* e o *e* em *i* para distinguir do presente do subjunctivo.

No Romance de D. Aleixo, versão da Foz, recolhido por Th. Braga, — encontramos — *convenia* — por — *convinha*.

A terminação *sem* que fórma o imperfecto do subjunctivo, é originada de *esem* que devia ter sido o optativo da raiz *es*, *esam*.

Em Portuguez estas fórmas se originam do mais que perfeito do optativo latino:

— *amasse* — Latim — *amavissem*; — *fosse* — Latim — *fuissem*.

Houve no primeiro caso simples sincope de *vi*; as outras alterações são communs.

O mais que perfeito conserva-se em Portuguez sincopando-se o *ve*; por exemplo em *cantaram* — Latim — *cantaverunt*.

Soffre tambem deslocação do acento na 1.^a e na 2.^a pessoa do plural:

— *cantáramos* — Latim — *cantaverámus*.

— *cantáreis* — Latim — *cantaverátis*.

Foi, como se vê, conservado em Portuguez com pequenas alterações fonéticas.

Falta-nos traçar as fórmas nominaes do verbo.

Infinitivo presente. O verbo latino se fórma pela junção do elemento *re* ao tema do presente: *ama-re*, *mone-re*, *vesti-re*.

E' de notar que o *r* não é um som primitivo nesse elemento formativo, mas sim vem de um *s*, como provam as fórmas *pos-se*, *es-se*.

Em alguns casos houve assimilação: *fer-re* por *fer-se*, *vel-le* por *vel-se*.

Em Portuguez desapareceu o *e* final e reuniram-se numa as fórmas de *ere* breve e *ere* longo, confundindo-se as fórmas dos verbos primitivos com as dos derivados em *e* e *i*.

Foi o Portuguez a unica Lingua romanica que deu flexão pessoal ao Infinitivo.

Participio presente. Este participio é formado por meio do suffixo *ant* que perde a vogal *si* por ella termina o tema, e que ás vezes se transforma em *ent* e *unt*.

Em Portuguez o participio presente é usado como simples adjectivo ou substantivo.

Encontram-se muitas fórmas participaes em *ant*.

Em Latim occorrem alguns substantivos que eram primitivamente participios presentes: *infant*, que não fala, de *fant* participio de *fari*.

Em Portuguez ao lado de — *orient* — (de *orior*, *nascere*), *occidente* — (de *occido*, *morrere*), temos — *nascente*, *poente* —; de *lente* participio de *lêgo* formamos — *lente*; — *sargento* do antigo — *sergente* do Latim *serviente* modificado pelo Francez, e tambem — *tirante*, *caminhante*, *mercante*, etc.

Gerundio. Segundo Corssen, o suffixo *ondo*, *undo*, *endo*, *ndo*, do gerundio, do participio do futuro passivo, é composto do suffixo *on* e *do*.

A fórma *undo* por *ondo* é arcaica; a fórma *endo* substituiu-a na linguagem classica; a fórma *ndo* se junta aos temas derivados em *a* e *e*: *ama-ndo*, *mone-ndo*.

Em Portuguez não ha participio de futuro passivo, embora, appareçam palavras constituídas pelo mesmo processo: — *gemebundo*, *segundo*.

Das fórmas do gerundio só permaneceu a do ablativo: — *amando*, *vivendo*, *vestindo*.

Participio passado. E' formado em Latim por meio do suffixo *to* junto a fórma radical: *da-to*; ou por meio de uma vogal ligativa: *gen-i-to*; ou pela junção aos temas verbaes derivados: *ama-to*.

Em Portuguez conservou-se a fórma dos participios derivados em *a* e *i* (*ato*, *ilo*) abrandando-se o *t* em *d*: — *amado* — Latim — *amato*; *vestido* — Latim — *vestito*, na 1.^a e na 3.^a conjugação.

Na 2.^a conjugação o Portuguez, á semilhança das outras Linguas romanicas, adoptou o suffixo *uto*: *tributo*, *arguto*. O suffixo *udo*, ainda usado do seculo 16.^o, foi substituido pelo participio *ido*: *vencido*, *comido*, etc.

Do tipo — *udo* — encontramos: *estabelecudo*, *perduda*, *metudo*, *entendudo*, *respondudo*, *temudo*, etc.

Modernamente, destas fórmas possuímos: *teído* e *manteído* usadas numa fórmula conhecida das Ordenações; — *sanhudo* e o substantivo *conteúdo*.

No seculo 16.^o, appareceram muitas fórmas contraídas: *desbezo*, *coito*, *escoreito*, *represso*, *tolheito*, *volto*, *comesto*, *colheito*, etc.

O *supino* latino desapareceu no Portuguez.

O *participio do futuro* não existe em nossa Lingua com força participial.

Possuímos algumas palavras como: *immo-redouro*, *vindouro*, *casadouro*, etc., formadas com o suffixo *douro*.

Com o suffixo *ture*, existem: *futuro*, *ventura*, *sepultura*, *usura*, etc., considerados como substantivos em Latim.

Já sabemos que há em Portuguez duas vozes: a *activa* e a *passiva*.

Precisamos tratar agora da *passiva* que tem também o nome de *média passiva* ou *passiva reflexa*.

O Latim, ao contrario do Sânscrito e Grego, perdeu a primitiva voz média e procurou outro modo de formação.

Então recorreu primitivamente ou ao processo de juntar ás fórmulas do activo o pronome reflexivo *se*; ou ao processo de construir o particípio medio *mino* com o verbo *esse* que algumas vezes ficava occulto.

Do primeiro caso temos *amo-se*, do segundo *ama-mino-ss-um*. Fundindo-se depois estas duas fórmulas, usou-as o Latim promiscuamente, prevalecendo todavia a primeira.

O processo do Portuguez é differente.

Emquanto o Latim se exprime por desinencias, o Portuguez compõe uma fórmula com o verbo *ser* e o particípio passado: *sou amado* — latim — *amor*.

Nota-se, porém, que este processo já não existia em Latim no tempo de Cicero.

Também o Portuguez renova o modo apassivador latino do *se* reflexivo, processo que se encontra também no Slavo, mas que aquella Lingua só usa nas terceiras pessoas.

Possuimos em Portuguez muitos verbos activos cuja origem é um verbo passivo latino:

<i>falar</i>	do lat.	<i>fabulari</i>
<i>morrer</i>	» »	<i>mori</i>
<i>querer</i>	» »	<i>queri</i>

Mesmo em Latim vemos verbos empregados na fórmula activa e na fórmula deponente: — *ador* e *adulo*; — *comperior* e *comperio*; — *imitor* e *imito*.

Em Portuguez os verbos intransitivos não são usados na voz passiva.

Explicaremos ligeiramente a formação da voz passiva em Latim por meio de suffixos que sómente se acrescentam no presente imperfeito e futuro do indicativo, no imperativo e no presente e imperfeito do subjuntivo.

Nos outros tempos emprega-se o verbo *sum*, *es*, *fui*, *esse* e o particípio passado em *tus*: *amatus sum*, *amatus fueram*, etc.

Com o primeiro modo a passividade era assim feita:

1.^a *pessoa sing. do pres. do indicativo*.

A fórmula activa acrescenta-se um *r* que é originado de um pronome reflexivo *se*, que fica entre vogaes, vindo afinal a cair o *e*: — *amo* — *amo-se* — *amo-re* — *amor*.

2.^a *pessoa do singular*.

Ligaris ou *ligare*. Depois de juntar-se á fórmula activa *ligas* o pronome *se* foi preciso introduzir um *i* ligativo, mudando o *s* em *r*.

— *ligas* — *ligas-se* — *ligas-ise* — *ligar-ise* — *ligar-is*.

3.^a *pessoa do singular*.

Monetur. Depois de praticado o processo geral, introduziu-se a vogal ligativa *u*.

1.^a *pessoa do plural*.

Com a fórmula activa *amamus* se constituiu a fórmula passiva como as pessoas do singular — *amamus-u-se* — (*u* ligativo) e depois — *amamur-u-r*; — e pelo principio de dissimilação que manda destruir os elementos foneticos iguaes numa palavra, ficou — *amamur*.

Explicam também assim: — em — *amamur-u-r* — cá o *u* e apparece — *amamur-r* — e como a lingua não consente dous *rr* na desinencia, ficou — *amamur*.

2.^a *pessoa do plural*.

Emprega o Latim nesta pessoa o segundo processo de que fallamos a principio: — *ama-mini* — em vez de, pela regra geral, fazer — *amaleris*.

3.^a *pessoa do plural*.

Nada apresenta de novo.

A fórmula — *monentur*, — por exemplo, é resultado do *u* ligativo: — *monent-u-se* — em que o *s* transformado em *r* e o *e* caindo dá — *monentur*.

A mesma explicação se póde dar a respeito dos outros tempos do indicativo e do subjuntivo.



X

Palavras invariáveis

As categorias de adverbio, preposição e conjunção se desenvolveram das categorias de nome e pronome; é, como diz A. Coelho, clara ainda em Portuguez a origem nominal e pronominal de varios adverbios, preposições e conjunções.

Assim, os adverbios em *mente* são representantes de expressões nominaes do ablativo latino: *bonamente* — *boamente*.

A conjunção adversativa *mas* saiu do adverbio *mais*, no Latim *magis*, comparativo da raiz *mag* que encontramos em *mag-nus*.

A negativa *non* (*não*) é o acusativo da raiz pronominal *na* que vemos em *na — m — que*, *nu — n — quam*.

Como representa o Latim *quo modo*, ablativo de um pronome e de um nome.

O antigo adverbio *car* vem de *qua re*.

I

ADVERBIOS

Os adverbios, como as palavras invariáveis, têm, em geral, sua etimologia na Lingua latina.

Derivam-se:

1.º de adverbios ou locuções adverbias da Lingua latina, mais ou menos correspondentes:

Antes — *ante*.

Bem — *bene*.

Já — *jam*.

Agora — *hac hora*.

Hoje — *hoc die*.

Jamais — *jam magis*.

2.º de adjectivos empregados invariavelmente na forma masculina:

Caro (comprou *caro*).

Alto (falei *alto*).

3.º de adjectivos na forma feminina a que se junta o suffixo *mente*:

Bella + *mente*.

Clara + *mente*.

4.º de locuções formadas na própria lingua:

Outr'ora.

Ante-hontem.

ADVERBIOS DE TEMPO

Ontem provem de *ad noctem*.

Sempre » » *semper*.

Logo » » *loco*.

Nunca » » *nunquam*.

De formação vernacula:

D'ora em diante.

Depois de amanhã, etc.

ADVERBIOS DE LUGAR

Além provem de *aliunde*.

Ali provem de *ad illic*.

Ahi provem de *ad-hic*. Corresponde ao Francez *y* e apparece com esta função no Italiano, Provençal, Espanhol e no antigo Portuguez.

Aqui provem de *ecce hic (ecc'hic)* ou da fôrma pleonastica *hic hic*.

Acolá provem de *hac illa*.

Eis provem da fôrma *heis* — *haver* — ou do verbo *vêr*.

São interessantes as razões que João Ribeiro apresenta para demonstrar a origem deste adverbio:

«*Eis* não deriva de *ecce*, mas é um tempo do verbo *vêr*: *eis* (ou *heis* — *vês*) pôde ter complemento *eil-o*. Ha quem veja em *eis* uma fôrma de *heis*, *haveis* de *haver*; creio, porém, que a fôrma *heis* contem a aspirada correspondente a *f* no hespanhol *hacer* — *fazer*, que por vezes passou ao portuguez (*hediondo* — *fetibundus*).

O castelhano antigo tinha a fôrma verbal *afe* por *ahe* em que *he* — *fe* com identico sentido e uso.

Comquanto mais facilmente occorra derivar *eis* — de *heis* ou *haveis*, julgo que é uma segunda pessoa do singular *eis* — *heis* ou *hês* — *vês*. Nos escriptores mais antigos encontramos a orthographia *ex* por *es* ou *eis* (por exemplo, no Leal Conselheiro e ainda nos quinhentistas Lucena e outros); e tambem a fôrma *vês* e *veis* por *eis*, como em Sá de Miranda.

Tambem nota Madureira o uso de *vês* — *eis*, na sua *Orthographia*.»

Lá provem de *illac*.

Longe » » *longe*.

Onde » » *unde*.

ADVERBIOS DE QUANTIDADE

Apenas provem de *ad penæ*.

Assás » » *ad satis*.

Cerca » » *circa*.

Mais » » *magis*.

Quasi » » *quasi*.

Em Latim existe o adverbio *plus*, que actualmente não tem correspondencia em Portuguez, com a fôrma antiga *chus* e que significa o mesmo que *magis* — mais.

Encontra-se esta palavra em documentos do principio do seculo 14.^o

Do meiado deste seculo em diante não será facil, diz Theophilo Braga, que se encontre uma só vez.

E' tambem raro nos livros de 1300 a 1330.

No *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*, segundo Varnhagem, encontra-se a frase: — *Nunca chus algo fazer*.

ADVERBIOS DE AFFIRMAÇÃO

Sim provem de *sic*.

Não » » *non*.

O adverbio *quicá* é de origem latina — *quid sapit*; *debalde* provem do arabe; *amen*, do hebraico.

ADVERBIOS DE MODO

A grande classe dos adverbios de modo se origina de adjectivos na fôrma feminina juntos ao suffixo *mente* que representa o ablativo latino de *mens*, *mentis* (espírito, mente).

Pertencem tambem a esta classe os adjectivos que ficaram invariaveis na fôrma masculina.

Assim provem de *ad sic*.

Mal » » *male*.

Como » » *quo modo*.

II

PREPOSIÇÕES

As preposições se derivam:

1.^o de preposições latinas: *a* que provem de *ad*; *ante* de *ante*; *com* de *cum*; *contra* de *contra*; *entre* de *inter*; *por* de *pro* e de *per*; *sem* de *sine*; *sobre* de *super*, etc.

2.º de duas preposições latinas reunidas: *após* que provem de *ad post*; *diante* de *de ante*; *depois* de *de post*; *desde* de *de ex de*; *atrás* de *ad trans*; *para* de *per ad*, etc.

3.º de palavras ou grupos de palavras da própria Língua portugueza: *salvo*, *excepto*, *tocante*, *durante* (originadas de participios), *defronte*, *em frente*, etc.

Certas preposições latinas dão origem a palavras em Portuguez conservando a sua fórma: *EXTRA-ordinario*, *SUPRA-mencionado*; outras soffrem pequenas alterações: *POS-pôr* (*post-pôr*); *TRAN-montana* (*trans-montana*).

III

CONJUNÇÕES

As conjunções se derivam:

1.º de conjunções e de outras palavras latinas: *como* provem de *quomodo*; *e* de *et*; *logo* de *loco*; *nem* de *nec*; *ou* de *aut*; *pois* de *post*; *que* de *que*; *si* de *si*; *mas* de *magis*; *porém* de *pro inde*; *porque* de *per quod*.

2.º de palavras portuguezas, como em geral são as locuções conjuntivas: *ainda que*, *bem que*, *todavia*, *outrosim*, *comtudo*, etc.

IV

INTERJEIÇÕES

As interjeições naturaes *oh!* *ai!* etc., pelo facto de representarem um sentimento subito, não têm etimologia; o que acontece mesmo com as formadas por onomatopéia: *zumzum*, *trás-zás*, etc.

As convencionaes têm sua origem em substantivos,

adjectivos, verbos, etc., e por isso vêm da Língua donde estes se originaram.

Podemos notar, vindas do:

Latim: *apage*, *eia*, *sus*.

Italiano: *bravo*, *presto*.

Inglez: *hip*, *hurrah*.

Francez: *vlan*, *bruhaha*, *chiton*.

Espanhol: *caspíte*, *caramba*.

Arabe: *oxalá*.

A interjeição *aqui d'el-rei* é de formação portugueza, representação da frase: *Aqui justiça d'El-rei*.

Muitos escrevem *ak d'el-rei*, dando-lhe origem celtica.



SINTAXE

Lexica: estuda as relações das palavras umas com as outras na oração.

Logica: estuda as relações das orações umas com as outras no período.

I

Sintaxe

Sintaxe é a parte da grammatica em que se estudam as palavras e os grupos de palavras na oração. Divide-se em *lexica* e *logica*.

Lexica é a parte da sintaxe em que se estudam as relações das palavras umas com as outras na oração.

Logica é a parte da sintaxe em que se estudam as relações das orações umas com as outras no periodo.

Oração é o enunciado de um juízo por meio de uma ou mais palavras.

Todas as vezes que formamos conceitos e os exprimimos por palavras, formamos orações.

Em geral, em cada oração ha um facto de que se trata, é o *predicado*; e o individuo a quem se refere o facto, é o *sujeito*.

Na oração: *Os passaros voam*, o predicado é *voam* e o sujeito é *os passaros*.

Em alguns casos o facto é exclusivamente exercido por um sujeito que fica occulto e a oração consta de um verbo sem sujeito: *chove*.

Em outros casos quando não se quer, não se sabe, ou não se pôde declarar o sujeito, fica este occulto e o verbo é empregado na 3.^a pessoa do singular ou do plural: CONSTA *que rebentou uma revolução.* DIZEM *que a revolta venceu.* CUMPRE *observar os factos.* FAZ *calor.*

Em qualquer desses dois casos, o verbo apparece sem sujeito, ou se diz que o sujeito é indeterminado.

A's vezes o verbo é acompanhado do pronome — *se* — que representa a indeterminação do sujeito: VIVE-SE *bem no Recife.* ESTUDA-SE *muito neste collegio.*

Ha verbos de predicação incompleta que, para exprimirem o facto de que se trata, têm junto de si um adjectivo ou palavra equivalente. Neste caso o predicado é expresso por um verbo com um *completivo* que tambem se chama *atributo* ou *predicativo.* O *sol* é LUMINOSO. A *lua* FICOU DESMAIADA.

Os verbos que exigem esse completivo, são: *ser, estar, parecer, ficar, andar, costumar,* etc.

Quando a significação geral de qualquer dos termos se especializa, a elle se junta um *modificativo*, que pôde ser uma palavra, um grupo de palavras ou uma oração: Os *animaes* DA AUSTRALIA *têm fôrmas extraordinarias.* CÃO QUE LADRA *não morde.**

Este modificativo tambem se chama *apposto*, que deve ser da mesma natureza da palavra a que estiver modificando, isto é, o seu fundamental.

Appostô, é todo substantivo ou expressão equivalente que se junta a um nome para determina-lo ou caracteriza-lo com mais precisão ou individuação: D. Pedro 2.^o, EX-IMPERADOR DO BRAZIL.

O *apposto* que se colloca depois de outra palavra exprime com esta a mesma pessoa ou cousa.

A's vezes o *apposto* é representado por uma oração inteira e vem modificando o sentido geral de outra oração: *Pernas delgadas e nervósas*, INDICIO DE GRANDE LIGEIREZA, *movimentos rapidos e bruscos*, SIGNAL DE FORÇA PRODI-

GIOSA. Rebello da Silva. *As velas tremulavam no mastro*, SIGNAL CLARO DE NOSSA VICTORIA.

Assim a oração consta de dois termos essenciaes: o sujeito e o predicado, unicos ou acompanhados de modificativos.

Além dos elementos essenciaes e modificativos, ha os *elementos connectivos*, que unem as orações e partes das orações e os *elementos absolutos* que, por si sós, valem orações.

São elementos connectivos: as *preposições*, as *conjunções* e os *relativos.*

São elementos absolutos: a *interjeição* e o *vocativo.*

Vocativo é um sujeito de 2.^a pessoa a quem chamamos, invocamos ou exortamos, acompanhado de interjeição clara ou occulta. Representa a pessoa a quem o discurso se dirige.

Sujeito é o termo de que se affirma uma acção, qualidade ou estado. Representa o objecto principal de que se fala e exercita o significado do verbo.

E' expresso:

1.^o por um substantivo: O GATO *mia.*

2.^o por um pronome: Nós *pensamos.*

3.^o por qualquer palavra substantivada: O SIM *agrada.* TRABALHAR *é necessario.*

4.^o por uma oração: E' *inegavel* QUE A TERRA GIRA.

O sujeito pôde ser modificado:

1.^o por um adjectivo: *Desfez-se a nuvem* ESCURA.

2.^o por um *apposto*: O Amazonas, RIO CAUDAL, *nasce no Perú.*

3.^o por um substantivo com preposição: Praças SEM FIM *cobrem o solo.*

4.^o por uma oração: Divina guarda QUE OS CÉUS, O MAR E TERRA SENHOREAS.

Predicado é o termo que exprime acção, qualidade ou estado que se refere ao sujeito.

E' representado:

1.º pelo verbo predicativo simplesmente: *Os animaes VIVEM.*

2.º por um verbo de predicação incompleta com um completivo ou atributo: *Deus é ETERNO. Elle PARECE DOENTE. Eu ESTOU ALEGRE.*

Atributo é um adjectivo ou qualquer palavra ou oração que representa qualidade ou maneira de ser.

Póde ser representado:

1.º por um adjectivo ou locução adjectiva: *O Tejo era SERENO. Sua voz era DO CÉU (celeste).*

2.º por um substantivo: *O homem é ANIMAL.*

3.º por um pronome: *Si tu fôras EU.*

4.º por uma oração: *Morrer é PERDER A VIDA.*

O **atributo** ou **predicativo**, tambem se póde chamar **completivo**, e se divide em: **completivo subjectivo**, quando modifica o sujeito: *João ficou rico*; e **completivo objectivo**, quando modifica o objecto: *D. Pedro tornou o Brazil NAÇÃO LIVRE. Eu chamei-o HERÓI. Julgo-o PREPARADO.*

Esse **atributo**, **completivo** ou **predicativo**, se junta a verbos intransitivos, exprimindo effeito da acção ou transformação do sujeito, ou a verbos transitivos na voz passiva, como: *continuar, andar, ir, vir, apparecer, estar, ficar, parecer, nascer, morrer, sair, tornar-se, manter-se, sentir-se*, etc.: *Elle continúa BOM; elle anda DOENTE; elle vai ASSUSTADO; elle foi eleito GOVERNADOR; elle foi julgado CAPAZ; elle tornou-se NOTAVEL.*

Alguns apparecem regidos de preposição: *Nós o havemos POR PERDIDOS; elle se appellidava de SALVADOR; elle está COM SAÚDE.*

O **predicado** póde ser modificado:

1.º por um substantivo ou pronome directamente regido: *Os homens povoam A TERRA. O sol NOS aquece.*

2.º por um substantivo ou pronome regido de preposição: *Os corações desfallecem DE SUSTO. Venha A NÓS o vosso reino.*

3.º por um adverbio: *Entra ASSIM no reino d'agua o Deus do vinho.*

4.º por uma oração: *Disse o mestre rijamente: ALIJA TUDO AO MAR.*

Modificativo é o termo que especializa, completa, ou explica a significação de outro termo.

Tambem se chama **complemento** ou **adjunto**.

O modificativo póde ser **concordado** ou **regido**.

Concordado é o que se liga ao modificado por identidade de fórma.

Póde ser:

1.º o adjectivo: *Trombetas SONOROSAS vão tocando.*

2.º o apposto: *O Amazonas, RIO CAUDAL.*

3.º o pronome pessoal: *Deu-me na cabeça (minha cabeça). As lembranças que n'alma LHE moravam (na sua alma).*

Regido é o que se liga ao modificado directamente pelo sentido ou por intermedio da preposição.

No primeiro caso é **directo**; no segundo, **indirecto**.

Póde ser representado:

1.º pelo substantivo: *O raio de teu genio illumina o HORIZONTE da patria.*

2.º pelo pronome: *Thetis divina canta-LHE as luzas glorias no Oriente.*

3.º pelo adverbio: *O peito heroico generoso perdão JAMÁIS recusa.*

4.º pelo verbo no infinitivo: *O vapor estava preparado PARA SAIR.*

5.º por uma oração: *Nem a gazella timida receia QUE ALGUEM A PAZ LHE QUEBRE.*

Estes modificativos se chamam **atributivos** ou **adverbiaes**.

Atributivos são aquelles que modificam o substantivo.

Adverbiaes são aquelles que modificam o adjectivo, o verbo ou o adverbio. Expressam uma circumstancia.

O adjunto attributivo toma o nome especial de *complemento determinativo* ou *restrictivo* quando é regido de preposição: *O mouro despreza o poder* DOS CHRISTÃOS.

O adjunto adverbial toma os nomes especiaes de *objecto directo* ou *objecto indirecto*.

Objecto directo é o modificativo que representa a pessoa ou o objecto sobre que recai immediatamente a acção indicada pelo verbo: *A bondade de Deus premeia* O JUSTO.

O objecto directo não é geralmente regido de preposição. Casos ha, porém, em que esta preposição se torna necessaria; taes são:

1.º Para evitar confusão no sentido, quando o objecto poder praticar a acção: *A LAVINIA Enéas furtou. Lia Alexandre* A HOMERO.

Costuma-se, ás vezes, neste caso, não empregar a preposição, mas repetir o objecto representando-o por uma variação pronominal correspondente, para maior clareza, principalmente quando o objecto vem antes do verbo: *Emquanto* O MAR cortava-o *a armada. A NOTICIA não* A trouxe *o jornal hoje.*

2.º Em casos especiaes de construção vernacula: *Pucha* DO PUNHAL. *Arrancam* DAS ESPADAS *de aço fino. Cumpre* COM O TEU DEVER. *Chamou* POR ALGUEM.

3.º Quando é representado por um verbo no infinitivo precedido de verbos como: *acabar, aprender, cessar, começar, ensinar, findar, principiar etc. Acabei* DE ESTUDAR; *cessou* DE CHOVER; *começaram* A FALAR; *ensinou* A TRABALHAR etc.

4.º Quando é representado pelas variações pronominaes, menos *lhe, lhes, commigo, contigo, comsigo, conosco, convosco*: *Eu* ME visto. *Elle* TE apresentou *á sociedade.*

Objecto indirecto é o modificativo que representa a pessoa ou o objecto sobre que recai, por meio de prepo-

sição, a acção indicada pelo verbo: *Os nobres corações* DE SUSTO *desfallecem.*

Qualquer dos termos de uma oração pôde ser *simples* ou *composto*.

Termo simples é o formado de um só termo, unico na especie: *Deus existe.*

Termo composto é o formado de dois ou mais termos da mesma especie, coordenados: CABEÇAS, BRAÇOS, PERNAS, *pelos ares vão saltando.*

O termo *simples* ou *composto* pôde ser *complexo* e *incomplexo*.

Termo complexo é o que tem modificativo: *A LUA QUE NOS ILLUMINA é um satellite.*

Termo incomplexo é o que não tem modificativo: *Tudo morre.*

Pôde ser tambem: *logico* e *grammatical*.

Termo logico é o termo com seus modificativos.

Termo grammatical é qualquer um dos termos distintos, separados de qualquer outro.

As relações que as palavras têm entre si, são:

1.ª *relação predicativa* que é a que existe entre o sujeito e o predicado.

Os passaros	voam
O homem	é um animal
O Gama e o Catual	falando entravam na sala
Um velho	lhe dava a verde folha

2.^a *relação atributiva* a que modifica o substantivo:

O	livro
Amazonas	rio caudal
Livro	encadernado
Análise	que copiei (copiada)
Grammatica	de Julio Ribeiro.

3.^a *relação adverbial*, a que modifica o adjectivo e o verbo:

Elle fugiu	vergonhosamente
Gosto	de estudar
Comi	como um alarve
Casa feita	a capricho

4.^a *relação objectiva*, que é um caso especial da relação adverbial, modifica também o verbo de acção transitiva: *Quero estudar PORTUGUEZ. Comi DUAS LARANJAS.*

II

Periodo ou **oração logica** é a expressão do pensamento por meio de uma ou mais orações grammaticaes.

As orações se dividem em *simples*, *compôstas* e *complexas*.

Simples é a que contem sómente um termo de cada especie.

E' por sua natureza absoluta e tem o verbo no indicativo ou no imperativo:

Inda murmuram do Mondego as aguas
Os maviosos ais de Ignez de Castro.
B. de Paranapiacaba.

As orações simples se subdividem em:

Declarativa (affirmativa ou negativa) é aquella que narra, conta ou assevera um facto:

Não se contenta a gente portugueza.

Camões.

Imperativa é aquella que exprime um facto ordenado ou pedido:

Foge, Lusitano, da cilada do rei.
Dai-me uma furia grande e sonora.

Camões.

Interrogativa é aquella por meio da qual se pergunta, indaga ou interroga:

Quem te trouxe a est'outro mundo
Tão longe de tua patria lusitana?

Camões.

Exclamativa é aquella que indica um sentimento de admiração, de enthusiasmo:

No mar tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!

Camões.

Composta é a oração que contem mais de uma proposição com a mesma função.

Estas proposições se dividem em *asindeticas* ou *collateraes* e *sindeticas* ou *coordenadas*. Também se podem cha-

mar coordenadas por juxtaposição e coordenadas por conjunção.

Asindeticas ou **collateraes** ou **coordenadas por juxtaposição**, são as proposições que não têm termos que as liguem, não têm connectivos; ligam-se pelo sentido: *O de Luso rompe, cõrta, desfaz, abola, talha.* (Camões.)

Sindeticas ou **coordenadas** são as proposições que têm termos que as liguem, têm connectivos: *No jogo se perde o amigo e se ganha o inimigo.*

Os connectivos que ligam as proposições sindeticas ou coordenadas, são as conjunções de coordenação:

Copulativas: *O tempo vai a passo e não descança. Os velhos hão de morrer, TAMBEM os moços pôdem morrer.*

Adversativas: *O cão pôde correr, MAS não sabe trepar. Estudei a lição, ENTRETANTO não soube decora-la.*

Disjuntivas: *O vento ajunta, OU dispersa as nuvens. ORA chove, ORA faz sol.*

Conclusivas: *Penso, LOGO existo. Estudo, PORTANTO hei de aprender.*

Complexa é a oração que contem duas ou mais proposições com dependencia reciproca.

A que rege as outras tem o nome de *principal*, que deve ter o verbo no indicativo ou no imperativo.

A outra ou outras têm o nome de *subordinadas* ou *clausulas*.

As clausulas se acham ligadas umas ás outras pelo sentido ou pelas conjunções de coordenação.

Dividem-se em *substantivas*, *adjectivas* e *adverbiaes*.

Substantiva é aquella que equivale a um substantivo. Serve de sujeito ou objecto a uma outra oração e geralmente começa pela conjunção integrante *que* ou por palavra interrogativa: *LOUVAR ESFORÇO ALHEIO é cousa desejada. O capitão disse: DAI VELAS AO LARGO VENTO. Sou bem informado DE QUE EMBAIXADA É FINGIDA.* (Camões.)

Adjectiva é aquella que equivale a um adjectivo. Modifica um substantivo e começa geralmente por um pronome relativo:

Ergue a virgem os olhos QUE O SOL NÃO DESLUMBRA. (Alencar.)

Adverbial é aquella que equivale a um adverbio. Exprime circumstancias e modifica um adjectivo ou um verbo.

Tempo: Não eram os traquetes bem tomados, QUANDO se dá a grande e subita procella (Camões).

Fim: Falar ao rei gentio determina PORQUE com seu despacho se tornasse. (Camões).

As orações pôdem ser:

Contracta ou **abreviada** é a oração que se fórma de varios termos da mesma especie, subordinados ao mesmo sentido; isto é, pôde ter o mesmo sujeito ou o mesmo predicado, ou o mesmo objecto, etc.:

De Duarte foi breve o reinado

E curtido de grande afflicção, isto é:

De Duarte foi breve o reinado, e de Duarte foi o reinado curtido de grande afflicção.

As orações contractas são divisiveis em duas ou mais orações. Não são, assim, contractas, orações como: *Pedro e Paulo são parentes. A casa é branca e amarella. Elle juntou ovos e espetos, alhos e bugalhos.*

Estas orações não pôdem ser desdobradas, separadas ou divididas.

Elíptica é a oração que tem um de seus termos ocultos, que com facilidade o espirito subentende :

*Honra ao cantor dos lusitanos fastos !
Joelho em terra ! A Universal Historia
Leve aos vindouros de Camões o nome
Como eterno padrão da lusa gloria !*

(B. de Parapiacaba.

Implicita é a oração cujos termos principaes deixaram de ser expressos.

Formam orações implícitas, por exemplo, os vocativos, as interjeições e os adverbios empregados em fôrma absoluta : *Queres estudar ? NÃO. Queres passear ? SIM, EI-LO AQUI.*



III

Substantivo

A sintaxe do substantivo se refere especialmente á sua collocação e concordancia na oração, e á mudança de significação que pôde ter pela mudança de genero ou de numero.

Em geral o substantivo se colloca antes do adjectivo. *Mão direita. Deus Padre. Estrella fixa.* Exceptuam-se certos casos consagrados pelo uso.

Em outros casos a mudança de lugar do substantivo altera seu significado :

*Altos céus — ceus altos ; certa manhã — manhã certa ;
nóvos homens — homens nóvos.*

*Um principe estrangeiro . . . bem poderá ser nosso rei ;
mas vai grande differença de ser NOSSO REI ou ser REI
NOSSO. (Vieira.)*

A mesma mudança se dá com a variação do genero e numero :

*Madeiro — madeira ; bago — baga ; honra — honras ;
letra — letras.*

O substantivo usado como apposto deve, sempre que fôr possível, concordar em genero e numero com o nome a que estiver apposto, isto é, com o seu fundamental : *As ninfas, filhas do Oceano. Eduardo, rei de Inglaterra.*

O substantivo empregado como apposto é muitas vezes ligado ao seu fundamental pela preposição — *de* —, que figura de simples expletivo: *A cidade DO Recife; Rua DO Barão da Victoria.*

Si o substantivo fizer as vezes de attributo pôde dispensar a concordancia: *As piramides do Egypto são UM ENIGMA para os viajantes. Os barbaros foram o TERROR do universo. O mundo são homens. Aquella criança é um bobo.*

O substantivo empregado epiteticamente em referencia a um substantivo masculino toma, na linguagem popular, o genero deste: *João é UM BANANA.*



IV

Adjectivo

I

COLLOCAÇÃO E CONCORDANCIA

Os adjectivos determinativos geralmente se collocam antes dos substantivos.

Dos qualificativos, o restrictivo se colloca depois, o explicativo pôde ser collocado antes ou depois.

Os adjectivos concordam em genero e numero com os substantivos a que se referem: *Casa BRANCA; homens SÁBIOS; ESTE livro.*

A's vezes, o adjectivo na terminação masculina se refere a um substantivo feminino, pois se acha empregado no genero neutro, cuja flexão, ao desaparecer, se confundiu no Portuguez, com o masculino: *E' BOM toda CAUTELLA (Castilho). E' NECESSARIO uma DETERMINAÇÃO (Rebello da Silva). Tem sido PRECISO MUITA ENERGIA (C. C. Branco). (Apud Mario Barreto).*

Si o adjectivo fizer as vezes de adverbio, fica invariavel: *Que a NEVE está CONTINO pelos montes (Camões). Corria a GENTE RIJO para a praia (João de Barros).*

Há exemplos de adjectivos empregados adverbialmente

tomando flexão de genero e de numero: *Oh! que CAROS me custaram meus deleites!* (Bernardes). *Vamos a falar SERIOS.* (Camillo).

O adjectivo — *todo* —, apesar de empregado adverbialmente na accepção de *totalmente, completamente*, toma flexão de genero e de numero: *Via-se no quadro a deusa TODA ornada e enriquecida de joias.* (Vieira). *A santa mulher chega ao marido TODA envergonhada* (Castilho).

O vocabulo *meio* pôde ser empregado como adjectivo e como adverbio.

Quando significar *quasi* é adverbio e, portanto, invariavel; quando significar a *metade* é adjectivo e, portanto, variavel: *Porta MEIO ABERTA*, isto é, *QUASI aberta* (adv.). *Porta MEIO ABERTA*, isto é, *aberta pela METADE* (adj.). *Minha MEIO rural*, *MEIO urbana parochia* (Herculano). *E assim nascem as chronicas*, *MEIAS novellas MEIAS historias* (Herculano).

Alguns exemplos que se encontram do adverbio *meio*, variavel, podem ser explicados por eufonia ou por atracção: *Edificios MEIOS cobertos de areia.* (João de Barros). *Aqueles ossos MEIOS descarnados.* (Vieira). *Uns caem MEIOS mortos.* (Camões).

Sobre o adjectivo *meio*, empregado como adverbio, são interessantes as considerações de Silva Tullio em seus *Estudinhos da Lingua Patria*.

«Erram muitos escriptores contemporaneos empregando o adjectivo *meio* sem lhe darem construcção adverbial que lhe compete em phrases taes como — *casa meio feita, pessoa meio morta, porta meio aberta* — *Uma casa pôde estar meia feita e meio feita.*

Na primeira hypothese affirma-se que a *casa está feita até metade*, por exemplo, da altura que deve ficar; na segunda que a *feitura da casa está em meio*.

Na primeira phrase o vocabulo — *meia* — é rigorosamente adjectivo e como tal concorda com o substantivo em genero e numero; na segunda emprega-se o mesmo adjectivo adverbialmente e então dá-se sempre a terminação masculina.

O seguinte excerpto de Vieira (Sermão 10, 163) tira todas as duvidas, porque nos dá exemplos de ambas as hypotheses ... *Eram linguas partidas, não só, porque eram muitas linguas, senão porque*

eram linguas e meias linguas, como as que elle arremedava. Meias linguas porque eram meio europeas e meio indianas; meias linguas porque eram meio politicas e meio barbaras; meias linguas porque eram meio portuguezas e meio de todas as outras nações que as pronunciavam ou mastigavam a seu modo.»

E' verdade que se encontram em Feirão Mendes Pinto, Lucena, João de Barros, Camões, Herculano, Castilho e outros, expressões em que *meio* empregado como verdadeiro adverbio toma as formas de feminino e plural, mas isto se pôde explicar por uma lei de sintaxe, chamada *atração*.

E' por esta lei que André de Resende diz: *E avendo MUITOS POUCOS dias que el-rey era doente* em vez de *MUITO POUCOS*.

A regra de concordancia do adjectivo com o substantivo soffre excepções:

1.^a Quando concorrem substantivos do singular, de genero e significação differentes, o adjectivo vai para o masculino plural: *Esforço e arte HUMANOS*.

Há exemplos de classicos fazendo a concordancia com o mais proximo: *De que céu e TERRA é CHEIA.* (Sá de Miranda).

A concordancia com o mais proximo se dá principalmente si o adjectivo preceder os substantivos: *Que assim mereça ETERNO NOME e fama* (Camões). *A autoridade de tantos ministros de todos os maiores tribunaes sobre CUJO CONSELHO e consciencia se costumam descarregar as dos reis* (Vieira). *Escolhestes MÁU LUGAR e hora para renovar a requesta* (Herculano).

2.^a Quando os substantivos são de significação semelhante, o adjectivo concorda com o mais proximo: *Pesar e DÔR AMARGA. Dôr e PESAR AMARGO*.

3.^a Quando os substantivos são do mesmo genero, o adjectivo vai para o plural: *A boca e a face RETORCIDAS. Tres lapis e um tinteiro ESTRAGADOS*.

4.^a Quando os substantivos estão no plural e de genero differente, o adjectivo concorda com o que está mais proximo: *São muito CONHECIDAS AS PESSOAS e os animos.* (Vieira).

5.^a Quando os substantivos são de genero e numero diferentes, o adjectivo concorda no masculino plural, ou com o mais proximo si este estiver no singular: *Um mez e duas semanas eram passadas*, ou: *Era PASSADO um MEZ e duas semanas*, ou: *Era PASSADA uma semana e dois mezes*, etc.

6.^a Quando o substantivo é um collectivo, no singular, ás vezes o adjectivo toma a fórma plural:

*Logo todo o RESTANTE se partiu
Da Lusitania PÓSTOS em fugida.*

(Camões).

7.^a Quando o substantivo é nome de titulo feminino, o adjectivo concorda com a pessoa a quem nos referimos ou com quem falamos: *V. Senhoria é SERVIDO* (sendo homem). *V. Alteza está ADMIRADA* (sendo rainha). *V. Reverendissima parece DESEJOSO* (sendo padre), ou *parece DESEJOSA* (sendo freira).

E' defeituoso o emprego de um substantivo no plural fazendo concordar com elle dois ou mais adjectivos no singular: *O primeiro e segundo LIVROS; as LINGUAS portugueza e franceza*. Deve-se dizer: *O primeiro e o segundo livro; a lingua portugueza e a franceza*. Entretanto Camões empregou: *O quarto, o quinto AFFONSOS e o terceiro*.

II

GRÁU

Os adjectivos qualificativos têm gráus: comparativo e superlativo. Muitos, porém, apresentam a fórma augmentativa e diminutiva que pertencem aos substantivos: *toleirão, espadaúdo, bonitinho, esfarrapadinho, pobretão*, etc.

Assim tambem o superlativo, que é gráu que pertence ao adjectivo, se applica, na linguagem familiar ou popular, aos substantivos: *COUSISSIMA nenhuma*.

Escritores de valor usam de fórmás enfáticas, uso, aliás, não digno de imitação: um adverbio junto ao adjectivo no gráu superlativo para indicar maior intensidade: *tam altissima* (Gil Vicente), *tam grandissimo* (Lucena); *tam pessima* (F. Elysio); *muito reverendissimo, tam minimo* (Vieira); *tam perigosissimas e tão gravissimas* (Bernardes); *tam acerrimo* (Castilho); *mais sacratissima, tam pessima* (Castilho).

Adjectivos há que no gráu superlativo absoluto tomam a fórma de superlativo relativo: *de todas a optima, a bellissima* (Castilho); *deste nobilissimo, deste generosissimo de todos* (Garrett).

A Lingua Portugueza possui tambem adjectivos comparativos e superlativos syntheticos que perderam o valor do gráu e são considerados simples adjectivos positivos: *junior, senior, prior, exterior, posterior, anterior, minimo, infimo, intimo*, etc.

E' por isso que estes adjectivos admittem nóvos comparativos ou superlativos: *muito intimo* (F. Mendes); *mais anterior* (F. Elysio); *tam minimo* (Vieira); *mais superior, a mais intima, mais infima* (Garrett); *mais infima* (Castilho).

Os antigos escritores usavam de um modo especial para indicar o superlativo — a repetição de um vocabulo: *mataram delles mui muitos* (Azurara).

*Que dos MUI MUITOS ciúmes
Nasce o MUI MUITO amor.*

Gil Vicente.

Nos antigos *cancioneiros* ha: *tam muito*.

Não são usuaes as fórmás *mais grande, mais pequena, mais boa*, etc. Casos há, entretanto, em que se não póde empregar a fórma synthetica: *maior, menor, melhor*, etc., e se usam d'aquellas, quer para dar maior força á expressão,

quer para indicar uma immediata correlação no modo de apresentar varias qualidades de um mesmo substantivo: *El-rei D. João era homem de muito bom parecer...*, porém MAIS GRANDE *que pequeno* (Garcia de Rezende). *O moço mais garrido, mais amavel*, MAIS BOM *dar-se-ia por ditoso* (Castilho) ... V. A. *há-de adquirir nome de MAIS ou de MENOS GRANDE príncipe* (Vieira). *Mas os quarteis passam sem eu receber a MAIS PEQUENA somma* (Garrett). ... *no concerto das redes e das velas, ou no embalar e guardar o irmãozinho MAIS PEQUENO* (Castilho).

Quando a comparação é feita, não entre dois substantivos, mas entre duas qualidades do mesmo substantivo, duas qualidades do mesmo individuo, não se emprega o comparativo synthetico, porém o analítico: MAIS BOM *do que máu*; MAIS MÁU *do que bom* e nunca MELHOR *do que máu*, PEOR *do que bom*.

Regras especiaes há sobre o emprego do superlativo relativo que convem saber para se não imitar, sem necessidade, a construção franceza:

1.^a Si o adjectivo vier posposto ao substantivo já precedido de artigo, é dispensado o artigo que acompanha a forma superlativa: *A cousa MAIS FACIL* (e não *a mais facil*) *do mundo é dar conselho a outrem* (Vieira). *E' a joia MAIS PRECIOSA* (e não *a mais preciosa*) *que vai ter a corôa ducal* (Garrett).

2.^a Si o substantivo não vem determinado pelo artigo ou está empregado indeterminadamente, a forma superlativa conserva o seu artigo: *O homem, creatura racional*, A MAIS NOBRE, A MAIS VIVA, A MAIS SENSITIVA *de todas* (Vieira). *Destas tres conclusões tirarei uma abominação do peccado A MAIS ENTRANHAVEL que puder* (Bernardes).

III

POSSESSIVOS

Os possessivos concordam em genero e numero com os substantivos, e em regra se collocam antes delles. Exceptua-se no verso: *Da terra TUA o clima e região*; ou quando o substantivo é precedido de outro adjectivo: *Formosa filha MINHA não temais*. (Camões).

O emprego de *Vosso* nos tratamentos não exige os possessivos ou as variações pronominaes correspondentes: *Muito tenho que agradecer a v. m.^{cc} occorrer-lhe meu nome ao formar um catalogo dos portuguezes eruditos*. (Alex. de Gusmão) ... *que convem mais ao decore e majestade de v. A. e SEUS gloriosos progenitores* (Vieira). *Novo genero de chronica offerece a v. m. minha religião por mim neste volume que a SEUS reaes pés ponho* (Fr. Luiz de Sousa). *Nada extranho LHE direi, de certo v. EX.^a conhece. De v. EX.^a sei que o anima o amor de SUA patria* (Garrett). *Em testemunho de regalada leitura que v. EX.^a me deu com o seu Minho, LHE offereço uma das novellas de cá* (Camillo).

Emprega-se muitas vezes o pronome pessoal em lugar do possessivo: *Doi-ME a cabeça*, — por — *doi MINHA cabeça*. Em Camões: *Converte-se-ME a carne em terra dura* — por — *converte-se MINHA carne em terra dura*. Em Camillo: *Não TE chegam em fidalguia AOS CALCANHARES* — por — *aos teus calcanhares*.

E' uma construcção que se encontra em bons escritores de todas as epochas e que concorre para a elegancia da frase.

A Lingua Portuguesa possui o que Pacheco e Lameira chamam *possessivo pleonastico* e *possessivo perifrastico*.

O 1.^o consiste no emprego claro do possuidor: *Os SEUS feitos DELLE*. E' emprego popular e, ás vezes, util para evi-

tar ambiguidade. Vieira escreveu: *A gloria do filho é gloria do pai e mais* SUA DO PAI *que do mesmo filho.* Garrett: *Não se espera a vingança da bella judia: dá-lhe dinheiro* SEU DELLA *que sua mãe lhe deixára.*

O 2.º é o formado com os verbos *ter* e *haver*: Em Camões: *A fama das victorias* QUE TIVERAM — por: — *a fama das SUAS victorias.*

Os possessivos têm, na linguagem familiar, o valor de indefinidos: *Elle é bom mas tem os SEUS defeitos*, isto é, *tem* ALGUNS defeitos.

Outras vezes indicam um numero aproximado: *Homem de SEUS 30 annos.* *Tem os SEUS 20 contos.*

IV

DEMONSTRATIVOS

Os demonstrativos concordam com os substantivos e a elles se antepõem: *ESTE livro.*

Exceptua-se quando a frase é exclamativa: *Que menino* ESTE!

Os demonstrativos simples se empregam para distinguir uma pessoa ou um objecto em diversos lugares. Os demonstrativos compósitos distinguem diversas pessoas ou objectos collocados no mesmo lugar.

Além dos casos mais communs do emprego dos demonstrativos *este*, *esse* e *aquelle*, há alguns especiaes. Assim *este* indica o tempo presente: *esse* ou *aquelle* se empregam nos appóstos; *aquelle* se emprega nas definições.

Falando-se de dois substantivos, *este* se refere ao segundo e *aquelle* ao primeiro: *João e Pedro são primos: ESTE (Pedro) seguiu a carreira das armas, e AQUELLE (João) a das letras.*

Este se refere a uma ideia que se vai enunciar; *esse* se refere a uma idéia já enunciada.

Para se mostrar mais precisamente uma pessoa ou uma cousa, é commum juntar-se ao demonstrativo o indefinido *mesmo*: *ESTE MESMO estudante; AQUELLA MESMA casa.*

Os demonstrativos, quando pronomes, são, ás vezes, substituidos pelos artigos — *o*, *a*, *os*, *as*: *Todos escutavam o que o sublime Gama contaria.*

O pronome demonstrativo — *o* — é empregado invariavel com referencia a um substantivo, a um adjectivo ou uma oração inteira: *Sabeis que a abobada do capitulo desabou hontem á noute? Sabia-o, senhor, antes de o caso succeder.* (Alex. Herculano). *Honrai as viúvas que o são verdadeiramente* (Castilho). *Parece que duvidas que eu seja tua mãe? O coração não te diz que o sou?* (Camillo).

V

RELATIVOS

Dos relativos notamos:

Qual vem acompanhado dos artigos *o*, *a*, *os*, *as*. Sem artigo tem função de indefinido, principalmente quando é repetido:

QUAL *do cavallo vò a que não desce,*

QUAL *co'o cavallo dando em terra, geme.*

Camões.

Sem artigo é tambem correlativo de tal:

QUAES *para a cova as próvidas formigas,*

TAES *andavam as nymphas...*

Camões.

A's vezes a — *qual* — se segue o substantivo a que elle se refere, repetido por clareza: ... *outras respostas similhantes, pelas* QUAES RESPOSTAS... (Vieira). *A carta que escrevera, era sobrescritada á baroneza, da* QUAL CARTA se dá o texto viciado. (Camillo). *No alto do monte foi posteriormente levantado um arco triumphal de pedraria, ao* QUAL ARCO se não chegou a abrir o letreiro (Castilho).

Que se refere á palavra antecedente e é substituído por — *o qual* e suas variações, quando o nome a que se refere, está distante e há necessidade de clareza: *A penna que me deste. A penna da Livraria Contemporanea a* QUAL ontem se perdeu.

Tem função de indefinido quando significa — *qual, quanto, que coisa*: *QUE faz o lavrador na terra cortando-a com o arado?* (Vieira). *QUE coisa é uma águia grande senão um gigante entre as aves?* (Idem). *Não sei QUE tempos nem QUE desgracia é esta nossa* (Idem).

Empregado como interrogativo, ou exclamativo iniciando uma oração, não admite artigo: *QUE seria si se mudassem palavras?* (Vieira). *QUE tem com isto a moral publica?* (Alex. Herculano). *QUE havemos de comer, QUE havemos de beber, QUE havemos de vestir?* (Castilho).

Ruy Barbosa que sustenta a boa doutrina, tráz innumerables exemplos que firmam esta regra, citando escritores antigos e modernos, taes como D. Duarte, Gil Vicente, Fernão Lopes, Bernardim, Garcia de Rezende, Camões, João de Barros, Duarte Nunes, Frei Luiz de Souza, Antonio Ferreira, Bernardes, Jacintho Freire, Vieira, F. Elysio, Herculano, Castilho, C. Castello Branco, Julio Ribeiro, Gonçalves Dias, Machado de Assis.

Os exemplos enchem 12 paginas de sua *Replica ás defezas da Redação do projecto da Camara dos Deputados sobre o Codigo Civil Brasileiro*.

Nos raros casos em que se encontra o artigo precedendo a *que*, ha sempre uma oração elliptica, o artigo concorda com um nome occulto.

O pronome *que* não inicia mas continúa ou completa a oração. Quando a syntaxe assim não poder ser explicada, ha um solecismo que não deve ser imitado.

Si quizérmos, diz Ruy Barbosa, tirar a prova real, é usarmos

do mesmo interrogativo, anteposta a elle alguma das preposições *a, em, de, para* ou *por*.

Como diríamos? AO QUE *vens*? Não: O vernaculo é A QUE *vens*.

Como diríamos? NO QUE *pensas*? Tam pouco. Não se diz *se não*: EM QUE *pensas*?

Como se dirá: DO QUE *tratas*? Nunca. Diríamos sempre: DE QUE *tratas*?

Poderíamos escrever: COM O QUE *contas*? Não. A construção grammatical é: COM QUE *contas*?

Diríamos acaso: PARA O QUE *foges*? Não. Diríamos, sim: PARA QUE *foges*?

Semelhantemente ninguém diria: PELO QUE *tardas*? PELO QUE *roubas*? PELO QUE *te matas*?

A construção portugueza é: POR QUE *te matas*? POR QUE *roubas*? POR QUE *tardas*?

Não importa, termina elle, que na vasta literatura dos classicos um ou outro deslize pareça favorecer a regencia, O QUE? Nem sempre alguns exemplos de boa procedencia bastam para autorizar uma syntaxe.

O pronome QUE era muitas vezes repetido como para indicar maior subordinação que assim ficava mais clara: *As náus QUE pouco havia QUE ancoravam* (Camões).

QUEM se refere a pessoas ou a cousas personificadas.

Nos classicos, porém, não faltam exemplos deste pronome referindo-se a cousas: *Um tiro de fogo, contra QUEM não valem forças* (Souza). *Aquelles poderosissimos vasos a QUEM os estrangeiros* (Vieira). *A soberba Europa a QUEM rodeia* (Camões).

Assim tambem disse Garrett: *Era um ramallete sobre QUEM...* e Castilho: *O dinheiro é QUEM vivifica a agricultura*.

QUEM empregado com a preposição *sem* por escritores como Camões: *Esposa SEM QUEM não quiz amor*, é substituído actualmente por *o qual* e suas variações.

QUEM tem valor de indefinido: *QUEM se afoga nas aguas encurvadas, QUEM bebe o mar e o deita juntamente* (Camões). *QUEM tudo quer, tudo perde* (Adagio).

CUJO concorda com o subseguente que vem sempre claro, e se refere ao antecedente.

Antigamente era empregado como interrogativo, adoptando-se a construção latina.

Diz Julio Ribeiro que o emprego de *cujo* sem antecedente e subsequente immediatos si bem que classico é arcaico: *CUJAS são estas arvores? Eu sei CUJO é o gado.* Garrett empregou: *Que se ha de elle atrever contra o bispo cujo é? E a perguntar cujo é?*

O emprego de *cujo* por *de que* ou *de quem*, embora não sendo de uso commum, é autorizado: *CUJAS são Anchieta e Gabriel Soares os principaes representantes.* (S. Romero). *Dos povos CUJAS filhas são.* (J. Verissimo). *Entrou na reunião da Casa dos Bicos CUJA era o dono.* (R. Ortigão). *Mandou por dois dos nossos visitar e convidar para a festa as amaveis senhoras CUJA é a lapa* (Castilho). *cujo fôra o anel.* (C. C. Branco).

Admitte preposição quando o nome com que concorda tem de servir de complemento a outra palavra: *Ali está a hervazinha humilde de cuja propriedade necessita a vida do rei para livrar-se.* (Bernardes).

O relativo ONDE se não deve confundir com o adverbio ONDE.

O relativo tem antecedente a que se refere e inicia a clausula adjectiva.

O adverbio não tem antecedente e inicia a clausula adverbial.



V

Quantitativos: Numeral, Indefinido

I

Os adjectivos numeraes precedem os substantivos: *Cem livros.* Exceptua-se no verso.

São invariaveis, com excepção de *um, dois, duzentos* e seus compósitos: *Uma, duas, duzentas, novecentas e noventa e nove, tres mil e quinhentos,* etc.

Ligam-se entre si pela conjunção *e*: *Vinte e nove; duzentos e quarenta.*

Entre — *cem* e *duzentos* — os numeros se expressam por — *cento*: *Cento e vinte, cento e noventa e nove*; precedendo immediatamente a — *mil* — se emprega — *cem*: *Cem mil livros.*

Os ordinaes, quando distinguem personagens de alta gerarquia, são empregados depois do nome: *Pedro segundo.*

Ha uma unica excepção, assevera Th. Braga: *Pedro Cem*, corrupção de *Ocem*.

Nos numeros altos os ordinaes são substituidos pelos cardinaes: *Livro quarenta e dois.*

Quando os cardinaes substituem os ordinaes, sempre se collocam depois do substantivo, na fôrma invariavel: *Pagina VINTE E UM. Folhas QUARENTA E DOIS.*

Quando um numero cardinal se encontra com um ordinal, pôde-se indifferentemente collocar em primeiro lugar qualquer um delles: *Os dez primeiros livros* ou *os primeiros dez livros* (Diez).

Na cronologia empregam-se os numeraes cardinaes, com excepção do primeiro dia do mez que é expresso pelo ordinal: *Mil oitocentos e noventa e quatro — Primeiro de Maio*.

Empregando a palavra — *seculo* — o cardinal pospõe-se e o ordinal antepõe-se: *Seculo dezenove. Decimo nono seculo*.

Alguns numeraes cardinaes se empregam com valor de indefinido, indicando uma quantidade incerta, com a significação de *muitos*: *As lagrimas QUATRO E QUATRO se impelliam umas ás outras*. (Bernardes). *MIL arvores estão ao céu subindo...* (Camões).

O mesmo se dá com certos substantivos que exprimem numero: *centenas, miriades, milhares*, etc., semelhante ao que se observa no Latim que, para o mesmo fim, emprega: *sexcenti, mille, millia, tricenti*, etc.

O numeral — *ambos* — que alguns grammaticos chamam *dual*, exige depois de si os artigos: *Comprei AMBOS os livros*.

Camões empregou sem artigo: *De ambas partes se move a primeira ala*.

Não são dignas de imitar as expressões pleonasticas: *ambos e dois, ambos os dois, ambos de dois*, ainda que tenham escrito: *DE AMBOS DE DOIS a fronte coroada*. (Camões). *AMBOS OS DOIS residiam na poisada*. (Castilho). *O certo é que AMBOS OS DOIS monges caminhavam juntos*. (Herculano).

No Brazil, a não ser no falar popular, estas frases não são empregadas. O povo emprega *ambos e dois, ambos a dois, ambos de dois*.

Ruy Barbosa empregou-a na sua *Replica*:

Ambas as formas são grammaticas? São-no AMBAS AS DUAS e cita exemplos a favor destas expressões, colhidos em Filinto, A. Herculano, Castilho e Camillo Castello Branco.

Já Manuel de Mello na *Revista Brasileira* apresentára exemplos classicos dessas construções que não têm encontrado seguidores entre os literatos brasileiros.

Julio Moreira nos *Estudos da Lingua Portuguesa* faz notar que o *d* que apparece em *ambos de dois* não é propriamente preposição. Representa um caso de fonetica sintatica. Foi a influencia do *d* do numeral *dois* que fez apparecer junto da conjunção — *e* — uma articulação igual. É uma especie de *prolepse fonetica*, isto é, a antecipação do fonema seguinte.

II

Dos indefinidos, *algum* substitue *um* e tem as fórmas *algo* e *alguem*.

Posposto ao substantivo, *algum*, tem valor negativo e significa *nenhum*: *De MODO ALGUM falarei sobre este assunto*.

Encontram-se, porém, exemplos nos classicos de seu emprego com valor affirmativo: *Desta gente REFRESCO ALGUM tomámos*. (Camões).

Alguem — pôde ser substituido pelo substantivo — *homem* — indicando uma indeterminação: *Onde HOMEM nunca chegou* (Diez). *Tediosa e impolida cousa é falar HOMEM* (Castilho). *Por segredos que HOMEM não conhece* (Camões).

Corresponde ao pronome — *ou* — dos francezes e ao — *se* — indeterminado dos portuguezes.

Mesmo — se usa pleonasticamente junto aos pronomes pessoaes para dar mais força á expressão: *ELLE MESMO esteve aqui*.

Ninguem — no estilo familiar significa individuo sem importancia: *E' um NINGUEM*; *alguem* — ao contrario, significa pessoa de valor, de consideração: *Cuida que é ALGUEM*.

Ninguem, — vindo depois do verbo não admite outra negação, mas depois d'elle não a exclue: *NINGUEM pôde dizer desta agua não beberei*. *NÃO vejo NINGUEM* (Freire, *Grammatica*).

Outro — tem as formas *outrem* e *al*, e se emprega pleonasticamente junto dos pronomes *nós* e *vós*: *NÓS OUTRO*.

TROS *sem a vista alevantarmos*. (Camões). *Si vós outros soubesseis a conta deste deus forte*. (F. Pinto).

Tal — serve para designar uma pessoa hipotética, que se não nomeia porque não existe *um TAL Gonzaga* (Diez).

Tem valor comparativo e é correlativo de — *qual*: *TAES para a cova... QUAES andavam as nymphas*. (Camões).

A — tanto — corresponde — *quanto, que e como*: *TANTAS cabeças QUANTAS sentenças* (Adagio). *Dá-me TANTA dôr QUE ando após elle pelo que me deve*. (Camões). *As lagrimas eram TANTAS QUE faziam cegar*. (Garrett). *Nuno Vaz mostrou TANTA parte de prudencia, COMO tinha de cavalleiro*. (J. de Barros).

Exprime, ás vezes, o resto de uma quantidade: *Vinte e TANTOS soldados; mil e TANTAS casas*.

Todo — exige, quando no plural, os artigos: *TODOS os dias, TODAS AS classes*.

No singular, seguido de artigo, significa a totalidade, a coisa em sua generalidade: *TODA A casa ardeu; TODO O homem era uma chaga*.

Sem artigo significa *qualquer*: *TODO cidadão deve defender sua patria*.

Tem valor de adverbio, significando *totalmente*: *TODO é olhos para conhecer, TODO mãos para obrar* (Bernardes).

Apesar de ter função de adverbio, encontra-se empregado variavelmente: *E que faz a mesma natureza TODA movida e governada pelo mesmo Deus?* (Vieira).

Um — contém idéia de pessoa incerta e equivale a *algum*.

Há exemplos de seu emprego com o valor de — *on* — francez ou — *se* — portuguez: *Regra é geral que não deve UM louvar-se a si proprio*. (Bernardes.)

Era empregado pelos antigos escritores com valor pleonastico: *O homem é UM animal. Um e outro*, quando se referem a pessoas ou cousas de genero differente, conservam a forma masculina: *Assim a ALMA e o CORPO quando unidos vai UM para onde vai o OUTRO* (Bernardes). *Nesta*

vida ha MORTE, na outra INFERNO, e ainda é peor que UM e OUTRO o esquecimento de ambos. (Vieira).

Usa-se de *outrem, alguém, ninguém*, com adjectivos na forma masculina ou na feminina, segundo o sexo das pessoas a que elle se refere: *OUTREM mais PRENDADO ou PRENDADA do que eu. Aqui não ha ALGUÉM tam ISENTO ou ISENTA de vaidade. Aqui não ha NINGUEM que não fique SAUDOSO ou SAUDOSA do Sr.*

Devem ser incluídas na classe dos indefinidos as formas: *um não sei que, seja quem fôr, fosse quem fosse, o que quer que seja* e semelhantes, que indicam alguma cousa desconhecida, incerta.

O mesmo se pôde affirmar a respeito da expressão — *a gente*, com o valor do pronome *nós*.

Alguns escritores julgam que o emprego da expressão — *a gente* é especial ao Brazil, constitue o que se chama um *brazileirismo*. Isto não é verdade.

Além dos exemplos seguintes, em que se vê *a gente* (indefinido) usado por notaveis escritores portuguezes:

Mas eu não o quereria para meu padre espirital, si faz andar assim A GENTE com o coração agastado (Herculano). *Que aonde A GENTE põe sua esperança*. (Camões). *A GENTE se está confortando* (Garrett). *O pão da GENTE* (Castilho). *Já se a GENTE admira* (C. C. Branco). *Com as matas da GENTE* (R. Ortigão). *A GENTE não mais esquece*. (F. de Almeida). *Vai a GENTE por estas ruas* (J. Leite de Vasconcellos). ... *o encanto dos livros em que a GENTE põe a sua alma*. (Oliveira Martins), vê-se que a expressão — *a gente* — é de frequente uso no sul de Portugal, onde o fazem concordar com um verbo na 1.^a pessoa do plural: *a gente vamos* (literariamente diz-se hoje *a gente vai*); e na lingua antiga encontra-se *a gente vão*, como no-lo afirma J. Leite de Vasconcellos no seu livro *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*.



VI

Artigo

O artigo emprega-se para determinar a significação de um substantivo, para substantivar qualquer parte da oração ou uma oração inteira: *O homem. O chorar das victimas. O «faça-se a luz».*

Tem função de pronome de 3.^a pessoa: *Amei-a*; e de demonstrativo: *Os do Brazil. Os que estão presentes.*

Emprega-se nos seguintes casos especiaes:

1.^o Antes dos nomes proprios no plural: *Os Almeidas.* No singular serve para distinguir uma pessoa com mais precisão: *O Camões*; ou no estilo familiar: *O José.*

2.^o Antes dos nomes de cidades, mares, etc., em summa antes dos nomes geograficos.

Muitas são as excepções a esta regra.

Em geral levam artigos os nomes proprios que se usam como appellativos.

3.^o Antes dos nomes de *Sr. Sr.^a*, de titulos, epitetos e cognomes: *O Sr. Antonio, O Visconde do Rio Branco, O Leão Coroado, Isabel, a Catholica.*

Exceptua-se antes das fórmãs *dom, dona, frei, soror, são, santo.*

4.^o Antes dos pronomes possessivos e, ás vezes, antes dos adjectivos possessivos quando se quer exprimir veemen-

cia, enfase, determinação: *Este é o meu filho e aquelle é o teu.*

5.^o Antes dos adjectivos numeraes ordinaes quando estão precedendo o substantivo: *O 1.^o Affonso.*

6.^o Antes das horas: *Ao meio dia.*

7.^o Antes dos antonimos: *A lua e as trevas; a modestia e o orgulho; os grandes e os pequenos.*

8.^o Antes das enumerações gradativas: *O sol, a luz, o calor, como vivificam a terra!*

Não se deve empregar o determinativo articular quando o substantivo já estiver determinado, ou quando o substantivo estiver tomado em sentido indeterminado: *Este livro. Vereis amor da patria não movido.*

E mais nos seguintes casos especiaes:

1.^o Antes dos termos principaes de um adagio, tomados em sentido geral: *Ouro é o que ouro val. Falar é pratica, silencio é ouro.*

2.^o Nas enumerações sem idéa de gradação: *Gloria, honra, ouro, prazer, tudo se esvai no tumulo.*

3.^o Antes dos dias da semana e dos nomes de mezes.

4.^o Antes dos substantivos que formam com o verbo uma idéia unica: *Ter fome. Falar verdade.*

5.^o Antes de *Sr., Sr.^a*, quando a estes nos dirigimos sem lhes darmos titulo ou outro nome: *Sr. F. como vai?*

6.^o Antes do nome que vai ser definido: *Linguistica é a sciencia dos factos da linguagem.*

7.^o Nas apostrofes, vocativos ou frases exclamativas: *Avante! Mancebos. Filho, aqui está vosso pai. Oh! pai, esperai por mim!*

8.^o Antes do pronome *que* nas frases interrogativas e exclamativas absolutas: *Que quereis? Que me dizes!*

9.^o Antes dos sinonimos: *O sol, estrella fixa, astro de primeira grandeza, astro fecundador.*

Além dos artigos — *o, a, os, as* — a Lingua Portuguesa possui o artigo — *el* —, antigamente *ello*, commum ao Portuguez e ao Espanhol e usado na expressão — *el-rei*.

Há ainda uma outra forma do artigo denominado *partitivo*, muito usada no Portuguez antigo popular: *E deitar DO JUNCO nella* (Gil Vicente). *Deixaram os teus passados DO GADO e vinhas de renda* (Sá de Miranda). *E lá vão comendo DO BACALHAU* (Arte de furtar). . . . *pedir que lhe quizessem dar DO ÓLEO que traziam* (Vieira).



VII

Pronomes pessoaes

I

Os pronomes pessoaes exercem na oração as funções de sujeito, attributo e objecto.

EU e TU servem exclusivamente de sujeito ou de attributo: *Si EU fôra TU. Elle é EU e EU sou elle* (Vieira).

Não podem, assim, representar o papel de objecto, sendo substituídos neste caracter pelas suas variações *me, mim, te, ti*.

Há exemplos de classicos em que estes pronomes conservam a forma nominativa — *eu* e *tu* apesar de regidos de preposição desde que esta não os precedeu immediatamente: *Que me ufano de ouvir que ENTRE elle e EU existe separação final* (Castilho).

As formas *ti* e *mim* são, porém, mais communs.

Ruy Barbosa pensa que se deve dizer *entre mim e elle* como *entre elle e mim*, sustentando que os pronomes devem sempre mudar de forma desde que sejam regidos de preposição. *Como a comparação não é mais que ENTRE meu Pai e MIM* (Vieira). *Não queria que el-rei de Inglaterra cuidasse que eu lhe falleci ou quero fallecer no que ENTRE elle e MIM é posto* (F. Lopes).

Elle, ella, elles, ellas, nós, vós, pôdem servir de sujeito, de attributo ou de objecto com preposição clara.

Nós e vós, apesar de serem pronomes do plural, têm valor de singular, quando se referem a uma só pessoa: *Nós, o príncipe D. Pedro. Vós, poderoso rei.*

O pronome — *nós* — substitue algumas vezes o pronome — *eu* — por modestia ou por delicadeza da pessoa que fala, ou quando quem fala o faz em nome de uma associação, de uma collectividade: *Sem nos apartarmos da historia de José, mostrarei...* (Vieira). *Apesar da extrema benevolencia com que fomos acolhido, disseram-me...* (Castilho). *Nós é que não sei si o fazemos* (Herculano).

Neste caso o verbo vai para o plural, mas o adjectivo em relação attributiva com esse pronome fica no singular: *Antes sejamnos BREVE que PROLIXO* (João de Barros). *Apesar da extrema benevolencia com que fomos ACOLHIDO...* (Castilho). *CHEGADO, porém, á conclusão deste livro, PÔR-LHE-EMOS remate com uma reflexão* (Herculano).

Encontram-se, porém, exemplos com o adjectivo no plural: *Por fim deste anno FOMOS OBRIGADOS a dar conta do que nelle passou* (Souza). *SOMOS CHEGADOS aos escrupulosos da terceira especie* (Vieira). *E' debaixo da impressão destas doutrinas e CONVENCIDOS de sua importancia que VAMOS escrever* (Herculano).

No Brazil empregam-se os pronomes *elle, ella, elles, ellas*, servindo de objecto directo: *Eu vi ELLE.*

Ruy Barbosa em sua memoravel *Replica*, confessa ter até bem pouco tempo pensado que só os brasileiros usavam de tal construção. Verificou depois que bastantes casos se deparam nos classicos antigos:

Que em tal caso houvessem ELLA por sua rainha e senhor (F. Lopes). *... e degradou ELLE e os filhos* (Idem). *... dizendo que culpava ELLES* (Idem). *Mas assim de longe os ordena ELLES a ventura* (B. Ribeiro). *Elles falou por mim ELLES só ouve* (A. Vieira).

Depois de uma comparação se usam dos pronomes nominativos, sujeitos de uma oração elliptica: *Mais bella que tu (és bella); mais instruido que eu (sou instruido).*

MIM, TI, SI, exigem sempre clara a preposição que os rege: *A mim, de ti, para si.*

ME, TE, O, A, OS, AS, NOS, VOS, servem de sujeito ao verbo do modo infinitivo. *Mandou-me ENSINAR ao artista, isto é, mandou que EU ENSINASSE ao artista. Ouvi-o CANTAR, isto é, ouvi ELLE CANTAR. Faço-te ESTUDAR, isto é, faço que TU ESTUDES.*

ME, TE, SE, O, A, OS, AS, LHE, LHES, NOS, VOS, servem de objecto sem preposição, e, collocados depois do verbo, a elle se ligam por um traço de união: *Deu-me. Amo-te. Quero-o. Falo-lhe. Contou-nos.*

As fórmulas *o, a, os, as*, substituem o pronome *elle*, quando exprimem a pessoa ou objecto sobre que se exerce a acção do verbo, isto é, quando servem de objecto directo.

Têm as fórmulas *lo, la, los, las*, empregadas por eufonia quando seguem certas fórmulas verbaes terminadas em *r, s, z*: *amá-lo* (amar lo), *tem-la* (tens la), *tra-lo* (traz-lo); ou depois dos pronomes *nos, vos*: *NO-LO disse, VO-LO prometteu*; ou ainda depois do adverbio *eis*: *ei-lo*, e da preposição *per*: *pelo*.

Por eufonia também se emprega *no* por *lo*, com as fórmulas dos verbos terminadas em voz nasal: *Traziam-na os horrificos algozes* (Camões).

O mesmo se dá com o adverbio *não*: *NÃO NO SÃO* (Castilho). *NÃO NO largava uma pobre velha* (L. de Souza). *NÃO NA estima* (Camões).

Com o adverbio *bem*: *O porque BEM NO sabem.*

Com a preposição *sem*: *SEM NA olhar ou SEM NA entender* (Castilho).

Com o pronome *quem*: *QUEM NA quer?*

Observa-se que se dá essa mudança quando a palavra anterior ao pronome termina em som nasal, que assim se prolonga influido sobre a voz seguinte.

«Os que dizem que o *l* é simplesmente euphonico, explicam a permuta de *r-l* em *amar-o* — *amal-o*. Mas como admittir permutas

com *s* em *l*, em *zol-o*, contra todas as leis da phonetica? Houve, pois, queda da letra precedente *r*, *s*, etc. e conservação do artigo *lo* (JOÃO RIBEIRO — *Grammatica*).

De acordo com esta opinião, e justamente por ella, ortografamos as fórmulas *ama-lo*, *dize-lo* e semelhantes, e não *amal-o*, *dizel-o*.

A favor desta opinião damos a palavra a Adolpho Coelho (*Glottologia*) e a Gonçalves Viana (*Orthografia Nacional*).

Diz o primeiro:

«Nas formas verbais do infinito é da 2.^a pessoa, em certas outras palavras como *todos*, *sober* (sobre) — dava-se a modificação do som final *r* ou *s*, por influencia do *l* do artigo; dizia-se assim: *amal-los homens* por *amar los homens*; *amal-las mulheres* por *amar las mulheres*; *sobo los rios* por *sober los rios*; *todo los dias* por *todos los dias*.

Um facto identico se dá ainda hoje com o pronome regimen da 3.^a pessoa: *amã-lo*, *ama-lo*.

Diz o segundo:

«Desde 1850, começou-se a dividir do verbo o seu completo objectivo da 3.^a pessoa, considerando este como tendo as fórmulas *o*, *os*, *a*, *as*, unicamente, e essa divisão defeituosa é geralmente adoptada hoje.

E' pois, urgente emendar as fórmulas errôneas *matal-o*, *matal-o*, *tem-n'o* etc., substituindo-lhes corretas: *matã-lo*, *mã-lo*, *tem-no*, etc.

Examinemos estas expressões: *lo* é a antiga forma do artigo — pronome, que se mantém depois de fórmulas verbais e pronominais em *r*, *z*, *s*, suprimindo-se estes; *no* é o mesmo pronome-artigo, que se modificou, transformando-se o *l* em *n* por assimilação parcial do *l* á vogal ou ditongo nasal que termina certas formas verbais: assim *matã-lo*, (dantes escrito *MATAL-LO*), *mã-lo*, *tem-lo*, *di-lo*, *fã-lo* estão por *matar-lo*, *malas-lo*, *tens-lo*, *faz-lo*, *diz-lo*; *tem-no*, *dizem-no* estão por *tem-lo*, *dizem-lo*; *dã-vo-lo* por *dã-vos-lo*.»

O pronome *LHE* apparece nos classicos com forma invariável:

Entre a bôa doutrina que LHE davam (aos filhos) (Ant. Ferreira). *Os padres LHE diziam a elles as cousas da fé*. (Lucena).

Tornaram outra vez ás nossas naus a LHE lançar dentro alguma chuva de settas (João de Barros).

E porque o caso leve se LHE faça.

Põem uns poucos diante por negaça (Camões).

SE, *SI* e *COMSIGO*, empregados como reflexivos, se referem ao sujeito da oração.

Assim são incorrectas frases como as seguintes:

Falei comsigo; *falei de si*; *este livro é para si*, significando: *falei com Vossê* ou *com o Sr.*; *falei de Vossê* ou *do Sr.*; *este livro é para Vossê* ou *para o Sr.*

Correctamente se diz:

João falou de si, isto é *falou de sua propria pessoa*.
Traga o dinheiro COMSIGO, isto é, *traga o dinheiro COM VOSSÊ*.

Camillo Castello Branco violenta e energicamente bradou contra o tratamento da 2.^a pessoa representada pelo pronome *si*, que tem a seu favor Francisco Manuel de Mello: *Quando Vossa Mercê nos der aquella occasião de alegria que desfaça em SI e em nós os pezares presentes*.

Assim também Alex. Herculano: *A carta que me dirige tem um sabor acre, queime-a. Não é por mim: é por SI*.

MIGO, *TIGO*, *SIGO*, *NOSCO*, *VOSCO* são empregados sempre com a preposição *com*, clara: *commigo*, *contigo*, *conosco*, etc.

Quando concorrem dois pronomes antes do verbo, o que serve de sujeito é collocado em primeiro lugar: *EU TE contarei as minhas máguas*.

Na syntaxe antiga adoptada pelos classicos, o pronome sujeito era collocado depois: *Como se ELLES chamam* (Sá de Miranda).

Esta syntaxe tem encontrado imitadores na actualidade: *Como se ME ELLE antolhava* (Camillo). *Que ME ELLES deixaram* (Idem). *Que TE ELLE pague* (Garrett). *Porque LHE ELLE tinha a irmã* (Idem). *Quantq a que LHES nós levamos* (Castilho). *Que ME EU mato* (Ruy Barbosa).

Quando se encontram duas variações pronominaes, a que serve de objecto directo (acusativo) deve ter a forma simples, e a que serve de objecto indirecto (dativo) deve ter a forma compôsta: *A TI ME ligo, pobre menina...* (Camillo).

E' um meio de evitar a confusão, pois si ambas as fórmulas fossem simples, ambas podiam ser objectos directos e indirectos.

Póde-se empregar as duas fórmulas simples quando uma

dellas fôr o pronome — *o, a, os, as* — que se combina com os outros pronomes: *eu t'ô prometto, mostrou-m'as*, etc. E a razão é que — *o, a, os, as* — só pôdem ser objecto directo e se não dá, portanto, a confusão que se procura evitar.

Muitas vezes, por ênfase, se repetem as variações pronominaes em varias fórmās: *EU admira-me. EU ME parece. Que LHE importa A ELLE a majestade do throno?* (Herculano). *Como o amava A ELLE* (Camillo). *Castiga-me A MIM* (Idem). . . . *de LH'os dizer A ELLES* (Garrett).

Outras vezes apparece o pronome referindo-se a um termo claro na oração: *Cada sacerdote LHE cumpre estudar* (Gil Vicente). *Ao DOENTE não se LHE há de fazer a vontade* (Sá de Miranda). *Ao AVARENTO não LHE peço nada; ao DOUDO não LHE atalho a furia; ao POBRE não LHE devo* (Lobo). *Para que ao PORTUGUEZ se LHE tornasse* (Camões). *A um PRINCIPE virtuoso tudo se LHE rende; a um PRINCIPE vicioso parece que a terra se LHE levanta* (Vieira). *Os SINOS já não há quem OS toque* (Herculano).

Nos adágios essa repetição é commum: *AQUELLE a quem Deus quer bem o vento LHE apanha a lenha. QUEM pouco tem, pouco LHE basta.*

Ha em Portuguez varias expressões que Diez denominou de *pronomes de reverencia*; taes são: *V. Mercê, V. S., V. Ex.^a, V. Alteza, Vossê*, etc.

A de uso mais commum é *Vossê*, fórma contracta de *Vossa Mercê*, com as fórmās intermediarias *Voss'mercê* e *Voss'messê* e que é considerado como um verdadeiro pronome.

E' de emprego popular e substituiu completamente o pronome *vós*, tam usado nos tempos antigos.

Este pronome, apesar de representar um sujeito de 2.^a pessoa, exige o verbo na 3.^a pessoa: *Vossê* (2.^a pessoa) *quer?* (3.^a pessoa).

Esta construção é semelhante á franceza, em que o criado fala na 3.^a pessoa: *Monsieur, veut-il.*

No Allemão, diz Pott, faz-se tudo para não empregar o pronome de 2.^a pessoa, e quando se tem de faze-lo, recorre-se ao methodo grosseiro de indicar o pronome pessoal por meio de um substantivo.

Na linguagem familiar junta-se communmente uma das variações pronominaes ao verbo como para exprimir que a pessoa a que o pronome se refere tem interesse na acção: *Não ME pratiques esta falta. Não ME saias d'aqui.* E' uma particula expletiva ou de realce.

As variações pronominaes se combinam com as fórmās *se e o, a, os, as*. O pronome — *se* sempre se antepõe: os pronomes — *o, a, os, as*, sempre se pospõem.

Sem que t'ô merecesse nem te errasse.
Tornar-se-LHE amarello de enfiado.

Camões.

As variações — *se, e, o* — nunca se combinam entre si. E' incorrecto dizer-se: *Elle se o arroga.*

Quando se combinam — *lhe, e o, a, os, as*, — a primeira fórma nunca tem plural: *conta-lh'o* — e não — *conta-lhes-o*.

Com os pronomes *me, te, lhe*, dá-se a figura sinalefa: *m'o, t'o, lh'o*.

Com os pronomes *nos, vos*, empregam-se *lo, la, los, las*, em vez de *o, a, os, as*, caindo a letra — *s* — por eufonia: *no-lo, vo-la*.

Póde-se dar a combinação de tres variações pronominaes: *Dê-se-LH'A*.

II

As variações pronominaes, sem preposição clara, não têm acentuação propria; ficam, assim, sujeitas á acentuação de outra palavra junto da qual se acham.

A collocação dessas variações pronominaes (pronomes regimes ou casos obliquos) póde ser feita antes dos verbos: *próclise*; depois dos verbos: *ênclise*; e no meio das fórmās do verbo: *mesóclise*.

Os pronomes tomam, por isto, as denominações de: *proclíticos, enclíticos e mesoclíticos*.

A questão sobre a collocação dos pronomes regimes ainda não está resolvida, ou porque, como diz João Ribeiro, o fenómeno não tem sido observado perfeitamente ou porque não é susceptível de disciplina exacta e positiva.

O grammatico de Salamanca, Nébrija, em 1492, observou em sua *Grammatica* o phenomeno da collocação dos pronomes, sendo seguido pelo grammatico do Funchal, Francisco Ferreira de Andrade Junior, em 1850, na sua *Grammatica das Grammaticas*.

José Feliciano de Castilho nas *Questões do Dia*, J. A. Teixeira de Mello no periodico *Luz*, de Campos, Gama e Castro no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, nos annos de 1871 a 1874, Arthur Barreiros na *Revista Brasileira* de 1880 e ultimamente Said Ali na mesma *Revista* de 1895, discutiram largamente a materia.

As regras sobre a collocação dos pronomes se chócão entre si, ou não têm apoio nos classicos.

Vejamos:

Diz Teixeira de Mello: Nas orações em que o verbo tem por antecedente uma adversativa os pronomes vêm depois.

Entretanto diz Gama e Castro: Quando a frase começa por uma conjunção os pronomes vêm antes.

Com o imperativo há posposição. Mas Luiz de Camões empregou: *Agora tu, Caliope, ME ensina*.

Diz Paranhos da Silva: Ha quem pense que só nas orações incidentes se pôdem collocar antes dos verbos os pronomes *me, te, se, etc.*, entretanto, na oração seguinte que não é incidente, o pronome vem antes: *No gesto natural SE converteu*. Camões.

Assérta José de Castilhos: Quando a oração começa pelo verbo ou seu agente o verbo antepõe-se ao pronome; no entanto:

Eu ME arranco d'aqui com magoa e dôr. A. Vieira.

Ella LHE prometeu vendo que a amavam... Camões.

Affirma Arthur Barreiros: Depois das palavras *a, e, mas*, o pronome é enclítico; entretanto: *Tê que aprouve a Deus de o levar para si* e *LHE succedeu*, etc.

Em Madrid também se recitaram poesias e SE fez a festa,... P. Chagas.

Diz Teixeira de Mello: Nas fórmãs de gerundio, nunca se deve antepôr.

João Ribeiro: Nas frases de gerundio, ha anteposição.

Diz ainda Teixeira de Mello: No infinito dos verbos manda a regra collocar os pronomes depois; entretanto em Camões:

..... e começa os olhos bellos

A LHE beijar, as faces e os cabellos.

Adolpho Coelho dá na *Revista Lusitana* a seguinte regra que reconhece não ser necessaria:

Attráem o pronome regime para antes do verbo:

Os pronomes indefinidos	} precedendo o verbo.
Os pronomes interrogativos	
Os pronomes relativos	
Os advérbios em geral (excepção os compostos com <i>mente</i>)	
As conjunções em geral	
As preposições com infinito	

Entretanto Said Ali é de parecer que essa attracção é illusoria.

E' evidente, diz elle, que não basta o facto de se achar a palavra *A* ou *B* antes do verbo para produzir a anteposição ou proposição do pronome.

E' preciso indagar quaes as condições, em que a mesma palavra *A* ou *B* se apresenta acompanhada do verbo com o pronome enclítico e quaes as condições, em que ella apparece seguida do verbo com o pronome proclítico.

E' regra absoluta que se não deve começar frases pelas variações, entretanto Castilho disse: *Me melem se eu percebo o tal conluio*, e o Padre Vieira: *Me avisam em muito secreto* que a Hespanha tem resolutio romper a guerra com a França.

Baptista Caetano nos seus *Rascunhos sobre a Grammatica da Lingua Portuguesa* assérta:

Uma das regras mais rigorosas da syntaxe é a que exige o pronome anteposto aos verbos em todas as orações de *que* relativo ou conjunção.

Os classicos, entretanto, não obedecem a esta regra; por exemplo, Vieira: *De sorte QUE Christo defendeu-SE do diabo com a escriptura*; e Sá de Miranda: *Ordênem-lhe o que faça antes QUE VÃO-SE*, e Castilho: *Sente-se QUE eu tire-LHE*.

João Ribeiro affirma como obrigatoria a regra da anteposição com a conjunção *porque*.

Mas vemos Alex. Herculano escrever: *PORQUE a decisão da maioria estribava-SE nesta distincção*, e Camillo: *PORQUE o pensamento ROJA-LHE*.

Os advérbios de lugar e tempo, para outros grammaticos, ordenam a anteposição.

Mas Manoel Bernardes disse: *ALI São Pedro teve-SE com Malco*. E Vieira: *AGORA dá-SE quando está immortal e glorioso*. *LÁ come-SE Deus exposto e descoberto*, *AQUI come-SE coberto e encerrado*.

Outro preceito, considerado absoluto, ordena a anteposição nas orações negativas; mas nos *Lusiadas*, Camões disse:

*Não sendo seu soldado experimentado
NEM vendo-se num cerco duro e urgente.*

Da mesma forma Vieira: *Viu que NÃO conservando-SE...*
E afinal até a regra aceita por todos os grammaticos de não se posporem os pronomes obliquos ao particípio passado, não é observada por Filinto Elysio:

*O veado não chorou. Que tinha a rainha
ENGANADO-LHE a esposa; o filho...*

Nem por Bernardo de Brito: *Depois de ter sacrificado aos Deuses e DADO-LHE graças pela victoria.* Nem por Bernardes ... *porque ainda não tinha encarnado na nossa natureza nem SACRAMENTADO-SE no nosso pão.*

Modernamente Paulino de Brito estabelece o seguinte: Com o futuro e o condicional o pronome deve ser proclítico ou mesoclitico; nos tempos compósitos o pronome nunca deve ser ligado ao particípio passado; evite-se a posposição do pronome quando com este acrescimo o acento tónico da palavra venha a ficar antes da antepenultima síllaba.

Resumâmos, para terminar, com o eminente Ruy Barbosa: «A todas as regras, pois, concernentes á inserção dos pronomes obliquos haverá sempre meio de contrapor alguns exemplos autorisados de bons escritores.

Nenhum canon existe na syntaxe, inclusive até os mesmos que estabelecem a concordancia inevitavel do verbo com o sujeito a que não contradigam, na literatura dos mestres da lingua, anomalias, mais ou menos raras, mais ou menos frequentes, devidas umas a incorreções de officina, outras a negligencias dos proprios escritores.»

E mais adiante, em sua *Replica*, novamente affirma: «No que respeita á collocação dos pronomes complementos, não ha, talvez, um canon, dentre os mais estrictos que resista a essa prova: a do consenso unanime e invariavel dos bons autores.

Resumem-se em quatro as regras sobre a collocação dos pronomes obliquos:

DEVE-SE COLLOCAR ANTES DO VERBO, isto é, o PRONOME é PROCLITICO:

1.º NAS ORAÇÕES NEGATIVAS:

NÃO LHE era facil, porém, diagnostica-los (L. Coelho).

NUNCA LHE ouvi nem disse palavra (Camillo).

SEM ME lembrar NEM ME importar mais nada (Garrett).

Mas NÃO LHE succedeu como cuidava (Camões).

NADA LHE pode resistir (Vieira).

2.º NAS ORAÇÕES SUBORDINADAS DE QUE (pronome ou conjunção, simples e composta: *porque, para que*, ou mesmo *oculta*), QUAL, QUEM, CUJO e ONDE.

Os cabellos QUE os trabalhos do mundo LHE branquearam (Bernardes).

Comparou ás andorinhas AS QUAES LHE pagaram a hospedagem com lhe tirar a vista (Vieira).

Nós fomos QUEM no berço o embalamos (Filinto Elysio).

Uma dessas especies extinctas CUJO desmarcado tamanho NOS assombra (R. Barbosa).

Parece QUE a natureza inteira LHE estava dando uma festa (Camillo).

A pouca distancia do valle ONDE SE viam as ruinas. (Herculano).

Ordenou Deus (que) LHE chegassem novas (Vieira).

Temo (que) SE não extinga antes recresça em nós mais forçosa esta maldade (Fr. A. Chagas).

A's vezes quando o vocabulo — *que* — é conjunção ou faz parte de uma locução conjuntiva, a variação pronominal deixa de ser proclítica e se torna enclítica si o verbo não vem logo após: *PORQUE, como disse S. Agostinho, este mundo RI-SE de todos os que se riem delle.* (Bernardes) *O peor é QUE no meio destes campos onde Troia fôra...* *a minha querida e bemfazeja tranquitana* ABANDONOU-ME (Garrett).

3.º NO GERUNDIO COM A PREPOSIÇÃO *em*, NO PARTICÍPIO PASSADO, NO FUTURO E NO CONDICIONAL:

EM OS OUVINDO, *tudo vai em uma poeira* (D. Francisco Manoel de Mello).

EM SE AVISTANDO *sítio tão feliz se descobrem as suas largas muralhas* (Vieira).

Tenho-TE AMADO muito.

Oh! Não TE CHAMAREI ingrato: sou filho teu (Garrett).

Tu ME farias assim si me estimasses.

No futuro e no condicional o pronome pôde também ser mesoclitico.

Dize-me com quem andas e DIR-TE-EI as manhas que tens (Adagio).

O tempo TER-LHE-IA faltado para a fazer executar (A. Herculano).

4.º Em certas orações optativas e imprecativas: *Deus ME livre. A terra LHE seja leve. Diabos TE levem. Bons ventos VOS conduzam ao porto de salvamento.*

DEVE-SE COLLOCAR DEPOIS DO VERBO, isto é, o PRONOME é ENCLITICO:

NO COMEÇO DOS PERIODOS.

DISSERAM-ME *que hontem chegaste* — e não — ME DISSERAM *que hontem chegaste.*

Raros são os exemplos classicos em contrario a estas regras, e a tendencia moderna é observa-las restritamente.

São dignas também de serem adoptadas, pelo uso commum que dellas fazem os bons escritores, as regras seguintes:

HÁ ANTEPOSIÇÃO ou POSPOSIÇÃO:

1.º QUANDO OS ADVERBIOS, PRINCIPALMENTE OS DE TEMPO E QUANTIDADE, SE ACHAM ANTEPÓSTOS ou POSPÓSTOS.

HOJE LH'O dão, AMANHÃ LH'O tiram. (F. Manoel).

ASSIM O entendem graves doutores... (Vieira).

MUITO ME conta, Sr. Patrão. (A. Herculano).

QUANTO menos NOS resta de vida tanto mais devemos procurar seja honesta. (Bernardes).

Leva-me para ONDE TE aprouver. (Herculano).

Expediram-SE enfim ordens e instruções ao arcebispo de Funchal. (A. Herculano).

Compraz-SE muito com a vida solta que leva. (Vieira).

A' benevolencia dos adulaadores, dá-LHE LOGO as costas (Idem).

2.º QUANDO OS INDEFINIDOS SE ACHAM ANTEPÓSTOS ou POSPÓSTOS.

Na MESMA chaga ME feriste. (M. Bernardes).

A quem não tem bens NINGUEM LHE quer mal (Vieira).

Embora TODOS TE reneguem eu nunca te renegarei. (Garrett).

A um principe vicioso TUDO se LHE rende. (Vieira).

AMBOS OS regimens se divorciaram da liberdade (R. Barbosa).

Davam-LHE MUITA (honra) os que sem razão falavam. (Fr. Luiz de Souza).

Nasce e alegra-SE TODO o hemisferio. (Bernardes).

Contente-SE CADA UM de crescer dentro da esfera do talento que Deus lhe deu. (Vieira).

Nestes dois casos ha verdadeira attracção destas palavras sobre os pronomes obliquos. E' assim que, si os adverbios e indefinidos se acharem collocados antes dos verbos, os pronomes são *proclíticos*, si se acharem collocados depois, os pronomes são *enclíticos*.

HÁ ANTEPOSIÇÃO *quando o sujeito pronome pessoal, claro* está collocado antes:

ELLES NOS *ensinaram a dilatar a investigação.* (L. Coelho).

EU VOS *fiz rei, eu vos fiz governador, eu vos fiz pai de meu povo.* (Vieira).

HÁ POSPOSIÇÃO:

NAS FÓRMAS DO IMPERATIVO:

VEDE-O *no vosso escudo.* (Camões).

NAS FÓRMAS DO INFINITIVO PRESENTE quando figuram em orações interrogativas:

Como RESOLVE-LA? (Herculano).

Como COMPREENDER-SE a sabedoria e a profundidade dos decretos do Altissimo? (Camillo).

Os antigos usavam da *próclise*, afastando mais do verbo as variações pronominaes, isto é, collocavam uma ou algumas palavras entre o pronome e o verbo:

Pois NOS Deus aqui AJUNTOU. (Heitor Pinto).

Onde os elle, quando chegaram já ESTAVA ESPERANDO.
(Lucena).

As novas da victoria que ME Nosso Senhor DEU contra os capitães de el-rei de Cambaya. (Jacintho Freire).

Igual construção se encontra em:

Camillo C. Branco: Que ME elles DEIXARAM.

Garrett: Si ella ME não amava. Que LHE ella pareceu.

Castilho: O que ME hontem ABORRECEU.

Esta syntaxe já está sendo usada em linguagem literaria, pelos brasileiros, principalmente para evitar algum som desagradavel: Os motivos QUE ME AGORA appareceram, em lugar de QUE AGORA ME APPARECERAM.

Castilho escreveu: Por isso tambem reina por essas duas obras uma não sei que monotonia e peso QUE ME AGORA CANÇA.

III

Pronome — Se

O pronome SE fórma tambem na Lingua Portugueza a voz passiva que é representada pelo verbo *ser* e o particípio passado dos verbos transitivos: *Fazem-se casas*, ou *casas são feitas* ou *estão para ser feitas*.

Em Camões:

... o mar remoto navegamos.

Que só dos feios focas SE NAVEGA, isto é, é NAVEGADO pelos feios focas.

Exercendo o pronome *se* a função apassivadora, exige o verbo no plural quando o objecto que recebe a acção, estiver no plural.

E' erro dizer: *Vende-se casas; elege-se commissões*.

A verdadeira construção é: *Vendem-se casas; elegem-se commissões*; isto é, *casas são vendidas* ou *estão para*

ser vendidas; *commissões são elegidas* ou *estão para ser elegidas*.

E' verdade que disse João de Barros:

SE NOTA pelos mareantes OS PERIGOS do mar.

Existe ahí por certo, na opinião geral, erro typografico: *se nota* por *se notam*.

A este exemplo, citado em geral pelos grammaticos, Ruy Barbosa acrescenta mais alguns outros de D. Diniz, Camões, Vieira, Fr. Luiz de Souza, Couto e Castilho sem que aconselhe tal construção.

Algumas vezes, em que não convem, se não póde ou se não quer determinar o sujeito que pratica a acção, emprega-se o pronome — *se* — indicando uma indeterminação: *Por tudo isto SE admira a Vieira; a Bernardes admira-SE e ama-SE*. (A. F. Castilho). *A morte tem duas portas: uma porta de vidro por onde SE SÁI da vida e outra porta de diamante por onde SE ENTRA a eternidade*. (Vieira). *No baluarte de S. João SE RESISTIA á violencia do ferro sem temer a do fogo*. (Jacintho Freire). *A graciosa estancia e retrato de uma camara subterranea, a que SE DESCE por alguns degraus*. (Fr. Luiz de Souza).

O verbo adquire o caracter de impessoal.

Em outros casos essa indeterminação se acha incluída no verbo que é empregado na 3.^a pessoa do singular ou do plural: *PARECE que nasceu Jesus*. *DIZEM que houve um grande incendio*.

Bem affirmava Adolpho Coelho:

«A lingua tem perdido muito a consciencia do carácter dessas construções; d'ahí vem o emprego do verbo no singular com o sujeito no plural: *sabe-se noticias, conta-se casos* e outros tam frequentes no falar usual e na linguagem descurada das folhas periodicas.

Nestas phrases incorrectas *se* adquire *quasi* o valor de indefinido empregado como sujeito da proposição e corresponde apparentemente ao francez *on*.

E' assim, continúa elle, que as linguas se alteram e que as monstruosidades (o nome convem á cousa) nascem nellas do esquecimento da função primitiva de seus elementos.»

Alem desta função, o pronome — *se* — tem outros usos importantes, como diz João Ribeiro.

Dá ao verbo um sentido de espontaneidade no agir, vontade propria de collaborar na acção: *Elle se partiu, se foi embora* (isto é, por vontade propria e espontanea) *obrigou-o a que se fosse morar na cidade.* (Fr. Luiz de Souza). *E porque elle se parte segunda feira.* (Vieira). *Alegremente se partia.* (Camões). *Tinha-se ido a Roma ao estudo de direito.* (Castilho).

Esta função desempenham também os pronomes *me, te, nos, vos.* *Subo-me aos montes* (Camões). *Alma minha gentil que te partiste.* (Idem). E' um pronome expletivo.

O uso de *se* exprimindo a collaboração e espontaneidade do agente serve para designar phenomenos naturaes: *A agua evapora-se* —, que differe de — *a agua é evaporada* (podendo se-lo nesse caso artificial e propositadamente por outro agente).

Em resumo o pronome — *se* — 1.º representa a indeterminação do sujeito: *Vive-se e morre-se*; 2.º indica a acção reflexa: *Elle se vestiu*; 3.º indica a acção reciproca: *Elles se feriram*; 4.º é um pronome expletivo: *Partiu-se, foi-se embora*; 5.º fórma a voz passiva: *A casa queimou-se.*

Muda-se a voz activa para a passiva do seguinte modo: O objecto directo da activa passa para sujeito da passiva; o sujeito da activa passa para agente na passiva representando um objecto indirecto regido de preposição; o verbo na activa é substituido pelo verbo — *ser* — na mesma pessoa, tempo e modo do verbo da activa, acompanhado do particípio passado deste: *Deus criou o mundo* — na passiva fica: *O mundo foi criado por Deus.*



VIII

Verbo: concordancia; correspondencia dos tempos

I

O verbo concorda com o sujeito da oração em numero e pessoa.

Devemos notar:

1.º Concorrendo sujeitos de 3.ª pessoa no singular, o verbo vai para a 3.ª pessoa do plural: *A PALHOÇA, O SOBRADO E O PALACIO ESTÃO habitados.*

Muitas vezes, por enfase, fica no singular: *E já sómente o CÉU E O MAR SE VIA* (Sá de Menezes). *A DEVASSIDÃO E A CONTUMACIA em as culpas CEGOU os judeus e os ENDURECEU tanto em seus errores* (A. Aitais). *O VENTO E O CÉU te FAVORECE* (Camões). *Onde o MEU NINHO E O SOL no mar se BANHA* (Idem). *O SILENCIO, MODESTIA, HUMILDADE, PENITENCIA E PRESENÇA de Deus é sómente para os religiosos ou monges* (Bernardes). *A LUZ E A SCIENCIA só VEIO ao mundo em nossos dias* (Herculano). *A DESGRAÇA E A OPULENCIA é de todas as gerações e de todos os tempos* (Camillo).

Si o verbo fôr enunciado primeiro, póde ficar no singular, ainda que os sujeitos sejam substantivos proprios: *Até aos brutos animaes CHEGA A DOÇURA E O CONHECIMENTO*

da musica (João de Barros). Não ESPANTA menos a FIRMEZA, NUMERO E GRANDEZA de outras vidraças que dão luz á igreja e cruzeiro (Fr. Luiz de Souza). FALTA-me o TEMPO e o ALENTO para escrever (Vieira). PINTAVA-SE o DESCONTENTAMENTO e a INCERTEZA (Herculano). TENTOU PERITHOO e THESEU, de ignorantes o reino de Plutão (Camões). O que era necessario e útil para a vida e conservação dos homens NOTOU SENECA, DEMOCRITO e ainda o mesmo EPICURO (Vieira). Onde ESTÁ mettido o SR. VISCONDE e a PIEDADE? (Camillo).

Mesmo que um dos sujeitos esteja no plural, o verbo póde concordar com o sujeito mais proximo, no singular: Por este signal SABERÁ MINHA MULHER e FILHOS o estado em que vim a parar (Bernardes). E' tua MULHER e teus FILHOS (Camillo). D'ahi a pedaços DESABOU o TECTO e AS PAREDES da capella e lá ficaram ENTERRADOS todos (Idem).

Si o verbo estiver intercalado fica no singular: O homem MORREU e a mulher.

2.º Muitos sujeitos no singular estando compreendidos ou individualizados por uma palavra collectiva ou no singular, como: tudo, nada, cada um, cada qual, ninguém, isto, etc., exigem o verbo na 3.ª pessoa do singular. A noz, o burro, o sino, o preguiçoso, sem pancada nenhum faz o seu officio. (Bernardes). O ouro, os diamantes, as perolas, tudo é terra e da terra (Vieira).

3.º Si estes sujeitos fôrem substantivos sinonimos ou exprimirem uma enumeração gradativa, o verbo fica no singular: O riso, o prazer, a alegria, fazia-a mais formosa.

4.º Si concorrerem muitos sujeitos de diversas pessoas, o verbo concorda com a que tem prioridade, no plural: a 1.ª tem prioridade sobre a 2.ª, e esta sobre a 3.ª: EU e JOÃO SOMOS jovens. TU e PEDRO SOIS ricos.

Póde, por excepção, o verbo concordar com o mais proximo: O que me resta da felicidade passada és TU e ELLES (Camillo).

Muitas vezes a influencia é exercida no plural pelo

pronome mais proximo: Não há sobre a terra um lugar onde CAIBAM ELLE, EU e o meu odio. (Herculano). E assim tu agora sacrificas, para que NÓS e OS DEUSES TE HONREM. (Bernardes).

5.º Quando o sujeito é collectivo seguido de um nome plural regido da preposição de, o verbo fica no singular si o collectivo é geral, vai para o plural si o collectivo é partitivo: O rebanho de ovelhas era dirigido por um lobo. (Fr. Luiz de Souza). A maior parte daquellas arvores re-moçaram. (Castilho).

Devemos, porém, notar que, quando quizermos attender mais a quantidade que significa o collectivo partitivo do que a qualidade do substantivo, o verbo concorda no singular com o collectivo — Um inverno se ajuntou a maior parte delles em casa de um antigo morador daquelle lugar. (Rodrigues Lobo).

Tambem com o collectivo geral, si attendermos mais á qualidade das pessoas ou cousas expressas pelo substantivo do que á quantidade que significa, o verbo vai para o plural concordando com o substantivo: — A cavallaria dos mouros que vieram a seu chamado. (João de Barros). (Apud. Silva Tullio).

A's vezes o collectivo no singular, sem estar acompanhado de preposição e nome no plural, admite o verbo no plural, não se fazendo a concordancia logica: Logo ao outro dia ao romper da alva se abalou o EXERCITO... e, chegando aos muros, COMEÇARAM em torno da fortaleza a arvorar escadas (J. Freire). Simão Mago appellidou um dia todo o POVO para o VEREM subir ao céu. (Vieira). Si esta GENTE... não queres que PADEÇAM vituperio. (Camões).

6.º Quando os sujeitos estão unidos pela preposição com, equivalendo a conjunção — e —, isto é, quando todos praticam a acção conjuntamente, vai o verbo para o plural:

Que EU CO' O GRÃO MACEDONIO E CO' O ROMANO
DEMOS lugar ao nome lusitano.

Camões.

Em caso contrario vai o verbo para o singular: MANUEL DE SOUZA DE SEPULVEDA COM AS DA SUA COMPANHIA FOI SEGUINDO O CAMINHO DO RIO MANHENÇA (Diogo do Couto).

7.º Quando os sujeitos estiverem ligados pelas conjunções *ou*, *nem*; pelas conjunções comparativas *tanto... como*, *não só... mas também* e semelhantes, ou si forem as expressões *um e outro*, *nem um nem outro*, o verbo irá para o plural si a acção se referir á totalidade dos sujeitos. Em caso contrario, ficará no singular: O TEMOR OU O PEJO DESTAS PALAVRAS FEZ ENTÃO AQUIETAR A TODOS (J. Freire). A RUA OU A PRAÇA SÃO CAMPO ESTREITO PARA AS SUAS CARREIRAS. (Castilho). EMQUANTO UM OU OUTRO SE NÃO CORROMPIAM. (Bernardes).

MAS NEM A SUA ARTE NEM A SUA FORTUNA O LISONJEOU DE MANEIRA QUE NÃO ANTEPUZESSE O CONSELHO A AMBAS (Vieira).

TODAVIA NEM A NECESSIDADE DE ATENDER... NEM A DOR QUE O ATORMENTAVA, PUDEAM AFASTA-LO DO INTENTADO PROPOSITO. (Herculano).

TANTO UMA COMO OUTRA EXPLICAÇÃO SE PÓDE ADMITTIR. (Herculano).

TANTO O PAI COMO O FILHO SÃO INTELLIGENTES. (C. de Figueiredo).

NÃO SÓ OS HEBREUS HESPANHÓES, MAS TAMBEM AQUELLA PARTE DA POPULAÇÃO PORTUGUEZA... OU FUGIRA A OCULTAS OU PADECERA PERDAS IRREPARAVEIS. (Herculano).

NÃO SÓ A NAÇÃO MAS TAMBEM O PRINCIPE ESTARIAM POBRES. (Herculano).

UM E OUTRO BANQUETE É PARA TODOS. (Vieira).

UM E OUTRO SERVIÇO EXIGE MAIORES CUIDADOS. (Castilho).

UM E OUTRO LUGAR ERAM MAIS ALTOS. (Vieira).

NEM UM NEM OUTRO TE AGRADECE O ZELO. (Castilho).

NEM UM NEM OUTRO SOBERAM DIZER MAIS. (Vieira).

8.º Quando o sujeito fôr a expressão *um de*, *um dos*, *uma de*, *uma das*, seguida do pronome *que*, o verbo vai para o singular ou para o plural, conforme a acção fôr pra-

ticada por um só sujeito ou por todos: Na Asia foi UM DOS GOVERNADORES QUE MAIS IMPULSIONOU A QUEDA DO IMPERIO INDICO. (Camillo). O Vouga é UM DOS RIOS DE PORTUGAL QUE ENTRAM NO MAR. (Leão).

9.º Si o sujeito fôr a expressão *mais de um* o verbo irá para o singular: MAIS DE UM RÉU OBETVE A LIBERDADE A TROCO DE PEITAS. (Herculano).

10.º Quando o sujeito é o pronome *que*, o verbo concorda com a palavra a que esse pronome se refere: Eu sou um estrangeiro QUE LHE FALA UMA LINGUAGEM SEM SIGNIFICAÇÃO (Camillo).

Si o sujeito fôr o pronome *quem* o verbo concorda na 3.ª pessoa do singular: Eu, o Silencio e a Solidão eramos QUEM ESTAVA ALI. (Herculano). Não sendo só vós QUEM PADECE. (Bernardes).

A's vezes os pronomes *que* e *quem* soffrem a attracção do vocabulo anterior, principalmente quando é um pronome pessoal e com elle vai concordar: Fui eu o primeiro QUE CHAMEI? (Herculano). Vós sois os QUE ESMOLAIS, eu sou a QUE MENDIGO. (Castilho). Não foram ELLES só QUEM VOS MATARAM. (Bernardes). E's tu QUEM GANHAS para sustentar a casa. (Coelho).

11.º O verbo — *ser* —, como fórma com o attributo o predicado grammatical, soffre a attracção do attributo e com este concorda e não com o sujeito, principalmente quando o sujeito é: *tudo*, *isto*, *isso*, *aquillo* ou um termo que indica uma idéia de collecção: Tudo SÃO INSTRUMENTOS necessarios ao meu officio. (Lobo). Tudo o mais SÃO PERPETUAS OCCUPAÇÕES e CUIDADOS. (Fr. Luiz de Souza). Tudo nelle SÃO MUDANÇAS. (Camões). ERAM tudo MEMORIAS de alegria. (Idem). Cuja gente ERAM CHRISTÃOS. (Idem). O mundo SÃO HOMENS. (Bernardes). Tudo SÃO BOSQUES cerrados. (Vieira). O que adquiristes FORAM as INVEJAS dos amigos. (Idem).

Encontram-se, entretanto, exemplos em contrario, sendo a concordancia feita com o sujeito, segundo a regra geral: O maior trabalho que tenho é OS PASTORES com quem

trato. (Lobo). *Cada um é as suas OBRAS.* (Vieira). ... *o que nos falta É EXEMPLOS de bons costumes.* (Camillo). *A chuva É CATARATAS.* (Castilho).

12.º O verbo *parecer* umas vezes é empregado pessoalmente e tem por sujeito uma palavra clara, outras vezes é empregado impessoalmente, sem sujeito: *Os MARES PARECIAM RECORDAR-se ainda do rugido harmonioso do estio.* (Herculano). *O mar... e com tal braveza vinha quebrar-se em terra que PARECIA QUEREREM o mar e o vento soverte-la.* (Souza).

II

Já sabemos que o modo indicativo mostra que o facto enunciado pelo verbo é certo; e que o subjuntivo mostra que o facto é duvidoso, hipotetico.

Para sabermos qual devâmos empregar, é preciso que atendâmos á oração principal, isto é, áquella que representa a idéa primordial, mais importante, e ás orações subordinadas que a ella se acham ligadas.

Assim, quando o verbo da oração principal exprime alguma cousa de certo, positivo, o verbo da oração subordinada fica no indicativo; si aquelle exprime alguma cousa de incerto, este fica no subjuntivo.

Si o verbo da oração principal significa *pensar, crêr, saber, parecer, afirmar, dizer*, o verbo da oração subordinada fica no indicativo.

Si o verbo da oração principal significa *receio, admiração, surpresa, vontade, desejo, alegria, tristeza*, o verbo da subordinada fica no subjuntivo.

Si o verbo da oração principal é impessoal ou usado impessoalmente, como as expressões *é possível, é necessario, é justo, é crível*, etc., o verbo da oração subordinada irá para o subjuntivo.

Nas frases optativas e imprecativas usa-se o verbo no modo subjuntivo.

As conjunções ou locuções conjuntivas *embora, quer... quer, como si* e em geral as compostas da conjunção — *que* — exigem o subjuntivo. Algumas compostas de — *que* — admittem o indicativo: *AINDA QUE a nobreza e o entendimento lhe FAZIAM força.* (Fr. Luiz de Souza). *POSTO QUE não é esta a maior utilidade.* (Vieira). *Vinha do occidente um grande marulho SI BEM QUE o vento SOPRAVA de estio.* (Camillo).

A noção de tempo não é bem firmada em nossa Língua.

Em primeiro lugar se diz que não existe presente, porque desde que o facto se dá, comparando-se este momento com o immediatamente posterior, reduz-se aquelle a *passado*.

Além disto possuímos muitos modos vulgares de falar, onde empregamos constantemente o presente pelo passado ou pelo futuro.

Do 1.º caso temos: *Napoleão Bonaparte diz a seus soldados.* E' o chamado *presente historico*.

Do 2.º caso: *Vou amanhã.*

O presente do indicativo substitue o futuro do subjuntivo: *Si me ATRAIÇOAS, mato-te. Si os olhos VÊM com amor, o corvo é branco.* (Vieira).

O futuro é empregado pelo imperativo: *HONRARÁS pai e mãe.*

O presente do subjuntivo é usado em lugar do imperativo nas frases negativas: *NÃO FAÇAS a outrem o que não queres que te façam.* (Adagio). *Formosa filha minha NÃO TE MAIS.* (Camões). *O' voadores... NÃO QUEIRAS voar, pois sois peixe.* (Vieira).

O futuro substitue o presente do subjuntivo: *Não me parece que HAVERÁ nenhum homem tão enganado.* (Vieira).

O infinitivo é empregado pelo imperativo: *DEIXAR falar modernos e modernices.* (Garrett).

E' muito commum a substituição do condicional pelo imperfeito do indicativo: Castilho, por exemplo, escreveu: *Eu, si fosse a Sr.^a, ATIRAVA paixões para trás das costas.* Bernardes empregou: *Si Damas não tornasse, PERDIA Pythias a vida.*

O mais que perfeito substitue tambem o condicional: ... *nesta só palavra digo a V. A. mais do que PODERA em largos discursos.* (Vieira). *Que MOVERAM de um tigre o peito duro* (Camões).

Os tempos se correspondem entre si.

Ao *presente* do indicativo correspondem: todos os tempos quer do indicativo, quer do subjuntivo e do infinitivo pessoal.

Ao *imperfeito* do indicativo correspondem: o imperfeito, o mais que perfeito, o condicional do indicativo; o imperfeito e mais que perfeito do subjuntivo e o infinitivo pessoal.

Ao *aoristo* correspondem todo o indicativo; o imperfeito, o mais que perfeito do subjuntivo e o infinitivo pessoal.

Ao *mais que perfeito* do indicativo correspondem: o imperfeito e mais que perfeito do indicativo, o condicional; o imperfeito e mais que perfeito do subjuntivo e o infinitivo pessoal.

Ao *futuro* do indicativo correspondem: todo o indicativo; o presente, o preterito perfeito e o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal.

Ao *condicional* correspondem: todo o indicativo; o imperfeito e mais que perfeito do subjuntivo, e o infinitivo pessoal.

Ao *imperativo* correspondem: todo o indicativo; o presente, o preterito imperfeito e o futuro do subjuntivo e infinitivo pessoal.

Aos tempos do *subjuntivo* correspondem: os do indicativo e do infinitivo e elles proprios.

Dois ou mais verbos não devem ter um complemento commum de natureza differente. Não se emprega, por exemplo: *la e voltava da rua, mas ia para a rua e voltava della.*

Desse modo escreveram Bernardes: ... *excepto o ponto de ENTRAR o homem NA GOVA e SAIR DELLA. Para que por seus merécimentos LHES PERDÔE e OS SALVE.* Em construções contrarias a esta regra nota-se que a preposição compete ao verbo mais proximo:

NUM rio que ali sai do mar aberto
Bateis á vela ENTRAVAM e SAIAM.

Camões.

Não faltam, porém, exemplos em contrario áquella regra, reproduzida pelas Grammaticas.

Mario Barreto em seus *Novos Estudos da Lingua Portuguesa* apresenta varios: ... *te hospedarei na minha cabana, NA QUAL PODES ENTRAR sem temor, dormir sem perigo e SAIR sem saudade* (Lobo). ... *todas as vezes que ENTRAMOS e SAIMOS DO nosso aposento* (Bernardes). *Quem viu hoje ENTRAR ou SAIR a quem DA porta aqui defronte?* (Garrett). *CONHECI e TRATEI COM um Paroco.* (Castilho). *Tenho-o visto ENTRAR e SAIR DO collegio de S. Paulo.* (Herculano). *Resta-me acrescentar que ainda me não DECIDO CONTRA nem A FAVOR DOS JESUITAS.* (Camillo).

IX

Fôrmas nominaes do verbo

A fôrmas nominaes do verbo são: o *infinitivo*, os *participios* e o *gerundio*.

O *infinitivo* presente dos verbos em Portuguez tem duas fôrmas: uma *peessoal* e outra *impessoal*.

O emprego do infinitivo pessoal constitue um *idiotismo*: o Portuguez é a unica lingua que o admite.

No dialecto gallego se encontram fôrmas com essa flexão, como se vê em *Spana Sagrada: Para sairen e entraren* (Apud Diez e Julio Ribeiro).

O infinitivo pessoal que tanta clareza traz ao sentido da frase, é de data antiquíssima.

De seu uso se encontram exemplos no *Livro das Linhagens*, em varios *Cancioneiros* e em um foral de Lisboa de 1179.

«Uma das causas e talvez a primeira, diz Silva Tullio, por que nos autores apparecem alguns destes erros, é devido á influencia que a literatura hespanhola exerceu na Lingua Portugueza. Porque não possuindo aquelle idioma este tempo, fez com que alguns autores usassem o castelhanismo de empregar o impessoal quando deviam empregar o pessoal.»

Adolpho Coelho julga da mesma fôrma que: «as construções do infinito com pronomes, nas orações chamadas de modo infinito, o obscurcimento ha tanto tempo completamente realisado da função

verdadeira do infinito, a analogia, explicam-nos perfeitamente este facto peculiar do Portuguez. As outras linguas romanicas conservam neste ponto mais fielmente a tradição da lingua mãe.»

Diversas são as regras estabelecidas para o emprego do infinito pessoal.

D'entre ellas uma, sobre que em geral estão os grammaticos de acordo, é a seguinte:

«*Usa-se do infinito pessoal quando tem sujeito proprio.*»

Julio Ribeiro em sua *Grammatica* protesta contra esta regra e entre duas indicações diz:

«Para que se ponha o verbo no infinito pessoal ou impessoal é indifferente que elle tenha ou não sujeito proprio.»

Si aquella regra fosse absoluta, Camões, o mestre da lingua, errara quando nos *Luziadas* escreveu: *E folgaras de VERES a policia.*

O mesmo aconteceria com Alex. Herculano: *As aves PARECIAM nos seus vôos incertos, ora vagarosos ora rapidos, FOLGAREM com os primeiros dias da estação dos amores. SORRIAM ao OUVIREM estas palavras.*

Tambem o Padre Vieira: *E' necessario para se CONSERVAREM nesta nova representação e para GOVERNAREM como DEVEM, que se APARTEM de suas proprias raizes.*

E Camillo Castello Branco: *bufarinheiros PREGOAM no intuito de FAZEREM sua cumplice á nobilissima neta de Platão.*

Fr. Luiz de Souza: *que ao pé de Santa Engracia se QUEIXAVAM os vizinhos de VEREM sahir á meia noite.*

E Ad. Coelho: *trabalhos taes... DEMANDAM longos annos de laboriosas investigações para TEREM um valor scientifico.*

Julio Ribeiro, de acordo com Diez, dá duas listas de frases, em que ora o infinitivo é empregado pessoalmente, ora impessoalmente.

Sujeito differente: *E' tempo de PARTIRDES. Viu NASCEREM duas fontes.*

O mesmo sujeito: *Não TENS vergonha de GANHARES a tua vida tam torpemente. Todos ESTÃO alegres por TEREM paz.*

E' preferivel empregar o infinitivo pessoal:

Quando o infinitivo tiver sujeito proprio, isto é, differente do sujeito do verbo finitivo:

*VIMOS as Ursas, apezar de Juno,
BANHAREM-se nas aguas de Neptuno.*

Camões.

Apezar de os sujeitos do modo finitivo e infinitivo serem identicos, emprega-se geralmente a fórma pessoal, por necessidade de clareza, quando é preciso determinar o sujeito: *Assombram-se as Nereidas de AVISTAREM o bosque.* (Castilho). *Não te espantes de Baccho no teu reino RECEBERES.* (Camões). *E's nascido para nos ALEGARES.* (Bernardes).

E' tambem a clareza que exige o infinitivo pessoal ou flexionado nos casos seguintes:

1.º Quando o infinitivo estiver distante do finitivo: ... DEMANDAM longos annos de laboriosas investigações para TEREM um valor scientifico. (Adolpho Coelho). *Foram dois amigos a casa de outro afim de PASSAREM as horas de sêsta.* (Bernardes). *Elles VINHAM deitar-se mansamente uns ao pé de outros para DORMIREM.* (Herculano).

2.º Quando o infinitivo estiver antes de qualquer outra fórma finitiva:

Para se CONSOLAREM, os infelizes DORMIAM tranquilos em seus leitos macios. (Herculano). *E para mais VERIFICARMOS isto FAREMOS uma parabola imitando Aquelle que, para todos, se fez unico exemplar.* (J. de Barros). *Vir-tude sem TRABALHARES e PADECERES não as VERÁS tu ja-mais com teus olhos.* (Bernardes).

3.º Quando entre o verbo do modo finitivo e o infinitivo houver alguma palavra que possa ser sujeito deste: TEMOS PODER para nos CONSERVARMOS inteiro. TEMOS AUTORIDADE para nos MANTERMOS em nossos postos. (Car-neiro Ribeiro).

4.º Quando o infinitivo fôr sujeito do verbo finitivo: E' triste DEFINHARES com tão pequeno pezar. (João Ribeiro). E' consolador PENSARMOS que não podemos ser indifferentes ás pias almas. (Camillo).

O infinitivo impessoal é usado:

1.º Quando fôr empregado como substantivo: AMAR é proprio da humanidade. ESTUDAR é util.

2.º Nas linguagens compôstas a não ser que venha o infinitivo distante do verbo auxiliar: Si cobiça vos FAZ IR

CONQUISTAR terras alheias. (Camões). *Não nos DEIXEIS CAIR em tentação.* (Oração dominical). *MANDA VIR cheiros, joias, galas, espelhos.* (Vieira).

Entretanto: DEVIAM TRAZER todos vocês nas palmas das mãos, dar mil graças aos céus e ACABAREM de crer. (Castilho).

Mas a selva já começa a RAREAR, e os ginetes a RES-FOLEGAREM com mais violencia (Herculano). (Apud Saïd Ali).

3.º Quando servir de objecto a um outro verbo, a não ser quando o realce ou a enfase exigir a fórma pessoal: VI BRILHAR duas lanternas. (Garrett). SENTIAM RANGER e ESTALAR as vigas de um simples. (Herculano). VERÃO os cafres asperos e avaros TIRAR á linda dama seus vestidos. (Camões).

Entretanto: VIRAM os castelhanos SAQUEAREM (Herculano). VIAMOS AGITAREM-se entre as arvores as luzes das lanternas e MIRAREM-se as sombras dos bosquezinhos. (Garrett).

O participio presente, simples adjectivo, não admite flexão de genero, e sim de numero e de gráu: Amante, amantes, amantissimo.

No antigo Portuguez conservava a força participial: Cegou ENTRANTE á lida. Os quaes TEMENTES Nosso Senhor. Chama a nós a Santa Escriptura de Deus DIZENTE (Apud Ad. Coelho).

O participio passado, considerado como adjectivo, concorda com o sujeito da oração, quando o verbo é ser, estar, parecer e outros semelhantes; e fica invariavel quando o verbo é haver ou ter:

As artes são ESTIMADAS. Os vicios estão DESCOBERTOS. As ondas pareciam AGITADAS. Temos ESTUDADO bastante. Havemos VENCIDO as difficuldades.

Antigamente esta regra era vacillante:

Quebrar as treguas que tinha FEITAS. (D. Nunes). Outras muitas que tinha OUVIDAS. (B. Ribeiro). Que tanto mar e terras tem PASSADAS. (Camões). Entre muitas mercês que Deus me tem FEITAS. (Lucena).

Alguns participios passados têm significação activa: *arriscado* (que se arrisca), *calado* (que se cala). Outras vezes indicam acção, ora activa ora passiva: *acreditado* (que tem credito ou recebe credito de alguém).

Como lembra Pacheco da Silva Junior nas suas *Noções de Semantica*, no Portuguez antigo, o particípio concordava com o sujeito do verbo em genero e numero quando vinha construido com os verbos *ter* e *ser*. Tanto se dizia *estamos convencidos* e *convencido*, *somos errados*, *leal nos serviços que lhe tínha feitos* (Fernão Lopes); *votos que tinha feitos*; *quantas culpas tinham commetidos* (Fern. Mendes).

Desde muito cedo, porém, manifestou-se a tendencia para a invariabilidade do particípio passado: *maravilhas que deixou feito* (Caminha); *deixou-lhe queimado a cortina* (P. Per.); *deixando descoberto 350 leguas*, (Barros).

O *participio do futuro* desapareceu da conjugação portugueza e só é usado como adjectivo ou substantivo: *vindouro, casadeira, matadouro, iracundo, reverendo, imoredouro, doutorando, venerando*.

O *gerundio* fórma as linguagens dos verbos perifrasticos, é invariavel.

Emprega-se com a preposição — *em* — e indica que uma nova acção se vai seguir, ou é um facto que costuma succeder: *Em nascendo já fazem a um clérigo, a outro frade, a outro soldado*. (Souza). *Em se recolhendo foi recebido de todo o povo*. (Idem).

O gerundio regido desta preposição é de uso latino e hoje pouco usado.

Antigamente se usava tambem com outras preposições: SEM HAVENDO *esperança de poder fugir*. (Ineditos da Hist. Port.). *Com toda a deleitação da vontade*, SEM RESGUARDANDO *ser bem feito*. (D. Duarte). *E estas dansas eram a som dumas longas que então usavam* SEM CURANDO *doutro instrumento*. (Fernão Lopes). *Entrelando se verão*; SEM SENDO *resistidos*; DE ACCRESCENDO *o desejo ao pedido*. (Idem).

X

Sintaxe do verbo «haver»

O verbo *haver* pôde ser considerado como *auxiliar* e neste caso é verbo perfeito, isto é, conjuga-se em todos os tempos e pessoas: *Os inimigos, como o successo da mina lhes HAVIA ABERTO para a victoria uma tão larga porta*. (J. Freire); e como *impessoal*, com o sentido de *ter, possuir* e neste caso é verbo defectivo, só sendo conjugado na 3.^a pessoa do singular: *Não HAVERÁ missas, nem altares, nem sacerdotes que as digam*. (Vieira).

Tem varios outros significados: SENTIR, EXPERIMENTAR: *Hei grande medo que este fraco batel se alague cedo*. (Carmões); ADQUIRIR: *Donde houveste este rugido teu?* (Gonçalves Dias); TRATAR: *Havia-o com homem serio*; JULGAR, SUPPOR: *Não hajas que te aggrave*. (F. Alvares); SER POSSIVEL: *Assim foram caminhando para a igreja, mas não havia poder romper pelo grande numero de povo*. (Fr. Luiz de Souza); PROCEDER, PORTAR-SE: *Houve-se em tudo a natureza como mãe*. (Vieira).

A construção do verbo — *haver* — impessoal, sempre no singular, se applica a qualquer outro verbo que na qualidade de auxiliar venha a constituir linguagem composta com elle. A linguagem composta com o verbo *haver* no

infinitivo só pôde, assim, ser empregada na 3.^a pessoa do singular.

Deve-se dizer sempre: HÁ *de* HAVER *festas*; VAI HAVER *progressos*; TERÁ *de* HAVER *eleições*; COSTUMA HAVER *exercícios*, etc. Antonio Vieira bem empregou: *Desengamem-se os idólatras do tempo passado que também no presente PÔDE HAVER homens tão grandes*.

Vários têm sido os modos de interpretar a syntaxe do verbo *haver*.

Uns grammaticos dizem que o verbo *haver* não necessita sujeito claro: sua syntaxe é semelhante á dos verbos *chover*, *trovejar*, etc.

Outros dizem que o verbo *haver* é empregado no sentido de *existir*; usa-se na terceira pessoa do singular ainda que o sujeito seja de terceira pessoa do plural.

Explicam a discordancia incluindo essa construção na classe dos *idiotismos*.

Outros sustentam que o verbo impessoal *haver* tem a significação de *existir*, e emprega-se ordinariamente com um sujeito grammatical occulto: *classe*, *genero*, *numero*, *especie*, *porção*, *quantidade*, *numero*, *espaço*, etc., e um complemento desse sujeito, precedido da preposição *de* também occulta.

Assim nos versos de Camões:

*Dizei-lhe que também dos Portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.*

a syntaxe regular é:

Dizei-lhe que também dos Portuguezes NUMERO DE TRAIADORES *houve alguma vez.*

Finalmente, outros dizem que o verbo *haver* significa *ter*, *possuir* e tem como sujeito uma palavra occulta que será indicada pelo sentido. E' a melhor analyse.

Assim na frase: *Haverá lances*, o sujeito será *a vida* ou *o tempo*, sendo *lances* o objecto directo.

Na frase: *Ha homens*, o sujeito será *a sociedade*, ou *o mundo* e — *homens* — o objecto directo.

Diversas são as provas a favor da interpretação que dá ao verbo *haver* o significado de *ter*, *possuir*.

A etimologia do verbo *haver* indica a fôrma latina *habere* que significa *ter*.

A analyse da frase franceza: *Il y a des hommes* — em Portuguez — *Ha homens* — considera *hommes* como objecto e *il* (indeterminado) como sujeito.

No Portuguez antigo o verbo *haver* era empregado por *ter*:
..... *Elle HAVIA nome Antão*. (Apud. João Ribeiro).

Em Gil Vicente:

*Como HAS nome cavalleiro
Eu HEI nome todo o Mundo.*

O povo conserva puras as primitivas fôrmas das palavras. Vemos que são populares as frases:

Hoje TEM missa — por — *Hoje HA missa*.

TEM dias que não saio — por — *HA dias que não saio*.

O substantivo verbal *haveres* é sinonimo de *teres*, *possuidos* (posses).

O adverbio *eis* é para o geral dos grammaticos uma fôrma do verbo *haveis*, *heis*, *eis*: *EIS aqui mil e quinhentos marcos de prata* (Bernardes) equivale a *Aqui TENDES mil e quinhentos marcos de prata*.

Como ultima prova a que apresenta o Dr. A. Freire da Silva em sua *Grammatica*:

«Na maxima seguinte: *Ha fanfarrões de sciencia como os ha de valor e nobreza*, o Marquez de Maricá não substituiu na segunda proposição o substantivo *fanfarrões* pelo caso recto *elles*, como de-vera si fosse sujeito, mas sim pelo pronome — *os* — que neste caso tem força de accusativo latino, e é por isso, como o substantivo a que se refere, complemento objectivo do verbo *ha*.»

Ha-os nesta collecção de todas as especies.

Neste exemplo — *os* — não pôde ser sujeito, é, sim, objecto, estando o verbo *haver* na significação de *ter*, *possuir*.

Sintaxe analoga á do verbo *haver* no singular com o sujeito occulto e o objecto directo claro, no plural, é a do verbo *fazer* em certas construções: FAZ 10 dias que te não vejo.

O sujeito nestas orações vem a ser geralmente o tempo.

Não faltam exemplos nos classicos:

Oito dias FAZ hoje que Christo o resuscitou (Vieira). Tres annos FAZ agora que eu recebi uma carta sua e ainda a não abri. (Bernardes). FAZ agora tres annos e um dia. (Herculano). FAZ agora seis mezes. (Castilho). FAZ agora quatro annos que teu nome era como um ferro. (Garrett). FAZ hoje quatro annos que Vieira abriu uma sepultura. (Camillo).



XI

Palavras invariantes

I

ADVERBIO

O adverbio póde ser representado por um adjectivo: Comprou BARATO. Casa MEIO feita.

A grande classe dos adverbios em *mente* é formada pela junção deste suffixo á fôrma *feminina* do adjectivo: *sabiamente*, *humana-mente*. Exceptuam-se *portuguez* e *francez* e outros terminados em — *ez* —, dantes invariantes, que conservam a fôrma masculina: *portuguezmente*, *francezmente*.

Até o seculo 17.^o, a fôrma — *mente* — não tinha adquirido a função de suffixo e era escrita separada do adjectivo. Tinha o valor de substantivo feminino: *De boa mente*; *á boa mente*.

O emprego dos adverbios em *mente* não é arbitrario. Quando concorrem dois ou mais adverbios desta especie, só o ultimo, em geral, toma esse suffixo: *Santa, justa e correctamente*.

Esta construção não era usada pelos classicos quando

queriam dar mais ênfase á frase ou mais força á significação do adverbio:

Vivamos neste mundo SABIAMENTE, PIAMENTE e JUSTAMENTE (Vieira). *V. Exc.^a ... te-lo-ia feito* DIRECTAMENTE, FRANCAMENTE, LEALMENTE (Herculano). ... *se pretende* SINCERAMENTE, NOBREMENTE e PATRIOTICAMENTE (Castilho). *Lutava* SILENCIOSAMENTE, FRIAMENTE, PACIENTEMENTE (Garrett).

O mesmo já acontece com alguns escritores modernos.

Convém notar, com Darmesteter, que o velho francez empregava: *humble et dulcement* e não *humblement et dulcement*, como é construção actual.

Mui, tam e *quam*, fórmulas contractas de *muíto*, *tanto* e *quanto*, só se podem empregar como adverbios. As fórmulas completas *muíto*, *tanto* e *quanto*, se podem empregar como adverbios ou adjectivos: *Elle é mui ou muíto sabio. Desejo muitas honras*. Vieira: ... *e com tantas e tão desiguas batalhas e com tantas e tão vantajosas victorias defende-ram gloriosamente a patria*. Castilho: *QUAM boa vontade, QUANTO zelo, QUANTA prudencia*.

A negação em Portuguez póde ser simples ou reforçada.

Negação simples: *não quero; nunca vi*.

Negação reforçada: *não quero nada; não vi boia*.

Neste genero a Língua é rica de palavras que são empregadas como reforço negativo: *boia, nada, pitada, patavina, nem nada, migalha, ceitil, ponto, vintem, gota, dez réis, passo, pataco*, etc.: *Triste pranto até Belém, nem passo não se esquecia* (Gil Vicente). *A quem não deve dar nem migalha* (Leal Conselheiro). *Aquelle só será ditoso, quem sem ti não espera nem crê nada* (Dr. A. Ferreira). *Que vintem não me ficasse* (Gil Vicente). *A antiguidade não sabia patavina* (Castilho). *Não se enxerga pataca, isto é, não se vê nada* (Dicionario de Fr. Domingos). *Mandou a Luiz da Silveira que, sem dar mais ponto no requerimento, se recolhesse para o reino* (Fr. Luiz de Souza). *Não valer uma pitada de tabaco* (Dic. Aulete). *Finalmente mor-*

reu Christo sem ter uma gota dagua para matar a sede (Bernardes).

Muitas vezes a negativa — *não* — é empregada sem força de negação, tendo simples valor enfático: *Si tantos de-leites há na terra, que não será no céu? Que linda voz que não tinha*. (Castilho). *Que exquisitos e atrozes tormentos não soffreram os martyres!* (Bernardes). *Que poeta que não era de D. Ignez o cantor!* (Palmeirim).

Esta construção, que herdámos do Latim, é muito usada pelo povo.

O emprego da negativa obriga o verbo do modo imperativo a se mudar para o subjuntivo: *NÃO FAÇAS a ou-trem o que não queres que te façam* (Adagio). *Oh! meu amado Senhor, não me faleis já pelas vossas criaturas...* *falai-me por vós mesmo*. (Bernardes). *O' voadores, conten-tai-vos com o mar e o nadar e não queirais voar*. (Vieira). *Formosa filha minha, não temaes*. (Camões).

A negação também póde ser expressa:

Pela preposição *sem*:

SEM ACHAR resistencia nem defeza (Camões).

Por — *algum* — depois do substantivo:

Em nenhuma flôr podem os maiores sabios emendar coisa alguma. (M. Bernardes).

Por — *nunca* *jamaes*:

NUNCA JAMAIS naquelles claustros se experimentou nem sentiu ar contaminado. (Fr. L. de Souza). *NUNCA JAMAIS a segurança das vidas e fazenda dos cidadãos foi menos violada*. (Castilho).

Pela locução adverbial — *no mais* — por *nom mais*:

NO MAIS que só sessenta de cavallo. (Camões). *NO MAIS, Musa, NO MAIS...* (Idem).

Ha quem pense haver ahi uma oração elíptica:

NÃO ERAM MAIS do QUE 60 cavalleiros. NÃO POSSO FALAR no mais.

Pela expressão — *não... que*, a similhança da construção italiana e franceza:

As nossas cousas NÃO têm outro mal QUE serem ver-

dadeiras. (Garcia d'Orta). Quando S. Paulo nas suas cartas chama aos fieis santos, NÃO quer dizer outra cousa QUE bons christãos. (Vieira). NÃO faltou QUE uma só pedra. (Castilho). E NÃO sentirá QUE um desejo. (R. Ortigão).

Não se deve empregar a negativa *não* depois de outra palavra de força negativa. São erradas construções como as seguintes: NINGUEM NÃO *me ama*; NUNCA NÃO *viu*. O adverbio *não* deve, nestes casos, preceder sempre a outra negativa: *Não me ama ninguém*; *não vi nunca*, ou então desaparecer: *Ninguém me ama*; *nunca vi*.

Os adverbios *bem* e *mal* têm os comparativos *melhor* (mais bem) e *peor* (mais mal), que se não devem confundir com os adjectivos *melhor* (mais bom) e *peor* (mais mau).

Os adverbios se podem usar sinteticamente ou analiticamente: *Estudou MELHOR ou PEOR que o irmão a lição de Portuguez. Ella está MAIS BEM empregada ou MAIS MAL empregada que o irmão*.

Os adjectivos só se podem usar sinteticamente — *melhor* e *peor* e nunca — *mais bom* e *mais mau*.

As fórmulas analíticas — *mais bem* e *mais mal* — são empregadas especialmente antes dos particípios passados: *Pôde haver resolução MAIS MAL ENTENDIDA que lançar a pique o navio em que sou embarcado, só para que meu inimigo se afogue?* (Vieira). *Nesta singular abundancia, Lisboa não só a MAIS BEM PROVIDA mas, tambem a mais deliciosa terra do mundo*. (Idem).

Não se devem confundir os adverbios *onde* e *aonde*.

Onde se emprega com os verbos que exprimem quietação: *Onde estás? Onde moras?*

Aonde se emprega com os verbos que exprimem movimento: *Aonde vais?*

A distinção fica bem clara no seguinte trecho de Alexandre Herculano: *Lá no céu AONDE ella SUBIU e ONDE nosso pai ACOLHEU no seio a sua infeliz filha*.

Entretanto Vieira empregou: *Deus meu, ONDE me MANDAIS*. Camões: *AONDE as náus ESTAVAM temerosas*. Garrett: *ONDE me LEVAS, Tejo aurifero!*

II

PREPOSIÇÃO

As preposições são, em geral, de origem latina, mas, conforme as relações indicadas, correspondem a esta ou aquella preposição latina, como: *a* — que se originando da preposição *ad* corresponde, pelas relações expressas, a — *ab* e *apud*.

A preposição *por* tem duas origens: *pro* e *per*.

A pouco e pouco, a forma *pro* substituiu completamente a forma *per* e *pelo*, *pela*, *pelos*, *pelas*, venceram no século XVII a *polo*, *pola*, *polos*, *polas*: *Não POLO eu merecer, mas faço todavia POLO não desmerecer* (Sá de Miranda).

A forma *per* se usa em composição: *pelo*, *percorrer*, *perlucido*, e nas frases *de per si*, *de per meio*.

Per empregava-se indicando lugar por onde, duração, meio, instrumento, espaço: *PER dedos é seu contar*. (G. de Rezende). *Pereceram PER espada e PER fome*. (João de Barros). *PER noites de inverno se ouviam gemidos*. (F. Mendes).

Por, indicando troca, preço, parcialidade, opinião, causa, motivo.

As preposições derivam-se também de particípios: *salvo*, *excepto*, *tocante*, *durante*, *passante*, *tirante*, *segundo*, *conforme*, *visto*, *obstante*, *salvante*, que se tornam invariáveis.

Algumas, entretanto, se apresentam como adjectivos, de que se acham exemplos em autores de nota:

... todos os livros que andam em nome das Sybillas, EXCEPTAS algumas autoridades. (Manoel Bernardes). *Tudo chegou a salvamento*, EXCEPTAS as partes liquidas. (Vieira). *Não OBSTANTES os epigrammas e commentarios*. (Castilho). *Pôde a miseria ser tanta que não OBSTANTES todas as di-*

ligencias ainda resvalamos. (Bernardes). EXCEPTOS os dictionarios de Aulete e Adolpho Coelho. (Ruy Barbosa).

As expressões *VISTAS as razões*, *SALVOS os motivos* são de uso commum.

As preposições compósta da preposição *de* exigem a repetição desta antes do nome, o que não acontece com as preposições em que não entra esse elemento: *Ante Deus — diante de Deus. Após a chuva — depois da chuva.* Vieira escreveu: *A morte corre APÓS de nós.*

A preposição *de* é, muitas vezes, simples particula de realce, expletiva, empregada por enfase: *E' muito DO meu agrado. Pobre DO menino. Desgraçado DE mim.*

Tem valor de partitivo, como nas expressões: *Dê-me DAQUELLE bolo: venda-me DESSA carne.* Camões: *Assás DE mal lhe quero.* Gil Vicente: *Cortai-me DESSA rama.* Sá de Miranda: *Comem trigo e nós D'AVEIA.* Rodrigo Lobo: *Comerás DO leite, ouvirás DOS contos e partirás quando quizerdes.*

A preposição *até* póde vir ou não acompanhada da preposição *a*: *Vão os annos descendo e já do estio há pouco que passar ATÉ o outono.* (Camões). . . . *se formou uma numerosa procissão ATÉ o sepulcro dos outros quatro martires.* (Bernardes). . . . *que lhes assistem ATÉ ao fim* (Vieira). *A Virgem das virgens serve no templo de Jerusalem desde os 13 ATÉ aos 14 annos de sua idade.* (Castilho).

As preposições *a* e *para* se distinguem, no seu emprego, quando empregadas com os verbos que exprimem movimento.

A — indica lugar onde, direcção, tendo a pessoa animo de pouca demora.

Para — indica lugar onde, direcção mais remota e definitiva, tendo a pessoa animo de não voltar em breve.

Assim quando digo: *Vou ao Recife* indico o meu desejo de demorar-me pouco, de voltar em breve.

Mas quando digo: *Vou para o Recife* tenho idéia de ahi fixar residencia, demorar-me por longo tempo.

ostuma-se repetir as preposições antes das palavras

que exprimem idéias diferentes: *Pelo rei, pela lei, pela patria.* Vieira: *COM lagrimas, COM suspiros e COM colloquios amorózos.*

Certas preposições se combinam e contráem com outras palavras, principalmente com os artigos.

Observa-se: 1.º Até o seculo 17 havia a fórma — *ó* — por *a + o*, semelhante a — *á* — por *a + a*: *Pergunto ó mar, ás plantas, ós penedos, como, quando, por quem foram criados.* (Fr. Agostinho da Cruz). 2.º Não se usa a contracção *no, na, nos, nas*, por eufonia, quando a palavra seguinte começa por som nasal: *EM A NOUTE seguinte*, é fórma eufonica, preferivel a — *NA NOUTE seguinte*; 3.º Não se faz tambem contracção quando a preposição não reger o vocabulo seguinte: *E' tempo DE os patriotas erguerem-se.* (Vieira). *Muitas vezes chegam A os açoitar.* (Bernardes). *Invoca o tempo DE os pagar com as sombras.* (Castilho). *Mal houvera ella bastado A o trazer tão longe.* (Idem). *Para que não continuem A o ser.* (Vieira). *Quando os inglezes se rirem DE elles terem muito dinheiro.* (Herculano). *Desaire real seria DE A deixar sem premio.* (Garrett).

Duas preposições de natureza diferente não devem reger o mesmo nome. Convem evitar construcções como: *Com e sem razão.* A construcção mais natural é: *Com razão e sem ella* ou repetir o substantivo. Manuel Bernardes: *Jonathas COM RESGATE e SEM RESGATE sempre havia de perecer.* Castilho: *COM FUNDAMENTO e SEM ELLE achei essa filiação.*

E' defeito dizer-se, por exemplo: *antes, durante e depois do facto*; deve ser: *antes do facto, durante o facto e depois delle.* Não se diga: *Contra ou a favor dos francezes*, mas sim: *Contra os francezes ou a favor delles.*

CONJUNÇÃO

A conjunção — *e* — em serie de vocabulos se emprega antes do ultimo:

*Mas o de Luso arnez, couraça e malha
Rompe, corta, desfaz, abola e talha.*

Camões.

A repetição da conjunção antes de alguns dos vocabulos ou antes de todos é muito usada no verso; dá-lhe movimento e graça produzindo bello effeito: *E eu que existo e penso e falo e vivo.* (Herculano).

Vieira empregou a repetição: *E andava e comia e bebia e batalhava e vencía e triumphava.*

No estilo biblico e poetico é frequente o emprego da conjunção — *e* — no principio sem relação immediata com a oração antecedente.

Esta conjunção conserva a fôrma arcaica — *a* — em — *dez-a-seis*.

Alguns grammaticos explicam esse — *a* — dizendo ser equivalente de *junto a*.

A conjunção — *que* — é muitas vezes repetida como para indicar maior subordinação:

*Sabia bem QUE si com fé formada
Mandar a um monte surdo QUE se mova
QUE obedecerá logo á voz amada.*

Camões.

*Eu sou bem informado QUE a embaixada
QUE de teu rei me dêste QUE é fingida.*

Idem.

Outras vezes desaparece por elegancia: *No fim da carta me manda V. M. (que) diga o meu parecer.* (Vieira). *Temo (que) se não extinga antes recresça em nós mais forçosa esta maldade.* (Fr. A. das Chagas).

Diz João Ribeiro que a fôrma *ende* (ainda, inde) permanece na Lingua com a fôrma *em* nas seguintes expressões: *Em que pese a F. — ende que pese a F. — ainda que pese a F.*

«A conjunção *mas* tomou o sentido de adversativa, porém originariamente era reiterativa. Por isso mesmo nas expressões *não só... mas também* e outras equivale exactamente a *mais* e talvez assim se devesse orthographar-a.»

«Não sendo de todo adversativa, é facil que a deparemos conjunctamente com *porém*, nos escriptores da idade classica:

Mas porém quando as gentes mauritanas. Camões.»

«E Castilho e quasi todos d'entre os antigos». (João Ribeiro — *Gram. Portuguesa*).

E' commum encontrar-se a reunião de duas conjunções quando o sentido da frase exigia apenas uma. Essa repetição, que só se dá entre conjunções coordenativas, se encontra em escriptores de todas as épocas: *O miolo ficára do tamanho de um grande marmelo e PORÉM de parecer diferente.* (J. de Barros). *MAS COMTUDO foi-se contra sua vontade.* (Bernardim Ribeiro). *MAS PORÉM sempre deixa uma duvida lá na crença.* (Idem). *Senhor, grande; MAS PORÉM si a tal é virtuosa.* (Camões). *MAS COMTUDO não nego que Sampaio...* (Idem). *E COMTUDO os mosquitos já fizeram fugir a cavallaria.* (Bernardes). *E, si, TODAVIA ainda contra isto há que dizer, não está longe o remedio.* (Fr. L. de Souza). *MAS ENTRETANTO não se descuidava da cura.* (Idem). *E TODAVIA o objecto da conversação era assás importante.* (A. Herculano). *E ENTRETANTO vê e tolera-se.* (Castilho). *E MAS é o italiano.* (Idem).

A não ser a locução — *mas porém* — que actualmente é repellida, embora de uso popular, as demais são communs e se deparam em bons escriptores modernos.

Ha algumas conjunções que se pódem empregar, por elegancia ou enfase, depois de uma ou algumas palavras da oração, taes são: *porém, no entanto, pois, comtudo, portanto, entretanto, todavia*, etc.

Assim, POIS, acontece aos soberbos que... andam a buscar o applauso do mundo. (Bernardes). *Sei, COMTUDO, que deseja muito esse retrato seu natural.* (Vieira). *Foram inventores destes jogos Hercules, Pytho, Theseu e outros heróes... sendo, PORÉM, o principal premio não o dinheiro, sinão a honra e a fama.* (Idem). *Fizeram, TODAVIA, os nossos em tal sossobro mui preclaras acções.* (F. Elisio).

São chamadas *conjunções pospositivas*.



XII

Ordem grammatical. Figuras

1

Ordem grammatical é a maneira por que se dispõem as orações no periodo e as palavras na oração.

Directa é aquella em que os termos e as orações se acham na ordem natural da successão ou, como diz Julio Ribeiro, quando se segue a ordem logica da concepção do pensamento e da successão dos factos.

A ordem natural e logica exige em primeiro lugar o sujeito, depois o predicado, vindo os modificativos juntos ás palavras a que modificam, isto é, o sujeito com os seus adjuntos e o predicado com os seus adjuntos.

O objecto directo deve vir antes do indirecto, excepto si este fôr representado por uma variação pronominal; sem preposição clara, caso em que deverá precede-lo: *Deu UM LIVRO A ANTONIO; deu UM LIVRO A TI e OUTRO A MIM. Deu-ME UM LIVRO, deu-TE UM livro.*

Em ultimo lugar vão os adjuntos adverbias do predicado. Si, porém, modificarem algum termo do sujeito ou do objecto, ou de qualquer outro, devem vir juntos a elles, quanto possa.

Quanto as orações: As sindeticas e as assindeticas vão umas após outras na ordem do pensamento; as subordinadas junto dos termos a que modificam.

Inversa é aquella em que se acha alterada a ordem natural da precedencia.

Ordem inversa:

*Eram estes antigos mercadores
Ricos em Calecut e conhecidos.*

Camões.

Ordem directa:

*Estes eram antigos mercadores, ricos e conhecidos em
Calecut.*

Em regra geral o sujeito se colloca antes do verbo.

Deve comtudo, ser collocado depois:

1.º Nas frases interrogativas, exclamativas, imperativas e optativas:

Póde vossê falar-me?

Que prazer sentiu a CRIANÇA!

Alíja PILOTO, tudo ao mar.

Podera EU torna-la feliz e alegre!

2.º Quando se referem palavras de outrem ou ha citação de um trecho:

Bradou EL-REI D. HENRIQUE: Olá gente de minha guarda!

O remorso é o bom pensamento dos máus, disse GARETT.

3.º Quando a frase começa por algum adverbio ou circumstancia:

Melhor mereceis VÓS OUTROS TODOS a morte do que este pobre homem. (Garcia de Rozende).

Quando fazem OS MINISTROS o que fazem. (A. Vieira).

As regras de collocação relativas aos substantivos, adjectivos, etc., já foram espendidas nos respectivos lugares.

A lingua portugueza é muito propensa á ordem directa pela influencia da linguagem scientifica.

A principio a lingua abusava das inversões aproximando-se muito da construção latina; hoje a bem da clareza, a ordem directa vai vencendo terreno.

Isto não quer dizer que o Portuguez moderno rejeite a ordem inversa; casos ha em que ella se torna necessaria, como nas frases emocionaes, imperativas, na poesia, etc.

II

As proposições regulares devem ter tantas palavras quantos são os termos necessarios; não devem ter palavras demasiadas; devem ter os termos na ordem natural da successão e representados por palavras de significação propria.

O contrario se póde dar quando a necessidade o exige, para clareza, harmonia ou elegancia da frase.

Dahi decorre a divisão da syntaxe em: *natural e figurada.*

Figuras são as alterações que as frases soffrem.

São modos de dizer apartados das fórmulas communs.

As figuras são de *concordancia* e de *construção*.

As de concordancia são: *Zeugma* e *sillepse*.

Zeugma é a concordancia de uma palavra não com todas a que modifica, mas com uma só:

Em vós esperam ver-se RENOVADA

Sua memoria e obras valerosas.

Camões.

Tem-se, pois, de subentender uma palavra occulta, que, entretanto, já foi expressa, com genero, numero e pessoa differentes.

Alguns grammaticos definem *zeugma* a supressão do sujeito.

Sillepse é a concordancia de uma palavra não com uma ou algumas palavras a que modifica, mas com o nome generico que as comprehende. A concordancia não se faz com o termo claro, porém com um imaginado.

A sillepse póde ser de:

Genero: VOSSA REVERENDISSIMA *é* ILLUSTRADO.

Numero: A GENTE da cidade concorria SAUDOSAS na vista e DESCONTENTES.

Pessoa: João e Pedro SÃO bons estudantes.

As figuras de construção são: *Elipse*, *pleonasm*, *hiperbato*, *enalage* e *anacolutia*.

Elipse é a supressão completa de palavras que o sentido entende facilmente:

(Vós) *Vistes que com grandissima ousadia*

(Elles) *Foram já commetter o céu supremo.*

Camões.

Pleonasm é a repetição de palavras ou o emprego de palavras differentes com o mesmo sentido.

1.º caso:

*Para o céu cristalino alevantando
Com lagrimas os OLHOS piedóssos
Os OLHOS, etc.*

Camões.

2.º caso:

Vi com estes OLHOS que a terra ha de comer. (Popular).

Hiperbato é a transformação da ordem grammatical da proposição.

O *hiperbato* toma o nome especial de *anastrofe* quando a transposição é ordenada: *Para do mundo a Deus dar parte grande.* (Camões)

Toma o nome de *sinquese* quando a transposição é desordenada, dando lugar á obscuridade:

*Estas obras de Baccho são por certo,
Disse.*

Camões.

*... que em terreno
Não cabe altivo peito tão pequeno.*

Idem.

Em pesada caiu melancolia.

F. Elisio.

Enallage é o emprego de palavras com significação de outras:

*Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as ROSAS e perdida
A branca e viva côr co'a doce vida.*

Camões.

Por mais que enfeiteis um não sempre amarga. (Vieira).

Anacolutia é a interrupção da construção já começada, por outra de nexo differente:

*Eu que cair não pude neste engano,
ENCHERAM-ME com grandes abundanças.
O peito de desejos e esperanças.*

Camões.

Oh! TU, nós outros te AVISAMOS.

Idem.

*OS TRES REINOS ORIENTAES que vieram adorar o filho
de Deus recém-nascido em Belem é tradição da igreja que
um era preto.* (Vieira). *Busca, filho, outros reinos que*

ESTE de Macedonia, não cabes nelle. (Bernardes). E o DES-
GRAÇADO tremiam-lhe as pernas, suffocando-o a tosse.
(Garrett).

Entre as varias figuras — conhecidas pelo nome de *figuras de estilo* — proprias para ornar o pensamento e deleitar o assunto, se pódem enumerar:

Anáfora, é a repetição de uma palavra no começo de orações consecutivas: TUDO passa, TUDO esquece, TUDO morre.

Anadiplosé, é a repetição, no começo de uma oração, de uma palavra com que terminou a oração anterior: Com os olhos lhe acendi no peito O FOGO, O FOGO que sempre arde e ainda arde agora. (A. Ferreira).

Assindeto, é a supressão de conjunções entre orações ou partes de orações: A chuva, a neve, o vento, a tempestade. (Durão).

Climax ou *gradação*, é a repetição de termos, fazendo passar a ultima palavra de uma oração para primeira palavra da segunda oração, a ultima da segunda para primeira da terceira e assim por diante: Da perda nasce O CONHECIMENTO; do CONHECIMENTO a ESTIMAÇÃO; da ESTIMAÇÃO a dôr. (Vieira). Das intemperanças do comer nascem as CRUEZAS; das CRUEZAS a confusão e a discordia dos HUMORES; dos HUMORES discordantes e descompostos a DOENÇA; das DOENÇAS a morte. (Idem).

Diácope ou *separação* é a repetição de uma palavra, pondo outra ou outras de permoio: DAI velas, disse, DAI ao largo vento. (Camões).

Epizeuxé ou *reduplicação*, é a repetição de uma palavra seguidamente: Mercurio disse: FUGE, FUGE, Lusitano.

Epistrofé, é a repetição de uma ou algumas palavras no fim de varias orações: Tudo acaba com a MORTE e tudo se acaba com a MORTE, até mesmo a MORTE. (Vieira). Os ministros superiores entram POR SANGUE; os familiares POR SANGUE; os inferiores POR SANGUE e os réus POR SANGUE. (Idem).

Epanalepse, é a repetição de uma palavra no começo e no fim da mesma frase: TROVEJA mortes, damnos TROVEJA.

Epánodo, é o emprego de varias palavras que se retomam passo a passo para desenvolver a idéa contida em cada uma d'ellas: A prudencia é filha do TEMPO e da RAZÃO; DA RAZÃO pelo discurso, DO TEMPO pela experiencia. (Vieira).

Políptoto é a repetição de palavras com fôrma grammatical differente: A LANÇA A LANÇA oppõem, O PEITO AO PEITO.

Potissindeto, é a repetição de conjunções: Suspira E chora E cansa E geme E susa. (A. Ferreira).

Símploce, é a repetição de palavras no começo e no fim de orações seguidas: QUE FAZ o lavrador? BUSCA PÃO. QUE FAZ o soldado? BUSCA PÃO. QUE FAZ o navegante? BUSCA PÃO. (Vieira).

XIII

Alterações grammaticaes e lexeologicas

I

As alterações que as línguas soffrem são de duas espécies: grammaticaes e lexeologicas.

As *grammaticaes* subdividem-se em foneticas, morfológicas e sintaticas.

As alterações *foneticas* consistem não só na mudança que soffre a pronuncia das palavras pela falta de instrução do povo, como também na mudança que soffrem as palavras na passagem do Latim ou de outra qualquer Língua para o Portuguez.

Do 1.º caso podemos contar:

estauta — estatua

blazão — brazão

coresma — quaresma

barguilha — braguilha

descarilhar — descarilar

diecese — diocese

quarar — corar

zanolho — zarolho

Do 2.º caso temos a mudança do *e* em *i*: tecum, tigo; au em ou, oi; causa, cousa, coisa; supressão da vogal inicial: Olisipona, Lisbõa, etc.

As alterações *morfologicas* são produzidas por *analogia* — tendencia que têm as Linguas para reduzir a tipos únicos o maior numero possível de palavras: *joue* antigo participio de — *jazer*, analogo a — *houve, soube*, etc.; *despeço, despeça, impeço, impeça* — em lugar de *despido, despida, impido, impida* — por analogia com — *peço, peça*.

Por analogia as crianças pronunciavam *dizi* — por *disse*, *fazi* por *fiz*, *trazi* por *trouxe*, semelhantes a *comi, bebi*.

Como os substantivos augmentativos em — *ão* — são masculinos, conservam esse genero, por analogia, o substantivo positivo mesmo feminino: *a faca, o facão, a marqueza, o marquezão*. Entretanto os diminutivos são todos femininos: *faquinha, marquezinha*.

As alterações *sintaticas* dependem das alterações *morfologicas*.

Chamam-se alterações *sintaticas* as mudanças que sofre a Lingua nos varios periodos de sua existencia. Altera-se a forma, sem se alterarem as relações entre as palavras.

A perda dos casos do Latim modificou a fórmula da sintaxe correspondente em Portuguez.

Nota-se: O emprego do verbo — *começar* — seguido da preposição *a*, da preposição *de*, e mesmo sem preposição: *COMEÇOU a fazer grão pranto*. (F. Lopes). *COMEÇOU de lhe perguntar*. (J. de Barros). *COMEÇOU GANHAR terras*. (Idem). Hoje é mais commum a preposição *a*.

O emprego da preposição *em* antes do gerundio, substituida actualmente por — *logo que, apenas*: *EM se RECEBENDO foi recebido de todo o povo*. (Fr. L. de Souza); o emprego da preposição — *sem* — antes do gerundio que hoje não mais se encontra: *SEM CURANDO doutro instrumento*. (Fernão Lopes); *lhe* por *lhes*: *Entre a boa doutrina que LHE (aos filhos) davam*. (A. Ferreira); o uso do partitivo: *semeia DO junco, emprestai-me DO azeite*. (Gil Vicente); o verbo — *haver* seguido de infinitivo sem preposição: *hei trabalhar, hei morrer de dôr*; as expressões *fazer noute, fazer resposta fazer esmolos*, hoje substituidas por — *anoutecer, responder, esmolar*.

Nas construções com o verbo — *haver* acompanhado de infinitivo o pronome que as deve seguir ficava intercalado: *Há se de avaliar o voto pelos merecimentos; hão se de abrir e manifestar*. (Vieira).

Os escritores antigos empregavam depois de uma comparação o pronome no caso objectivo: *Porque mataste aquelle mouro que era melhor QUE TI?* (Livro de Linhagens). *Si não fosse COMO TI*. (Azurara). *Porque sois maior QUE MIM?* (Camões).

Actual e conjuntamente existem, por exemplo, as formas: *O rebanho de ovelhas foi ou foram; mandou lêr e mandou que lesse; mais que e mais do que; saber tudo e saber de tudo; estou certo que e estou certo de que; cumprir com o dever e cumprir o dever; fazer que elle venha e fazer com que elle venha; as povoações parece terem sido habitadas e parecem ter sido habitadas*, etc.

E' o que geralmente se denomina *tipos sintaticos divergentes*.

II

As alterações *lexeologicas* consistem no arcaismo e no neologismo.

«A luta do arcaismo e do neologismo, a oscillação no uso ou desuso de uma palavra é um dos phenomenos mais interessantes a estudar na vida literaria duma lingua e que nos faz comprehender como esta não pôde considerar-se nunca fixada.» (Ad. Coelho).

As linguas se alteram no espaço e no tempo tendo de passar pela fase moderna e pela arcaica, sujeitando-a ás variedades dialectaes.

Arcaismo é a palavra ou construção que deixou de ser usada na lingua.

Pôde, assim, ser *lexico* e *sintatico*.

As causas do desaparecimento das palavras são multiplas.

A mais simples e commum é o desaparecimento da palavra pelo desaparecimento da pessoa ou do objecto que ella significava: *adail*, *almotacel*, *alcaide*, *polé*.

Podemos considerar mais como causa dos arcaismos o sentido obsceno ou torpe que, em virtude da corrupção do sentido, adquire uma palavra: *chifre* ou *ponta*, *feder*, *rabo*.

A sinonímia também concorre para o arcaísmo:

Substantivos e adjectivos: *hereu*, herdeiro; *lidimo*, legítimo; *cuidança*, cuidado; *segre*, seculo; *soffrença*, soffrimento; *avença* (vivo em *desavença*), *concordia*; *arteirice*, astucia; *incrêu*, incredulo.

Verbos: *endurentar*, endurecer; *attender*, esperar; *emprir*, encher; *geitar*, (vivo em *regeitar*, *sujeitar*), lançar; *aprisoar*, prender.

Particulas: *adur*, apenas; *ajuso*, baixo; *entonces*, então; *aramá*, em má hora; *samicas*, por ventura; *car*, porque; *chus*, mais; *cras*, amanhã; *pero que*, ainda que; *ende*, d'ahi; *asinha*, depressa.

Entre os arcaismos de construção se podem citar: *começou dizer*, *uma peça de tempo*, *fazer uma demanda* (pergunta), etc.

As palavras tornam-se arcaicas da seguinte maneira:

«Uma geração de homens em um momento dado começa a abandonar tal palavra, a idéa que ella significa sendo representada por uma outra palavra, a geração seguinte conhece-la á menos ainda e um momento virá em que ella não é mais conhecida senão dos velhos que, por sua vez, a levarão para o tumulo.

E' desta maneira que desaparecem as linguas: assim o *Cornico*, dialecto bretão que florescera em Cornualha desapareceu com a ultima mulher que o falava, no anno de 1821.» (Darmesteter).

Neologismo é a palavra nova que começa a ser usada numa Lingua, ou a palavra já usada na Lingua mas com sentidos novos.

«Para os descobrimentos modernos das sciencias, para os inventos com que as artes se vão enriquecendo em nossos dias, claro está

que não pôde supprir o vocabulario dos nossos avoengos, que não eram prophetas.

Novos factos, novos instrumentos, novos productos, só por termos novos se podem exprimir.» (Castilho).

Ha, pois, duas especies de neologismos: *neologismo de palavra* e *neologismo de significação*, isto é, palavras novas e sentidos novos.

O neologismo pôde ser tirado de elementos proprios da lingua, pôde ser formado de linguas estrangeiras pelas combinações dessas linguas e pôde ser finalmente introduzido de outras linguas modernas. (Ad. Coelho).

São *neologismos de palavras*:

Do 1.º caso: *carambolar*, *bilontra*, *praeiro*, *setembris-tas*, *telefonar*, *revolvear*, *abrilada*, *sabinada*, *velivolo*, *solipsismo*.

Do 2.º caso: *barometro*, *telegrapho*, *termometro* (grego), *hermesse* (hollandez), *caroba* (tupi).

A formação d'estas palavras, como já vimos, dá nascimento, ás vezes, ao *hibridismo*. (Vide pag. 129).

Do 3.º caso, os neologismos francezes: — *bouquet*, *soirée*, *matinée*, *adresse*, *atelier*, *carnagem*, *debutar*.

Neologismos inglezes: — *club*, *whist*, *juri*, *rail*, *goal*, *rosbife*.

Italianos: — *soneto*, *allegro*, etc.

O emprego desses neologismos, que ainda não estão consagrados pelo uso, dá lugar ao vicio que, conforme a origem, tem o nome de *gallicismo*, *hellenismo*, *anglicismo*, etc. de que particularmente trataremos.

Ao Dr. Castro Lopes, devemos muitos neologismos: *convesconte* em lugar de *pic-nic*; *preconnicio* em lugar de *reclame*; *concião* em lugar de *meeting*; *nasoculos* em lugar de *pince-nez*, etc.

São *neologismos de significação* os *tropos* cujos principaes são: *metáfora*, *sinédoque* e *metonímia*.

METÁFORA é o tropo em virtude do qual uma palavra perde sua significação para tomar uma outra figurada.

Aproxima dois objectos materiaes — *serra* (montanha), *serra* (instrumento), *folha* (de papel) e *folha* (de arvore); um factio moral ou intellectual de um factio material a que dá nome: *ceder a alguém* e *uma porta cedeu á pressão*.

Exprime idéas abstractas por nomes de objectos concretos: *saber* (ter conhecimento) e *saber* (gostar); *pesar motivos* e *pesar uma arroba de carne*.

SINÉDOQUE é o tropo em virtude do qual se emprega uma palavra por outra que a abrange ou é abrangida por ella.

Emprega o genero pela espécie e vive-versa — *confissão* no sentido de *confissão religiosa*, *homem* no sentido da *humanidade*; o plural pelo singular e vice-versa — *as santas escrituras* — por — *um livro das santas escrituras*; *proteger o orfam* — por — *os orfams*; o todo pela parte e vice-versa — *um quadro* — pelo — *assunto que o quadro representa*; *uma vela* — por — *um navio*; o nome appellativo pelo proprio — *o imperador* — por — *D. Pedro 2.^o*; *um Judas* — por — *um traidor*.

METONIMIA é o tropo em virtude do qual se emprega uma palavra por outra que com ella tem relação de conexão ou successão.

Emprega a causa pelo effeito e vice-versa — *o trabalho* — por — *a acção de trabalhar*; *ganhar a vida* — por — *ganhar os meios de vida*; *não ter sombra* — por — *não ter arvore*; o continente pelo conteúdo e vice-versa: *beber uma chicara de chá* — por — *beber o chá que está contido na chicara*; *a escola* — por — *o edificio em que a escola funciona*; o lugar pelo producto — *beber Champagne* — por — *beber o vinho feito em Champagne*; o signal pela cousa significada — *o throno e o altar* — por — *a realza e a igreja*; o nome abstracto pelo concreto — *fazer caridade* — por — *fazer actos de caridade*; o inventor pelo invento e o

autor pelas obras — *um Victor Meirelles* — por — *um quadro de Victor Meirelles*; *lêr Camões* — por — *lêr as obras de Camões*.

O neologismo, diz Arsène Darmesteter, é uma planta que para viver deve firmar suas raizes no maior numero possível de espiritos. Uma vez adoptados pelo uso geral, os neologismos têm direito de cidade; as metáforas se consagram e ninguém as pôde mudar.

E' preciso que a palavra seja necessaria na circumstancia dada e que seja a expressão mais nítida e forte da idéia a representar. Nessas condições merece durar e durará; é por audacias semelhantes que os nossos grandes escritores enriqueceram a Língua.



XIV

Vícios de linguagem

I

Vícios de linguagem são certos modos de dizer contrários ás leis da grammatica e que alteram a clareza, a harmonia e a exactidão das construções.

Estes vícios se dão relativamente á construção da frase, e também relativamente á boa harmonia.

São causas destes vícios a ignorancia do povo, e o pedantismo e pouco escrupulo dos escritores.

São vícios de construção o *solecismo*, o *barbarismo* e a *anfibologia*.

O *solecismo* é erro, o *barbarismo* e a *anfibologia* são simples vícios que se podem tolerar mas que se devem evitar, quanto possível.

Solecismo é o vicio resultante da construção errada e má da frase: *HOVERAM mortes* — por — *HOVE mortes*; *tu sois* — por — *tu és*; *PERCA* — por — *PERDA*; *HADES* — por — *HAS DE*; *não partas sem eu* — por — *sem mim*; *sou eu quem digo* — por — *quem diz*; *ninguem não fala* —

por — *ninguem fala*; *muito pessimo, tam santissimo*; *eu lembra-me de ter visto* — por — *eu lembro-me de ter visto*; *púdico* — por — *pudico*; *não faze* — por — *não faças*; *sastifeito* — por — *satisfeito*; *vi elle* — por — *vi-o*; *proposita* — por — *propositado*; *aluga-se casas* — por — *alugam-se casas*; *descarilhar* — por — *descarilar*; *preferir antes* — por — *preferir*; *pia de sal* — por — *pilha de sal*; *cotoco de vela* — por — *coto de vela*, etc.

A palavra *solecismo* é derivada de Soles, colonia atheniense na Sicília, onde os habitantes corromperam tanto a lingua que a expressão: — *falar como um habitante de Soles* — era o mesmo que cometer um erro de grammatica. (Barata).

Barbarismo é o vicio que consiste no emprego desnecessario de palavras ou frases tiradas de outras linguas.

Os barbarismos tomam o nome de *gallicismos*, *latinismos*, *germanismos*, *hellenismos*, *anglicismos*, etc., conforme têm origem no francez, latim, allemão, grego, inglez, etc.

Destes os mais empregados no Portuguez são os *gallicismos* e os *latinismos*.

Os gallicismos podem ser *lexicos* e *sintaticos*.

Lexicos, são os que se referem ao emprego desnecessario de palavras francezas: *bouquet* (ramalhete); *comité* (sociedade, junta, commissão); *chefe d'obra* (obra prima); *toilette* (toucador); *bonomia* (sinceridade, ingenuidade, bondade); *complacente* (obsequioso, attento); *deboche* (devassidão); *desabilhado* (desataviado); *étagère* (prateleira, cantoneira); *constatar* (comprovar, documentar); *successo* (triumpho, bom exito); *detalhe* (minudencias, pormenores), *aclimatar* (aclimar); *debutar* (estrear); *assassinato* (assassinio); *adresse* (endereço); *croquis* (esboço); *supercheria* (velhacaria); *coquetismo* (garridice); *nuanças* (cambiantes).

Para substituir alguns gallicismos, o dr. Castro Lopes

apresentou palavras formadas regularmente na propria lingua ou com o fundo latino:

Avalanche — runimol.
Menu — chardapio.
Abat jour — lucivelo.
Charivari — peniludio.
Carnet — choribel.

Cachenez — focale.
Enveloppe — sobrecarta.
Robe de chambre — rocló.
Calembourg — anciverbio.
Matinée — festimana.

Sintaticos, são os que se referem ao emprego desnecessario de construções francezas.

Os mais notaveis são os seguintes, referidos no *Glosario* de Francisco de S. Luiz:

O uso da preposição *a* — por — *de*: *desprezo ás formalidades legaes* — por — *desprezo das formalidades legaes*; *ameaçado a perder a vida* — por — *ameaçado de perder a vida*.

O uso da preposição *de*: *vêr-se obrigado até de implorar a desgraça* — por — *vêr-se obrigado até a implorar*; *ordenou de fazer a fortaleza* — por — *ordenou que fizessem*.

O uso da preposição *por*: *juramento de fidelidade pelo principe* — por — *juramento de fidelidade ao principe*; *inclinação pelas letras* — por — *inclinação ás letras*.

O uso da preposição *em*: *falar em philosopho* — por — *falar como philosopho*; *disse em mim mesmo* — por — *disse commigo mesmo*; *movel em castanho, imagem em barro, vestido em seda* — por — *movel de castanho, imagem de barro, etc.*

O uso da preposição *sobre*: *tribunal fundado sobre o modelo dos tribunaes do Egypto* — por — *segundo a forma conforme o modelo*; *ganhar terreno sobre o inimigo* — por — *ganhar terreno ao inimigo*.

O abuso dos pronomes pessoas antes dos verbos:

Si EU conseguir o que EU desejo EU ficarei contente.

O emprego de frases como: *abordar uma questão* — por — *abeirar-se d'ella, toca-la de leve*; *não se o diz* — em vez de — *não o dizemos*; *a moça a mais bonita da ci-*

dade — por — *a mais bonita moça da cidade*; *um livro contendo 20 folhas* — por — *um livro que contem 20 folhas*; *vem de publicar-se* — em vez de — *acaba de publicar-se*; *é por isso que os moços erram* — em vez de — *por isso é que os moços erram*.

Latinismo é o emprego desnecessario de palavras ou construções latinas.

São, portanto, *lexicos* e *sintaticos*.

Entre os latinismos LEXICOS podemos contar:

Gleba — por — *torrão*; *temulento* — por — *embriagado*; *mesmeidade* — por — *identidade*; *incapitado* — por — *calvo*; *jugular* — por — *degolar*.

Os latinismos SINTATICOS consistem nas inversões pouco comprehensíveis das palavras na oração; como nos muito conhecidos versos de Mousinho:

*Entre todos com o dedo eras notado
Lindos moços de Arzilla em galhardia.*

Era commum essa inversão no seculo 16.

Anfibologia é o vicio resultante do emprego de construções com duplo sentido, que se tornam por isso obscuras:

Ama o povo o bom rei e é delle amado. (Ferreira).

... *que em terreno
Não cabe altivo peito tam pequeno*
Camões.

Leonardo...
*A quem amor não dera um só desgosto
Mas sempre fôra delle maltratado.*

Idem.

II

Os vícios referentes á boa harmonia das palavras na frase, são:

Cacofato ou **cacofonia** é o vício resultante do concurso de sillabas que fórmam um termo rude ou obsceno: *Quem me já déra* (Castilho). *COMO ELLA TINHA*. (Camillo).

ALMA MINHA *gentil que te partiste*.

Camões.

Hiato consiste no concurso de vozes iguaes, principalmente abertas: *Mandou o AIO Á AULA*.

Eco consiste no concurso de sons identicos: *De longe VENHO porque TENHO EMPENHO de te vêr*.

Collisão consiste no concurso de sons asperos ou sibilantes, como: *rr, ss, zz*: *De modo que dali si só se achára* (Camões); *zunindo as azas azues*. *Rebrama o trovão tetrico*. (Castilho).

*Raivoso o rato roía
O rabo do redovalho
E Rita Rosa Ramalho
Do rato roer se ria.*

(Popular).

A collisão deixa de ser um vício e antes se torna uma belleza, quando propositadamente se reúnem certas palavras para imitar a propria cousa ou o acto por ellas significado. E' o que se chama *onomatopéia*.

XV

Idiotismos

I

Idiotismos são factos peculiares a uma Lingua. Muitas vezes os idiotismos não são susceptíveis de analyse pelos preceitos grammaticaes. São anomalias syntacticas, construções especiaes, quasi sempre contrarias ás regras da grammatica.

Há phenomenos de linguagem que se conservam fóra do dominio da grammatica. (Sweet).

Podemos enumerar como idiotismos portuguezes:

O uso do infinitivo pessoal; o emprego do artigo antes dos adjectivos possessivos; a locução *eu parece-me* em lugar de *quanto a mim parece*, empregada por Garrett: *A's apalpadelas quanto aos periodos* EU PARECE-ME.

E' tambem idiotismo o emprego do plural de certos nomes com significação differente do singular: *liberdade, liberdades; graça, graças*, etc.

Disse Vieira: *Si quereis a minha GRAÇA e as minhas GRAÇAS ali as tendes assignadas por mim. Si confiardes nos homens achareis em lugar de verdade a mentira, com bandeira de paz, guerra, com capa de ZELO ZELOS.*

Além destes casos ha certos modos de falar usados communmente na Lingua que se pôdem classificar de idiosmismos.

Em outros casos apparecem palavras que são verdadeiros expletivos:

Não cair por um triz. Está na tua mão minha felicidade. Dada que foi a occasião. Tomar a peito. E' muito do meu agrado. Desgraçado de mim. Eu é que disse. A's escondidas, ás cégas. Ditosa della. Feliz de quem morre. Vós é que fostes. O bom do amigo. Quasi que morria. Era a mim que os soldados procuravam. Desde ontem que vos procuro. Eu é que não estou para isso. Eu cá me arranjo.

II

Provincialismos são certos vícios especiaes a uma provincia, a uma circunscricção territorial.

No Pará onde a pronuncia é muito acastelhanada, ha o vicio da troca do *ô* por *u*: *Canua, pupa*, etc., por *canôa, pôpa*.

Os Maranhenses tambem dizem: *murrer, currer, churar*. Na Bahia: *muler, coler* — por — *mulher, colher*.

No Rio de Janeiro há o vicio portuguez de se dizer: *inclino* por *inquilino*; *imp'rador, exc'llencia, imp'rial*.

Em S. Paulo as sillabas são pronunciadas abertamente; o *lh* não só na pronuncia: *teiado, miio* por *telhado, milho*.

No Rio Grande do Sul dizem: *dê noite, dêpressa, dê longe*.

Relativamente a Portugal notamos:

Em Lisboa o *s* final tem o som de *x*: *Achastex e tumaxtex extex cuxtumex la por ond'andaxtex*; e pronunciam: *fichar ristante, isame, tod'ô dia, menza*. Fazem ditongo em *rio, frio, Rocio*.

No Porto pronunciam: *cravão, baím, laite, baijo*.

Na Beira dão ao *ch* o som de *tch*: *A tchave de tchumbo caiu no tchão*.

Costumam tambem, como diz Soares Barbosa, juntar um *i* ao *o* fechado: *coive, oivir* em lugar de *couve, ouvir*, e mudam o *b* pelo *v* e vice-versa como os Minhotos.

No Algarve pronunciam *ei* como *ê*: *lête, azête*; trocam o *i* pelo *e*: *pidir, pidaço*.

Em Coimbra há a intercalação de um — *i* — para evitar o hiato: *a-i-al-ma* (a alma); *a-i-agua* (a agua).

Nas provincias do Norte de Portugal o som nasal nas sillabas tonicas é aberto: *ôntem, solême, lême, fôme*.

Nas ilhas dos Açores e da Madeira mudam o — *o* — tonico em — *u* —: *bum, flur, amur*, (bom, flôr, amor).

Para maior elucidacção deste ponto, consulte-se o *Idioma do Ho-dierno Portugal com o do Brasil, por um brasileiro* (Paranhos da Silva) e o recente trabalho *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, de J. Leite de Vasconcellos.

III

Brazileirismos são modos de falar peculiares aos brasileiros. Pôdem se dar não só nas palavras como nas frases.

Os 1.^{os}, chamados *lexicos*, se referem aos termos de origem tupi-guarani, africana e proprios do Brazil.

Podemos enumerar:

VOCABULOS BRAZILEIROS

Aipim — mandioca
Amolador — massante
Amolar — enfadar
Arrelia — birra
Cogote — cachaço
Colombo — caroço
Cuia — vasilha

Jacá — cesto
Muxoxo — estalo com os labios
Pereba — feridinha
Pinho — viola
Quice — faca pequena
Temero — temerario

VOCABULOS TUPIS GUARANIS

<i>Capim</i> — herva	<i>Jacaré</i> — reptil
<i>Caipora</i> — ser fantástico	<i>Pucuman</i> — fuligem
<i>Goiaba</i> — fruta	<i>Taba</i> — aldeia

VOCABULOS AFRICANOS

<i>Batuque</i> — dança	<i>Muxinga</i> — açoute
<i>Carimbo</i> — marca, signal	<i>Quijila</i> — antipatia
<i>Malungo</i> — companheiro	<i>Senzala</i> — choupana para escravos

Os 2.^{os}, chamados *sintáticos*, se referem ás frases, ás construções especiaes empregadas pelos brasileiros.

Entre as mais notaveis, podemos citar os modos de dizer do povo:

Beber um trago de aguardente.

Levar taboca ou *de tábua* (não conseguir o que deseja).

Tomar chá com alguém (zombar).

Bater a bota ou *esticar a canella* (morrer).

Com pouco (pouco tempo depois).

Crescer para (aggredir).

Cigarrar (fumar — em Minas).

Cascar um boi (esfolar — no Ceará).

Melar (derrubar uma arvore para tirar o mel do cortiço — na Bahia).

Havia um despotismo de gente (quantidade).

Um par de laranjas (quantidade — S. Paulo).

Já estava lá velho (tempo).

Elles estão fala falando (Norte).

O uso da preposição — *em* — quando os Portuguezes empregam — *a*: *Andar no sol* — *Andar ao sol*.

O emprego do gerundio pelo infinitivo: *Saiu a correr* — *Saiu correndo*.

Emprestar de alguém — em lugar de — *tomar emprestado* ou *pedir emprestado*, usado em S. Paulo, Minas e Matto Grosso.

A construção: *O homem que estive com elle* — por — *com que*, etc. Gonçalves Viana cita Camões: *Que como a flôr que a terra lhe nega seu nascimento* — em lugar de — *a que a terra*.

E' construção popular dos Portuguezes. No *Auto da Ave Maria* de Antonio Prestes se encontra o seguinte: *Sempre nestes choupos ha um rato que o queijo é d'elle* (Revista Lusitana).

O emprego de — *mais* — por *já*: *O doente não fala mais* — por — *o doente já não fala*.

O emprego do pronome — *lhe* — como objectivo: *Amo-lhe* — por — *amo-o* (Norte).

A collocação indevida dos pronomes complementos: *Me parece; que disseram-me; quando viu-se perdido; não conheço-os*.

A regencia para mim, para ti: *Para mim ver* por *para eu ver* (Sul).

A preferencia das construções: *Estou com fome, estou com sede*, ás fórmulas: *Tenho fome, tenho sede*.

O emprego da preposição *em* por *a*: *Chegou na janella* por *chegou á janella*. *Vou na loja* por *vou á loja*.

São essas as variantes que cada vez mais profundamente vão cavando o sulco que separa a Lingua portugueza da falada no Brazil, fazendo crêr formar esta um dialecto.

XVI

Pontuação

Pontuação é o conjunto de signaes ou symbolos que auxiliam a comprehensão do sentido do texto quando reduzido a escrito.

Determinada principalmente pela respiração de quem lê ou, como quer Cícero, originada pela necessidade de se tomar folego, não pôde a pontuação estar sujeita a regras rigorosas; antes o arbitrio reina muitas vezes como soberano.

«E' a pontuação parte mui capital da orthographia, e corre ainda mais sem regra, que a propria escrita dos vocabulos, affirma-o Castilho.

«Quanto os escriptores, tantos os systemas de pontuação; não digo tudo: o mesmo escriptor, em dias diversos, e até no mesmo dia, na mesma hora, e na mesma pagina, e recopiando o mesmo periodo, pontuará diversamente.»

Os *signaes de pontuação*, tambem chamados *notações sintacticas*, são: *virgula*, *ponto e virgula*, *dois pontos*, *ponto e alinea* que determinam as divisões da parte do discurso; *pontos de reticencias*, *ponto de interrogação* e *ponto de admiração* que exprimem movimentos d'alma; *hifen*, *aspas*, *parentese* que se destinam á clareza dos manuscritos.

Nota. As regras sobre a pontuação foram deduzidas da GRAMMATICA PORTUGUEZA de *João Ribeiro* que, por sua vez, declara ter seguido para seu desenvolvimento a GRAMMATICA de *Delboenf* e *Roersck*.

A **virgula** emprega-se:

1.º Para separar os termos de uma serie, ainda quando ligados por conjunção, excepto — e —: *Deus, a patria, a familia, o amor e a gloria.*

2.º Para separar o sujeito do verbo, quando aquelle é extenso: *O poder que tem o rei de dissolver o parlamento, é poucas vezes applicado.*

Esta regra não é absoluta.

Por motivo identico podem ser separados os adjuntos não essenciaes: *O notavel tragico nasceu em Roma, a 20 de Agosto de 1850, em uma terça-feira.*

3.º Nas inversões: *Dos homens de má fé, não quero occupar-me.*

4.º Quando a proposição é elliptica: *A verdade é clara; a mentira, escura.*

Collocam-se entre duas virgulas:

1.º A apostrofe, a invocação:

Tu, ó Catilina, conjuraste.

Vinde, Senhor, soccorrer os pobres.

2.º As palavras intercaladas e as clausulas adjectivas quando são explicativas: *Napoleão, o primeiro, venceu a Europa. O sol, que tudo alumia, tambem alumia as choupanas.*

Quando forem restritivas levam apenas uma virgula: *O homem que é justo, tem a consciencia tranquilla.*

O **ponto e virgula** emprega-se:

1.º Para marcar series de series e opposição de idéias: *Amor, indifferença; odio, respeito; veneração e culto; sobriedade, abstinencia e moderação.*

A riqueza que se herda, dura pouco; a riqueza que se adquire, é mais estavel.

2.º Para separar as proposições coordenadas extensas: *O jornal é um producto de civilização moderna; dá as noticias de todos os pontos do globo; guia e fortalece a opinião publica.*

Os **dois pontos** empregam-se:

Antes de uma enumeração, de uma citação ou desenvolvimento: *As virtudes theologaes são tres: Fé, Esperança e Caridade.*

O **ponto** emprega-se:

No fim do período para indicar o sentido concluído.

A **alinea** emprega-se:

Para distinguir os diversos grupos de idéias do assunto. Consiste em mudar a escrita para linhas novas quando os factos são distinctos:

Trataremos de tres estudos:

1.º *Da psicologia.*

2.º *Da logica.*

3.º *Da moral.*

As **reticencias** empregam-se:

Quando o pensamento é interrompido em meio da frase:

Mas morra, emfim, nas mãos das brutas gentes

Que pois eu fui... E nisto de mimosa

O rosto banha em lagrimas ardentes.

Camões.

O **ponto de interrogação** emprega-se:

No fim de uma interrogação, excepto no discurso indirecto:

Queres ir?

Perguntado quem era, respondeu que era um prelado.

O **ponto de admiração** emprega-se:

No fim de uma exclamação:

O' gloria de mandar, ó vã cubiça

Desta vaidade a que chamamos fama!

Camões.

Alguns escritores costumam empregar invertidos, no começo da oração que vai interrogar ou exclamar, os signaes de interrogação ou admiração:

¿Que cousa é a gloria? ¡Como és bella!

O **hifen** emprega-se:

1.º Para separar sillabas, vocabulos juxtapostos e quaesquer grupos de palavras:

A-mi-za-de.

Contra-mestre.

Dir-te-ei.

A velhice — periodo de desengano — tem a sabedoria da experiencia.

2.º Com maiores dimensões, para indicar a frase de um interlocutor:

— Vamos, disse Antonio, tenho pressa de chegar.

O **parentese** emprega-se:

Para separar uma proposição intercalada que não mantém relações syntaticas com a frase:

Eu só com meus vassalos e com esta

(E dizendo isto arranca meia espada.)

As **aspas** empregam-se:

Para indicar um trecho citado, quando é textual, isto é, quando se citam as proprias palavras do autor:

Os *Lusiadas* começam por este verso:

«As armas e os barões assignalados.»



ORIGEM, HISTORIA E FORMAÇÃO DA LINGUA

Origem da lingua portugueza: o Latim

A lingua portugueza pertence á classe das linguas indo-europeas e ao ramo italico.

A's linguas d'este ramo dá-se o nome de novo-latinas ou românicas e sobre as populações que as constituem, todos estão de accordo que resultaram de uma mistura intima de elementos mais ou menos heterogeneos, e jamais pôdem ser comparadas ás raças germanica, slava, etc., affirma-nos Adolpho Coelho.

Os primeiros habitantes da Espanha foram, segundo opinião geral, os iberos, de origem misteriosa.

Os segundos não se pôde bem determinar, ainda que alguns julguem que foram os persas.

Após, como diz Estrabão, vieram os fenícios.

Depois os celtas se espalharam por todo o espaço aquem dos Pirineus, constituindo não centros que podessem ter alguma força, porém tribus fraccionadas e numerosas, segundo os habitos da vida barbara.

Entre 700 e 900 antes de Jesus Christo occuparam os gregos grande parte da Espanha e mantiveram estreitas relações com a peninsula.

D'ahi vem o alfabeto fenicio communicado pelos gregos.

No anno 238 antes de Christo a familia cartagineza dos Barcas dominou na Espanha para aquem do rio Ebro, não indo mais além a conquista, pelo tratado que os Romanos fizeram com Asdrubal. A quebra do tratado de paz por Annibal levou os romanos á Espanha, sob o commando de Cneu Scipião e Publio Scipião que, após alguns incidentes de guerra, estabeleceram definitivamente a influencia dos romanos na Iberia.

Como diz Leite de Vasconcellos, «os romanos vieram para a Peninsula no seculo III A. C., os mais antigos testemunhos historicos das lutas delles com os Lusitanos datam do anno de 193 A. C.»

Dois séculos de guerra foram necessários, porém, para que a Espanha soffresse completa sujeição.

Exemplos de valente resistencia nos dão Viriato e Sertorio.

Tendo, pois, os romanos tomado e saqueado diversas cidades, degollado e vendido como escravos muitos dos seus habitantes, era natural que tivessem romanizado aquella região, porque seus habitantes eram homens simples, sem uma civilização consistente e capaz de lutar com a romana.

Perderam, assim, seus usos e costumes e consequentemente sua Lingua, o que logo começou a verificar-se, como informa Estrabão, quando diz que «os Turdetanos, mórmente os ribeirinhos do Betis, adoptaram de todo os costumes romanos, e até nem já se lembravam da propria lingua.»

A Lingua latina popular, vulgar, com facilidade se espalhou como já o fizera em outras terras conquistadas.

Quando os godos entraram na Espanha nenhuma diferença havia entre iberos e romanos; antes, adoptados por aquelles, os costumes, a religião e a lingua destes, foram todos considerados romanos nas leis promulgadas pelos novos invasores para reger a Espanha visigótica. (Leoni).

O grande segredo da politica romana residia na perfeição de seu modo de colonização. Quando uma provincia era conquistada empregavam dois meios para conserva-la: o meio militar consistia em cercar a porção conquistada por meio de legiões collocadas á fronteira; uma vez isolado o paiz conquistado de toda a influencia exterior, instituíam no interior uma administração energica que esmagava em pouco tempo as resistencias locais, impunham aos vencidos a Lingua e a religião dos vencedores, exterminavam ás portas fechadas e vendiam os recalcitrantes, que eram substituídos por colonos ou libertos vindos de Roma. (Aug. Brachet).

Roma, sacudindo da península ibérica o domínio cartaginês, deu-lhe organização regular e consolidou o seu senhorio pela introdução da propria linguagem; as migrações recresceram á proporção que mais rareavam os indigenas na peleja.

As conquistas por mais sanguinolentas que sejam, permitem sempre o cruzamento, e acrecece que celtos, celtiberos e turdetanos se identificaram com os conquistadores na sua nacionalidade, as raças se juxtapozeram gradualmente, coabitaram e se fundiram, o que era tanto mais facil quanto havia certa unidade ethnica entre celtas e os povos da Italia Central.

Aham-se em Waitz alguns factos comprobatorios da adopção de uma lingua estrangeira.

Os soldados da Bosnia enviados pelo sultão Selim em 1420 á Baixa Nubia perderam sua lingua materna; os negros de Haiti adoptaram o Francez; diversas tribus americanas abandonaram seus idiomas proprios pelo Espanhol e Portuguez; os indigenas de S. Sal-

vador, Nicaragua, Costa Rica, S. Margarida, Baradero, Quilmos, Calchaguy e Chiloé adoptaram o Espanhol; os indios do Rio de Janeiro o Portuguez. (Latham Humboldt e Bonpland, Azara, King e Fitzroy e Von Eschwege. *Apud Sayce*).

O sistema de colonização dos Romanos que consistia em fazer assimilar o povo conquistado aos seus proprios actos, contribuiu de modo inevitavel para latinização da península. E, segundo diz Alexandre Herculano na *Historia de Portugal*, Rénan na *Origine du langage*, Littré no *Dictionnaire de la langue française*, Fauriel na *Histoire de la poésie provençale*, Diez na *Grammatik*, os romanos tinham como barbaros os idiomas que não fossem o Latim e encaravam com repugnancia todos os idiomas barbaros donde a palavra *barbarismos*, applicada aos erros grammaticaes.

Auto Gellio dá o Latim como a lingua patria de um espanhol.

A Espanha foi segunda patria da literatura latina.

Lucano, Marcial, os dois Sénecas, Columella, Porcio Latro e Quintiliano eram todos espanhões.

Estes e outros factos nos mostram quanto profundamente se arraigára a civilização romana na península e em nenhuma outra parte depois da Italia os seus effectos foram tam intensos.

Ou fosse porque a dominação romana por mais tempo se enraizasse no solo peninsular, ou pela doçura de sua facil pronunciação, é certo que a portugueza possui da Lingua romana grande numero de termos. (Barata.)

No tempo de D. João I grande era o sabor a Latim que ella mostrava

Eis um exemplo tirado de João Pedro Ribeiro:

Hec est notitia de partiçõ e de divison que fazemos entre nós dos erdamentos que foram de nosso padre. (Dissert. Chronol. e Crit. Doc. LXI.)

E mais o seguinte epitafio que vem em João Franco Barreto: *Hic jacet Antonius Perez, Vassalus domini Regis, Contra Castellanos misso, Occidit omnes que quiso.* (*Orthographia da Lingua Portugueza*).

E mais o seguinte excerpto dos *Discursos varios politicos de Severim de Faria*.

O' quam gloriosas memorias publico, considerando quanto vales nobilissima lingua lusitana, cum tua facundia excessivamente nos provocas, excitas e inflammas, quam altis victorias procuras, quam celebres triumphos speras, quam excellentes fabricas fundas, quam perversas furias castigas, quam feroces insolencias rigorosa mente domas, manifestando de prosa, de metro tantas elegancias latinas.

O mesmo se vê da perfeita confusão entre o Latim e o Portuguez em João de Barros, Alvaro Ferreira de Vera e outros.

Finalmente, quando a historia nos não provasse com irrecusaveis documentos haverem os romanos exercido longa dominação na península, attestara-nos seu predomínio pacifico e de muitos seculos, o vermos o solo da mesma coberto de monumentos de construção romana, ossadas de sepulturas e lapides miliars, templos e theatros derrocados, fontes, aqueductos, thermas, estatuas, fustes e bases de columnas, cippos, inscripções, etc. (Leoni.)

Os romanos não obrigavam directamente os povos vencidos a aprenderem sua lingua, nem mesmo faziam opposição a que elles empregassem a sua lingua propria.

«Esperavam até que os povos subjugados lhes pedissem permissão de usar o Latim nos documentos publicos.»

Mas era em Latim que se celebravam as solennidades do altar, era em Latim que os generaes falavam ás legiões, era em Latim que se litigavam as causas forenses no tribunal.

Para falar com elles, para lhes requerer justiça, para obter remissão de imposto, para orar no templo, para tudo que fossem actos publicos, se tornava sempre o Latim a lingua necessaria.

O que prova mais ser a lingua portugueza filha da latina é vermos todas as preposições e conjunções, palavras elementares, provirem immediatamente do Latim.

As particulas são uma especie de palavras cujo sentido só se alcança com o uso e frequencia de falar a Lingua.

Terminamos com Leoni ainda:

«A nossa primitiva organização social é toda romana, o caracter distinctivo e essencial das antigas municipalidades, a magistratura duumviral não se perderam, os bailes nas igrejas tam lastimados por Manoel Bernardes, os asylos, a reverencia á meza, o fechar dos olhos e a bocca do defunto, o lavar o cadaver, o uso das pranteadeiras nos vieram das instituições romanas.

As festas do carnaval são as saturnaes de Roma; muitas superstições, como os dias aziagos, os espectros nocturnos, os lemures, os philacterios, as figas penduradas pelas mãos ao pescoço das creanças para livra-las do quebranto, tudo nos veio dos Romanos.»

Assim, pois, é filha do Latim vulgar trazido pelos romanos para a Lusitania — *sermo quotidianus, proletarius, rusticus, vulgaris* — a lingua portugueza, a que no dizer de Francisco Rodrigues Lobo tem de todas o melhor: a pronunciação da latina, a familiaridade da castelhana, a brandura da franceza, a elegancia da italiana e finalmente tem mais adagios e sentenças que todas as vulgares.

Mas foi sómente no reinado de D. Diniz que a lingua portugueza adquiriu os fóros de official, passando a substituir nos documentos publicos o corrompido Latim da época, diz-nos Antonio Ennes: antes disso, porém, já havia sido usada pelos trovadores nacio-

naes em canções rudes mas graciosas, écos longinquos da lira provençal.

Uma lingua tam dura como as armas, na frase de Filinto Elysio, é, diz Antonio Vieira, *rica e bem dotada, como filha primo genita da latina*.

E' uma lingua de que, bem o affirma o immortal Camões:

«Com pouca corrupção crê que é latina.»



Ligeira noticia da formação do lexico portuguez

Lexico ou vulgarmente dicionario, é o conjunto de todos os vocabulos de que se compõe uma Língua.

A Língua portugueza se originou, como está hoje claramente provado, da Língua latina vulgar e são latinos quasi todos os seus termos.

Póde-se dizer com maior verdade que o Portuguez é a transformação do Latim popular.

Salvo pequenas excepções, relativamente ás formas e talvez aos tipos syntacticos, são de filiação latina os demais vocabulos, devendo-se sómente notar que entraram tambem para o dominio de nossa lingua, depois de ella constituida, no seculo XIII, palavras francezas, italianas, allemãs, gregas, inglezas, etc., sendo que, antes de sua constituição, adquirimos muitos termos do arabe e do germanico por causa da dominação destes povos na península espanica.

Sucintamente daremos algumas palavras cuja origem pertença a estas linguas, servindo-nos de guia neste trabalho a *Glossologia* de Adolpho Coelho.

Temos palavras originadas de Linguas faladas na península antes do Latim e que se podem considerar espanicas: *brisa* (brisa), *cervezia* (cerveja), *gurdus* (gordo), *canthus* (canto), *cuniculus* (coelho).

Do elemento fenicio parece só nos terem ficado a palavra *barca* e alguns nomes de lugares.

De elementos gregos podemos afirmar que em geral nos vieram por intermedio do Latim, ou que vieram posteriormente durante o dominio romano: *anco* (canto, angulo), *bolsa* (pelle preparada), *ermo*, *sumo*, *tio*, *talegia* (saco), *calma*, *chala*, *cara*, *caravella* (especie de navio).

Algumas palavras da mesma especie nos vieram passando por outras Linguas romanicas: *colla*, *golfo*, *pagina*, outras por intermedio do arabe: *alcaparra*, *quilate*.

De origem euscará enumeramos: *aba*, *charco*, *esquerdo*, *mandrião*.

Das linguas celticas cuja análise é muito obscura, há: *Alpes*, *dolmen*, *druida*, *bardo*, *fenian*, *bojo*, *bico*, *tina*.

Depois do dominio romano temos os mais importantes elementos que concorrem para a formação do nosso lexico.

Destacam-se como principaes: os elementos germanicos e os arabes.

A. Coelho dá uma lista dos primeiros em numero de 288, exceptuadas as palavras da introdução moderna.

Dentre ellas citaremos: *albergue*, *bakú*, *braza*, *canivete*, *doudo*, *droga*, *escravo*, *estribo*, *fila*, *forro*, *ganso*, *garfo*, *gaz*, *jardim*, *loja*, *malandro*, *marechal*, *nuca*, *piloto*, *rato*, *rima*, *sala*, *vaga*; termos nauticos e de posições geograficas, como: *bote*, *bordo*, *canôa*, *sul*, *norte*, *leste*, *oeste*.

De introdução moderna temos: *bismulo*, *caparoza*, *quartz*, *valsa*, *zinco*.

A lingua arabica muito enriqueceu nosso lexico, mórmente em termos referentes á vida física, aos usos domesticos, ás instituições politicas, civis e militares, á tecnologia de construção, etc.

Temos a notar, porém, que são raros os adjectivos arabes, que nenhum verbo é derivado desta Língua e que o artigo arabe *al* se acha prefixado a grande numero de palavras. Enumeram-se: *acepipe*, *alambique*, *alcatifa*, *almocreve*, *alviçaras*, *armazem*, *alaude*, *azeviche*, *borzeguim*, *fatia*, *fulano*, *jarra*, *oxaló*, *tarrafa*, *xadrez*, *zagal*, etc.

Temos em terceiro lugar palavras de origens diversas, dentre as quaes destacamos as de origem espanhola.

Poucos são esses termos, isso devido ao facto de terem o Portuguez e o Espanhol um vocabulario muito commum entre si.

Podemos contar, porém: *boléro*, *espadilha*, *eldourado*, *fandango*, *seguidilha*, *zarzuela*.

Do elemento cigano: *calão*, *pirar* (andar).

Por intermedio da Língua franceza que fórma uma parte importantissima do nosso lexico, vieram palavras celticas e germanicas.

O elemento francez actualmente é o maior factor da grammatica e do vocabulario. Podemos dizer, em geral, que é por intermedio do Francez que possuímos muitos neologismos inglezes, gregos e até italianos.

Assim, encontra-se em o nosso lexico grande cópia de termos francezes, como: *chapéu*, *chaminé*, *chefe*, *espírito* (graça, chiste), *etiqueta*, *fichú*, *sangue-frio*.

Os termos mais recentes conservam a ortografia da Língua: *crayon*, *bouquet*, *boudoir*, *mise-en-scene*, *soirée*.

Dos elementos italianos possuímos os que se referem á arte, á literatura: *adagio*, *bagatella*, *bandido*, *bussola*, *cavatina*, *cupula*, *dilettante*, *faiança*, *girandola*, *soprano*, *tenor*, *vi lão*.

Do inglez há termos relativos ao commercio, caminhos de ferro, marinha, cosinha, como: *bifeck, cheque, club, crup, clown, dandi, jockey, juri, panfleto, revolver, tunnel*.

Das linguas escandinavas: *fiord, nickel, saga*.

Do russo: *csar, steppe, rublo, cossaco*.

Do hungaro: *hussard, sabre*.

Do polaco: *polka, mazurka, caleça*.

Do turco: *horda, odalisca, kiosque, turbante*.

Das linguas americanas muitos são os termos de historia natural: *ananas* (tupi), *caipira* (tupi-guarani), *carioca* (idem), *condor* (quichua), *colia* (tupi), *furacão* (caraiba), *pirão* (tupi), *tapioca* (tupi).

Das linguas africanas encontramos: *banza, batuque, cacimba, macaco, mandinga, marimba, muleque, senzala*.

Das linguas asiaticas: Do persa: *caravana, chacal, divan, pagode, paraiso, magica*.

Do indiano: *tufão, nababo, pária, cachemira*.

Do malalo: *bambu, beliche, orangotango, sagu, manga* (fruto).

Do sânscrito: *carmesim*.

Do hebraico: *alleluia, amen, hossana, pascoa, rabino, sabado, serafim*.

Do japonéz: *bombo, bonzo, catana, chavena*.

Além destas palavras, tem o Portuguez muitos termos formados por composição e derivação, como: *arminho* (da Armenia); *baioneta* (de Bayonna); *bohemio* (da Bohemia); *parati* (aguardente feita em Paraty); *cajurubeba* (de cajú e jurubeba); *cambráia* (de Cambray); *catilinaria*, *guilhotina*, *maquiavelismo*, *verrina*, e os formados modernamente por meio de prefixos, suffixos, etc.

Possue também muitos termos de ficção litteraria: *Quixote, tartufo, polichinello, harpia, utopia*; de mitologia e crença: *argos, homérico, vulcanico, marcial, amoníaco, hermetico, bacanal, automedonte, adonis, labirinto, mausoléu*.

De tudo quanto acabamos de dizer se conclue que a maior parte do nosso lexico é composta de grande numero dos elementos referidos, crescendo a estes os termos propriamente brasileiros, sobrepujando a todos o Latim.

Bem diz o illustre filologo Ad. Coelho: Si do vocabulario portuguez tirarmos todos os vocabulos que não provêm de palavras, themas ou raizes que se encontram no Latim, o que fica, comparado com o lexico latino, offerece ainda profundas differenças apesar das suas origens estarem todas no ultimo.

E a mesma idéa já externada por José Vicente Gomes de Moura: As linguas italiana, franceza, espanhola e portugueza são irmãs, e fazem uma familia, que descende da latina em tam grande parte, que se lhe tirarmos o fundo que desta receberam, restará muito pouco.

Lexico portuguez; o Latim

O lexico ou dicionario portuguez é um amálgama de termos de origens diversas, adquiridos quer antes do dominio do povo romano, quer no seu dominio, quer depois que o povo da península se constituiu, formando uma nação independente.

Assim, em nosso lexico encontramos elementos provenientes das linguas faladas na península anteriormente ao Latim: espanicas, fenicias, gregas, celtas, euscaras; elementos das linguas dos conquistadores depois da dominação romana: elementos germanicos, arabes; e elementos de origens diversas: espanhões, ciganos, francezes, inglezes, italianos, das linguas americanas, das africanas e das asiaticas. (Vide A. Coelho — *Obra citada*).

Mas, apesar de a maioria das palavras serem de origem latina, grande é a differença (separados os termos de outra origem) entre o lexico desta Lingua e o da portugueza.

Em primeiro lugar muitas palavras provenientes do Latim popular não foram empregadas na litteratura.

Assim encontramos muitas vezes uma palavra de radical latino, o que faz dizermos que a sua origem é desta Lingua, entretanto o emprego do suffixo é desconhecido no Latim: o suffixo portuguez *eiro* para formar nomes de arvores: *pinheiro, mangueira*, etc.

Em segundo lugar, palavras usadas pelos escritores do periodo ante-classico ou post-classico não usadas na boa latinidade, e que, entretanto, apparecem no Portuguez: *absconsus* (esconso); *dejectare* (deitar); *jejunare* (jejuar); *vacivus* (vazio).

Em terceiro lugar muitas outras palavras latinas foram substituidas por sinonimos na propria Lingua:

<i>cedes</i> e <i>domus</i>	<i>casa</i>
<i>ianua</i>	<i>porta</i>
<i>osculum</i>	<i>basium</i>
<i>ux</i>	<i>lationem</i>
<i>uxor</i>	<i>sponsa</i>

Em quarto lugar houve a differença de uma palavra em duas ou mais fôrmas, differença a que os grammaticos dão o nome de fôrmas divergentes e alguns, impropriamente, de duplas. O nome scientifico é *alótopos*.
Há que distinguir tres casos :

a) Fôrma popular ao lado da fôrma erudita :

Popular	Erudita	Latina
papel	papiro	<i>papyrus</i>
rezar	recitar	<i>recitare</i>
prégar	predicar	<i>predicare</i>
leal	legal	<i>legalis</i>
pégo	pelago	<i>pelagus</i>

b) Duas ou mais fôrmas populares com significação diversa :

Popular	Latina
artigo e artelho	<i>articulum</i>
corôa e coronha	<i>coronam</i>
frei, freire e frade	<i>fratrem</i>
ilha e insua	<i>insulam</i>
malha, mancha e magua	<i>maculam</i>
todo e tudo	<i>totus, totum</i>

Neste caso as fôrmas provêm de uma anterior que não se conserva em Portuguez como fôrma popular. Ha, porém, casos em que uma das fôrmas populares provem de outra ainda existente :

Popular	Latina
cem — de — centum	<i>centum</i>
dom — de — dono	<i>dominus</i>
grão — de — grande	<i>grandis</i>
são — de — santo	<i>sanctus</i>

c) Fôrmas latinas alteradas em outras Linguas romanicas ao lado de fôrmas propriamente portuguezas :

chefe	fr.	<i>chefe</i> ao lado de cabo	lat.	<i>caput</i>
hotel	»	<i>hotel</i> »	»	<i>hospitál</i>
lhano	esp.	<i>llano</i> »	»	<i>chão</i>
opera	ital.	<i>opera</i> »	»	<i>planus</i>
piano	»	<i>piano</i> »	»	<i>obra</i>
			»	<i>chão</i>
			»	<i>planus</i>

Em quinto lugar temos a substituição de palavras latinas por outras derivadas do mesmo radical ou das palavras desaparecidas. A primeira das fôrmas é morta.

<i>spes</i>	<i>sper-antia</i>	esperança
<i>genu</i>	<i>genu-culum</i>	geolho, joelho
<i>pollex</i>	<i>pollicare</i>	pollegar
<i>civis</i>	<i>civilitanus</i>	cidadão
<i>fornax</i>	<i>fornalia</i>	fornalha

Muitos temas que serviam para designar plantas receberam o suffixo *ario*, *aria* ficando o thema original para designar partes ou productos destas plantas.

<i>castanea</i>	castanha	<i>castanearia</i>	castanheira
<i>morus</i>	amora	<i>moraria</i>	amoreira
<i>rosa</i>	rosa	<i>rosaria</i>	roseira

Este modo de formação não é propriamente latino e sim romano.

Em Latim ou não havia distincção entre o nome da planta e o de seu producto : *citrus*, limão e limoeiro ; *laurus*, louro e loureiro ; ou então a distincção era feita por meio da differença do genero ; geralmente o nome da planta era do genero feminino em *us*, e o producto em *um*, genero neutro : *cerasus*, (cereja), *cerasum* (cerejeira) ; *morus* (amora), *morum* (amoreira).

Tambem se fazia a distincção por meio de um suffixo secundario (caso muito raro) : *capra* e *capula* ; ou então por meio de palavras derivadas de raizes diversas : *ulmus* e *samera* ; *corylus* e *avellana*. Mesmo em Portuguez algumas plantas não se distinguem dos seus productos : *cebola*, *jacinto*, *trigo*, etc.

Porém o uso mais commum é formar-se a distincção por meio do suffixo *ario*, com algumas excepções : *oliva* derivado de *oliveira* foi substituida por *azeitona* do arabe *azzeit* ; *lans* cuja fôrma actual é *lande*, substituida commummente por *bolôta*, tambem de origem arabica.

Em sexto lugar temos a consideração que muitas palavras foram substituidas por derivados novos de outros themas ou raizes, isto é, as cousas que significavam tiveram nova denominação sobre outro aspecto. Por exemplo, foram substituidas :

Cervus por veado, de *venatus*, a caça.

Vulpes pelo termo raposa, de *rapus*, o rabo, por ter este animal o rabo comprido.

Porculus (*porcus lacteus*) por leitão, o animal que ainda se alimenta de leite.

Acetum por vinagre, *vinum acre*.

Em setimo lugar muitas palavras latinas desapareceram para evitar homonímia: *cabo* do Latim *caput*, e *cabo* do Latim *capulum*; *cento* antigo participio de *cingir*, do Latim *cintus*, e *cento* do Latim *centum*; *preia* do Latim *plena* (preia-mar), e *preia* do Latim *præda*; *incerto* de *incertus*, e *inserto* de *insertus*.

Neste caso, um dos homônimos costuma desaparecer diante do outro, causando por isto a exclusão ou desaparecimento de muitas palavras latinas: *æquus*, diante de *equus* que devia dar *egno*, deu sómente o feminino *egua*; *bellum*, guerra, diante de *bellus*, bello; *jacere*, lançar, diante de *jacere*, jazer; *queri*, queixar-se, diante de *querere*, querer.

Finalmente em oitavo lugar devemos ter em vista que muitas palavras mudaram de significação.

Admorsus, perdeu o sentido de *mordedura* e tomou o sentido de almoço (esp. *almuerzo*).

Affligere perdeu o sentido de bater contra, quebrar, para conservar o sentido figurado de *atormentar*.

Apotheca que em Latim designava um lugar onde se guardavam provisões, uma adega, adquiriu o sentido de casa pequena, *bodega*.

Ingenium que significava natureza, modo de ser característico de uma cousa, perdeu quasi o sentido de *genium*, na acceção de intelligencia e astucia, e adquiriu o sentido de maquina, maquinismo.

Rapum, rabo, em Latim, cenoura, significa em Portuguez *cauda*, talvez pela analogia duma cauda de animal com uma cenoura.

Talentum em Latim, barra, peso de 120 libras e em Grego *balança e peso*, tomou os sentidos de *inclinação*, *tendencia*, *vocação*, *vontade*.

A *seu talante* significava no antigo Portuguez *a sua vontade*.

Hoje tem a significação de engenho, genio, talvez, segundo Diez, por influencia da Parábola dos Talentos.

Na linguagem popular no Brazil tem a significação de força muscular.

Insultar não significa mais *pular, sobre, saltar*, mas *affrontar, ultrajar*.

Angustia era *espaço apertado, estreito*.

Vianda era *provisões, mantimentos*.

Pecunia era *riqueza em gado* (pecus).

Considerar era *observar os astros* (sidus).

Um facto muito notavel que se encontra na constituição do nosso lexico é a permanencia da palavra com um significado que não corresponde aos elementos de sua formação.

Assim temos: *volume*, embora não seja um *rolo*, como antigamente; *papel*, embora não seja composto mais de *papyrus*; *gazeta* mesmo que não custe uma *gazza* (vintem de Veneza); *candidato*, embora não se vista mais de *branco*; *lunatico*, embora não attribua-

mos mais a loucura á influencia da *lua*; *planeta*, que não significa mais a estrella que vista da terra parecia errante, porém sim um corpo que gira em redor do sol central; *caderno*, mesmo que não indique idéa de *quatro*; *luneta* (lua pequena) que hoje tem a significação de instrumento visual, etc.; *salario* que não é mais o pagamento feito aos soldados para comprar sal.

Deu-se o nome de *Mercurio*, rapido mensageiro dos Deuses, ao planeta cujos movimentos eram os mais mutaveis e acelerados, e os alquimistas deram esse mesmo nome ao mais movel dos metaes.

Assim collocamos o mercurio num tubo e ordenamos, como Jupiter ao deus Mercurio, que elle suba ou desça para nos dar novas do tempo.

A verdadeira significação de *importante* é o que tem dentro de si alguma cousa; *trivial* é o que se acha atravessando as ruas; uma *ocurrencia* é uma cousa que corre adiante de nós; *desastre*, uma desgraça devida a um astro, máu agouro. (Whitney).



Dialectos. Dialecto Brasileiro. Dialectos Portuguezes

I

Dá-se o nome dialecto á lingua peculiar a uma provincia, cidade ou estado, alterada na pronuncia, acentuação, desinencias, lexico e syntaxe, relativamente ao idioma donde proveio.

Assim as differentes formas de linguagem consideradas isoladamente têm o nome de Lingua; si, porém, forem consideradas relativamente á Lingua donde se derivaram têm o nome de dialectos.

O Francez, o Portuguez, o Italiano, etc., são dialectos da Lingua commun latina.

Considerados de per si são verdadeiras Linguas.

Segundo Whitney, cada individuo recebe a Lingua e a modifica de modo infinitesimal.

Neste sentido, rigorosamente falando, qualquer sociedade, qualquer familia, qualquer classe social, todos e cada um possui um dialecto.

E' com muita razão que Leite de Vasconcellos diz que a certas particularidades que distinguem um individuo do outro, no andar, nos olhos, no cabelo, na estatura, na intelligencia, na sensibilidade, na vontade, correspondem differenças na linguagem, na voz, na rapidez com que fala, na predilecção por certos vocabulos.

Temos, assim, dialectos (com subdialectos e variedades) e individualismos.

A multiplicidade das linguas e de seus dialectos é hoje um facto incontestavel e está provado tambem que é ella muito maior que a das raças.

Pelo menos são aquellas mais susceptíveis de modificações que estas.

Dados esses principios, chegamos á conclusão de que uma lingua dura mil annos, quando as raças existem por milénios.

Influem para a alteração das linguas o clima, as relações dos povos entre si, o progresso das artes e das sciencias, os factos politicos e literarios, etc.

Ferrière relata um caso interessantissimo comprobatorio da selecção que exerce o progresso da sciencia: «O poeta Hardy dizia com muita elegancia aos olhos de seus contemporaneos: Sua oração comovia o *estomago* duma rocha.» A descoberta da circulação do sangue arruinou esta metaphora substituindo-a pela unica exacta, pela unica verdadeira: «o *coração* de uma rocha.»

O mesmo facto notamos nas frases francezas: *Soulager le cœur*, que significa *causar náuseas, embrulhar o estomago; mal au cœur, embrulhamento no estomago*.

Camões disse:

*Assi dizia, e todos juntamente
Uns com outros em pratica fallando
Louvavam muito o ESTOMAGO da gente
Que tantos ceus e mares vai passando.*

C. 2.º ESTR. 85.

*Tal do Rei novo o ESTOMAGO accendido,
Por Deus e pelo povo juntamente.*

C. 3.º ESTR. 48.

A frase portugueza *de cór*, que se traduz em francez por *par cœur*, não significa mais do que *de memoria* e tem origem na palavra latina *cor, cordis*, o coração.

Vêem-se por ahi as alterações que a Lingua vai soffrendo, os ramos que della se vão desprendendo.

Além disto todos nós temos uma linguagem, um modo de falar quando conversamos familiarmente ou quando discursamos em publico, si estamos num salão ou numa assembléa.

Dizemos, pois, que cada individuo fala *diversos* dialectos segundo as circumstancias, e até mesmo uma *infinidade* de dialectos dos quaes um não é identico aos dialectos dos outros individuos. (Passy).

Plinio diz que na Colchida havia mais de 300 dialectos differentes e que os romanos eram obrigados a empregar 130 interpretes para tratar e commerciar com esses povos.

Mas não é nesta accepção que se emprega a palavra dialecto.

Para haver dialecto é preciso que haja uma certa unidade na Lingua, unidade que não é destruida por differenças individuaes, que por sua vez não impedem a possibilidade da communicação do pensamento. Quando este ultimo facto se dér, apparece então uma Lingua estranha.

A formação dos dialectos é um phenomeno que obedece ás leis da mesologia glotica. A differença dialectal mostra um poder, uma vitalidade no organismo da Língua, não é um phenomeno involuntario.

Influem, como já dissemos, na evolução de um dialecto a cultura litteraria e as relações sociaes; é, por isso, que o Francez dialecto do Latim, se acha mais afastado deste do que as outras linguas novolatinas: o Italiano, o Portuguez, etc.

Do que acabamos de dizer, infere-se que, apesar das grandes modificações por que passou a Língua Portuguesa no Brazil, ainda não podemos chamar á lingua falada neste paiz um dialecto.

II

Diz José de Alencar, partidario do *dialecto brasileiro*: «Quando povos de uma raça habitam a mesma região, a independencia politica por si fórma a sua individualidade. Mas si os povos vivem em continentes distinctos, sob climas differentes, não se rompem unicamente os vinculos politicos, opera-se tambem a separação das idéas nos sentimentos, nos costumes e portanto na Língua que é a expressão destes factos moraes e sociaes.»

E' o que diz tambem Webster:

«Logo depois que duas raças de homens de estirpe commum se separam e se collocam em regiões distantes, a linguagem de cada um começa a divergir por varios modos.»

E' preciso, porém, attender a que as linguas são organismos que se desenvolvem e transformam, são rios cujas correntes muitas vezes se bifurcam.

Assim como a Língua de Portugal não é a mesma de 1500, a nossa tambem se tem transformado, adquirindo termos das linguas dos paizes com que entretemos relações commerciaes e litterarias.

O luso-brazileiro não constitue ainda, diz Sylvio Romero, um dialecto acentuado do portuguez europeu, embora contenha elementos que o hão de tornar cada vez mais distincto deste. O *criterium* para resolver a enfadonha questão do dialecto brasileiro é a possibilidade ou não da communicação do pensamento.

A noção do dialecto póde, na verdade, ser applicada a qualquer sistema de differenciações parciaes e geograficas da lingua, como diz João Ribeiro.

Mas o chamado dialecto brasileiro ainda não tem fóros de lingua litteraria e culta nem elle póde por enquanto rebelar-se contra a Língua pura e vernacula.

A lingua falada no Brazil se distingue da de Portugal por diffe-

renças na prosodia, na syntaxe, na significação das palavras e por um vocabulario enorme de palavras africanas e tupis-guaranis.

O Brazil que, pelo seu desenvolvimento material e intellectual e talvez pelo favor da sorte, poude libertar-se de quem o amesquinhou, ha de futuramente ter uma Língua differente da portugueza.

Paiz que se emancipou do jugo portuguez, que abriu amplamente os seus pórtos aos povos estrangeiros, estabelecendo a grande naturalização e a liberdade de culto, tudo concorrendo para a transusão do sangue e para o aperfeiçoamento da raça, o Brazil tam novo, que espectáculo admiravel nos apresenta em sua Língua?

Uma Língua não póde ficar estacionaria e desde o momento em que o Brazil deixou de ser uma feitoria de Portugal, ha de augmentar e florescer, fazendo crescer cada vez mais, pelo seu progresso e relações commerciaes, o seu vocabulario.

A differença entre o emprego, significação e pronuncia dos vocabulos é bastante profunda entre a Língua falada actualmente no Brazil e em Portugal. (Vide Paranhos da Silva *O Idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brasil*).

E é este um phenomeno que, de ha muito, temos apreciado.

Assim bem vemos a mesma palavra tendo significados inteiramente differentes nas duas Linguas: *Canastra* que em Portugal é *cesta de vime*, no Brazil tem a significação de *caixa não abaulada*; *filhote* em Portugal significa *filho*, no Brazil é um *pombo* nascido e não empennado e só figuradamente tem aquelle sentido; *trem* possui em Portugal a significação de *carruagem*, no Brazil é *bagagem* ou conjunto de carros; *rico* em Portugal é sinonimo de *querido*; *chacara*, significa *romance popular*; *carro* em Portugal só se refere ao *carro de bois*, no Brazil é qualquer veiculo puxado por animaes.

Accresce mais que ha em Portugal termos desconhecidos no Brazil, e outros que, apesar de conhecidos, não são empregados: *confeituria* (confeitaria) derivado de *confeitos*; *camara* (camara); *condeça* (cesta); *lumes propios* (fosforos); *fontinha* (fonte pequena); *canapé* (canapé); *caneco* (barril); *abandonado* (homem devasso); *domestico* (criado); *tratamento* (salario).

Si attendermos á syntaxe verificamos bastantes divergencias entre as duas Linguas.

O emprego do pronome *me* e *te* em lugar do possessivo *meu* e *teu*, originando muitas vezes perfeita confusão.

Usam pouco dos possessivos, e dizem por exemplo: a *mamã*, o *papá*.

Gostam de empregar as variações *sigo* e *si* referindo-se ás pessoas com quem falam, dando lugar á perfeita ambiguidade de sentido. Infelizmente este uso já se vai generalizando no Brazil.

Têm os Portuguezes tambem grande simpatia pelo emprego de preposição *a*: dizem *A' noite*, *A' tarde*.

Quando o Brasileiro diz: *estou estudando*, o Portuguez diz: *estou a estudar*.

Quando este diz: *já não chove*, aquelle diz: *não chove mais*. Geralmente a preposição *com* em Portugal exprime companhia; entretanto para nós exprime também posse: *estou COM o livro*.

Sobre a pronuncia dos vocabulos então a differença é enorme. Dizem os Portuguezes, segundo Soares Barbosa: *vístoria, m'ade*, ou então *v'atoria, m'tade*; outras vezes substituem essa vogal pelo *a*: *vájo, jualho* e, pelo que diz um escritor, para escaparem de e fechado conjugam o verbo *fechar* do seguinte modo: *Eu fácho, tu fêchas, elle fêcha, nos fichamos, vos fichâes, elles fêcham*.

No Brazil o *e* final de uma palavra tem em geral o som de *i*, no entanto os Portuguezes não pronunciam esta terminação ou a collocam no fim das terminações em *ar, er, ir, or*: *anpare, vivere, su-bire*. O povo baixo portuguez substitue por *i*: *andari*.

Quando a palavra termina por *r* o nosso povo não pronuncia a desinencia, o de Portugal acrescenta um *i*: *doutô; doitori*.

As palavras que terminam em *al* e *ale*, *el* e *ele*, etc., pronunciam os Portuguezes de modo especial *pel, mól*, e nós *pellí, molli*. Si elles dizem *jurnale*, nós *jornal*.

Bem se vê o profundo sulco differencial que largo se abre entre a Lingua dos portuguezes e a dos brasileiros.

Mais alguns annos e o Oceano não separará somente as duas regiões; teremos uma lingua propria, como já possuimos uma vida social e economica e uma riquissima literatura independentes.

Ainda mais.
A nacionalidade brasileira é o resultado de varios factores fisicos e moraes.

As invasões dos francezes no Rio de Janeiro desde 1555, o dominio da Espanha em 1581, os Inglezes em 1597, os francezes no Maranhão em 1608, o elemento indigena, o negro e o cigano, quantos factores ahí de envolta com raça-portugueza para alterarem a Lingua falada no Brazil?

Quantas modificações em cada uma daquellas provincias onde mais preponderou este ou aquelle povo?
E actualmente?

A grande emigração allemã ao sul da Republica, principalmente no Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catharina onde ha municipios cuja população é na sua maioria dessa raça, a proximidade dos espanhões nos Estados fronteiros, o contingente italiano, notadamente em S. Paulo e o nosso sistema governamental estabelecendo a autonomia dos Estados, não alterarão profundamente para o futuro a Lingua herdada de nossos pais?

A resposta não pôde ser duvidosa.

Portanto concluimos que, si o caracteristico do dialecto é uma certa cultura e literatura proprias, si a possibilidade da communicação

do pensamento ainda é facilima entre Portugal e Brazil, por mais profundas que sejam estas alterações na fonetica e sintaxe da Lingua falada nestes dois paizes, ellas ainda não determinaram a denominação de dialecto á Lingua do Brazil.

III

Os dialectos portuguezes se pôdem classificar em quatro grupos:

I — *Dialectos continentaes*;

II — *Dialectos insulares*;

III — *Dialectos ultramarinos*;

IV — *Portuguez dos judeus*.

Desses os mais importantes são os primeiros.

(Vide o melhor trabalho no genero: *Esquisse d'une dialectologie portugaise. These apresentada na Universidade de Paris (Faculté de Lettres) por J. Leite de Vasconcellos*).

I — Os caractères dialectaes do primeiro grupo fazem-no subdividir em:

1.º *Dialecto interamnense*, falado no Alto Minho, Baixo Minho e Baixo Douro.

2.º *Dialecto transmontano*, falado na fronteira, na parte occidental e central e no Alto Douro.

3.º *Dialecto beirão*, falado na Beira-Alta, Beira-Baixa, Beira Occidental (Coimbra e Aveiro).

4.º *Dialecto meridional*, falado nas tres provincias do sul do Mondego: Extremadura, Alemtejo e Algarve.

II — Os dialectos do segundo grupo compreendem o falar dos Açores e da Madeira.

III — Os dialectos do terceiro grupo compreendem o portuguez falado nas antigas colonias de Portugal, algumas das quaes já lhe não pertencem.

Neste grupo se incluem o portuguez falado no:

1.º Brazil.

2.º Indo-portuguez, compreendendo: Diu; Damão; Norte da India; Gôa; Mangalor; Cananor; Mahé; Cochim; Coromandel.

3.º Ceylão.

4.º Macáu.

5.º Malaio-Portuguez (Java, Malaca, Singapura).

6.º Timor.

7.º Cabo-Verde.

8.º Guiné.

9.º Ilha de S. Thomé, Principe, Anno Bom.

10.º Costas d'Africa (Angola e Moçambique).

IV — Aos dialectos do quarto grupo pertence o portuguez falado em Amsterdam e Hamburgo.

Além destes quatro grupos se pôdem indicar os codialectos, ahí comprehendidos: o *galiciano*, falado na Galiza, provincia espanhola, o *riodoronez*, falado em Riodonor, pequena villa do concelho de Bragança, na fronteira; o *quadramilez*, falado em Quadramil, tambem pequena villa do concelho de Bragança, e o *mirandez*, falado em Terra de Miranda (Traz-os-Montes).

Os primitivos monumentos da poesia portugueza foram escritos em galiciano.

Esta Lingua e a portugueza se achavam até ao seculo XII perfeitamente unidas. A 1.^a ficou estacionaria e o Portuguez se tornou culto e literario, devendo-se notar mais que o *galiciano* desaparecerá por fim, repellido pela Lingua espanhola.

O *mirandez*, o *riodoronez*, o *quadramilez*, occupando todos muito pequenos territorios serão naturalmente absorvidos pela Lingua portugueza.

Os *dialectos continentaes* e os *insulares*, differindo pouco da Lingua literaria, continuarão a viver, soffrendo modificações.

Os *falares creolos*, idiomas provisorios e passageiros, serão substituidos pelas Linguas dos indigenas, ou pelas das nações que dominam em suas proximidades.

São essas as previsões bem fundadas de Leite de Vasconcellos.

A Lingua falada no Brazil tende a se emancipar.

E' constituida pela Lingua portugueza na sua maior parte e por grande numero de vocabulos indigenas (tupis-guaranis, abaenenga, kiriri, etc.) e africanos.

Inumeros são os termos que no vocabulario brasileiro foram introduzidos pelos negros de Angola e Congo (Lingua *Ambundo*, principalmente).

EXERCICIOS DE REDACÇÃO

Cartas

I

João escreve a Luiz dizendo que lhe remette o livro (Grammatica, Geografia, Historia) que lhe fôra emprestado e agradece o favor.

II

Marcos escreve a seu amigo participando que chegou de uma viagem sem ninguem esperar e não pôde fazer uma surpresa com sua visita. Pede desculpa e convida-o para apparecer á noute.

III

José escreve a seu primo pedindo desculpas da grosseria que lhe fizêra na aula, levado por conselhos de máus amigos. Pede o esquecimento da offensa.

IV

Francisco escreve a seu collega para não sair á noite, pois precisa falar-lhe para pedir que explique um problema difficil de Arithmetica.

V

Mario communica a seu collega e amigo haver no dia (indicar o dia) uma reunião (dar o motivo da reunião) e convida-o para comparecer. Mostrar a contrariedade que lhe causa o seu não comparecimento.

VI

Pedro escreve a seu pai sentindo estar ausente (no collegio, fóra da cidade etc.) e felicita-o pelo anno novo promettendo estudar muito e ser bem comportado.

VII

Antonio escreve a sua mãe dando noticias da vida do collegio, e dizendo-lhe estar com muitas saudades.

VIII

Bernardo escreve a seu avô participando-lhe que foi approved no exame. Contar os factos principaes do exame; o medo; a alegria pelo bom resultado.

Pede uma recompensa de seus estudos, comportamento e obediencia.

IX

Carlos escreve a um amigo participando-lhe que vai passar as férias no engenho do pai. Referir-se ao cannival, animaes, ar puro, gente do campo etc.

Convida-o para acompanha-lo a passar com elle esse tempo.

X

Alfredo escreve a Pedro pedindo desculpas de não lhe ter escrito por estar doente. Narrar o curso da molestia, o medico, e referir que vai recuperar a saúde no campo.

XI

Luiz teve noticia da nomeação de Carlos (indicar a nomeação). Dá-lhe parabens, principalmente pela figura que elle fez no concurso a que se submetteu.

Elogia as qualidades do amigo e promette no dia seguinte dar-lhe pessoalmente os parabens.

XII

José escreve a seu amigo pedindo uma esmola para uma familia cujo chefe morreu. Descrever o estado de miseria da familia, cheia de filhos pequenos; lembrar-lhe que é um acto de caridade e elogiar o coração generoso e as boas qualidades do amigo.

XIII

João escreve a José dando-lhe os pesames pela morte de seu pai. Envia-lhe palavras de consolo.

XIV

Um amigo escreve a outro pedindo um emprego para sustentar seu pai que, velho, não pôde trabalhar.

XV

Antonio escreve a seu mestre participando que se vai matricular na Faculdade. Agradece o trabalho que lhe dera no collegio e as lições recebidas.

XVI

Alexandre pede conselhos a um amigo para poder-se dirigir bem num negocio que vai empreender.

XVII

Um amigo escreve a outro pedindo que lhe compre uns livros que não encontrou na cidade, onde mora. Indicar os livros, dizendo não remetter a importancia por não saber o valor delles, mas pede que a importancia não exceda de certa quantia.

XVIII

José escreve a seu irmão mal comportado, dando-lhe conselhos. Soube que elle gazeava as aulas, procedia incorrectamente. Não querendo dar desgosto a seus pais occultava delles o que sabia do irmão.

NOTA. — *A todas estas cartas serão dadas as respostas: agradecendo o favor, satisfazendo ou não o pedido, aceitando ou não o convite, etc.*

Compele ao professor desenvolve-las, conforme o adiantamento do estudante.



Enumerações

I

Material da escola. Dizer os objectos que se acham na sala da escola, para que servem elles e de que são feitos. Falar dos livros, cadernos, canetas, bolsas, etc.

II

O homem. Mencionar a divisão do corpo humano: cabeça, tronco, membros; onde se acham situados, qual a função dos órgãos.

III

O vestuário. Classificar as peças mais conhecidas do vestuário: calças, palitot, camisa, collete, gravata, meias, etc. Dizer de que são feitos e para que servem; a qualidade da fazenda e que partes do corpo cobrem.

IV

A nossa bebida. Que é bebida; a agua, diversas qualidades de agua. Indicar as outras bebidas: leite, vinho, cerveja, donde provêm, como se produzem e como se usam. Vantagens e desvantagens de cada uma dellas.

V

O quarto de dormir. Dizer que é quarto de dormir; indicar os móveis que nelle se acham. Onde está a cama, de que é feita, si tem ou não cortinado. Como é alumiado.

VI

Uma mesa de jantar. Indicar os objectos mais communs de uma mesa de jantar. A toalha muito branca nos convida á refeição. Flôres, jarras, talheres limpos; no centro um bello jarro com palmeira. Tudo em ordem, denota o cuidado da dona da casa.

VII

Uma estante. Dizer o que é uma estante. Enumerar os livros que possui. Escolher um delles e dizer o numero de folhas, o assunto, suas divisões principaes, sua utilidade, etc.



Descrições

UMA PAISAGEM CAMPESTRE

Da janella de minha casa descortino uma bella vista; uma immensa planicie como se fosse um largo e verde mar.

O sol se põe. Divulgo ao longe bois que voltam do trabalho, guiados por dois vaqueiros, etc. A pouco e pouco se vai a paizagem escurecendo e mal distingo as arvores que se confundem na escuridão da noute.

INCENDIO

Ouvem-se apitos; o povo corre; labaredas saem de uma casa; a Companhia de Bombeiros começa o serviço; uma mulher numa janella pede soccorro, e é salva; a casa fica reduzida a cinzas.

NAUFRAGIO

Dia escuro; nuvens carregadas; vento rijo; o navio parece uma casca de noz no meio do mar; estoura a maquina; o navio está quasi perdido. Procedimento do capitão e dos marinheiros; choros, gritos; um vapor salva alguns passageiros que sabiam nadar.

NATAL

Alegria em toda a parte; a festa no campo; o que comemora a festa; reuniões dansantes; como se diverte o povo.

NASCER DO SOL

Terminou o reinado das trevas; amanhece; pequena claridade; o horisonte vermelho; augmenta a claridade; apparece a pouco e pouco o sol. Os passaros cantam; os animaes saem do curral; o lavrador sai para o campo; tudo se agita e trabalha.

TEMPESTADE

Nuvens carregadas; ar abafado; arvores vergadas pelo vento que sopra com violencia; folhas caem no chão e voam. Os animaes procuram abrigo; os barcos navegam em direcção ao porto. Ha tristeza e medo em tudo. Prejuizos causados pela tempestade.

O BOM MENINO

Conducta na rua, procedimento de um menino bem educado. Deveres para com seus pais e seus mestres: amor, carinho, dedicação, principalmente quando estão doentes.

O MAR

As ondas se movem brandamente e vêm beijar a praia. Mas o vento se enfurece e luta com o mar que eleva suas vagas parecendo montanhas liquidas. Os barcos, jangadas e grandes navios brincam a flôr d'agua e levam a riqueza e a vida a varios pontos do globo.

UM JOGO ESCOLAR

Dizer as peripecias de um jogo, como: a cabra-cega, os quatro cantos, o *foot-ball* ou qualquer outro conhecido. Em que consiste, quantas pessoas brincam, o resultado do jogo, etc.

UMA CAPELLINHA

Alva e muito limpa; com uma só porta e uma pequena torre ao lado; um pequeno sino que chama os fieis á oração. O crucifixo brilha no alto do altar-mór, em outro altar a imagem de N. Senhora enfeitada de flores artificiaes. Uma mulher, ajoelhada, reza. E' mais bella a capellinha singela que as maiores catedraes.

A VIDA NO CAMPO

Frutas em abundancia; ar puro; o horizonte largo a se perder de vista. A vida é calma, o somno é tranquillo. Acordar cedo e cedo se deitar. O gado, os camponeses no trabalho. O perfume das flores, das ervas embriaga. A natureza se expande em toda a pujança de vida.

UMA CASA

Começar falando sobre o terreno, os alicerces, as paredes, a cumieira, etc. A caiação e a pintura. Referir-se aos pedreiros e mais artistas que estão empregados. Descrever a casa depois de concluida, habitada; o seu aspecto, divisão, andares, cosinha, etc.

O CÉU

A noute é clara. O céu brilha apesar de a lua não ter ainda apparecido, mas as estrellas luzem e não há nuvens escuras. Cada estrella é um mundo novo que o homem não pôde comprehender.



Narrações

A CIGARRA E A FORMIGA

A cigarra canta todo o verão e não trabalha: no inverno fica sem comida; pede uma esmola à formiga que lh'a nega. (Analise o procedimento de uma e de outra).

A NÓZ.

Dois amigos brigavam por causa de uma nóz, que tinham encontrado.

Um outro passando resolveu a duvida; partiu a nóz, deu metade da casca a um, metade ao outro, e comeu o miolo. (Explique a inconveniência da falta de harmonia e mostre os prejuizos da desunião).

UM BURRO

Um burro, carregado, caiu num rio e salvou-se porque o sal se dissolveu. De outra vez, vindo carregado de esponjas deixou-se cair de proposito e morreu porque as esponjas ficaram mais pesadas. (Mostrar os prejuizos que pôde trazer a ignorancia).

MENINO DESOBEDIENTE

Trepou um menino numa arvore contra a vontade do pai; distraiu-se; quebrou-se um galho; elle caiu e quebrou uma perna. (Resultado da audacia e da desobediencia).

O VELHO E OS FILHOS

Um velho estava para morrer; chamou os filhos; mandou que elles partissem um grosso feixe de varas; nenhum poudé; o velho, então, foi quebrando as varas uma a uma para mostrar que si os filhos fossem juntos e unidos seriam sempre fortes. (Explicar o preceito: A união faz a força).

UM MENINO DISTRAÍDO

O menino não presta atenção ás recommendações de sua mãe e se distrae de suas obrigações. Uma vez ficou olhando, distraído para uma loja de brinquedos, foi atropelado por um homem que passava apressado, caiu, feriu-se na testa e perdeu uns remedios que trazia para seu irmãozinho doente.

UM MENINO GULOSO

Nada satisfaz o menino. Tinha jantado bem e mais não tinha comido porque seu pai não deixára. Acontece que passa um homem com um taboleiro de bolos e o menino compra grande quantidade. Come tudo e tem uma formidável indigestão que o põe de cama, uma semana.

UM BOM CORAÇÃO

O rapaz encontra na rua um cão faminto e magro; leva-o para casa e trata-o bem. Infelizmente annos depois cega e o cão que lhe era muito afeiçoado, vem a lhe servir de guia.

O MENTIROSO

O menino gosta de pregar mentiras e todas as vezes que ia tomar banho no rio, gritava, fingindo que se afogava. Um dia em que estava morrendo afogado, ninguém foi em seu socorro, julgando ser mentira, e o menino morreu abandonado.

ACÇÃO HEROICA

Na guerra a bandeira nacional tinha ficado em mãos do inimigo. Um soldado se offerece para ir retoma-la. Contar as peripecias da

viagem para chegar até junto do batalhão inimigo. Apodera-se da bandeira, mas é alvejado pelas balas e morre, mal podendo entrega-la a seus companheiros.

FIDELIDADE DE UM CÃO

Tratado e mesmo amimado pelo seu dono, segue-o por toda a parte, deita-se aos seus pés, junto da cama em que elle dorme. Seu dono morreu e o cão vai-se deitar sobre sua catacumba e nada há que o possa fazer afastar dali, onde morre de fome e sede.

UM NINHO

O rapaz gostava de caçar passarinhos. Um dia fazia pontaria para um passaro, quando descobre um ninho e vê dentro delle duas avezitas que de bico aberto esperavam a comida. O menino fica contemplando aquella scena. O passaro vóa para o ninho e começa a alimentar os filhos. O menino comove-se e promette não mais caçar.

Narrar, por escrito, após a explicação do professor, a historia de:

OVO DE COLOMBO

O PEQUENO POLLEGAR

CARAMURÚ

O BARBA-AZUL

Inventar uma historia para explicar qualquer um proverbio como:

*Palavra é prata, silencio é ouro.
Em boca fechada não entra mosca.
Mais vale um passaro na mão que dois voando.
A justiça deve começar por casa.
De grão em grão a gallinha enche o papo.
Roma não se fez num dia, etc., etc., etc.*

INDICE

INDICE

	PAG.
Noções geraes	5
Letras vogaes e consoantes; acentos	11
Grupos vocaes e grupos consonantae.	19
Algumas regras orthograficas	22
Sistemas orthograficos	24
Syllabas — Acentuação	27
Alteração de sons; figuras de dição	30
Morfologia — Taxinomia	35
Substantivo	39
Adjectivo	42
Verbo	49
Palavras invariaveis	53
Camponomia	61
Substantivo — Flexão de genero	64
Substantivo — Flexão de numero	70
Substantivo — Flexão de gráu	76
Adjectivo — Flexões de genero e numero	80
Adjectivo — Flexão de gráu	82
Pronomes pessoaes	87
Verbo	88
Terminações dos verbos	93
Conjugação regular	95
Verbos auxiliares	99
Conjugação completa	102
Conjugação perifrastica	104
Conjugação — Voz passiva	106
Conjugação — Verbo pronominal	107

	PAG.
Conjugação — Verbo impessoal	109
Observações — Verbos regulares	110
Verbos irregulares	112
Verbos defectivos	118
Participio passado	119
Etimologia	122
Formação por meio de composição — Juxtaposição	128
Formação por meio de composição — Prefixos	130
Formação por meio de derivação — Suffixos	134
Declinação	143
Etimologia do substantivo	148
Adjectivos	151
Pronomes pessoais	158
Etimologia verbal — Pessoas, Modos, Temas simples	161
Etimologia verbal — Temas compostos, Voz passiva	170
Palavras invariáveis	180
Sintaxe	189
Substantivo	201
Adjectivo	203
Quantitativos — Numeral, indefinido	215
Artigo	220
Pronomes pessoais	223
Verbo — Concordância — Correspondência dos tempos	239
Formas nominaes do verbo	248
Sintaxe do verbo «haver»	253
Palavras invariáveis	257
Ordem grammatical — Figuras	267
Alterações grammaticaes e lexeologicas	273
Vícios de linguagem	280
Idiotismos	285
Pontuação	290
Origem da lingua portugueza: o Latim	297
Ligeira noticia da formação do lexico portuguez	302
Lexico portuguez: o Latim	305
Dialectos, Dialecto Brasileiro, Dialectos Portuguezes	310
Exercícios de redacção — Cartas	319
Enumerações	322
Descrições	324
Narrações	327

* PROVINCIALISMOS — 286